

O PODER DA VINGANÇA

CAROL ANTONUCCI





PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Poder da Vingança

PERIGOSAS ACHERON

Maresia ondemand

2017



Copyright © 2017by, Carol Antonucci

Copyright © 2017by, Maresia

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, micro filmicos, reprográficos, fotográficos, fonográfico, vídeo gráfico. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados.

Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafo do Código Penal) com pena de prisão e multa busca e apreensão e
PERIGOSAS ACHERON

indenizações diversas (artigos 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Diagramação: Maresia

Revisão: Editora Maresia

PERIGOSAS NACIONAIS

Capa: CavanImagens

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

(Ficha Catalográfica feita pela Maresia.)

Antonucci Carol

-.
-.

O Poder da vingança/ Autor Carol Antonucci

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– 1º edição

Rio de Janeiro/RJ: Editora Maresia. 2017

1. Literatura Brasileira. 2. Romance – Brasil. I.
Título CDD . B869.3 CDU 821.134.3(81) B869.3

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*À minha família, pelo apoio e amor, e ao McFly e às
quatro amigas que me inspiraram a construir os seus
personagens.*

PERIGOSAS ACHERON

Prefácio



Enquanto as gotas escorriam pelo vidro entreaberto e danificado após tantos ataques, o vento trazia um frio incômodo que envolvia os passageiros do carro. Aquela sensação gélida fez o mais jovem se arrepiar até o último fio de cabelo, certo de que o temor estava o acolhendo num abraço bem apertado.

Intercalando o olhar entre o homem experiente e aparentemente relaxado ao seu lado e a cerca elétrica ao redor do clube, o novato estagnou por um momento, refletindo.

Porque diabos havia aceitado aquela oferta? Ele estava falido e prestes a ser despachado, isso era verdade, mas será que valia a pena se arriscar num jogo tão meticuloso pra ter como sobreviver? Afinal, ele não estava colocando sua vida na beira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de um penhasco da mesma forma? Um passo em falso e o seu fim seria mais rápido do que passar dias agonizando de fome.

Mas os seus amigos falaram que o chefe pagava bem. Cada serviço realizado resultava em fortunas. O problema é que eles tinham como hobby passar noites e noites na cadeia, e talvez isso explicasse o porquê daquela vozinha em sua cabeça dizendo que ele estava encrencado.

Ainda assim, estar naquele carro sob a penumbra das árvores era a única alternativa que lhe restava. O mais velho explicara que seu papel era simples. Dado o alerta, ele seguiria com cautela até o local combinado e ajudaria a transportar algo que, de acordo com o dono da razão, não era da conta do novato. E se algo desse errado, ele teria que se intrometer para despistar os seguranças. Caso ele não obedecesse ao ordenado, ou descobrissem a presença da gangue por culpa dele, bom... Sua vida seria reduzida a pó, em palavras menos brutas.

Ansioso em se livrar dos calafrios, o jovem

PERIGOSAS ACHERON

transbordou uma risada lenta e maliciosa no silêncio da noite. Aquilo despertou o outro homem num ímpeto, deixando suas veias saltadas por todo o pescoço. Ele arqueou a sobrancelha, deixando clara a impaciência de aturá-lo por mais um único segundo. O novato balançou a cabeça, jogando-a para trás. Na urgência de se demonstrar competente e confortável com sua missão, ele falou com o maior ar de superioridade que pôde encontrar.

- Chamam isso de profissionalismo? Seu brilhante garoto, obviamente sem atitude, está demorando mais do que o combinado lá dentro, não concorda?

- Da próxima vez que me questionar, saberá qual é o seu fim. – falou o mais velho após socar a cabeça do novato, forçando-o a se ferir na janela. Ele grunhiu, apavorado, se perguntando se existia alguma saída da loucura onde havia se metido. Mas a resposta era óbvia e estava estampada por todo o sangue escorrendo de sua testa.

Enquanto as dúvidas permaneciam vagando no
PERIGOSAS ACHERON

interior do carro encoberto pela noite, lábios eram selados arduamente do outro lado da cerca, dentro do salão, envolvidos pelo intenso desejo. A garota, enlouquecida com o calor vindo da boca do rapaz, juntou-se a ele num canto próximo à mesa repleta dos mais variados tipos de comidas. A decoração do baile de formatura até que não estava tão derrubada quanto ela imaginara, mas não que alguém ligasse pra isso. Todos os formandos pareciam mais interessados em tirar fotos e mexer no celular do que de fato interagir.

E já Karen não ligava pra nada além do rapaz à sua frente. Ele se tornara tanto para ela em tão pouco tempo. Embora muitos não acreditassem, foi amor a primeira vista. Ele a cativou antes mesmo de começarem uma conversa sensata. Ele apareceu como num conto de fadas, de repente, quando ela menos esperava, e a sintonia deles fora imediata, como se o conhecesse de vidas passadas. Seria isso possível? Será que nos sentimos em paz com determinadas pessoas por um motivo maior?

- Eu te amo – repetiu ela pela quinta vez numa única noite, sem obter resposta.

E doía.

Como doía não ouvir aquelas três palavras mágicas e se deleitar nelas. Karen suspeitava que seu amor estivesse esperando um momento especial para enfim declarar seus sentimentos, mas o tempo passava e a bola de mágoa ia crescendo no peito até que Karen se convenceu a parar de se importar. Era só o jeito dele. Um pouco frio e carrancudo, mas no fundo era um bom homem que a tratava da melhor forma. Ela não podia continuar sendo exigente quando tinha medo de perdê-lo.

- Prove – ele atçou, percorrendo o olhar por cada mísero espaço do clube reservado para a celebração. Todos estavam concentrados em seu respectivo companheiro, sem lhe dar a mínima atenção. *Isso é bom*, ele pensou. *Maravilhoso, aliás.*

- Como? – Karen se afastou o suficiente para encará-lo nos olhos. Seu corpo estremeceu ao sentir o hálito quente do namorado em seu ouvido, arrepiando-se por inteira.

- Eu reservei um quarto no hotel. Venha comigo e prove o seu amor. – ele a provocou.

Karen respirou fundo, visivelmente confusa. De todas as vezes que ele lançara a proposta, ela recusara. Apesar de ele não obrigá-la, Karen sentia-se mal em nunca atender ao seu único desejo. Ela o amava, então qual seria o problema? Para que continuar a enrolar tanto? O que a *impedia*?

- Ou posso ser mais rápido e provar primeiro o *meu* amor.

Karen sabia claramente qual era o intuito de seu namorado, e estava ficando difícil mascarar a vontade insana de corresponder. Ela mordeu o lábio, acariciando o rosto dele delicadamente.

- Só com uma condição. – ofereceu, corando. – Faça valer a pena.

- Farei ao ponto de você gritar – disse ele, divertindo-se ao assistir a expressão aturdida da garota.

Sem querer desperdiçar mais um minuto, ele
PERIGOSAS ACHERON

agarrou seu punho, puxando-a pelo salão e evitando olhares alheios. Ela ajeitou a bolsa no ombro apressadamente, seguindo-o com certa inquietação.

Seria esse realmente o certo a fazer? Seria uma noite inesquecível, sem dúvidas. Mas Karen não tinha certeza se estava pronta, embora não fosse sua primeira vez. Suas experiências anteriores não foram boas, e o que menos queria era um novo desastre.

O hotel fazia parte do clube, estando acima do salão. Ela puxou o ar ao descobrir o quão empolgado o namorado estava ao sair do elevador, sem deixá-la respirar direito em meio a tanto desespero. Quando entraram, ele fechou a porta com o pé, empurrando Karen com seu corpo até chegar à cama, onde a jogou sem precisão. Endireitando-se no colchão, ele retornou aos movimentos suaves, afim de não deixá-la perceber qualquer detalhe suspeito. Esticou-se com dificuldade, abrindo a gaveta do criado-mudo vagarosamente, sem produzir ruído algum, e sendo

PERIGOSAS NACIONAIS

abafado pelos suspiros exagerados da garota profundamente apaixonada.

Ele retirou as algemas e, cuidadosamente, fingiu tirar a blusa de Karen, aproveitando a chance em que ela levantou os braços para prendê-la na cama. Ele depositou beijos em seu rosto, descendo pelo seu corpo, enquanto elabalbuciava.

- Jonathan... – reclamou, em vão, pois o rapaz loiro a ignorava por completo. A perspectiva de o namorado ter um fetiche daqueles não a agradou, mas tentou entrar na brincadeira. – O que você pensa que está fazendo?

Jonathan não respondeu. Seus lábios percorreram a pele da garota num ritmo despreocupado. A sensação era prazerosa, mas a pressão das algemas a incomodava.

Ela disparou o olhar para o punho e testou locomovê-lo. A força rendeu só no tilintar do metal contra a madeira. O ar lhe faltou nos pulmões. Ela estava prestes a chamá-lo novamente quando uma dor súbita a fez gritar.

PERIGOSAS ACHERON

Jonathan a mordeu. O sangue escorreu pela perna nua de Karen num vermelho quente e fugaz. Ele parecia satisfeito. Fez menção de lambê-lo e, em repulsa, Karen chutou-o violentamente, desgastada pelo abuso.

Em retorno, recebeu um olhar furioso do homem que um dia ela julgou ser o amor de sua vida.

Aquele não parecia mais Jonathan. Sua expressão alterara drasticamente, sendo quase impossível reconhecê-lo.

- Me desculpe, mas... – ela arriscou, a culpa de tê-lo afastado a remoendo. Talvez ele não tivera intenção de machucá-la. – Por favor, pare. Tire essas algemas.

Seus olhos gélidos a fuzilaram.

Karen engoliu a seco, sentindo a saliva passar raspando pela garganta, tão aflita quanto ela. Ela retraiu as pernas, encolhendo-se o máximo possível e tentando controlar o coração disparado que a alertava da armadilha na qual havia caído.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você não devia ter feito isso – avisou ele, levantando e caminhando até a cozinha em frente ao quarto.

Embora estivesse em choque, Karen não podia ficar parada. Independente de ser um jogo de Jonathan ou não, ela sentia sua vida ligada às algemas e precisava retirá-las. A impotência diante de um homem irreconhecível era demais para suportar. Ela olhou para os lados em desespero, procurando por algo que conseguisse agarrar em defesa ou alguma forma de se livrar das algemas, mas tudo o que encontrou foi a identidade de Jonathan. Quem era aquele na foto? Jonathan havia roubado o documento, ou era apenas uma ilusão, ou... Não era possível!

- Quem é esse homem? – perguntou enquanto sentia as lágrimas chegarem aos olhos. – Jonathan, me responda! Quem é você?

- Você sabe quem eu sou – disse ele, trazendo consigo um pano e olhando de soslaio para a identidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sorria. Seus olhos estavam duros, sem ressentimento. Um robô executando seu encargo.

- Foi bem divertido, na verdade. Nem por um segundo você desconfiou. Nem do nosso namoro secreto, nem dos caras na nossa cola. Eu sou muito bom, fala sério – disse pra si mesmo.

- Você é um cretino! – gaguejou Karen. Ela não queria acreditar. Ela queria que ele saísse por aquela porta e apagasse toda a noite que tiveram. Seu pai era rico, ela podia dar um jeito de ferrá-lo. Mas porque Jonathan estava fazendo isso? *Por quê?* – Vá embora, por favor. Vá e eu não vou contar nada ao meu pai. Eu juro!

- Você é tremendamente burra, tinha me esquecido. Isso me tira alguns créditos. Você acha que eu me importo com o seu pai? *Você acha?* – Jonathan perguntou calmamente, puxando as pernas de Karen para baixo.

A cama rangeu para frente e Karen soltou um grito. Uma jogada arriscada, ele sabia. Mas precisava disso. O tremor foi instantâneo. *Sim,*

PERIGOSAS ACHERON

valera a pena.

- Eu acho que você é um lunático e que vai direto pra cadeia, isso é o que eu acho! – Karen não media mais o tom de sua voz. Ela havia parado de tentar negociar sem se exaltar. Ela estava amarrada à droga de uma cama!

Jonathan expirou. Se pôs em cima da garota sem protelar.

- E sabe o que *eu* acho? – indagou, balançando a cabeça. – Eu acho que foi um jogo prazeroso. Você caiu tão fácil. É realmente uma pena ter de finalizá-lo.

- Porque está fazendo isso comigo? – choramingou. – Eu sempre te amei, você me traiu! Me enganou! Você é um monstro! – ela berrava.

Jonathan estava vidrado. Aquela sensação o inundando. *Isso, grite*, ele queria dizer, *você não faz ideia do quanto eu desejo abafar esses gritos com minhas próprias mãos*.

- Bom, mas eu nunca te amei. E nem nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amarei. Que trágico, não? – piscou. A maioria das garotas se rebelava, esperneando e oxingando, mas Karen parecia chocada demais para ter alguma reação abrupta.

- O que você vai fazer? – perguntou num sussurro, debatendo-se ao ter aquele homem de joelhos em seu colo. Normalmente, tal posição a faria delirar, mas nesse momento ela só queria fugir para longe daquele lugar e apagar a existência de Jonathan de sua memória.

- Eu? – Jonathan soltou um sorriso no canto do lábio, incrivelmente irônico. Enfiou o pano na boca da garota indefesa e retirou uma faca da gaveta, intensificando o sorriso enquanto ela se apavorava, esbugalhando os olhos. – Eu vou fazer você gritar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Um passo sem pensar

Um outro dia, um outro lugar



O relógio em meu pulso apitou, marcando exatas 20 horas. A agitação e a folia das pessoas se remexendo nas cadeiras plásticas eram bem visíveis, todas em plena ansiedade. Sem nenhum minuto de atraso, uma música animada fora acionada, o que avisava o início do grande desfile. Dei uma espiada disfarçada pela cortina, assistindo a primeira modelo entrar na passarela repleta de flores jogadas nos cantos, dando um visual mais apto ao tema que tratava da primavera. As roupas que estavam na moda naquela exata época do ano e os penteados modernos relacionados a determinado

estilo, trazendo o aspecto harmonioso daquela estação maravilhosa.

No rosto de cada pessoa que habitava aquele local esplêndido, via-se claramente a empolgação e o deslumbramento. E de tal forma eram todos os desfiles da minha mãe. Ela sempre conseguia surpreender todos ao seu redor com as coleções bem organizadas e repletas de elegância. Ela cativava a platéia de uma maneira tão determinada que até eu me impressionava, sendo que cresci presenciando seu sucesso arrebatador. Com sua simpatia e caráter requintado, minha mãe era capaz de conquistar o prestígio das empresas mais importantes, além de atrair olhares de pessoas de diversos cantos do país. Mas, claro, nem sempre foi assim. Ela precisou se esforçar e batalhar pra alcançar o que representa hoje. E talvez esse fosse o meu maior desejo, ser perseverante e confiante que nem ela. Contudo, eu sabia: Eu *nunca* seria como ela.

Meu nome é Rebecca Morelli e sou filha da estilista mais famosa não só da cidade, mas do país todo. Graças a ela, carrego em meu sobrenome a

descendência italiana. De acordo com minhas contas, praticamente todo o lado chique e vanglorioso de minha família vem dela. Meu pai pode ser um arquiteto, trabalhando no escritório durante quase o dia inteiro, dando o suor para contribuir com o que temos hoje, mas sem minha mãe certamente não possuiríamos nem metade da riqueza.

Pode-se dizer que graças a isso minha vida é centrada em roupas. De todas as marcas, todos os estilos.

Se eu gosto disso? Odeio.

- Eu gostaria de agradecer a presença de todos. – minha mãe falou ao microfone, no meio da passarela, após o término do desfile. –Eu me sinto extremamente honrada com tamanho prestígio vindo de vocês. Muito obrigada!

Já estava acostumada com tais finalizações. Nenhum agradecimento a mim, nem sequer um comentário sobre eu ter gastado meu precioso tempo e quase perdido o dedo numa briga com os

alfinetes pra que os vestidos ficassem daquela forma encantadora. Nada. Estaria mentindo se dissesse que a falta de reconhecimento não me intrigava. Depois de não receber sequer um *obrigado*, a vontade de participar do desenvolvimento se torna inexistente. Evapora. E o que resta são meus suspiros quando rastejo até a sala de costura antes que seja levada pra lá pela orelha. Minha mãe costumava dizer que não sabia ter gerado um touro até eu começar a bufar constantemente, o que me fazia fechar a cara mais ainda. Então eu resmungava no meu canto como uma velha, porque retrucar sempre provocava encrenca e isso já tínhamos de sobra.

- Não esqueça que combinamos de sair amanhã!
— Cíntia exclamou, vestindo seu casaco de lã pesado e ainda assim tremendo de frio pelas pernas descobertas, já que estava com um vestido decorado por flores e folhas delicadas acima dos joelhos. Sem sombra de dúvidas, aquela roupa caíra perfeitamente no corpo dela.

Cíntia era uma garota tão pálida quanto leite ou a Branca de Neve devido ao seu cabelo de um preto

intenso e extremamente liso. Tínhamos o costume de brincar perguntando se ela havia visto um fantasma. Por incrível que pareça, não era falta de sol, pois decidimos botá-la debaixo de um sol de arrancar a alma durante um dia inteiro, e de nada adiantou. Nenhum bronzamento, só uma pele totalmente ressecada e vermelha como camarão. Suas bochechas poderiam até terem ficado bonitas e esbeltas com a coloração avermelhada, se não fosse pelo detalhe de estarem iguais a um tomate.

- Pode deixar. Até amanhã, garotas. – sorri.

- Tchau, Becky. – Ellen disse, me abraçando apertado.

Era terrível ter de admitir, mas por muitos momentos cheguei a sentir inveja da beleza singular de Elena. Seu cabelo era um lindo e resplandecente loiro liso, caindo até a altura da cintura, onde modulava formosas ondulações nas pontas. Ela era a representação em pessoa dos cidadãos de Caxias do Sul. Já eu passava longe disso. Deviam até suspeitar que eu era estrangeira, pois cabelos loiros, olhos azuis reluzentes, estatura alta –

PERIGOSAS NACIONAIS

definitivamente, não combinava comigo em absolutamente nada. De qualquer forma, eu não podia reclamar, afinal, Elena e Cíntia não haviam se tornado modelos à toa.

Antes de desabar no sofá e esperar minha mãe acabar de guardar suas coisas, acompanhei com o olhar minhas amigas saindo do local. No meio daquela vida atordoada, entre tantas modelos afobadas que minha mãe contratou, tive a sorte de me aproximar justamente de Cíntia e Elena. Elas eram as melhores que eu poderia ter encontrado. Lembro até hoje de quando nos conhecemos e como elas logo se enturmaram com a Gabi, minha prima, e então nosso grupo estava completo. Nós éramos aquelas amigas para todas as horas, seja para assistir filme num dia chuvoso, dar gargalhada da desgraça da outra, ou até mesmo dar bronca aos berros.

- Filha, vá esperar lá fora – minha mãe mandou enquanto ajeitava seu cabelo charmoso e curto. Ela podia ter quase quarenta anos, mas aparentava ter muito menos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Porque? – perguntei desanimada, olhando para o teto. Observar minha mãe arrumando suas tralhas e andando de um lado para o outro ou em círculos como um cego em tiroteio me deixava tonta.

- Seu irmão vai passar para te buscar dentro de poucos minutos. – explicou sem dar mais detalhes. Não precisei examinar seu rosto tenso pra entender o que aquilo significava.

- Mas...

- Me obedeça, Rebecca! – abrandou exigente.

Peguei minha jaqueta jeans e saí pela porta sem fazer questão de olhar para trás. A teimosia de minha mãe era algo que minha paciência não conseguia tolerar mais, então relaxei os ombros e procurei algum lugar para descansar, pois meus dedos do pé estavam tão arrebetados quanto a sandália apertada.

Avistei um banco de ponto de ônibus na frente do jardim cuja grama estava encharcada pela chuva, além de gosmenta. Era isso ou pegar meu bote pra enfrentar aquela aguaceira, então optei por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentar, por mais que tivesse a impressão de que a qualquer momento sairia uma tropa de baratas daquele jardim, correndo pra atacar seu alvo pequeno e ensopado. Seria uma tarefa tão fácil. E eles poderiam ter a companhia de seus grandes amigos ratos, asquerosos e apavorantes. Eles abririam a boca como um tubarão, mostrariam os dentes, e num instante...

Meu Deus. Tinha sido um dia puxado mesmo pra estar alucinando daquele jeito em plena madrugada fria e chuvosa.

O banco era coberto por uma placa de plástico, assim facilitando para que eu escapasse das gotas que caíam como o fim do mundo. Tombei a cabeça para trás, fechando os olhos. Porque meu irmão tinha que ser tão lento? Tudo o que eu mais queria era ir para casa e dormir. Tirar aquela roupa molhada, ignorar os raios e trovões que pareciam ter a intenção de me acertar a qualquer minuto, e apenas relaxar sem importunações.

- É melhor você botar a jaqueta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas mesmo quando achamos que finalmente teremos um pouco de paz, alguém *tem* que aparecer. Abri os olhos rapidamente, seguindo na direção de onde vinha a voz contagiante.

- Pode acabar pegando uma gripe. – o rapaz deu de ombros, percorrendo a mão pelos fios de cabelo despenteados.

Pisquei, petrificada. De onde diabos aquele cara tinha surgido?

Senti um leve tremor pelo corpo, me incapacitando de reagir. Sob a penumbra da noite, ele carregava consigo um toque de mistério por ser impossível enxergar com nitidez seus traços faciais. Aquela presença poderia representar perigo. E também havia a possibilidade de eu estar ficando paranóica, afinal, estávamos em um ponto de ônibus. Até onde sabia, qualquer um tinha o direito de pegar um transporte público quando quisesse, independente do horário. Mas como eu não o percebi chegando, nem ouvi seus passos? Estive tão distraída assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não me importo – voltei a fechar os olhos relutantemente, disfarçando o transe repentino.

- Nem mesmo quando o mundo está caindo em uma tempestade? – ele soltou um ruído semelhante ao início de uma risada sarcástica, a qual soou tanto suave quanto rude aos meus ouvidos. – Você não parece estar à espera do ônibus ou a fim de escapar da chuva, então o que faz aqui?

Foi difícil definir se ele realmente estava interessado ou se perguntou somente para puxar assunto. Me contive a lhe dar uma resposta arrogante, já que não devia satisfações a um mero desconhecido, mas não me custava nada ser simpática, então optei por tentar fazê-lo ir embora.

- Minha mãe me ensinou a não falar com estranhos. – dirigi meu olhar ao encontro dos seus, na esperança de ele me achar estúpida e desistir. Mas no final, acabei travando mais uma vez em uma única noite.

- Prazer, Daniel Palacci – ele hesitou primeiramente e, em seguida, soltou uma careta

PERIGOSAS ACHERON

com o canto do lábio estendendo-se em um meio sorriso irônico. – Agora, já pode contar?

Suspirei, cruzando os braços na altura do meu estômago que roncou pedindo por comida. Ignorei-o, pensando no que falar. Aquele garoto era insistente e, por mais que me recusasse a admitir, ele estava conseguindo me distrair, me manter longe do problema que estava por vir. Ele continuava sendo um completo desconhecido, então eu não tinha porque medir palavras.

- Esperando a hora de um raio me atingir. Ou que alguém venha me resgatar e me leve embora para bem longe disso tudo.

Também não pretendia que fosse uma sentença tão depressiva, então aceitei a risada fraca e debochada que recebi em resposta. Ri junto pra não parecer tão depreciativa e respirei fundo, recuperando a postura.

- Certo, falando sério... Estou esperando o meu irmão chegar para me buscar. E você? O que faz tão desagasalhado quanto eu debaixo de uma

tempestade?

- Eu vi o desfile de hoje. Estava na primeira fileira. – ele desconversou. Foi como entrar por uma via que não havia nada além de um grande vazio. Resolvi estudá-lo atentamente, tentando adivinhar o que ele quis dizer com aquilo. Se era um fã de minha mãe e queria apenas um autógrafo, ou se eu devia seriamente me preocupar.

Daniel era um rapaz de beleza incomparável. Seu cabelo era cacheado, quase tendo a capacidade de ser comparado a um anjo, se não fosse pela tonalidade castanho claro de seus fios enrolados. Debaixo da blusa folgada em seu corpo haviam fortes músculos, além de uma tatuagem escondida pela barra da manga. Não pude deixar passar despercebidas suas sardas: Elas marcavam seu corpo inteiro, desde seu rosto, até seus braços e mãos.

Imediatamente me senti pequena. De fato, minha altura era bem baixa para uma garota de dezessete anos, mas a questão é que eu tinha tudo para ter sardas, além da vontade incontável de

PERIGOSAS NACIONAIS

roubá-las de alguém e colocá-las em mim. Meu cabelo era ruivo, bem volumoso, e os olhos uma junção esverdeada com mel.

Daniel me encarou profundamente e senti um arrepio, além do sinal de meu estômago tremendo levemente. Rezei para que fosse somente o frio ou a fome novamente. Mas ao me deparar com seus olhos azuis brilhantes, eu encontrei a verdadeira razão.

- Eu sei o que aconteceu naquela noite, Rebecca.

Fiquei sem palavras. Minha boca abria, mas nenhum som saía dela. Por sorte, avistei o carro do meu pai no asfalto e corri sem lhe responder, entrando no carro. Meu coração estava disparado, dominado pelo extremo choque.

- Está tudo bem? – Matheus perguntou, estranhando minha reação ao sentar no banco passageiro. Ele pousou a mão pesada em meu braço e dei um pulo com o susto ao me lembrar de sua presença no carro. Apenas assenti com a cabeça e

PERIGOSAS ACHERON

coloquei o cinto, olhando novamente para o banco. Daniel não se encontrava mais lá.

Prendi o olhar na rua, observando as linhas amarelas, perdida em pensamentos. Encostei a cabeça no vidro da janela, tentando manter a curiosidade nas linhas mal desenhadas. Era preferível a pensar em um estranho que de algum modo conseguiu me afetar. Eu devia estar parecendo uma louca desvairada, alguém que havia acabado de sair do hospício, mas não tinha como reagir de outra maneira àquelas palavras.

Aquela noite.

Não era possível. Ninguém sabia, nem mesmo as pessoas mais próximas. Ele estava mentindo, isso era óbvio. Talvez tivesse ouvido boatos e aproveitado a chance pra me assombrar. *Mas não era pra ninguém saber daquilo!* Não da noite que definiu como seria o restante dos dias da minha vida.

Um rock pesado tocava em um dos milhares CDs de Matt, que agora mudava para What Went

PERIGOSAS NACIONAIS

Wrong do Blink 182. Não tinha importância pensar naquele assunto quando seu irmão estava cantando animadamente e quase estourando os seus tímpanos.

Estou cansado de sempre ouvir

Músicas de amor exaustivas no rádio

Esse lugar está amaldiçoado e atormentado

E eu nunca posso escapar

Quando o meu coração, ele explode

Eu estou desistindo ferozmente

Do mundo ao meu redor

O que deu errado?

Deixei um sorriso escapar dos lábios. Matt

PERIGOSAS ACHERON

balançava a cabeça deixando seu cabelo loiro e liso voar conforme o vento batia pela fresta da janela meio aberta. As semelhanças entre mim e Matheus podiam passar claramente despercebidas. Ele tinha os traços de minha mãe, e eu de meu pai. Éramos gêmeos fraternos: Formados a partir de dois óvulos, assim não sendo necessariamente idênticos. Matt era a criança despreocupada, querendo aproveitar a adolescência e encher a paciência ao máximo, enquanto eu era a responsável por tudo, até mesmo de tomar conta do meu irmão, como, por exemplo, ele dirigir ilegalmente, já que ainda não chegara aos 18 anos. Nosso pai decidiu ensiná-lo a dirigir antecipadamente caso precisasse do seu auxílio em situações de emergência. Mas se tratando de Matt, obviamente isso não daria certo. Ele pegava o carro do nosso pai escondido quando não achava outra solução, e isso não era novidade pra ninguém.

Matt apertou a buzina sem querer e coçou a nuca ao ver o motorista do carro da frente reclamar. Gargalhei enquanto ele desvencilhava, indo por outra direção. Ele me encarou de soslaio com aquele sorriso sapeca, feliz por ter me arrancado uma risada. Fazia tempo que eu nem ao menos sorria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Prestando atenção na música, logo descobri exatamente para quem ele dedicaria a canção. Desde sua briga com Elena, ele se comportava como se estivesse perdido no mundo. Ele a amava mais que qualquer coisa, não podia negar isso. Não para mim. Mas eles viviam brigando por motivos provavelmente desconhecidos até por eles mesmos, e isso definitivamente estragava a relação, principalmente o ciúmes descontrolado de Matheus. *Ellen é uma modelo, cabeçaço! Se você nasceu grudado nela, então vai lá desfilas com aquela top rosa que é a sua cara*, eu costumava dizer pra perturbá-lo, ignorando o fato de que ele realmente nasceu grudado, mas em mim.

Mas eu entendia o meu irmão. O medo que o assombrava era o mesmo que o meu. Ele só não queria perder ninguém.

Uma ambulância passou ao nosso lado e fechei os olhos lembrando o pior dia da minha vida. Repeti a última estrofe da canção em baixo tom.

O que deu errado?

PERIGOSAS ACHERON

Ao chegarmos em casa, corri pela escada indo para o meu quarto. Fechei a porta, tirei os brincos e coloquei o pijama, desligando a luz e deitando em minha cama confortável e macia. A única coisa que eu ouvia além do badalar do relógio indicando as horas era Matt aos berros no telefone. Provavelmente, problemas e mais problemas, mas nada comparado ao que tinha acabado de chegar.

A porta da sala abriu bruscamente, me alertando da continuação de mais um capítulo daquela novela insuportável. Coloquei os fones, fechando os olhos com força total. Nem isso funcionou. Eu podia imaginar a cena, passo a passo. Minha mãe desesperada – ou já nem tanto, pois estava acostumada e já tinha se conformado com a situação, o que eu achava totalmente estúpido da parte dela. –, meu pai completamente bêbado como toda noite e batendo nela.

O que eu podia dizer? O que eu podia fazer? Nada.

Ninguém nunca te disse como ser tão imperfeito
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Você tem tão pouca chance de alcançar o seu
destino*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

*Pergunto a mim mesmo porque é assim
Igual pra todo mundo, mas dói bem mais em mim*



Ser despertada pela claridade atravessando os frisos da janela próxima da cama sempre me fazia ter o instinto de me esconder debaixo do travesseiro amarrotado, desejando que a escuridão e o mundo dos sonhos voltassem. Aquele era o meu relógio, então eu não podia simplesmente tacá-lo na parede como a maioria, mesmo porque eu até gostava dele. Não exatamente da luz penetrando, mas sim do canto delicado e sagaz dos passarinhos se refrescando ao sobrevoar por cada galho das árvores no parque. O contentamento que transmitiam durante o assobio agudo me convencia a me colocar de pé em poucos minutos só para abrir

PERIGOSAS ACHERON

a janela e receber o vento batendo relaxante em meu rosto, a ponto de forçar alguns fios de cabelo a se movimentarem conforme a velocidade que ele atribuía. Mas não naquela manhã.

O céu continha uma cor densa, sem nuvens de formatos variados ou carregados de chuva. Não havia nenhum canto ao redor, nem mesmo um murmúrio distante. Apenas um profundo silêncio. Eu tinha imaginado aquela melodia? O som parecera tão próximo que eu poderia até arriscar ter saído de algum lugar bem ao meu lado.

Decidindo dar uma espiada pela casa, calcei minhas pantufas, arrastando-as junto enquanto caminhava e as encaixava em meus pés. De acordo com o relógio na parede, era uma hora da tarde, significando assim que alguém certamente estaria acordado para preparar o almoço.

Descendo as escadas e descobrindo que todas as portas dos quartos permaneciam fechadas e sem nenhum raio de luz passando por debaixo delas, me mantive atenta. Algo estava definitivamente errado, e encontrar a poltrona do meu pai fora do lugar foi

crucial pra detectar que se tratava de um problema grave. Meu pai tinha um amor insano por aquela poltrona, nem ele mesmo a trocava de lugar, e nós nunca ousaríamos ao menos tocar nela. Percorri a sala em busca de algo mais fora do lugar ou faltando, mas todo o resto estava intacto, então era hora de manter a calma e não sair correndo atrás da polícia. Engolindo a seco, resolvi parar de enrolar e enfrentar o inimaginável.

Me dirigi para a cozinha, pois meu estômago roncava implorando por comida, e a tensão não ajudava nesse quesito. Tentei me livrar de qualquer pensamento negativo, mas parei bruscamente na porta da cozinha.

Meus batimentos cardíacos aceleraram no mesmo instante. Não sabia o que fazer: gritar, me debulhar em lágrimas ou me apavorar. A junção desses três elementos me petrificou, chocada com a cena ao qual me deparava.

Esparramado sobre a mesa de madeira, inteiramente ensanguentado e sem vida, meu pai jazia com cortes profundos pelo corpo. Em cima da

barriga pairava uma folha branca, enfeitada com palavras feitas de sangue – do meu próprio pai. Me forceia parar de tremer e rastejar até aquela cena pavorosa, ainda incrédula. Gotículas de sangue começavam a escorrer da ponta da mesa, e eu não queria acreditar que aquele era meu pai. Que não tive tempo de fazer algo para ajudá-lo. Que não pude *defendê-lo*.

- Você nunca será capaz de salvar sua família – li entre soluços. –, não depois do erro que cometeu.

Levantei a cabeça, sentindo que estava sendo vigiada. Tentei falar algo, mas nenhuma frase concreta saía da minha boca. Como isso poderia ter acontecido, e eu não ouvi absolutamente nada? Eu podia sentir uma imensa raiva do meu pai pelas agressões, mas no fundo, o amor que sentia por ele era incondicional. Afinal, ele era meu *pai*. E vê-lo naquela posição me fazia lembrar de todas as ameaças que já recebemos, e notar que deveríamos tê-las levado a sério. Mas isso não traria o meu pai de volta.

Acompanhei a sombra que surgia no canto da

PERIGOSAS NACIONAIS

porta dos fundos, e estremeci por inteiro. Sem mais resistir, cedi ao choro pesado, sem me importar se estaria correspondendo com o objetivo daquele intruso. Como eu queria que ele se revelasse, como eu queria descobrir se ele teria a audácia de ameaçar mais um membro daquela família. Talvez meu desejo tenha sido tão expressivo que ele resolveu atender ao pedido.

A sombra abriu um sorriso largo e extenso, seus dentes brancos brilhando na penumbra.

E então sussurrou ameaçadoramente.

- Nunca.

- Bom dia, bela adormecida! — uma voz estridente e repleta de ânimo soou em meus ouvidos. A cena em meu sonho foi se apagando lentamente, e aquele som aproximando-se cada vez mais. Relutante, tentei me apegar a ele e trazê-lo de volta, inutilmente. Ainda podia ouvir o perigo em seu tom e me perguntava se teria aquele sido um alerta.

PERIGOSAS ACHERON

Sentindo o leve toque de um dedo me cutucando insistente, abri os olhos preguiçosamente e encontrei Gabriella com um sorriso sapeca estampado no rosto. Era um alívio encará-la e ter a certeza de que nada passou de um pesadelo perturbador.

- Oi, Gabi – esfreguei os olhos, bocejando.— O que você faz aqui tão cedo?

- Sua mãe pediu para que a minha viesse ajudá-la com você sabe o que – ela mordeu os lábios, se recusando a finalizar a frase.

Pisquei, inconformada por Gabriella ainda sentir vergonha de soltar tais palavras. Não era nenhum segredo para ambas. A tia Susana, mãe de Gabi, vinha quase todo fim de semana para nossa casa trazendo uma porção de torta antes que fosse atacada por seus filhos famintos que a devoravam em prazo de um piscar de olhos. Seria ótimo receber sua visita se fosse somente para fazer companhia e nos engordar, mas minha tia vinha na verdade para ajudar minha mãe. E não era em receitas ou para modelar os vestidos. Era para

PERIGOSAS NACIONAIS

modificar sua aparência, mascarando as marcas horrorosas em seu rosto tão delicado.

- Com os curativos, certo. E por isso você veio com ela?

- Mais ou menos... – ela se jogou ao meu lado, fazendo a cama afundar e depois voltar ao normal. Escorei-me na parede, dando espaço para a minha folgada prima se ajeitar, olhando para o teto. Seu corpo estava ali, mas definitivamente, sua mente estava distante. Provavelmente não havia saído de um determinado encontro. – É para contar sobre o Nick...

- Ah sim, a noite anterior. E como foi? – perguntei animada.

- Nos beijamos – ela enfiou o rosto no travesseiro, se escondendo.

- Que bonitinhos! – exclamei dando risada. Me ergui, fazendo cócegas nela e provocando um ataque de riso na mesma. – Mas só? Pensei que seria algo mais avançado. –ela me olhou mortalmente e estapeou meu braço.

PERIGOSAS ACHERON

- Você conhece o Nick. É todo carinhoso, gentil e lindo de morrer... – arqueei a sobrancelha e ela suspirou em resposta. – Mas tinha que ser tão lesma?

Conversamos por bastante tempo até minha tia avisar que precisavam ir embora. As convidei para almoçar, mas elas disseram que tinham que ir embora ajudar meu primo.

Henrique, vulgo meu primo e irmão de Gabriella, estava de mudança para um apartamento que ganhou como presente de aniversário onde poderia treinar com a sua banda, sossegado, sem interferências. A banda havia sido criada há pouco tempo, mal tinham músicas prontas para tocar, mas estavam muito empenhados no projeto. Num dos ensaios que acompanhei, pude ver com meus próprios olhos o quanto eles tinham talento e mereciam uma chance para crescer no mundo musical.

Quando elas foram embora, troquei de roupa, colocando uma blusa simples, jeans e tênis. Em

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida, dei duas batidas na porta do quarto de minha mãe.

- Pode entrar – ela murmurou com a voz falha.

Abri a porta lentamente e fiquei boquiaberta.

Minha mãe estava com o lábio sobressaltado, o olho roxo edemaciado e alguns hematomas dispersos pelo corpo. Fiquei paralisada, com uma dor inevitável percorrendo minhas veias. Ver minha mãe naquele estado era revoltante. Como ela conseguia suportar ser violentada e não protestar? Ela apenas... Aceitava.

O inferno começou quando eu e Matt éramos muito pequenos para termos noção do quanto nossa mãe sofria nas mãos de nosso pai. Aos dez anos, os primeiros sinais das brigas descontroladas apareceram. Nos trancávamos no quarto, nos recusando a presenciar as cenas que nos perseguia até nos pesadelos. Nos abraçávamos ao meio de lágrimas e Matt cantava trechos de alguma música boba de desenho na tentativa de sua voz sobressair os berros. Aos quinze, meu pai passou a beber

PERIGOSAS ACHERON

compulsivamente, sem conseguir se controlar. Ele sempre ficava muito... Alto, em festas ou saídas com amigos para bares, mas nos últimos três anos se tornou constante. Nas poucas vezes que tentei apartar a briga, impedi-lo de cometer tamanha violência com minha mãe injustamente, eu pude sentir na pele o que ela sentia toda semana. Matt me socorreu, brigando comigo, dizendo que eu tinha enlouquecido e que poderia ter me ferido feio. Logo depois, ele desistiu de me dar lição moral ao se dar conta do meu estado. Não sei definir qual dor é pior. A dor de sentir seu pai, aquele que te criou, brincou com você, te deu amor e carinho durante os primeiros anos de vida, batendo em você sem dó nem piedade, ou de vê-lo machucar sua mãe e não poder fazer nada além de assistir e lamentar.

Eu me sentia inútil, completamente impotente, como se fosse apenas um telespectador que não podia se intrometer no enredo pra alterá-lo.

Eu queria tanto que nossa antiga vida voltasse. Não que fosse uma vida ótima, mas ao menos éramos unidos. Éramos uma família... Uma família de verdade. Algo que nunca mais seremos. Não

depois do acidente.

- Chega! – dei meia volta, decidida a procurar pelo meu pai e falar o que viesse à cabeça, até minha mãe me chamar desesperadamente. Respirei fundo, sabendo que não poderia fazer nada também por meu pai nem estar em casa.

- Por favor, não vá falar com ele... – implorou, sem forças para chorar.

- Mãe! Nós não podemos continuar nessa situação. Eu já apanhei do meu pai e sei o que você está passando, mas se não fizermos nada, você só vai piorar. Prefere continuar assistindo ele chegar em casa alterado e te batendo toda bendita noite? Porque eu não prefiro! Nós podemos aproveitar que ele saiu para te levamos na polícia e depois no hospital! E... – ela me interrompeu friamente, com aquele ar de “*Você é apenas uma criança, não vai entender*”. Mesmo não sendo mais uma criança, eu continuava sem compreender. Quem se submete a aceitar ser esmurrado dia após dia, tendo outra opção? Minha mãe era absurdamente rica, não precisava dele para sobrevivermos. Haveria muitas

especulações pela mídia, sim, mas não seria isso que sujaria sua carreira, não com o trabalho esplêndido que ela executava.

- Rebecca, por favor, eu estou implorando! Você não vai fazer nada, se não, eu...

- Você o que, mãe? Nem consegue se mexer direito, quanto mais comandar os meus atos!

A partir do momento que a vida de minha mãe corria risco, não só em termo físico, mas como a respeito de seu emprego, e ela mal dava a mínima para o que poderia se suceder da sua resignação, eu deveria tomar o papel de mãe e protegê-la o máximo que pudesse. Eu teria que fazer algo para reverter aquela situação, nem que fosse pegar o telefone e ligar para a polícia para avaliarem o estado em que minha mãe se encontrava. Óbvio que pensar na possibilidade do meu pai ser preso era mais do que péssima, mas eu estava totalmente atordoada.

- Rebecca... Não! – seus olhos estavam lacrimejando. Ela realmente não queria, e eu só

desejava entender o motivo.

- Que droga de vida! – berrei, batendo o pé com força como uma criança birrenta, e saí correndo de casa, sem direção.

Minha grande sorte era ter uma pequena praça ao lado de casa. Pisei na grama um tanto quanto suja e pulei pra estrada de pedrinhas, chutando-as conforme eu andava. Respirei o aroma agradável vindo das folhas e sentei em um dos balanços. Me balancei levemente, deixando o tênis cheio de areia ao esbarrar na areia de uma área afastada da grama que revestia a praça. Refleti sobre o ocorrido, mordendo os lábios com força, chegando a arrancar sangue.

Eu simplesmente não suportava mais. Quanto mais tentavam me persuadir a deixar minha mãe resolver o problema sozinha, mais eu me sentia tentada a terminar aquele assunto de uma vez por todas. Provavelmente até minha tia estava cansada de vir à nossa casa só para fazer uma maquiagem boa o suficiente para disfarçar as marcas. Mas nenhuma maquiagem disfarça o verdadeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrimento que uma pessoa pode estar passando. Assim como um sorriso pode ser tão falso. Ele pode resplandecer alegria, mas no fundo, estamos quebrados em pedaços.

- Deve ser tão chato morar por aqui.

Antes que pudesse protestar ou digerir a mensagem, uma mão me empurrou, fazendo o balanço voar mais alto. Levei um susto que me fez agarrar a corrente do balanço como se minha vida dependesse daquilo, e meu coração acompanhou o ritmo desenfreado. Pausei bruscamente ao enterrar os pés na areia e procurei pelo dono da voz.

Era Daniel.

- De onde você surgiu?

Ele riu de leve, sentando no balanço ao lado do meu e girando em círculos, dando um nó na corda de ferro.

- Estava de passagem quando te vi e resolvi te assustar. Vejo que deu certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não achei a menor graça, mas ele pareceu se divertir com minha expressão pálida. Eu estava pronta para discutir, mas respirei fundo.

- Nunca mais faça isso – murmurei olhando em volta, cogitando a suposição de Daniel.

Quando nos mudamos, minha primeira reclamação fora a vizinhança silenciosa, além do tamanho gigantesco da casa. Nossa família era composta por quatro pessoas, assim sendo desnecessário gastar uma fortuna em um imóvel daquele tamanho. Para mim significava jogar dinheiro fora. Claro, queria uma casa bonita, confortável, localizada em um bom bairro, mas eu não pensava que meus pais fossem exagerar e comprar quase uma mansão. E, bom, os vizinhos eram bem sossegados. Até demais. A presença de almas vivas naquele local parecia inexistente. E, ainda assim, meu pai insistiu até nos rendermos a colocar alarme pela casa inteira. Tínhamos espalhado por cada canto, cada porta que possibilitasse alguém de fora entrar. Meu pai estava numa época tão paranoica que percebi que era melhor não argumentar, já que era para nossa

PERIGOSAS ACHERON

própria proteção também.

- É um pouco chato, sim. Minha única distração é este parquinho, que me salva desde quando era criança.

Daniel analisou a área, seguindo o caminho que fez com o olhar.

- Isso explica muita coisa.

- Como assim?

- O *parquinho* é bem proporcional mesmo ao seu tamanho.

- Pra sua informação, isso aqui era um verdadeiro parque de diversões. – ele estreitou os olhos, duvidoso. – Bom, ao menos pros meus parâmetros. Antigamente tinha gira-gira, escorregador, até uma piscina de bolinhas improvisada, e não me pergunte como isso era possível. – Daniel esboçou um sorriso sincero e por algum motivo aquilo acalmou meu coração por instantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

- E o que aconteceu com o seu Walt Disney World?

- Simplesmente retiraram os brinquedos – dei de ombros. – As árvores e a grama começaram a dominar o pedaço, e sobrou apenas o meu velho amigo balanço.

- Quem sabe nós conseguimos reconstruí-lo.

Fitei-o com a sobrancelha arqueada, girando o balanço em sua direção.

- Acompanha o meu raciocínio – ele apontou empolgado para um lado do matagal, dando um passo na direção. – Aqui nós poderíamos tirar toda essa jardinagem e botar alguns brinquedos. Ou então... – ele levou a mão ao queixo, pensativo. Acompanhar sua linha de criatividade não era um desafio, pois eu já havia pensado nisso antes. De repente, tive vontade de me largar no chão de areia e bolar milhões de planos com aquele desconhecido causador de enfartos.

- Sairia meio caro. Mesmo porque não podemos sair cortando tudo que vemos pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

Precisamos da autorização da prefeitura.

Ele balançou a cabeça e piscou.

- Deixa comigo.

- Nós poderíamos roubar – sugeri brincando.

Ele ergueu a sobrancelha e me encarou como se eu tivesse acabado de dizer que tinha uma doença contagiosa. Não esperava pela reação, então ergui a sobrancelha em resposta, o imitando. Analisando bem, até que Daniel não parecia ser muito mais velho do que eu, talvez dois ou três anos de diferença.

- Digo... Eu conheço uma escola que está doando brinquedos de plástico, quem sabe eles queiram colaborar – expliquei.

- Ah, certo. Uma ladra estragaria todo o meu trabalho. Vai saber o que mais você seria capaz de roubar – ele lançou seu olhar travesso mais uma vez e quase soltei fogo pelas ventas. Me ignorando, ele se virou para o lado contrário e apontou. – Daquele outro lado, podemos colocar mesas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas podem contar com tabuleiros de xadrez, que tal?

- É uma boa – concordei, sem querer admitir o quanto tinha adorado sua ideia. – Está vendo aquele lugar? – apontei para uma casinha branca com um toque claro de azul, formando vários “x” em cada quadrado que compunha sua construção. – É um asilo. Fico tão triste os vendo sentados na calçada com cara de tédio. Acho que o xadrez vai ser uma boa proposta pra se exercitarem. Apesar que provavelmente eu não vou dar chance pra eles.

As palavras saíam com tamanha naturalidade que me assustei ao terminar de falar. Eu estava fazendo aquilo mesmo? Conversando calmamente sendo que devia estar inquirindo o motivo de sua presença pela redondeza? Eu estava tão louca quanto minha mãe, realmente.

- Tenho outros planos pra você. – Daniel anunciou, cruzando os braços casualmente. – Esse balanço onde está sentada? Vai pro outro lado junto com os outros brinquedos, e nesse lugar vou colocar algo diferente, como...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Um novo balanço? – seu semblante se tornou uma interrogação, e concluí: – Eu amo balanços.

- ... Como um navio, na verdade. Um barco de madeira. – considere a ideia, e o imaginei batendo continência. *Marinheiros, a bordo!* Não era nada mal.

- Pode ser. Mas seu navio nunca vai superar a minha nova e brilhante ideia – sorri, desafiando-o. Daniel tinha um espírito inventivo contagiante; eu estava falando com o homem há menos de 20 minutos e já estava fervendo para colocar tudo em prática. E de alguma forma, seu olhar me instigava a prosseguir, a lhe contar todos os meus planos e, bom, isso era um perigo. – Barraquinhas de comida. Seja de pastel, cachorro quente, hambúrguer. Quem tem energia sem uma bela refeição na barriga, não é? Milhares de pessoas ficarão felizes. Podem se divertir e quando bater a fome é só ir às barraquinhas.

- Impressão minha ou essa é a sua parte preferida? –sua boca estava levemente curvada, como se segurando a risada.

PERIGOSAS ACHERON

- Não sei quanto a você, mas por mim eu já estaria comendo.

- Seremos salvadores da humanidade, então. Ou salvadores do seu bairro, no caso.

Seu celular começou a tocar e ele olhou para a tela, formando uma careta. Daniel ergueu o olhar, me fitando e parecendo indeciso. De repente toda a coragem e bravura que bombeava em meu peito desabou. Me senti vulnerável e transparente. Como tinha me aberto e permitido me sentir tão próxima de Daniel? Eu não o conhecia. Ele não era ninguém. E aquela constatação fez minha pele formigar, me dando conta do quanto avancei sem controle.

- Tenho que ir.

- Chega de sustos, então? – brinquei, despretensiosa.

- Por enquanto – ele respondeu de imediato. Vacilei, arregalando os olhos um pouco mais do que devia. Por essa eu não esperava. Daniel pareceu se divertir, provando do seu efeito em

PERIGOSAS ACHERON

mim. – Foi um prazer negociar com você. Até mais, Becky.

Daniel atendeu o celular e deu meia volta, indo pro seu caminho.

Até logo? E, espera aí, *Becky*? Quando abrimos a porta da intimidade e não me avisaram? Aquele tom sombrio ainda me lembrou das palavras da noite anterior, as de antes dele sumir. Estive tão entretida no parque e no nosso plano idiota sem base alguma que me esqueci de questioná-lo, ou melhor, de enfrentá-lo. O rastro de alerta ainda piscava em minha mente; não era normal pessoas andarem pelo meu bairro. Não havia o que fazer ali, e minha família conhecia todos os vizinhos. Definitivamente ele não era um deles. O que Daniel estava fazendo de verdade ali?

Por outro lado, me dei conta do quão relaxada e em paz estava. Por míseros vinte minutos, pude deixar de lado o sofrimento e segredos dos meus pais. Por vinte minutos, eu fui apenas uma garota tendo uma conversa agradável com um garoto que lhe atraía a atenção. Por vinte minutos, eu pude

sorrir.

Suspirei e girei nas pontas dos pés.

Meu pai caminhava em passos lentos em direção à nossa casa. Engoli a seco.

- Rebecca! – ele gritou enquanto eu me virava, mudando de rumo. Parei segurando o ar e rezando para que ele ignorasse minha presença. – Venha aqui! – bufei e o obedeci, parando em sua frente.

Ele tinha um olhar curioso no rosto que não demonstrava ser um bom sinal.

- O que houve, pai?

- Com quem você estava conversando? – questionou frio e rígido. Em uma mão, carregava sua mala habitual de trabalho, enquanto a outra estava com o punho cerrado.

- Ninguém importante, pai. – tentei abrir a porta de casa, mas ele me puxou pelo braço e, antes que eu pudesse falar algo, desferiu um tapa em meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

As lágrimas foram imediatas. Eu estava inteiramente em choque. Não imaginava que ele teria coragem, ou melhor, a covardia de me bater novamente. Mas não foi a agressão que fez fagulhas perfurarem meu coração. Foi o fato de ele nem ao menos levantar os olhos e me encarar.

- Nunca mais fale com ele, entendeu? – falou, firme. – É pro seu próprio bem.

*Só não se esqueça que atrás do veneno das
palavras*

Sobra só o desespero de ver tudo mudar

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

*Toda essa curiosidade que você tem pelo que
eu faço
Eu não gosto de me explicar, eu não gosto de me
explicar*



Avaliei minha aparência uma última vez no espelho, enxergando qualquer coisa, menos a mim mesma. A garota me encarando me assustava. Seu olhar abatido era apenas uma imensidão funda que por mais que tentasse retirar as camadas, nunca alcançaria sua essência. Nunca poderia resgatar o brilho que pertencia a ela. Que me pertencia.

Nem mesmo o batom estava ajudando a espantar a cara de quem viu um fantasma. Eu não era fissurada por maquiagem, mas minha mãe me

PERIGOSAS ACHERON

obrigava a estar sempre bem apresentável, então era como se eu nunca estivesse com o rosto liso e limpo, e mesmo acostumada com o visual, eu sentia como se qualquer um pudesse ver através da fachada, que meus segredos estivessem estampados em cada gesto.

Terminando de guardar o retoque na bolsa, forcei uma expressão tranquila, já que me aturar de mau humor era definitivamente a pior coisa que existia, e minhas amigas não precisavam ser obrigadas a isso quando estavam soltando fogos de alegria pela viagem que se aproximava.

Quando girei na direção oposta, me choquei com força contra um poste.

Ou melhor, uma barreira humana.

- Nicholas! – protestei enquanto Nick me levantava no ar, quase esmagando e deslocando minha coluna.

- Como está, pequena garota de grande coração? – perguntou me colocando de volta ao chão e estragando minha felicidade de estar no alto.

Ele se afastou sorrindo radiante, mas logo o sorriso brotado em seus lábios murchou. – Vejo que não muito bem.

- Como sempre – dei de ombros, sem dar muita importância. Fazia algumas semanas que eu não via Nicholas, e não queria importuná-lo com meus dramas.

- O que aconteceu? – soltou uma careta, o que me provocou uma risada imediata.

- Você me trocando pela Gabi, lógico!

- Ah, isso. Se eu te comprar coxinha e te deixar ganhar no CallofDuty você me perdoa?

- Totalmente – respondi de imediato. – Nossa, como eu sou fácil.

- Totalmente – ele repetiu, cutucando minha barriga. Às vezes eu considerava Nick mais um irmão do que Matt. Ele era o tipo de pessoa que se joga desleixado no sofá pra ouvir com atenção o que você tem a contar, ou te ajuda a derrotar o chefão nos jogos. Matheus era mais do estilo que

PERIGOSAS ACHERON

gruda pipoca com manteiga no cabelo da irmã enquanto ela dorme, e depois berra *Qual o seu problema?* quando ela morre logo na primeira fase.

- Não vale. Essa coxinha tem prazo de validade, ok? Mês que vem volto a ficar de mal de você.

- Não volta, não. Você nunca ia aguentar tanta saudade de mim.

- Não mesmo – disse, me pendurando em seu pescoço e dando um beijo estalado em sua bochecha. – Bom ensaio pra vocês! Estou indo me encontrar com as bobinhas saltitantes agora.

- Valeu! Ah, quase me esqueci – Nick se escorou no batente da porta do quarto de Matt, escancarando seu sorriso de encrenca. – Avisa a Gabi que escrevi uma canção pra ela.

Uma canção? E quantas mil vezes parasitei os membros da banda choramingando por uma música em minha homenagem?

Bufei e coloquei a bolsa no ombro, marchando pra fora de casa enquanto escutava a gargalhada

PERIGOSAS ACHERON

nada simpática de Nicholas.

Cheguei ao shopping com o cérebro explodindo de tanto pensar e mal reparei que Gabriella, Cíntia e Elena já se encontravam na loja. Não era culpa minha se elas estavam quase se afogando no meio de tantas roupas. Talvez eu realmente devesse seguir em frente e fingir que não as conhecia, mas logo quando tive a brilhante ideia, minhas esperanças acabaram com uma blusa voando no meu rosto e sendo questionada como se estivesse num tribunal. Aposto que se eu fosse argumentar o fato de elas estarem indo para um acampamento, não um cruzeiro para tanta roupa extravagante, a tortura seria bem pior do que simplesmente ser presa.

Fui intimada a acompanhá-las, pois em poucos dias iriam viajar com o colégio por causa da formatura que, por acaso, eu não ia. Minha mãe tinha inventado que eu precisava ajudá-la nas novas roupas que ela estava preparando pro maior e mais importante desfile de sua vida. Portanto, eu ia

desperdiçar a oportunidade em que eu poderia estar me divertindo longe daquele tormento em casa, pelo menos uma vez na vida, para auxiliá-la com roupas. Eu não me importaria em atender seu pedido de bom grado se ela não tornasse aquilo uma obrigação. Estive esperando por aquela viagem por um longo tempo, e minha mãe sabia disso. Mas quando implorei para que me liberasse, ela simplesmente deu de ombros e apontou para a mesa de costura. Aquele foi o mais próximo de um “*não*” educado que ela pôde dar.

Nicholas ia com as garotas já que não era de negar ofertas, muito menos uma viagem de formatura – mesmo não sendo um dos formandos –, onde ele poderia grudar em Gabi. Henrique e Matheus iam permanecer para me fazer companhia, já que são muito caridosos. É mentira, lógico. Nem fazendo manha daria certo. Porém, pelo provável contrato da banda, eles iriam até o inferno se possível, tendo assim alguém para eu perturbar, querendo eles ou não.

Nunca fui fã de perder tempo procurando a roupa certa em infinitas lojas e, definitivamente,

PERIGOSAS NACIONAIS

muito menos de experimentar, o que eu considerava até pior. Seria tão bom se tal blusa simplesmente se modelasse ao nosso corpo, sem necessitar de ajustes ou dar o azar de não ter o nosso exato tamanho – o que me enfurecia mortalmente, já que na maioria das vezes, era o que acontecia. Era estranho eu ter tal opinião visto de quem sou filha, não? E esse era outro detalhe insuportável. As pessoas tem mania de rotular famílias grandes pelo dono da riqueza, e consequentemente seus filhos seguiriam no ofício, herdariam o dom, mas não era dessa forma que a vida real funcionava, e ninguém parecia querer entender isso. Muito menos meus pais.

De acordo com minha mãe, não é possível a filha de uma estilista não gastar o dinheiro que ganha comprando maquiagens, roupas da moda, bijuterias, entre toda a inutilidade guardada há milênios no guarda-roupa de minha mãe. Alega que minhas calças jeans e camisas de banda são muito impróprias para alguém que deveria estar com o armário lotado de utensílios da atualidade. A única conclusão que chegamos é que ou fui trocada na maternidade, ou sou uma aberração da natureza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso num dia em que só faltava ela colocar a casa abaixo, então nunca soube se a sentença foi sincera.

Me sentei num banco em frente à loja, exausta mentalmente só de observar. Eu ria de vez em quando com a confusão delas, e cheguei a sentir uma leve vontade de compartilhar esse momento com elas, como um cutucão de curiosidade.

A verdade que me assombrava é que sempre me encantei com as maquiagens sofisticadas e os vestidos magníficos que via nos desfiles. Aquilo sempre me atraiu profundamente, desde que era apenas uma criança. Mas com o passar dos anos, fui aprendendo que o que gostamos deve servir como uma distração, uma fuga da realidade, não uma obrigação desgastante. E por trás daquelas cortinas, há mais rigidez e pressão do que qualquer um sentado nas cadeiras e prestigiando o sorriso esboçado no rosto das modelos pode imaginar. Aposto que jamais passou pela cabeça deles que o sorriso não demonstra nada além de *exaustão* e luta. Parece fácil, não? Caminhar pela passarela, trocar de vestido, ser maquiada, ter quem ajeite o cabelo. O único dever delas é transbordar beleza e

PERIGOSAS ACHERON

caminhar nos passos certos. *Mas não é assim.* Tudo que presenciei nos eventos me levou a crer que o sufoco pelo qual elas passavam deveria ser muito mais valorizado.

E tudo o que eu fazia, a falta de roupas adequadas no ponto de vista de minha mãe, a pouca maquiagem, era nada além de rebeldia. Mal sabia ela que o motivo de eu ser assim era por ela mesma.

Desviei os olhos para apreciar a paisagem e as pessoas que passavam rapidamente, algo que eu gostava bastante de fazer. Foquei em uma loja de sapatos onde uma sandália de plataforma me atraiu, quando resolveram se posicionar justamente em frente dela, com tanto espaço para ocuparem.

A intrusa era uma garota um pouco mais alta que eu, tendo uma trança frouxa suavemente caída sobre o ombro esquerdo. Reconhecendo sua aparência refletida no vidro, não tive dúvidas.

- Sara! – gritei.

A menina se virou, surpresa.
PERIGOSAS ACHERON

- Becky?

Acenei. Ela não esperou nem um segundo o choque passar antes de me esmagar.

Sara, ou menina-pipoca, era conhecida por ser idêntica à Lúcia de As Crônicas de Nárnia. Também por ser doce e ter medo da própria sombra. E, ah, por gostar de pipoca. Tipo, muito.

Nós duas praticamente crescemos juntas. Ela era como uma amiga imaginária na infância, só que bem real, e não largava meu pé. Vivia atrás de mim querendo brincar e fazer pipoca. Nossas mães se conheceram na faculdade e desde então se tornaram melhores amigas, então eu acabei simpatizando por Sara, e nossa amizade foi evoluindo. Infelizmente, o pai de Sara foi contratado por uma grande fábrica em Santa Catarina e tiveram que mudar pra lá. Mantivemos contato pela internet, mas com o tempo fomos nos afastando. É o que acontece sempre, não é? A vida sempre afasta as pessoas que mais gostamos.

Minha mãe viajava mensalmente quando eu e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Matt éramos mais jovens. No auge dos desfiles, ela não podia se manter parada. Papai entendia e deixava, com a condição de que ela levasse um segurança junto para todos os lugares que fosse. Isso não foi problema, devido à sua fama, e muito menos o tempo longe do nosso pai; era uma benção, na verdade. Ela voltava com uma aparência renovada e transbordando em tanta alegria que comecei a cismar e pedir pra que me levasse nas suas viagens. O que poderia acontecer de ruim além de uma criança atazanando as modelos? Eu queria me sentir viva que nem ela. E após muita insistência e uma leve chantagem, ela passou a me levar.

Os primeiros dias eram incríveis, tanta coisa nova pra descobrir e experimentar, até que se tornava entediante. Para resolver o problema, eu fazia novas amizades. Saía puxando papo com todos que aparecessem na minha frente. Meus melhores amigos eram os atendentes que me traziam toalhas e bebidas na piscina, na maioria das vezes. Mas também conheci pessoas da minha idade, e com o tempo fui percebendo como machucava ter de vê-los partir. Ou melhor, *ter* de

PERIGOSAS ACHERON

partir e deixá-los pra trás. Foi quando minha mãe me proibiu de continuar indo. Tudo bem que o assunto acerca da moda havia dado uma decaída, e mamãe passou a viajar de três em três meses, mas não reclamei. Eu sabia que não queria isso pra mim, então rever Sara foi tanto uma alegria quanto uma ligeira dor.

- Finalmente saiu do armário?

- Sabe como é, Aslan engordou 30 quilos depois que cheguei lá. E ontem me despacharam de férias.

- Que estranho.

- Também achei – ela deu de ombros e sorriu imensamente. – Meu Deus, o quão improvável é te encontrar justamente num shopping?

- Quão improvável é te encontrar *aqui*, nessa cidade – falei em tom acusatório. – Não devia estar... Longe?

- Estava com saudades também! – disse Sara, colocando os braços de volta em mim. – Vim só
PERIGOSAS ACHERON

para visitar a família. Depois que meus pais se separaram minha mãe vive cobrando minha presença, então... Aqui estou eu enrolando antes do inevitável.

- Ah. Bom começo.

- Sara? – Gabi chamou ao se aproximar carregando metade da loja nas sacolas. – Não acredito! Bem que eu senti um cheiro de pipoca no ar.

Sara não se ofendeu. Abriu mais um sorriso afetado e se jogou sobre minha prima. Gabi a apresentou para Ellen e Cíntia e retornou a atenção para Sara, questionando sobre cada segundo que passou a quilômetros de nós.

Eu sentia falta de Sara. Sentia falta de quando éramos só nós e Gabriella assistindo HappyTreeFriends e gargalhando por mais perturbador que o desenho fosse. Mas eu não trocaria o que havia construído com Elena e Cíntia para ter aqueles momentos de volta. Depois de tanto tempo, eu nem sabia se Sara ainda era a

mesma.

Distraída pela multidão, um homem em especial me chamou atenção. Ele estava numa cadeira de rodas, próximo à curva da loja de utensílios para cozinha mais a frente. Ele era calvo e usava roupas que caíam desleixadas em seu corpo forte.

Apesar de debilitado, aquele cara claramente era poderoso. Seus ombros tensos mandavam sinais incertos à mão instável no joystick, sem decidir se avançava ou se afastava. Ou ele estava comandando a brincadeira de propósito. E foram seus olhos, duros e imensamente negros, que me deixaram alerta.

Com mais de cinquenta pessoas perambulando pelos corredores, eles estavam fixos em um único ponto.

Em mim.

Porque em mim?

Eu levantei. Para correr, para gritar, para ir em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua direção e perguntar se tinha perdido a dentadura em algum lugar; tanto faz, eu só precisava me livrar da sensação invasiva e impetuosa que aquele olhar me provocava.

Seus ombros relaxaram. Ele estava aliviado.

Com uma arrancada no joystick, o motor da cadeira de rodas deu ré e sumiu. Ele simplesmente me deixou aterrorizada e fugiu.

Do que eu estava reclamando, afinal? Pode ser que não estivesse me olhando. Pode ser que fosse algum parente da Sara que queria conversar com ela, e viu que não havia como. Pode ser que estivesse apenas escolhendo a vítima para atropelar com seu super carro motorizado. Pode ser que eu estivesse ficando paranoica, quem sabe.

- Rebecca! – berrou Gabriella e desferiu um tapa bem dado na minha perna.

Eu pulei e recuei alguns metros. Gabi arregalou os olhos no mesmo instante.

- Meu Deus, me desculpe... – balbuciou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atordoada, percebi que ela se desculpou por ter me batido.

No auge das brigas, nas que passei a entrar e defender minha mãe durante a embriaguez de meu pai, desenvolvi mesmo que indiretamente um pavor de qualquer coisa que exercesse uma força maior sobre mim. Um empurrão bastava. Eu chorava assim que me encostavam.

Por conta disso, Gabi resolveu ser mais cuidadosa. Ela media suas ações tão meticulosamente que honestamente me incomodava, mas eu sabia que ela estava se esforçando e, afinal, ela não estaria se controlando e agindo como se eu fosse quebrar se, de fato, eu não passasse essa impressão.

Mas não foi por isso que sobressaltei dessa vez.

- O que houve? – perguntei, balançando a cabeça.

- Você está aí parada como uma estátua há uns dez minutos – Cíntia explicou. – Você nos assustou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se você estiver possuída, é bom já fazer algo sinistro pra que tenhamos tempo de correr – falou Ellen com um ar de graça.

- *Eu* me assustei – aponte pra mim mesma. – Vocês não viram aquele cara?

Cíntia percorreu o olhar em volta.

- Seja mais específica.

- O cara na cadeira de rodas.

- Não vi nenhum.

- Nem eu – admitiu Sara.

- Já está vendo coisas? – Ellen soltou uma careta. – Então partimos pro exorcismo, tudo bem.

Respirei fundo. Porque aquilo tinha mexido tanto comigo?

- Talvez tivéssemos visto se você não estivesse criando raiz na nossa frente – arriscou Ellen

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente.

- Eu sei o que vi, tá bom? Um cara na cadeira de rodas, calvo, olhos negros, nariz fino, precisando urgentemente de roupas novas.

- Ah, meu Deus – Cíntia exalou. – Por favor, diga que não, mas por acaso ele tinha a mandíbula proeminente e uma marca feia pra burro no rosto?

Franzi a testa. Marca?

- Não sei, talvez. A mandíbula, sim, mas marca, não sei, só vi uma parte do rosto.

- Nathan Fonseca.

- Pode crer! – Sara cobriu a boca com a mão. – Televisionaram ontem.

- Quem? – disse, erguendo a sobrancelha, totalmente perdida.

- Você não vê jornal, não?

- Não?

PERIGOSAS ACHERON

Sara suspirou.

- Nathan Fonseca, punido por roubo e suspeito por mais de trinta assassinatos. – arregalei os olhos. – Foi solto ontem. Estava preso há alguns anos, eu acho.

- Alguns anos para trinta assassinatos?

- Não encontraram provas concretas para a maioria – respondeu Cíntia. – Meus pais ficaram apavorados. Das trinta, todas eram filhas de pessoas ricas. Não precisamente famosas, mas que possuíam uma quantia admirável para pagar o valor do sequestro e ainda servir um cafezinho pra ele.

- Não brinca, Cíntia – Gabi sussurrou.

- Que absurdo! – exclamou Ellen. – Bem que a mão infiltrada do advogado deve ter lhe dado uma bela ajuda pra escapar da prisão. E agora esse homem circula pelo shopping livremente, isso é sério?

- Revoltante, não é? Mas, Becky... – chamou Sara. – Ele te encarou?

- Sim – concordei, ainda pasma. – Quer dizer, eu acho que sim. E ele estava em paz, sabe? Não ligava em ter o segurança por perto o avaliando ou de ser reconhecido na multidão. Ele estava tranquilo. Só mais um ser humano ambulante indo às compras.

- Ser humano nem aqui nem em Marte! – Ellen bufou. – Bom, que tal deixarmos esse assunto desagradável de lado e tomarmos um milkshake? Não dá pra olhar pra ninguém quando se tem um milkshake na sua frente.

Sara balançou a cabeça sorrindo como uma criança. Ela estava *louca* pra encontrar motivos pra não ir pra casa. *Milkshake? Sim! Mais milkshake? Overdose de milkshake, sim, sim, sim!*

Cíntia entrou no clima e logo entrelaçou o braço no de Ellen em direção ao paraíso. Digo, à sorveteria. Sara seguiu.

Gabi estava calada desde o incidente. Meu coração amoleceu.

- Ei – cutuquei-a com o cotovelo. – Não foi
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

culpa sua. Aquele homem me tirou de sintonia. E você sabe como é quando me tiram do sério. Eu estava pronta para trucidá-lo.

O leve sorriso que arranquei dela foi suficiente pra liberar um peso dos meus ombros. No dia que Gabi ficasse realmente chateada comigo acho que meu mundo desabaria.

- Não quero milkshake – ela resmungou.

- Nossa, não, por favor – eu disse. – Jamais trairemos nossa casquinha. Jamais.

*Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro
E fizesse parar de chover nos primeiros erros*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

*A vida é inventada e descoberta, eu não tenho
as respostas*

*E também não sei se essas são as perguntas
certas*



- Quer parar de ser marica?

Matheus bufou. Henry continuou com o rosto enterrado no travesseiro.

- Deixa o cara – disse Nick. – Ele tem TOC.

Não pude visualizar a cena, mas imaginei Matt estendendo os braços em interrogação.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Transtorno Obsessivo por Composição.
- Essa foi péssima.
- Eu sei.
- Eu só queria minha criatividade de volta – soou a voz abafada de Henry.

Revirei os olhos. Nick tinha certa razão. Henrique era aficionado em compor músicas, no que ele era muito bom. Mas às vezes isso subia à sua cabeça. Nos dias sem inspiração, ele ficava desesperado. Precisava escrever pelo menos uma estrofe aleatória por dia e mandar pra todos seus contatos do celular. Gabi nem lia mais, deletava direto. Já bastava aturá-lo na sua orelha o dia inteiro.

Eu gostava de receber os trechos. Era algo familiar, rotineiro, algo em que eu pensava quando acordava, já montando qual seria o elogio do dia e sabendo como prosseguiria o resto da conversa.

- Ficou extremamente fabuloso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então ficou gay?

- Não! Eu quis dizer que ficou estupendamente encantador.

- Procurou essa no Google?

- Claro que não! Talvez. Ficou animal, pronto.

Durante dois minutos, Henry ficava satisfeito. Até a janela dele voltar a piscar.

- Rude demais, então? Acho que vou escrever tudo de novo.

- Cristo, Henrique!

Eu não podia reclamar. Henrique era esforçado, exigia o melhor de si mesmo. Ele carregava um talento imenso, tocava sabe Deus quantos instrumentos, provavelmente até os que ainda não existiam, e não admitia vacilar. Eu também era assim com os meus vestidos. Não importava o quanto tarde fosse ou se não sentia mais minhas costas, eu precisava continuar trabalhando até sair o vestido perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E naquele momento, eu estava próxima ao quarto de Matt, planejando como os assustaria. Henry estava em minha linha de visão, mais preocupado em lamentar do que me dedurar. E Nick batucava nele com as baquetas.

Empurrei a porta de leve.

E parei instantaneamente ao ouvir uma voz. *Não qualquer voz.* Uma nova.

- Eu até tive uma ideia... – murmurou a voz grave do outro lado do quarto.

Henry resmungou. A ideia vir dos outros e não dele era mais doloroso ainda de aceitar.

- Ouviu, chorão? – Nick o balançou violentamente pelos ombros. Cabelos loiros voaram por todo canto. – Seu herói chegou.

- Não sei se vai combinar – a voz se adiantou.

Meu coração acelerou. Será que eu não usara o cotonete direito? Será que eu realmente estava ouvindo vozes e precisando loucamente de um

PERIGOSAS ACHERON

exorcista?

O que diabos Daniel Palacci estava fazendo na minha casa?

- Solta a voz, cara – Matt incentivou.

O silêncio se instalou por alguns segundos. Ele devia estar posicionando o violão ou resolvendo se devia fugir antes que eu o descobrisse e acabasse com suas cordas vocais. Enquanto isso, meu coração seguia descompassado. Sério que eles não estavam ouvindo? Tum-tum. Tum-tum-tum.

Daniel pigarreou e começou a cantar.

Eu estou começando a relembrar as coisas que você disse

E estou entendendo o que elas significavam

Mas o mundo dá voltas

E você é apenas mais uma

PERIGOSAS NACIONAIS

E como eu posso seguir em frente?

Porque quando estou no sol

Eu vejo sua sombra no chão

Mas você nunca está lá

Quando eu me viro

Paralisei.

Sua voz era grossa e levemente rouca. Se parecia tímida de início, o que demonstrou pelo resto da estrofe foi totalmente diferente. Tinha um certo peso escondido que sobrecarregava as palavras, um quê de lamúria. Tinha toda a entonação necessária para mostrar que a pessoa da letra sofria. Que permanecia estacada em lembranças. Que se negava a reconhecer a própria dor.

Era uma voz *linda*.

PERIGOSAS ACHERON

Mas como o dono daquela voz podia estar ali?

Conheci Daniel na noite do desfile, mas nenhum dos garotos estava presente e, quando Matheus apareceu com o carro para me buscar, ele rapidamente desapareceu.

A não ser que já se conhecessem, o que ainda não faz sentido por estudarmos no mesmo colégio, e eu conhecer ao menos de vista todos seus amigos. Definitivamente, Daniel não era um deles.

Henrique mal saía da garagem que usava como estúdio para ensaiar. E Nick...

Sim. Podia ser um amigo de Nick.

Ele sempre fora misterioso, na verdade. Matheus o conheceu alguns anos antes no curso de violão. Nicholas já sabia tocar bateria e se sentia mal por não saber o mais básico, então se inscreveu para ter aulas. Ele não tinha violão, ou não o levava para a aula, então usava os que disponibilizavam na escola, o que Matt sempre estranhou. Eles se deram tão bem que logo Matt deixou o assunto de lado e o convidou para treinar com Henrique, e foi assim

PERIGOSAS ACHERON

que eles montaram a banda. Foi uma conexão imediata entre os três.

Ainda assim, além de Nick ser um ano mais velho e não estudar no mesmo colégio que nós, ele nunca falava sobre a família. Nunca, nunquinha mesmo. Nem mesmo a Gabi sabia sobre eles. Quando perguntávamos, ele respondia de uma forma diferente.

Sou órfão.

Vim de Marte.

Brotei do chão.

Bolo do que mesmo você disse que fez?

Paramos de questionar quando percebemos que o tema realmente o incomodava. E, da mesma forma que não sabíamos de sua família, não conhecíamos nenhum amigo dele além de nós. Parando pra pensar, nunca me importei com isso. Nick *vivia* com a gente.

Então como aquele homem foi parar no quarto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao lado do meu?

Mais um momento de silêncio reinou sobre o quarto.

- Cara! Você é o *meu* herói – disse Matt seguido de um estrondo.

Mas já eles estavam fazendo montinho no pobre coitado? Rápidos.

Distraída, uma brisa gelada me pegou de surpresa.

Vinha na direção do quarto dos meus pais. Pela janela, as nuvens se amontoavam sob uma cor tenebrosa. Me apressei para fechar e, antes de sair, algo reluzente chamou minha atenção.

O objeto brilhava de acordo com o movimento que eu realizasse, e se encontrava dentro de uma caixa próxima ao armário.

Arqueei a sobrancelha e olhei pela porta. Sem sinal da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Nem tentei resistir à curiosidade. Liguei a luz e me agachei.

Havia muita tralha ali. Desde vestidos rasgados a embalagens de produto de limpeza claramente vazias. Com certeza aquela caixa ia direto para o lixo, mas porque o retrato contornado de purpurina estava ali?

Sem pudor, peguei para analisar melhor o conteúdo da foto. Nela, havia uma mulher intensamente loira vestindo uma saia jeans e uma blusa branca regata simples e colada ao corpo.

Mãe?!

Ao seu lado estava um homem bem charmoso, com os fios castanhos descabelados pelo vento, vestindo uma blusa xadrez e calças largas. Ele estava dando um beijo estalado na bochecha de minha mãe enquanto ela sorria, esplandecendo alegria.

Não me lembrava de tê-lo visto antes. Não me lembrava de ver *minha mãe* sorrir daquele jeito tranquilo e sincero um dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era uma felicidade tão contagiante que meus olhos umedeceram.

- O que está fazendo com essas coisas?

Pulei quase até o teto.

E ainda caí sentada.

Minha mãe estava agachada ao meu lado, curiosa.

-Eu... – gaguejei.

Notei que ela não estava fitando a mim, e sim a foto. Seu semblante era passivo, atenta a cada detalhe da foto que eu ainda segurava com mãos trêmulas.

Minha mãe era uma figura de poder. Eu não me atrevia a ultrapassar a linha. E eu não saberia responder de onde saiu a coragem de perguntar.

-Quem é este? – apontei para o sujeito ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

Ela permaneceu em silêncio durante um bom tempo, analisando cada traço dele, por fim soltando um suspiro pesado.

- Foi um grande amor na época da faculdade. Ele costumava ser meu melhor amigo, sabe? Perturbar, apoiar, viver grudado, puxar o cabelo.

Assenti.

- Já falei pro Nick que vou acabar ficando careca.

- Era diferente — ela balançou a cabeça, pesarosa. — Era um companheirismo singular.

Olha só quem apareceu. Aquele sorriso, de novo. *Aquele*. Mas não durou muito tempo, e me odiei por ter aberto a boca mais uma vez.

- O que aconteceu?

Sua expressão fechou abruptamente. Me arrependi de imediato.

Onde estava a chave pro sorriso? Qual era o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

código? Eu o queria de volta. Eu queria minha mãe satisfeita por nos ter. Não pelo que *teve*.

Ela pigarreou para afastar o semblante perturbado.

- O ser humano – disse ela. – O ser humano e os seus malditos defeitos aconteceram.

Me dei conta que estava arrepiada. Os olhos delas se tornaram sombrios.

O que de tão ruim poderia acontecer a duas pessoas que se sentem tão bem juntas?

- Ah! Sabe o que descobri? – perguntou, eufórica de repente.

Pisquei, confusa com o que ficar mais surpresa. A mudança de humor, o passado obscuro, os cachinhos encantadores no quarto do lado.

Daniel! Ele ainda estava na casa. E se ele tivesse me visto ali perdida nos meus pensamentos? Que logicamente não estavam relacionados a ele. Que descuido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Que tem pizza pra hoje?

Ela franziu a testa. Depois começou a rir.

Pare com isso! Meu Deus, ela estava me assustando.

- Fomos confirmadas no maior evento do ano para disputar com os melhores estilistas!

- Não acredito! – exclamei, levantando a mão para minha mãe bater. Esqueci que ela era das antigas. – Estou tão feliz por você!

- Por nós, querida – ela enfatizou o “nós”. – Nós duas vamos fazer esse trabalho. Juntas. Você é tão boa nisso!

Soltei uma risadinha. Mais trabalho, você quer dizer, não é? Mais trabalho e menos reconhecimento.

Quer saber? Nem ligo mesmo!

Mas fiquei esperando por uma continuação. Por um agradecimento por toda a ajuda. Por um “vou

PERIGOSAS ACHERON

contar a todos como minha filha é talentosa, exceto talvez na cozinha”.

Ela sorriu de volta, o sorriso típico de mãe convencendo o filho que ele estava no caminho certo. Se levantou e foi embora.

É. Estou morta de felicidade por nós, mãe.

- Vou chorar – disse Gabi, melancólica. Bati em seu braço. Depois a abracei como se estivéssemos sendo separadas da maternidade.

- Me larga antes que eu me enfie na sua mala – falei, apertando-a uma última vez. Bem que eu não queria estar brincando.

Me virei para Nick, que nos encarava com um sorriso sapeca nos lábios.

- Você – apontei, estreitando os olhos. – Está intimado a cuidar muito bem dessas três. Lembre-se do nosso trato? Se não, vai pagar coxinha pra mim pelo resto da vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Isso é quase uma pensão.
- Exatamente! A pensão dos nossos filhos que vão parar na minha barriga.
- E depois no esgoto. Que mãe desnaturada, credo – ele forçou uma cara de nojo.
- Você é horrível – eu disse rindo e me lançando em seu abraço.

Tecnicamente, Nicholas não tinha permissão para viajar com elas, já que já havia terminado o ensino médio. Nem Gabi, que ainda estava no segundo ano. Porém, insistiram tanto que o diretor cedeu sua ida para acompanhá-las, uma vez que Henrique e Matheus ficariam para resolver negócios da banda.

- Já falei que o sinal lá é difícil de encontrar, não falei? – Cindy repetiu pela milésima vez só naquele dia. – Qualquer problema é só berrar ou fazer sinal de fumaça.

Cindy me deu um abraço rápido e saiu correndo. Simples assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A saudade do ar-condicionado era maior do que da minha pessoa. É assim que vemos os amigos que temos.

O grande dia da viagem chegara rápido, e eles estavam prestes a ir para uma espécie de acampamento, onde apesar de dormirem em barracas, era composto por piscina, quadras de esportes, e todo o tipo de magia a quilômetros de distância de mim.

- Divirta-se modelando os vestidos espetaculares que vou desfilar! Quero um bem lindão – Ellen piscou. – Quer dizer, vou aproveitar bastante por você! – cruzei os braços. – Quer dizer, tchau!

Ellen me beliscou. Ela adorava me provocar. Ela e meu irmão se mereciam mesmo.

- Obrigada pela preocupação extrema com minha saúde mental, prometo me trancar em casa para não ter algum ataque de lerdeza no meio da rua e me perder.

De fato, minha ficha caiu que eles já estavam
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentados nas poltronas quando começaram a acenar freneticamente em minha direção. Mas, fala sério, é muito chato acompanhar despedidas. Eu era a primeira da fila. Matheus, Henrique e Sara vinham logo atrás. Nada trágico eu me distrair por trinta minutos.

Retribui o aceno, desejando me enfiar na frente do ônibus e partir naquela viagem com eles.

Olhei desafiadoramente para Henry, Matt e Sara quando o ônibus se distanciou. Matt cutucou Henry e no mesmo momento os dois saíram correndo, os pensamentos interligados sem precisar nem de palavras.

- Crianças... – eu e Sara falamos juntas e rimos logo após.

Combinamos de ir numa sorveteria próxima da rodoviária. Não era a toa que meu estômago estava roncando, clamando pelas bolas de morango e melão com uma leve (imensa) calda de chocolate. Minhas pernas não estavam exatamente no clima de correr, então eu e Sara concordamos em sermos

PERIGOSAS ACHERON

peessoas civilizadas ao menos uma vez e caminharíamos até lá.

Perdi totalmente a noção do tempo. Fazia tantos anos que eu não conversava sobre assuntos bobos com Sara, e sentia uma falta gigantesca disso. Era incrível como a facilidade de prosseguir a conversa era a mesma. Durante aqueles momentos que me pareceram a eternidade de tão bons, eu decidi que não deixaria nossa amizade morrer novamente. Distância nenhuma seria capaz de afastar minha pipoquinha.

Quando estávamos virando a esquina estreita, esbarrei em alguém. O choque não foi muito grande, mas ambos viramos com a trombada. Sara e eu andávamos calmamente, mas o rapaz que me atropelou estava visivelmente apressado.

- Desculpa! – me apressei por educação. Então arregalei os olhos ao reconhecê-lo.– Daniel!

- Becky, que coincidência. – exclamou, ofegante.

Eu que o diga. Esse cara estava me

PERIGOSAS ACHERON

perseguido?

Não pude chegar à conclusão alguma com aqueles olhos presos aos meus. Gotas de suor formavam-se pela testa, o que era peculiar, já que estávamos a uma temperatura de quase 10 graus.

Sim, eu tomava sorvete no frio. Era bem mais gostoso assim. Congela tudo! E fazíamos competição de quem aguentava mais sem morrer de hipotermia. Hipoteticamente, é claro.

Seu olhar desviou e pude sair do transe. O breve sorriso em seus lábios se desfez em segundos. Acompanhando seu olhar, encontrei Sara pálida. Fiquei em estado de alerta, porque ela estava literalmente sem cor, prestes a desmaiar.

Olhei de um para o outro, tentando entender o motivo do clima tenso, ou quem eu socorreria primeiro.

- Sara – disse ele, duramente.

- Daniel – ela engoliu a seco, dando meia-volta e continuando o caminho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele a seguiu, me ignorando ali espantada com a atitude de ambos, e puxou-a pelo braço, impedindo-a de prosseguir.

- O que você quer?! – gritou Sara.

- Você não precisa me ignorar! – ele rugiu, os dedos firmes em torno de seu braço.

Me aproximei, pronta para fincar minhas unhas em seu pescoço se ele ameaçasse dar mais um passo até ela.

- O que você tem na cabeça, Daniel? – ela balbuciou, pasma. Arrancou o braço de suas mãos com uma força que eu nunca imaginaria possível vindo dela, e cerrou os dentes. – Acha que eu não me lembro do que você fez?

- Mas...

Sara começou a correr com velocidade para que ele não a alcançasse, derrabando uma grande quantidade de lágrimas. Daniel coçou a nuca, raivoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me posicionei em sua frente, com as mãos na cintura, esperando por uma resposta.

- De onde você a conhece? – questionou.

- Ela é minha amiga há anos. Quem deveria perguntar isso sou eu!

Daniel fechou o punho, puxando os fios de cabelo de tal forma que os arrancaria sem esforço. Ele me deu uma última olhada, antes de virar para o lado contrário e andar.

- Você me deve respostas! – exigi andando atrás dele e parando em sua frente, impedindo-o de prosseguir.

Seria minha última tentativa. Estava preocupada demais com Sara para deixá-la sozinha nessa hora. E eu definitivamente confiava mais no que ela falaria do que em alguém tão misterioso quanto Daniel. Mas serviria como um teste para avaliar se ele falaria a verdade ou apenas uma mentira que ele supostamente acreditaria que eu fosse crer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pousei uma mão em seu peitoral, exercendo toda a força possível para impossibilitá-lo de andar, a não ser que quisesse passar por cima de mim. Ele não ligou. Abaixou o olhar, tirou levemente minha mão de seu peito e me encarou. O significado dentro deles estava explícito. Eles imploravam para que eu compreendesse seu sufoco. Imediatamente, lembrei-me da forma profunda que ele cantou em minha casa.

- Nós namoramos, e... – bufou. – Foi uma situação complicada. Vá se certificar que ela esteja bem, Rebecca. – deu a palavra final, largando meu punho e andando em passos largos.

Estagnei, em choque.

Meu instinto protetor falou mais alto, me ordenando a andar de volta para minha casa onde encontraria Sara no caminho, ao invés de ficar parada como uma boba, ligando os fatos.

Sara.

Daniel.

PERIGOSAS ACHERON

Na... Namorados?

- Sara, me espera!

Ela já estava a poucos passos de minha casa e não ligou para meus berros, parando somente para sentar no degrau em frente ao portão e apoiar o cotovelo no joelho, com as mãos cobrindo o rosto. Algo muito cruel havia acontecido, e meu pânico crescia. Agachei-me em frente a ela, esfregando seus braços delicadamente em gesto de consolo.

- Vamos para dentro, está frio aqui fora. Eu faço um chá pra gente e você me conta tudo, certo?

Sara soluçou, e esperei pacientemente ela se acalmar. Era insuportável vê-la de tal modo, eu me sentia completamente inútil por não poder fazer sua dor passar. Abracei-a fortemente por um tempo e acho que ajudou, pois ela se afastou, limpando as lágrimas e esboçando um sorriso sem graça, envergonhada por ter chorado.

Levantei-a pela mão e a levei para dentro, onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sara logo se jogou no sofá e se amontoou nas almofadas. Resolvi deixá-la sozinha para refletir e segui para a cozinha, pois definitivamente eu precisava fazer o mesmo. Eu poderia cogitar qualquer coisa daquele garoto, ainda mais por mal conhecê-lo, menos ele já ter namorado uma das minhas melhores amigas. Afinal, se tivesse acontecido algo tão importante e traumático na vida dela, ela teria me procurado ou ao menos me contado... Não teria?

Pouco tempo depois, estávamos na sala em frente à lareira acesa, tomando nossos chás. Ela procurou o ar após um silêncio que me deu nos nervos pela tamanha curiosidade e resolveu começar a contar.

- O motivo para voltar não foi somente minha família. Eu queria fugir *dele*. – falou rapidamente, quase atropelando as palavras.

Arregalei os olhos, em choque. Pelo visto, era pior do que eu imaginava. Puxei uma almofada pro meu colo e agarrei-a, deixando a xícara de lado. Aquilo podia esperar.

PERIGOSAS ACHERON

- Fugir? Por quê?

- Como você sabe, meus pais estão separados agora e convivo mais com o meu pai do que com a minha mãe. Meu pai virou dono de um grande negócio, uma fábrica de carros. E eu ficava a maior parte do tempo com ele, ajudando-o no possível, além de aprendendo, para um dia poder realizar o sonho do meu pai de continuar seus negócios. Danny trabalhava lá também, tinha acabado de entrar como estagiário. Começamos a ficar próximos e nos tornamos grandes amigos, até que então ele me pediu em namoro. Mas nesse meio tempo aconteceram coisas estranhas e suspeitas na fábrica. Duas garotas foram mortas e Danny era muito amigo de ambas. Talvez por isso ele se tornou um dos suspeitos pela morte das garotas. Injustamente, eu sei. Elas também tinham outros amigos na fábrica, e não foram mortas precisamente ali. O assassinato se deu na estrada. Mas acho que o que chocou todos é que elas morreram no mesmo dia e foram encontradas no mesmo local.

Ela sussurrou, abraçando as próprias pernas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bebeu um gole de chá e botou a xícara de volta na mesinha do centro. Eu ainda não conseguia relacionar o fato do local e a data da morte com a possibilidade de Daniel estar envolvido nisso.

- Alguns dias antes disso, eu me sentia sendo observada. Em casa, na rua, inclusive no trabalho. contei isso para Danny e ele disse que era coisa da minha cabeça, que eu estava ficando paranoica. Não deu a mínima, e então eu concordei, forçando-me a acreditar que era somente impressão. Mas a pulga atrás da orelha pela sua descrença nunca me deixou.

Ela suspirou. Parecia que era a primeira vez que contava a história pra alguém. Estava tão perdida em si mesma que provavelmente nem percebeu que a linha de tempo estava um pouco desconexa.

Esperei. Talvez minha mente que estivesse falhando em conectar os pedaços.

- Por Danny ser um dos suspeitos, meu pai nos proibiu de namorar. No dia eu fiquei arrasada e quis até fugir de casa, porque eu o conhecia melhor

PERIGOSAS ACHERON

que qualquer um e tinha certeza de que não seria capaz de *matar* alguém. Mas nós esquecemos às vezes de que o amor é cego e pode muito bem nos enganar a hora que quiser. No dia seguinte, ele demitiu o Danny. Quando eu estava indo embora, Daniel me puxou para um tipo de beco, onde ficamos escondidos. Me agarrou a força, me beijou, e queria... Fugir comigo. Mas eu não estava tão apaixonada e nem louca a altura de fazer isso com meu pai. Não o largaria por um namorado! Que ainda por cima era acusado de assassinato, era loucura! Mas ele insistiu e me arrastou até seu carro. Me obrigou a sentar no banco ao seu lado e começou a dirigir.

Ela parou de falar.

Seu olhar estava fixo a um ponto qualquer, presa em várias lembranças. Minhas dúvidas a respeito de Daniel começavam a ter respostas, as quais me levavam a decisão de que ele definitivamente não era uma boa pessoa a ser escolhida para fazer parte de sua vida social.

- Perguntei para onde estávamos indo, mas ele

PERIGOSAS NACIONAIS

permaneceu em silêncio. Estava sério, e sua expressão era... Perturbada. Ele acelerava cada vez mais, e meu pânico já incapaz de ser contido, pedindo para ele parar. Eu queria sair urgentemente. Ele não se importou com meus suplícios, e nos distanciávamos da cidade mais rápido do que pude imaginar, logo estando na estrada. Eu gritei dizendo que o odiava e que meu pai deveria tê-lo demitido até antes. Mas... Ele não parecia estar ali, ao menos não de espírito. E com isso, eu não estava preparada quando ele se esticou, abrindo a porta do meu lado e me jogando com força para fora. Pelo carro estar em alta velocidade, eu rolei para longe e me esfolei toda, deixando rasgos nas pernas e braços. Meu coração estava tão acelerado com aquela atitude que eu já nem conseguia definir o que era real e o que era a confusão se passando em minha mente. Ele parou o carro um pouco adiante e abriu a janela, se inclinando sobre ela. Ele mordeu os lábios, parecendo arrasado, e falou, me encarando como se apenas seu olhar fosse capaz de me quebrar: “*Me desculpe. É pelo seu bem*”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas Becky, porque você acha que ele faria isso? – perguntou Gabi.

Elas estavam no viva-voz do celular, atentas a cada detalhe daquela história estranha. Minhas unhas tinham deixado de existir em minutos de ligação.

- Não faço ideia. Sara disse que não encontraram o assassino das duas garotas. Mesmo com investigações, aparentemente ele não deixou digitais ou qualquer pista. – expliquei, atirando-me na cama.

- Ele é quente? – a voz de Ellen soou divertida.

- Que?

- Psicopatas geralmente são quentes. Bem atraentes – ela pausou. – Eu gostaria de ter um psicopata.

- Sabe de quem eu suspeito? – Cindy disse, ignorando o comentário de Ellen. – Do careca que só a Becky viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Esse eu lembro! – disse Ellen, afobada. – Eu gostaria de fazer o exorcismo também.

- Mas o que ele tem a ver com isso?

- Não seria surpresa caso ele tentasse sequestrar Sara, visto que a fábrica de seu pai é mundialmente famosa. Consequentemente, porque não poderia inclusive matar seus funcionários?

- Ele é meticuloso. Não largaria as vítimas no meio da estrada. Arriscado demais. – disse Gabi. Era um bom ponto.

- Nada é mais eficaz que exorcizar todo mundo – resmungou Ellen.

A possibilidade não era totalmente descartável. Mas se ele quisesse algo de Sara, não desistiria tão facilmente. E ainda assim, não envolvia Daniel, o que não explicava a razão de sua atitude repentinamente agressiva com ela.

Nota mental: Ter certeza que o cinto está preso e a porta trancada nas próximas vezes que pegar carona. Com qualquer um! Ah, e que o motorista

PERIGOSAS ACHERON

não seja um louco. Bem observado.

- Como está sendo a viagem?

Mudei de assunto para aliviar o clima. Não queria mais problemas e, ao invés de ficar analisando as probabilidades, a solução era simples: Afastar-me de Danny. Assim, nem Sara seria mais prejudicada do que já foi. Além de que, pra começo de história, era ele quem surgia que nem encosto.

- Maravilhosa! Queria tanto que você e o Henry estivessem aqui. – Ellen fez manha, mudando instantaneamente de humor.

- E o meu querido irmão, coitado?

Eles continuavam brigados. Ou haviam se reconciliado e brigado de novo. Vai saber.

Ellen bufou, xingando minha geração inteira.

- É quem ela mais queria que estivesse, na realidade. E acho que é agora que eu começo a correr!

Ouvi um estardalhaço e imaginei que fosse Ellen correndo atrás da Gabi. Não que fosse muito ameaçador, mas era engraçado irritar Ellen a respeito de meu irmão.

- Como está o Henry? – Cindy sussurrou para que as amigas que estavam muito ocupadas não ouvissem. Ri baixo e aproximei o celular do meu ouvido.

- Com saudades de você! – murmurei, fingindo estar contando um segredo e a imitando.

- Devolve isso aqui, Cíntia! – Gabi mandou, pegando o telefone de volta.

- Ah é, ela precisa contar o que ela e o Nick andam aprontando na cabana à noite – Ellen riu alto, fugindo novamente de uma Gabi furiosa.

- Certo, Becky. Deixe-as se matando. Você lembra o nome do homem?

- Não...

Se existia uma coisa em que eu era boa, era em
PERIGOSAS ACHERON

investigações criminais. Eu nem sabia o nome do cara!

- Procura na internet por Nathan Fonseca. – Cindy sugeriu.

Digitei seu nome e cliquei para pesquisar. Ela costumava ser a mais culta e informada de nós, então não precisei nem questionar o porquê exatamente desse nome. Logo apareceram diversas páginas com vários resultados. Abri uma delas, lendo em voz alta.

- Nathan Fonseca é suspeito por em média trinta assassinatos, normalmente de pessoas ricas. Sua tática mais usada é vigiar suas vítimas e, quando acha que está na hora certa, as sequestra, pede resgate, pega o dinheiro, as mata, e vende seus órgãos.

Arregalei os olhos.

- Até pode fazer sentido o que você disse. Será que Danny tentou apenas salvá-la, pois ela estava correndo perigo? Será que ele está por perto para poder protegê-la novamente?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Da forma como você disse que Nathan te olhou?

Me surpreendi ao perceber que era Gabi quem falava, com um riso irônico, mas ao mesmo tempo triste, o que não era habitual dela.

- Não, Becky. É você quem pode estar correndo perigo.

Não ponha palavras na minha cabeça

Pare de falar antes que eu enlouqueça

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

*Nós todos cometemos erros, e o meu foi
acreditar*

O passado é seguro, por isso estamos aqui



Pousei a mão sobre a água gélida, balançando-a distraidamente. Tinha o costume de sentar perto da piscina para refletir e praticar minha fotossíntese diária. Observar meu reflexo, imaginar que estava num cruzeiro a milhas de distância, navegando por águas límpidas e serenas, sem direção definida. Apenas nadando junto do sol ameno que aquecia a alma. A sensação era tão prazerosa que só um mar de vestidos invadindo minha mente foi capaz de me trazer de volta a realidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

O desfile seria em poucos meses. Por esse motivo, eu precisava terminar de modelar os vestidos e marcar o dia do ensaio das modelos. Minha mãe estava tão empolgada, e eu precisava me dedicar mais do que nunca. As roupas dependiam também do meu desempenho e, se eu não me focasse, todo o ânimo resultaria em nada. Uma única peça mal montada poderia acarretar num desastre imenso. E se dependesse de mim, isso estava longe de acontecer. Mesmo porque, eu até gostava de modelar. Passava horas imaginando e criando as mais diversas combinações, e me concentrava tanto na costura que quando ia me dar conta, já havia passado horas. Querendo ou não, as habilidades dadas por minha mãe percorriam minhas veias e, se não havia outra escolha, eu devia ao menos aproveitar a que estava em minhas mãos. Eu sabia que conseguia produzir modelos vangloriosos; eu sentia a agulha fluindo entre meus dedos com precisão aos locais certos, passeando de um lado ao outro graciosamente. Eu podia desfrutar daquele dom de maneiras extraordinárias, e já estava na hora de deixar a birra de lado e mostrar o que eu era capaz de montar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um pigarro atrapalhou minha linha de raciocínio e virei a cabeça na direção do som, encontrando um homem com as mãos nos bolsos da calça estático no portão da garagem. Eu agiria naturalmente se esse homem não fosse Daniel Palacci, e se ele não tivesse um histórico tão temeroso. Toda a história de seu namoro com Sara veio à tona em minha mente, como um estalar de dedos que me ligasse de volta à vida e ao risco que eu provavelmente podia estar correndo.

Tirei a mão apressadamente da água e me apoiei com ela na beirada da piscina, mas como estava molhada, além de tremendo pelo nervosismo, me desequilibrei e desabei como uma pena na piscina.

A impressão que passei provavelmente foi a de estar me afogando.

Assim que voltei à superfície, me deparei com o dito cujo agachado na beira da piscina, me encarando com o canto dos lábios erguido num sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estava rindo de mim.

Era isso mesmo?

Estava prestes a recitar palavras nada bonitas quando ele me impediu, falando primeiro.

- Sou tão feio assim?

Embora Danny estivesse se aproveitando da situação para gozar com a minha cara, levei a pergunta a sério por ter sido pega desprevenida.

O azul de seus olhos resplandecentes era tão intenso quanto o do céu, que parecia próximo na posição infame que me encontrava. O infeliz podia ser tudo, menos feio.

Com aquela observação, voltei à realidade. Porque eu tive que nascer justamente com os genes mais desastrados? Eu devia estar fazendo o maior papel de palhaça. Desejei com todas as forças poder mergulhar em direção ao fundo da piscina e abrir um buraco negro nela pra me esconder.

Enrijeci, liberando minha cara de assassina. O
PERIGOSAS ACHERON

sorriso de Danny se alargou.

- Posso saber qual é a graça? – inquiri. – Ou melhor, posso saber quem lhe deu permissão para invadir minha casa?

- Invadir? – se fingiu ofendido. – Calma lá, eu não vi a placa de “Cuidado, cão bravo” na porta, por sinal, escancarada, da garagem.

Eu era uma completa ameba ambulante. Esquecera completamente de fechar a porta quando meus pais saíram com o carro.

Danny pareceu mais atrevido com aquela constatação. E eu não resisti. Em um segundo meus nervos tremeram sob as mãos, e no segundo seguinte a água era lançada em Daniel.

Ele cravou o olhar em mim. Não estava incrédulo. Ele levava como uma afronta. E isso, sim, me fez estremecer.

- Então é assim?

- Ninguém mandou atrapalhar meu salto

PERIGOSAS ACHERON

ornamental!

Ele riu. Mais algumas reclamações para proferir surgiram em minha mente e desvaneceram no instante em que ele tirou o casaco e a camisa, jogando em algum canto que eu não fazia menor ideia de onde.

Eu tinha que pará-lo. Imediatamente. Juro que tentei mandar sinais ao cérebro, mas ele não quis responder. Eu estava travada.

Era inevitável analisar cautelosamente seu corpo bem definido e os músculos combinando numa medida perfeita. Sempre tive curiosidade em descobrir qual era o desenho tatuado em seu braço, mas não tive tempo nem de piscar antes de tomar outro banho.

Minha colisão com a água foi suave, comparada com a de Danny que pareceu uma baleia, arremessando uma grande quantidade de água da piscina ao pular nela. Encharcada era pouco para definir meu estado. Gritei com o impacto e virei o rosto para o lado contrário, ainda sentindo milhares

PERIGOSAS NACIONAIS

de gotas caindo em mim como uma onda raivosa.

- Você é louco! – berrei e investi pra cima dele, desferindo golpes em seu peitoral.

A vingança dele foi balançar o cabelo, me molhando pela terceira vez num único dia.

- Você que começou.

- Aquilo não foi um convite pra você invadir *também* a minha piscina!

- E o que você vai fazer a respeito? – ele se aproximou perigosamente.

Minha roupa estava totalmente grudada no corpo, diria que quase na alma, portanto mal conseguia me locomover. Seu hálito refrescante bateu em meu rosto, a poucos centímetros de distância. Tentei me afastar, mas estava presa na borda da piscina.

Ele apoiou presunçosamente os braços ao meu redor, levantando a sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vai me expulsar?
- Você realmente perdeu a noção do perigo.

Danny permaneceu impassível. Senti seu olhar percorrer meu rosto e as gotas escorrerem suavemente por ele. Eu estava tão envolvida que precisei pular e afundar a cabeça dele pra sair do modo conturbado.

Aproveitei a chance para nadar para longe. Danny logo emergiu atrás de mim, puxando-me pela cintura e me segurando no colo com uma agilidade admirável. E bem ousada.

Eu sabia exatamente qual era sua intenção. E o sorriso malicioso em seu rosto não denunciava outra coisa.

Sabia também que estávamos agindo como crianças e tudo por culpa da minha instabilidade em manter a postura perto dele. No entanto, a emoção que eu estava sentindo, a pequena agitação crescente em meu peito me impediu de sair de seus braços e lhe dar o belo chute na bunda que merecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não queria admitir, mas estava me divertindo. E, por apenas um momento, eu me permiti abraçar aquela sensação.

- Você sabe que está na minha lista negra, não sabe?

- Reserve o primeiro lugar pra mim – ele piscou e me jogou na água.

A fim de devolver na mesma moeda, puxei seu tornozelo para baixo e nadei até a escadinha antes que ele retornasse à superfície e me fizesse pagar pelo atrevimento.

Ainda sob o efeito da adrenalina, me atirei contra a parede para respirar. Me sentia completamente fora de sintonia. Como aquilo acontecera dentro de tão poucos minutos? Onde eu estava com a cabeça? Certamente não no corpo que estava naquele exato momento recolhendo o casaco do chão e jogando-o sobre meus ombros. Agitei-os para deixar o casaco cair, assim evitando que se molhasse tanto quanto eu estava, mas Danny me silenciou com o olhar. Ele também pegou sua blusa

PERIGOSAS ACHERON

e a colocou de volta.

Inspirei, inalando o perfume que exalava do casaco de Danny. Sempre adorei experimentar perfumes masculinos, mas aquele era um aromático com um toque diferente da maioria. Se dependesse de mim, alguém ia perder o casaco.

Desviei a atenção quando Danny se esticou e alcançou um pacote de bolacha em cima da mesa. Ele agia com tamanha naturalidade, parecia confortável, como se estivesse na própria casa. O que de tão misterioso existia naquele homem? Sara o retratava como um homem mal, sem pudor, egoísta e provavelmente assassino, mas tudo o que eu via diante de mim era um cara irônico e repleto de farelo ao redor da boca. Todo meu corpo alertava para manter distância, mas seus olhos eram tão convidativos. Era evidente a existência de segredos por trás deles, mas quais seriam eles? Seria coincidência aparecer na cidade justamente na mesma época que Sara? Quais deviam ser suas intenções com ela? O que ele queria *comigo*? Além de acabar com a minha bolacha, é claro.

- Bolacha boa! – disse entre mordidas exageradas.

Assenti com cara de desconfiada.

- O que há de errado? – lançou Danny da mesma forma que perguntaria “*Como vai?*” para um desconhecido na rua.

- Errado? – peguei de volta o pacote que já estava no fim. – Além de um estranho invadir minha casa, me jogar na piscina e acabar com minha bolacha? Nada.

Entornei o pacote de cabeça para baixo e assisti os farelos desabarem em seqüência. Me lembrava areia e quanto sentia saudades da praia.

Danny bateu as mãos na calça e pigarreou.

- Primeiro, você precisa trabalhar mais sua memória. Segundo, você mesma quis dar um mergulho! E terceiro... Bem, essa eu fico te devendo – ele piscou.

- Culpada quanto a memória. Poderia ter sido
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um assassino a invadir minha casa, ao invés de você.

- Está vendo? – soltou um meio sorriso. – Devia se sentir grata. E, novamente, não invadi nada.

- Pensando bem, você tentou me afogar na piscina.

- Você notou a tentativa frustrada? – estalou a língua. – Vergonhoso, eu sei.

Aquela conversa de assassino me deixou desnorteada. Senti um calafrio subir a espinha. Ele estava brincando com a situação. Ele provavelmente nem sequer imaginava o que Sara me contou.

Usei meu melhor olhar de fera para desafiá-lo.

- O que está fazendo aqui?

Daniel se inclinou. Abriu a boca para falar algo, mas pareceu mudar de ideia. Num movimento inusitado, ele levantou o dedo e deu um peteleco em meu nariz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Perguntei primeiro.

Franzi a testa, incompreensiva.

- O que há de errado? – repetiu.

- O que te faz achar que tem algo errado?

- Não sei. Talvez eu esteja especulando. Talvez por sua mente parecer estar em outro planeta quando apareci. Talvez sejam seus ombros tensos, ou os nós endurecidos dos seus dedos, ou seu olhar perdido.

Respirei fundo e mantive o contato visual firme.

- Você acha que me conhece, não é?

- Não, nem um pouco – ele balançou a cabeça. Seus traços eram relaxados, gentis. – Pra isso teria de quebrar o muro que você construiu em volta de si, e você não parece disposta a deixar ninguém fazer o trabalho.

- Porque ninguém até então conquistou o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elemento principal. A chave que o torna capaz de me conhecer – respondi e fiz uma pausa. – A confiança.

Daniel permaneceu com a mesma segurança de antes. Ele não sorriu nem veio com gracinha. Estava levando com a mesma seriedade que eu, e aquilo me agradou mais do que gostaria de admitir.

- Qual o caminho para ganhá-la?

- Me conta o que você sabe sobre as duas garotas da fábrica que morreram.

Percebi, tarde demais, que não foi um bom começo arriscar uma informação tão grande. Daniel arqueou os lábios num sorriso irônico nada confortável, e se jogou para trás, contra a parede.

- Vejo que Sara já te contou a história – seu ar de divertimento desvaneceu. – Eu não matei ninguém, Becky. Eram colegas de trabalho, só isso. O pai de Sara sempre implicou comigo, então que circunstância seria melhor para me afastar da filha dele senão me culpar de homicídio?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Porque ele te odiava?

- Eu era bom no que fazia – deu de ombros. – E ele não suportava a ideia de perder a preciosa filha.

Esperiei que contasse mais, mas Daniel ficou em silêncio. O que eu estava esperando? Exigi confiança e esperava que ele entregasse de bandeja lembranças que podiam ainda torturá-lo para alguém que mal conhecia?

Resolvi focar nas garotas da fábrica.

- Onde você estava na hora da morte?

- No teatro.

Arqueei a sobrancelha. Eu nunca cogitaria um lugar tão formal para um *suspeito assassino* estar.

- O local têm câmeras, assim puderam ter certeza que eu realmente estava lá. Por isso não me prenderam, embora ainda muitos achem que sou o vilão. Por conta disso, também, fui embora da cidade e vim para cá morar com meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Não havia nada suspeito em sua confissão. Ainda assim, Sara falara com tanto rancor que me perdi por alguns segundos procurando por razões para a reação dela.

- É isso o que te aflige? – perguntou com um tom de receio, me tirando do transe.

Eu mordi os lábios para segurar o riso. Ele mal fazia ideia de quantas coisas me afligiam, incluindo sua presença misteriosa.

- Aquela noite – murmurei. Ele inclinou a cabeça, esperando que eu continuasse. – Como você sabe?

- Ah... – Danny encolheu os ombros, deixando a cabeça pender para trás até bater na parede e observar o céu. – Tenho um conhecido que relatou o acidente. As sequelas foram graves, os passageiros chegaram a ficar entre a vida e a morte. Se não me engano, um deles morreu, mas não tenho certeza.

- E você por acaso acha que as sequelas também não foram graves para a minha família?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ou melhor, que as consequências não são até hoje?

Senti o ódio percorrendo em minhas veias instantaneamente, a fúria crescendo a ponto de explodir. Eu nunca contei sobre o acidente para ninguém, nem mesmo para minhas amigas. Tocar no assunto sempre me levava de volta àquele dia. Meus pais brigando, o choro de Matt, a luz ofuscando minha visão e os gritos de horror.

- Eu soube que era você porque esse conhecido que estava no local descreveu a família e, obviamente, não foi difícil descobrir. – explicou, atento em mim.

- Então porque veio comentar comigo, se tinha tanta certeza assim? – cerrei os dentes, irritada. Eu não precisava de ninguém se metendo na minha vida e nos traumas dela.

- Eu não ia falar nada – ele se desencostou, manejando as palavras com cuidado. – Mas daí você apareceu no ponto de ônibus, e acabei soltando. Por curiosidade, acho. Para saber se era verdade mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu bufei, levantando e amassando com força o pacote que ele tinha largado no chão.

- Não sei por que diabos eu deixei aquela maldita porta aberta!

Andei em direção aos degraus que davam para a cozinha em passos rápidos. Eu precisava me distanciar dele, precisava tirar aqueles momentos da minha mente urgentemente.

- Becky.

Danny me puxou pelo braço, me impedindo de subir. Ele estava me avaliando com o olhar, procurando vestígios de que eu realmente estivesse brava com ele.

E eu não estava.

Era comigo mesma.

- Desculpa, eu não tinha a intenção de te chatear. Eu fui idiota, não devia ter citado o acidente, nem tinha o direito de me intrometer – ele parou, engolindo a seco. Prendi a respiração,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperando que ele finalizasse a frase, mas ele apenas balançou a cabeça, olhando para baixo. – Eu só queria saber o que te afligia.

- Pois agora você sabe. Feliz? – sob a intensidade da ira, libertei meu braço de sua mão, lançando outra pergunta. – Porque você fez aquilo com a Sara?

Dessa vez, ele paralisou. Abriu a boca, mas nenhum som saiu. Gotas ainda pingavam de seu cabelo e percorriam por seu rosto, o deixando parecer aterrorizado. Ou talvez ele estivesse de verdade.

- Foi pelo bem dela, nada além disso – disse serenamente.

Eu ri sarcasticamente, reconhecendo agora o Daniel que Sara tinha descrito. Aquele que primeiro te encanta e depois te enche de desculpas esfarrapadas.

- Rebecca, você não faz ideia das coisas que estavam a ameaçando.

PERIGOSAS ACHERON

- Inclusive você, não é?

Soltei sem pensar, e ele permaneceu calado.

Tirei o casaco dos ombros e joguei por cima do dele, suspirando.

- Vai embora – pedi sutilmente, em desgaste.

Ele assentiu e me obedeceu, não antes de me dar um último olhar carregado de um sentimento que de início não pude identificar, ou me recusei a acreditar.

Dor.

Não quero dar explicações

Não vou mudar, não importa o que aconteça

Capítulo 6

*Será que é tão difícil dizer aquilo que você
sente*

*Será que você diz a verdade ou então você
mente*



- Porque você não foi ao desfile hoje? – Matt perguntou, rabiscando no caderno.

Além de compor músicas, meu irmão tinha o hábito de complementá-las com desenhos ao redor que demonstrassem o sentido da canção. E tenho de admitir, ficavam muito bons. Mas comigo, ele me presenteava apenas com alienígenas ou monstros a fim de me amedrontar. Na infância, isso dava tão certo que eu caía no choro quando recebia suas

PERIGOSAS NACIONAIS

obras primas. De uns anos pra cá passei a montar aviões com o papel e mandar de volta direto em sua cabeça.

- Pelo mesmo motivo que você nunca vai. Não tenho utilidade lá – respondi, tirando os óculos e fechando o livro que estava lendo com o marcador.

Desde criança eu era vidrada em livros. Poderia sobreviver deles que não reclamaria. Livros eram uma porta aberta para um mundo incrível de aventuras e uma montanha russa de sensações. Era a vida que nunca teríamos, mas que através deles existia a chance de provar daquela magia. De deixarmos de ser nós mesmos por um tempo.

- Claro que tem. Dar apoio moral – ele zombou, apontando para a cabeça que eu logo atingi com uma almofada. Pulei em sua cama, fazendo-o rabiscar aleatoriamente sem querer, e deitei de bruços ao seu lado.

- Que música é essa? – insisti antes que ele viesse me irritar por tê-lo feito errar. Reparei na letra, era a mesma que eu havia escutado dias atrás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz o melhor

Que pude

Disse que eu morreria por você

E eu morreria

Mas eu afoguei

Todos esses sentimentos numa inundação

Como eu iria saber

Que um ano atrás

Eu teria de ler as entrelinhas

E todas as mentiras

- Você que escreveu? – perguntei, impressionada, quando Matt terminou de cantar.

- Não, foi o Danny. Só reescrevi umas partes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Matt não gostava muito que vissem o processo de construção das canções dele, por isso fechou o caderno num piscar de olhos.

- Danny? – arrisquei, esperando que ele me desse uma descrição completa. Mas meu irmão também não gostava de conversar sobre garotos comigo.

- Sim, o novo guitarrista e vocalista da banda. Te contei sobre ele. – deu um leve peteleco em minha testa e fechei os olhos com o impacto.

- Não exatamente... Não tinha dito o nome.

Matt me fitou como se eu fosse louca. Mostrei a língua.

Eu não tinha dúvidas de que estávamos falando do mesmo Danny, a voz era idêntica, além do nome. Impossível existir uma coincidência tão gigantesca.

Um estrondo no andar de baixo nos fez sobressaltar.

PERIGOSAS ACHERON

- Papai chegou –falou Matt.

Matt se movimentou ruidosamente sobre a cama para guardar o caderno e, antes que eu pudesse proferir, me fez rolar para o chão.

- Ei, seu bundão!

Ele se virou só pra conferir se eu permanecia inteira e voltou a se cobrir, bocejando.

- Boa noite, Becky.

Bufei, procurando com o olhar por algo que pudesse usar para atingi-lo, mas o barulho interrompeu minha linha de pensamento. Era alto. Perigosamente próximo, como se estivesse a centímetros da porta.

O grito de um móvel seguido do grito de uma pessoa. Um grito potencialmente assustador que conseguiu espremer meu coração.

Podia imaginar toda a sequência de acontecimentos que estava se desenrolando a poucos passos daquele quarto. Minha mãe abafando

PERIGOSAS ACHERON

o arquejo afim de não nos acordar, tampouco a vizinhança. E meu pai...

- Precisamos fazer alguma coisa – sussurrei.

- Não estou com saudades de levar cintadas, valeu.

Vê-lo relaxado sem dar a mínima pro que estava acontecendo naquele instante no andar abaixo de nós me provocou uma súbita fúria. Meu corpo ardeu em pura adrenalina. Eu precisava fazer alguma coisa.

Antes que percebesse, eu estava abrindo a porta e descendo as escadas.

- Rebecca, aonde você vai? Volta aqui! – ouvi Matt gritar, e os passos se aproximando.

Conquistado o esperado, corri escada a baixo, parando no primeiro degrau, estagnada. Eu não sabia exatamente o que pretendia fazer. Me tirava do sério meu irmão simplesmente se conformar e não tentar confrontar. Talvez agora estando mais velhos tivéssemos mais chances de apartar a briga,

PERIGOSAS ACHERON

de arrancar a insanidade que dominava nosso pai. E também não me importava em receber outra surra, eu só precisava ajudar minha mãe. Que tipo de filhos seríamos se não interviéssemos? A cada noite a agressividade se tornava pior. O que seria do resto dos nossos dias daquele jeito? O que seria de *nós*, se meu pai perdesse a cabeça de vez?

- Pai!

Com o cinto na mão, prestes a lançá-lo em minha mãe, ele nem pareceu ter escutado. Reunindo toda a coragem que surgira, peguei em seu braço tentando evitar, descobrindo que julguei errado sua audição. Ele não apenas ouviu, como também estava pronto para se virar e investir em mim. Eu desviei, mas não foi o suficiente. Cai para trás, batendo as costas na parede. Ao menos se eu conseguisse tirar sua atenção de minha mãe, já era um grande passo.

- Volta já para o seu quarto! – ordenou entre dentes. Seu olhar era tão frio que senti um arrepio percorrer a espinha, me fazendo duvidar se ele *realmente* estava bêbado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levei a mão ao rosto, pousando onde sem dúvidas estava vermelho, e ele se direcionou para um Matt estático em frente à escada, boquiaberto. Ele devia estar mais alarmado comigo do que com nosso pai em si. Nem eu mesma pretendia avançar daquela forma, mas ver aquela cena doeu mais em meu coração do que em minha consciência.

- E você, o que está fazendo aí parado? Vocês não servem pra nada mesmo – ele cambaleou, quase desabando ao chão. Já tinha visto meu pai tantas vezes naquele estado que não me surpreendia mais. Entretanto, o medo era sempre o mesmo, como se um único passo fosse suficiente para ele decidir acabar conosco de vez.

- Você, não presta nem pra cantar – disse com desgosto, apontando para Matt, que engoliu a seco. Minha mãe se afastou dele, empurrando Matt para que subisse, e implorando para que ele não se intromettesse. – A outra, não sabe nem se vestir direito, quanto mais *criar* uma roupa. – ele falava devagar e enrolado, quase impossível de entender. – Vou botar vocês pra trabalharem de verdade, trabalho sujo, pesado!

PERIGOSAS ACHERON

Avistei a garrafa que ele bebia segundos atrás no chão e me arrastei lentamente para que ele não notasse enquanto resmungava coisas incompreensíveis.

Ele se virou pra mim, e paralisei no lugar, respirando arfante.

- Vocês precisam sair dessa vida miserável. Precisam entender que *nada* disso precisava estar acontecendo! – gritou com o rosto intensamente vermelho e empurrando o sofá apenas com o pé.

Por um momento, meus olhos esbugalharam. Ele não parecia estar falando tais coisas pelo efeito do álcool, e sim por seus sentimentos.

- E se *você* tivesse me escutado, não precisaria apanhar tanto para aprender! Mas já que não foi o caso... – falou, agarrando o cinto de volta em sua mão e se direcionando pra minha mãe.

Ela deu passos para trás, mas se encontrou encurralada na parede.

Não deixei a chance escapar, pegando a garrafa
PERIGOSAS ACHERON

e levantando-me com dificuldade. Minhas pernas estavam trêmulas, assim como minha mão que quase deixava a garrafa escapar. Antes que eu perdesse a coragem, corri atrás dele quando estava prestes a acertar o cinto em minha mãe e golpeei a garrafa em sua cabeça.

Ele gemeu, largou o cinto de imediato e caiu. Andei para trás, com a mão cobrindo a boca. Haviam vários pedaços de vidro espalhados pelo chão, e uma mancha significativamente grande de sangue começou a se alastrar pela cabeça dele.

- Rebecca, o que você fez?! – esbravejou minha mãe, agachando-se ao lado de meu pai. Ela levantou o corpo dele, colocando-o em seu colo.

- Proteger... Eu preciso... – ele repetiu várias vezes as mesmas palavras, dessa vez com uma voz séria e desesperada.

Minha mãe fazia carinho em seu cabelo, aos prantos.

Matt aproveitou a oportunidade e correu, me ajudando a levantar. Eu nem sabia como tinha ido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parar no chão. Estava totalmente sem forças para me locomover, sem conseguir tirar os olhos de meu pai esparramado no colo de minha mãe, com uma expressão sofredora. Matt me segurou firme e me empurrou escada acima até chegarmos ao meu quarto, onde fechou a porta atrás de si.

- Rebecca, você enlouqueceu? Ele é nosso pai!

Matheus balançava a cabeça, perturbado.

Me encolhi na cama e peguei um espelho pequeno no criado-mudo, verificando que meu rosto estava vermelho por dois motivos, tanto pela cintada quanto pelo nervosismo.

- Você não tem a menor noção do que fez.

- E ele tem noção, por acaso? Eu não considero correto bater na mulher que ele supostamente ama e chama de esposa, muito menos em seus filhos inocentes! – grunhi, descrente que ele estivesse brigando comigo. Eu sabia que tinha me exaltado e agido sem pensar, mas eu não estava totalmente errada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu entendo o que quis dizer – Matt levou as mãos ao cabelo, puxando-o nervosamente. Andava de um lado para o outro, tão apreensivo quanto eu. – Mas, ainda assim, você não tinha o direito. Sabe que ele pode descontar em você.

- E então eu o denuncio – falei decidida, colocando o espelho de lado e encarando-o desafiante. Ele balançou a cabeça soltando uma risada triste, sabendo que eu nunca faria isso. – Eu não sou como a mamãe.

- Certo – soltou o ar, pegando meu cavalo de pelúcia na estante e jogando em minha direção. – Tenta se acalmar. Qualquer coisa, é só gritar. Mas espero que não haja mais gritos essa noite – se virou para me checar uma última vez antes de abrir a porta. – Que sonho isso seria – resmungou, fechando-a atrás de si. Quando tivéssemos uma noite em plena paz, seria um imenso milagre.

Levantei para apagar a luz e voltei a me atirar na cama, me cobrindo até o pescoço. Na realidade, eu estava morta de medo que meu pai achasse que eu tinha o ofendido e passasse a me bater também.

PERIGOSAS ACHERON

Eu reagiria da mesma maneira, em qualquer circunstância. Mas as coisas que ele disse me trouxeram a uma grande, além de estranha, questão. Afinal, porque minha mãe estava o protegendo tanto? Era uma preocupação e cuidado que alguém não deveria ter com uma pessoa que acabou de espancá-la, e batido em sua própria filha. E do que ele estava nos protegendo? Seja o que fosse, com certeza ele não teria capacidade de realizar o trabalho naquelas condições.

Sem conseguir relaxar, me posicionei sentada e encostei a cabeça na janela, admirando o luar. Parecia tão esplêndido e calmo, como se nada pudesse atingi-lo, transmitindo uma energia para aqueles que não tem onde se apoiar. Respirei fundo, desejando que tudo o que tinha acabado de acontecer não passasse de um pesadelo. E eu me referia desde o acidente. Mas nada alterou quando olhei ao meu redor, apenas um ponto do lado de fora da janela, que me chamou a atenção.

Fixei o olhar, tentando descobrir o que, no meio da madrugada, estava fazendo parado, estudando minha janela. De longe, parecia uma pessoa num

PERIGOSAS NACIONAIS

traje todo preto, mas eu não conseguia enxergar direito seu rosto pelas luzes estarem apagadas. Meu coração acelerou ao ver que ele não era o único, pois havia alguns outros espalhados pela pequena praça. Foi quando percebi que ele não estudava minha janela, e sim a mim. Ele fez disfarçadamente um sinal com as mãos e eles começaram a andar devagar, sumindo de minha vista, não antes de o sujeito gesticular para mim, mas de modo diferente. Ele levou o dedo aos lábios, num sinal que me fez estremecer:

Silêncio.

No dia seguinte, preferi não sair do quarto. Ali eu tinha meu notebook, minhas músicas, meus livros, não precisava de mais nada. Só comida, e meu estômago roncando concordava.

Estava distraída em busca de novas bandas quando a porta abriu lentamente. Levantei o olhar, me deparando com meu pai, mas não fiz questão de tirar os fones das orelhas.

PERIGOSAS ACHERON

Ele deu curtos passos até a ponta da cama, parando para manter distância. Quase suspirei de alívio ao saber que não seria necessário pedir. Sua cabeça estava enfaixada, com alguns curativos na testa.

- Filha... – parei a música e pude escutá-lo sussurrando. Tirei os fones e fechei os olhos, cerrando o punho e sentindo a raiva me consumir. – Desculpa. Eu recordo poucos momentos de ontem à noite, mas sei que te machuquei. Eu juro, não foi de propósito.

No final, ele tinha sorte, pois infelizmente eu me lembrava de tudo.

- Por favor, pai, vai embora.

No fundo, eu sentia pena. Toda vez que ele chegava bêbado era a mesma coisa. No dia seguinte pedia milhões de desculpas à minha mãe, e às vezes chorava como um bebê, sentindo-se inútil por nem se lembrar dos erros que havia cometido.

- Nos pegariam se eu desse a chance, e não posso deixar isso acontecer.

Franzi a testa, tentando decifrar o que aquilo significava.

- Como assim? Quem vai nos pegar?

- Não posso explicar agora – ele respondeu após pensar por alguns segundos. Ele carregava um semblante sofrido e, por mais que tivesse provocado uma pontada no coração, eu não ia me deixar amolecer. – Desculpa, mas não quero envolvê-la nisso. É pelo seu próprio bem.

- Assim como você bate em minha mãe pelo próprio bem dela? – cerrei os dentes, segurando algumas lágrimas quando as cenas da noite passada voltaram. – Me poupe, pai. Quando você tiver uma explicação melhor, e for *a de verdade*, você me avisa.

- Um dia... Você entenderá. – ele abaixou a cabeça e fungou. – Vai compreender que tudo o que fiz até agora foi pelo seu bem. Espero que quando esse dia chegar, não seja tarde demais. – murmurou, se aproximando para tocar em mim, mas eu me afastei, escorando-me na parede com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um olhar duro.

- Espero que *você* não faça ser tarde demais – respondi ríspidamente.

Eu não queria ser tão bruta com ele, mas tinha esperanças de que o ajudasse a se convencer a parar de beber de uma vez por todas. Eu estava completamente destruída, não fazia menor ideia que tinha o machucado a ponto de enfaixar a cabeça. Agradei silenciosamente por não ter ocasionado ferimentos mais graves, antes que me culpasse pelo resto da vida. Alguém tinha que fazer algo, eu não suportava mais a rotina de ver minha mãe sofrer.

Ele saiu do meu quarto cabisbaixo, e fiquei refletindo se tinha feito o certo, e se devia contar a ele sobre os homens que encontrei vigiando nossa casa caso ele realmente tivesse a intenção de nos proteger. Mas tive medo de que ele usasse esse como mais um motivo para nos agredir, então fiz exatamente o que o homem me mandou.

Permaneci em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Querem que eu cale e obedeça

E depois de tudo ainda agradeça

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Se estou vivo até hoje é por sorte

*Sou presa fácil, desprotegida, você é minha
bala perdida*



- Credo – Sara resmungou, se remoendo de medo.

Estávamos assistindo um programa chamado *Assombrações* que envolvia espíritos, feitiços, bruxas, e todo o tipo de terror que costuma aterrorizar pessoas que se assustam com a própria sombra. Sempre foi o nosso programa favorito, passávamos as tardes todas vendo, e estávamos matando a saudade. Com um balde de pipoca do lado, logicamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não quero ver isso! – exclamou, pondo uma almofada listrada em sua frente e escondendo o rosto.

A empurrei devagar. Um barulho vindo do lado de fora me deixou alerta.

- Sara – falei, encarnando a atriz num tom de pânico. – Eu acho que ouvi alguma coisa...

- É sua mente criativa. Só isso – ela rosnou, afundando mais no sofá e quase se matando sem ar com a almofada apertada no rosto.

- De verdade – aumentei o volume da televisão, onde tocava uma música nos créditos típica de provocar insônia. – Eu realmente estou ouvindo.

- Só ouço a droga da música que você aumentou! – ela reclamou, afastando a almofada ferozmente. Abri a boca em injúria e peguei outra almofada, tampando meu rosto também.

- Melhor assim? – perguntei ao largar o controle. Ela deu de ombros em satisfação, voltando a cobrir seu rosto. – Você sabe que a dona PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pipoca está desprotegida, né?

Em um movimento ligeiro e trêmulo, Sara trocou a almofada pelo balde de pipoca, derrubando quase metade no tapete do chão.

- Essa é a sua arma?

- É uma oferenda.

- Fantasmas gostam de pipoca agora?

- E quem não gosta?

- Justo.

Um silêncio se instalou na sala com o término da música, e logo entrou o intervalo com pôneis cantando na propaganda. Nós não aguentamos, gargalhando e rolando pelo sofá, até estarmos caídas no chão e nem fazermos ideia de como fomos parar lá. Só sei que meus olhos estavam molhados e minhas bochechas doíam. E muito.

- Eu não consigo respirar – falei intercalando com risos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu nem sei mais o que é isso! – ela riu alto, rodando de um lado pro outro.

Quando caímos, o controle desabou junto, e eu acidentalmente bati o cotovelo no botão que desligava a televisão. Sara parou de rir, com os olhos arregalados.

- Me diga que foi você.

- O controle está no sofá e eu estou jogada no chão! – aleguei em defesa, e direcionamos o olhar para o estofado.

Sara já era bem clara, e suas bochechas que até então estavam vermelhas com o tanto de risadas, foi perdendo a cor repentinamente. Eu me segurei para não rir, a fim de assustá-la mais ainda.

Mas o jogo virou.

A campainha tocou estridente, e eu não estava preparada. No episódio em que tínhamos acabado de assistir, alguém tocava a campainha repetidas vezes, e sempre que atendiam, ninguém estava lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração disparou e aposto que o de Sara não estava muito diferente. Ainda mais porque ela ainda não tinha descoberto o controle no chão.

Caminhamos com receio até o portão, tremendo. Sara estava colada ao meu braço, como se dependesse dele para sobreviver. Alerta de pessoa valente.

Ao chegarmos à porta, a campainha soou novamente, nos fazendo dar mais um pulo para trás. Nisso, acidentalmente pisei no pé de Sara, que urrou.

Disparei a rir.

- Você está bem? Digo, seu pé?

Ela fechou a cara, lamentando pelo dedo.

- Atende logo essa porcaria!

Respirei fundo e peguei na maçaneta. A campainha soou novamente, direto em meu ouvido. Meus tímpanos chegaram próximo de estourar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Preciso urgentemente trocar isso.

Agarrei a maçaneta e puxei.

Nada.

- Sara...

- O que foi agora? – demandou num tom irritado, quando chegou por trás de mim e deparou-se com absolutamente ninguém.

Nós nos encaramos, provavelmente o mesmo pensamento navegando pela cabeça de ambas. Estávamos ficando loucas.

Então uma sombra surgiu diante de nós.

Gritamos ao mesmo tempo, dando passos apressados para trás. Além de eu ter pulado e acertado o pé de Sara novamente.

A histeria só parou ao ver que ali, estático e boquiaberto, estava Daniel. Sara continuava a gritar e choramingar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu queria tanto saber o que você tem contra o meu dedo – fungou, voltando à sua interpretação de saci.

Aparentemente, Danny não sabia se ria ou se continuava em choque. Eu preferia essa versão à pose convencida que ele tomou logo em seguida.

- Eu sei, eu sei, todas ficam felizes assim em me ver – disse ele. – Deviam fazer um fã-clubes pra mim.

Sara claramente estava controlando as mãos para não voarem na cara daquele Daniel esnobe e incrivelmente lindo. Já falei esnobe?

- Pra sua informação, eu preferia que fosse o fantasma da série parado na minha frente. Quem você acha que é? – proferiu Sara, agoniada. – Quer saber? Volta pra sua escolinha de sustos!

Engoli a risada e voltei a atenção para Daniel, que parecia surpreso com a reação. Sara sabia se defender quando, pra começo de conversa, outra pessoa estava presente para salvá-la de possíveis riscos.

PERIGOSAS ACHERON

- O que está fazendo aqui?

Ainda estava brava por ele ter mencionado o acidente, e esse sentimento só aumentava ao lembrar o que ele fez com Sara. Nosso último encontro levantou mais dúvidas que respostas, o que me deixava incomodada.

- Eu queria te mostrar uma coisa.

Ele deu um passo pra trás, acenando com a mão para segui-lo.

Pensei em mandá-lo embora. Reservei a tarde para Sara, portanto, seria compreensível. Seria uma maneira indireta de evitá-lo. Poderia dar certo.

Mas eu estava inquieta. Havia uma comoção crescente em meu peito dizendo que existia mais a descobrir. Ele sabia sobre o acidente que marcou minha vida e que ninguém mais tinha noção além da minha família. E se Daniel contasse para mais alguém? Eu não podia correr o risco. Tê-lo perto era uma garantia. Não muito válida, mas significava liberdade para sondá-lo a respeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se tratava do meu segredo. Agora, o nosso segredo.

Olhei para trás, o olhar suplicante.

- Você vem? – questionei à Sara que fingia estar mais preocupada em se precisaria amputar o dedo.

- Prefiro voltar a assistir pessoas sendo possuídas.

Sara deu um último olhar mortal a Daniel e se virou.

- Toma cuidado, pode ser que o espírito ainda esteja rondando a sala.

Ela deu uma risada abafada enquanto caminhava de volta a sala.

- Prefiro a companhia dele à de quem está parado na sua porta. Tenho certeza que é menos torturante. – comentou ácida, sumindo de nossa visão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que eu podia ter evitado essa. Mordi os lábios, saindo e fechando a porta atrás de mim. Daniel me encarava com um toque curioso.

- Achei que fosse dar ouvidos a ela.

Ele abandonara a superioridade e agora adotava uma expressão pacífica que particularmente eu não gostava, porque me fazia abaixar a guarda. Era mais fácil ser rude quando ele bancava o babaca.

- Ainda posso mudar de ideia agora mesmo.

Antes que de fato eu fizesse o que falei, ele esticou a mão em minha direção.

- Venha. Garanto que não vai se arrepender.

Fitei a sua mão, incerta. Parecia tão convidativa, mas eu não daria a ele esse gostinho. Ele poderia entender como um sinal de que eu estava do seu lado, não de Sara. E definitivamente, era exatamente a impressão que eu não queria passar, então só segui em frente, esbarrando em sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

Daniel se apressou à minha frente, atravessando a rua. Não localizei nada inovador na extensão do parque, ao qual ele se dirigia. No céu, o sol irradiava um clima quente e, graças ao seu brilho, identifiquei madeira no chão e uma caixa de ferramentas.

- Eis a sua surpresa. – ele esboçou um sorriso, retirando os últimos pedaços de madeira de seu carro que estava estacionado próximo.

- Que prático!

Danny se virou, jogando os pedaços restantes na grama.

- Não achei que você levaria a sério.

- Eu não brinco em serviço – piscou.

Danny era o típico caipira de festa junina sempre com uma camisa xadrez. Ou seu pai era boiadeiro, ou esse era um fetiche, pois o estoque de xadrez no armário parecia ser vasto. E de cores diferentes, ainda. Para piorar, não me sentia na posição de julgar, já que a roupa caía perfeitamente

PERIGOSAS ACHERON

nele, o deixando com uma feição jovial, mesmo que ele tivesse aspectos de ser mais velho. Aquela camisa xadrez azul marinho em especial realçava intensamente a cor de seus olhos.

- Eu tenho impressão de que demoraremos um pouco para finalizar isso – deduzi. A quantidade de madeira parecia suficiente, mas eu não tinha experiência em construções.

- Errado – ele agachou, abrindo a caixa e escolhendo as ferramentas que precisaria utilizar. – Já tenho tudo planejado. A não ser que você queira botar as mãos na massa por si mesma.

- Fico te devendo essa.

Ele deu um sorriso sarcástico de canto, prestes a começar a me explicar suas ideias, quando Sara apareceu cabisbaixa, andando desanimada até nós.

- Acho que vou embora – ela olhava direto para mim, como um pedido de perdão.

No fundo ela não parecia realmente arrependida, mas sim profundamente incomodada,
PERIGOSAS ACHERON

afastando a gola da camisa do pescoço o tempo inteiro. Como algo entalado em sua garganta. E aposto que eram palavras.

- Por quê? Está tudo bem?

Em nenhum momento pretendi ficar com Daniel, ainda mais quando ele dispensou meus serviços, e eu não o ajudaria em nada. Alguém que trabalha com alfinete e linhas não combina nada com martelos e pregos. Além do mais, não largaria Sara em minha própria casa mal assombrada.

- Posso conversar com você? – Danny perguntou antes que ela abrisse a boca.

Sara parecia tão inofensiva diante de um homem que, apesar do rosto angelical, possuía seu lado maldoso estampado. Só não tinha certeza ainda até onde ia aquela aparência, e qual parte deixava de ser só impressão.

- Por favor – pediu gentilmente.

Enquanto Sara só faltava transbordar em medo de tanta tensão, ele estava em plena serenidade, os

PERIGOSAS ACHERON

músculos relaxados. Sara foi forte ao superar os acontecimentos, mas não conseguia esconder seus nítidos temores.

Ela assentiu, e Danny me encarou em permissão.

- Deixarei vocês a sós – ergui os braços em sinal de rendimento.

Me afastei e procurei por um lugar que fosse próximo suficiente deles para ao menos socorrê-la caso fosse preciso. Sentei num dos bancos na estradinha de pedras e peguei o celular do bolso, discando os números da escola que possuía os brinquedos para doação. Foi minha primeira escola, mais para uma creche, e, da última vez em que fui visitá-los, havia um panfleto sobre a doação com o número para contato.

Passei um tempo após ligar apenas ouvindo o canto dos pássaros, inspirando o ar da natureza, e esperançosa para que tudo estivesse dando certo entre eles, o que eu duvidava. Os assistindo, não pareciam estar se desentendendo. Daniel até

continha um semblante amigável e bem seguro para quem tinha a jogado pela estrada. Já quanto a Sara, era possível detectar sua palidez de longe. Comecei a me preocupar, pois ela costumava ficar assim quando o medo a invadia, mas não sabia exatamente se existia um motivo real pra isso, ou se era somente pelo trauma, então fiquei atenta. Daniel era um enigma que por mais que eu tentasse, não era capaz de desvendar. Tinha de haver uma razão para ele ter feito tais coisas com Sara. Ela não o esqueceria enquanto ele estivesse na cidade, e pelo que ele demonstrava, não pretendia abandonar a cidade em breve. Então ela teria que aprender a lidar com isso de qualquer maneira.

Para não deixá-la sozinha, tomei uma decisão. Não importava se eu podia acabar me machucando, ou até na mesma situação que ela. Eu já tinha noção do que ele era capaz de fazer, enquanto ele não fazia ideia da minha astúcia. Eu era o elemento surpresa. Eu o investigaria de perto e arrancaria seu disfarce. Ia descobrir o que significava aquela frase. *É pelo seu bem*. Dela ou dele? Pelo mesmo bem das garotas da estrada? Pelo bem da sanidade dela,

PERIGOSAS NACIONAIS

certamente não foi. Na verdade, essa jogada estava em segundo plano. Minha curiosidade era com o acidente. Quem era o seu informante? Não me lembro de ter visto alguém além da ambulância. E eu sabia que as palavras iam virar contra o feiticeiro. No final, *eu* teria de conquistar sua confiança para obter respostas.

Observei Sara se afastando. Daniel não a impediu.

- Eu... Eu vou ter que ir embora. – ela gaguejou, se aproximando.

- Mas por quê?

Ela balançou a cabeça, atordoada, e saiu andando antes que eu pudesse detê-la. Tentei chamá-la, em vão. Até cinco minutos atrás tudo estava bem. O que acontecera?

Caminhei em passos duros até Daniel e me agachei, na intenção de tirar o martelo de sua mão. Seu aperto continuou firme, mas sua atenção desviou para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que você disse a ela?

- O que você acha? Que ameacei jogá-la de um penhasco agora? – sua boca estava numa linha definida, de queixo erguido. Eu não gostei da brincadeira e abri a boca para protestar, mas ele revirou os olhos e me interrompeu. – Pedi desculpas. Pela milésima vez.

- Você sabe que não é suficiente – falei, desistindo de manter sua atenção presa a mim. Atingir o prego com o martelo parecia mais interessante.

- Nada mais é suficiente – Danny o acertou, batendo repetidas vezes em seguida. – Eu sei que a magoei e nada que eu faça vai mudar o que ela sente por mim. Eu não sou tão sem coração quanto você pensa, Rebecca.

- Acho que você tem um coração corajoso, na verdade – disse ao ver o quão ágil ele era manuseando o martelo nos pregos, sem errar uma vez sequer, e sem demorar muito para isso. – Se eu estivesse no seu lugar, se ainda sobrasse um único

PERIGOSAS ACHERON

dedo seria muito.

Sentei ao seu lado, abraçando os joelhos e pensando numa maneira amigável de continuar o assunto sobre Sara. Eu teria que trilhar o caminho com calma e cuidado. E discutir estava longe de ser a forma mais correta pra isso.

- Você tem razão – ele levantou a cabeça, desentendido. – Você causa um belo impacto nas mulheres, mesmo. Ela parecia ter visto um fantasma.

Ele não acusou o programa de assombração. Que bela equipe Scooby Doo nós duas formávamos, também. Eu não me sentia mais segura que ela segundos atrás.

- Sara sempre foi esse filhotinho desamparado, não é?

A crueldade por trás da sentença me tocou. Pensei em argumentar, mas ele estava certo. Ela era aquela bonequinha de porcelana que dava vontade de pegar no colo. Se não a acolhessem, ela desabaria de encontro ao chão, se espatifando em

PERIGOSAS ACHERON

pedaços.

- Nós não duraríamos, de qualquer forma – afirmou.

- Por quê? Não comprava pipoca pra ela?

O canto da boca de Danny se ergueu ligeiramente. Uma paz me dominou.

- Acho que tenho cheiro de pipoca impregnado até hoje. Dá uma fungada – ele ergueu o braço em minha direção. Atingi suas costelas. Minha nossa, alguém devia proibi-lo de usar aquele perfume. – Algumas pessoas simplesmente não estão destinadas uma a outra. Você só sente isso, como um instinto.

- Acredita no destino, então?

- Você acredita?

Devolvi o olhar. Me recusava a entrar no famoso jogo de Daniel Palacci mais uma vez.

- Não. As coisas acontecem por um motivo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo depende das suas escolhas. A vida não é modulada antes de nascermos. O moço lá em cima não tem tempo para escrever a história de cada um e enfiar o manuscrito no lençol da cegonha.

- Foi proposital o nosso esbarrão quando estava com a Sara, então? Uma escolha sua.

- Não, você que ativou o turbo e apareceu correndo que nem um louco.

- Não acredita em acasos também.

- É diferente.

- O que me faz lembrar – disse, finalmente largando a madeira. – da sua reação empolgante quando descobriu sobre mim e Sara.

- Estava esperando por um parabéns?

O olhar esperto e o sorriso irônico se intensificaram. Danny estava próximo, apoiado com apenas uma mão na grama. O vento fraco balançava os fios castanhos do cabelo, deixando-o perigosamente atrativo.

PERIGOSAS ACHERON

- O que você pensou?

Um bolo se formou no estômago. Pensei em insultá-lo, em perguntar o que isso importava, mas resolvi ser sincera.

- Eca.

Por algum motivo desconhecido, seu sorriso alargou.

Danny se afastou e se espreguiçou.

Respirei fundo. Num mundo paralelo, talvez existisse um Daniel e uma Sara perfeitamente compatíveis, e apaixonadamente aceitáveis. Mas, nesse, eu nunca me conformaria. A mocinha inocente sempre cai nas garras do badboy, não é? O enredo praxe. Só que eles eram o excesso de cada lado da balança. O excesso de meiguice, o excesso de frieza. Algo muito escuro rondava Danny, algo denso e pegajoso. Ele não precisava admitir para captar. E, ao mesmo tempo, ele tentava fugir e ser aquele garoto de sorriso fácil e irônico. Ser um humano completamente impossível de odiar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Exceto quando ele dirigia o semblante divertido acompanhado de um gesto preguiçoso para mim. Nesses momentos, o alarme de perigo acionava.

- Vem cá – ele disse.

- Pra que? – exigi.

- Apenas venha.

Me aproximei e sentei na grama, de frente à madeira. Danny se moveu, posicionando as pernas em ambos os lados do meu corpo e se inclinou sobre mim.

- Pegue o martelo.

- Ah, você não quer eu faça isso! – exclamei.

- Eu quero, sim. – assentiu, pegando o martelo e pousando-o na minha mão.

- Sério – balbuciei, encarando o martelo. – Se você quer que eu arranque minha mão, é só falar de uma vez por todas.

PERIGOSAS ACHERON

Danny ignorou a súplica, fechando minha mão ao redor da ferramenta, e a cobrindo com a sua. Era grande, forte, áspera, repleta de calos, a unha curta pelo violão e suja.

- Eu só quero que você aprenda para se um dia precisar.

Ele exerceu força com a barriga para que eu endireitasse a coluna numa posição ereta. Sua mão estava pegando fogo sobre a minha que congelava.

- Claro. Porque se eu sobreviver, com certeza vou martelar a sua cabeça.

Sua risada soou agradável em meu ouvido, e não pude deixar de sorrir junto, apesar do embrulho no meu estômago.

- Preste atenção – avisou, movendo minha mão para onde um prego já estava posicionado numa das madeiras ligada a outra. Tentei me focar no objeto pequeno, engolindo a seco. – Mire – ele levantou um pouco nossas mãos juntas, enquanto posicionava a outra segurando firmemente o prego. Eu estava tremendo por inteira, sem saber se pelo PERIGOSAS ACHERON

medo de acabar com a vida dos meus dedos ou se pelo calor intenso transmitido dele. – E acerte – num movimento rápido e sem aviso prévio, ele agitou nossas mãos em direção ao prego como uma bomba sendo jogada.

Eu dei um pulo, de olhos arregalados, ao constatar que tudo estava inteiro ainda. Mas me irritei quando percebi algo.

- Não é justo, você fez tudo! – reclamei, indignada. Ele ainda estava segurando minhas mãos, e a sensação não era totalmente desconfortável.

- Você realmente achou que eu te deixaria fazer sozinha? Não tenho seguro de vida ainda – ele retrucou, as largando e se afastando.

Eu girei nos calcanharsa fim de bater nele, mas eu estava rindo demais para levar a sério. E o mais surpreendente é que Danny também estava.

Se eu for ligar para o que é que vão falar

PERIGOSAS NACIONAIS

Não faço nada...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Um momento quase perfeito, inocente em seus defeitos

Tudo que é bom dura pouco e não acaba cedo



Passamos a tarde inteira na praça conversando e trabalhando em cima do nosso projeto revolucionário. Daniel trabalhou, pelo menos. Ajudei o máximo que pude: Segurando um prego aqui, puxando grama de lá, dando petelecos em formigas de cá. Eu e Daniel tínhamos isso em comum. Preferíamos trabalhar por conta própria e ter alguém observando ao invés de atrapalhando, então foi isso que fiz. Por horas, acompanhei Danny martelando meticulosamente e construindo pouco a pouco seu sonho marítimo. Enquanto isso,

PERIGOSAS NACIONAIS

botei meu plano de detetive em ação. Imaginei que fosse precisar de todo meu doutorado em Law & Order, mas acabou sendo mais divertido e pacífico do que isso. Falamos sobre nossos filmes favoritos, sobre qual banda dos anos 80 era a melhor, sobre nossa falta de cultura em esportes e sobre como ele se sentia parecendo um cachorro molhado de tão suado que estava.

No final da tarde, nossos estômagos batiam um papo mais alto que os trovões acima de nós, portanto o levei até minha casa para fazermos um lanche.

- Eu poderia beber mais que um camelo nesse momento.—exclamei, escancarando a geladeira.

- Não mais que eu – disse Danny.

Logo esvaziamos as garrafas de água gelada e sentamos. Danny se recostou à cadeira e ergueu a cabeça, de olhos fechados. Subi na bancada e imitei sua posição, numa respiração profunda. A ausência de palavras era tão reconfortante e adequada à nossa exaustão que não sei definir quanto tempo

PERIGOSAS ACHERON

passou até Danny tomar a iniciativa.

- Aliás – disse ele, ainda se recompondo. – você não me contou se aceitaram doar os brinquedos para você.

Esbocei um sorriso de descrença.

- Sabe que gastou sua energia a toa, não é? – abri os olhos e encontrei toda a atenção de Danny fixa em mim. De repente, senti falta dos pregos para distraí-lo de mim. – É claro que aceitaram.

Sua cabeça balançou em um assento silencioso.

Hidratados e revigorados, a brisa vinda da porta aberta da cozinha nos lembrava do quão gelado o tempo estivera lá fora desde o início. Eu devia levantar e fechar a porta para nos manter aquecidos, mas estava paralisada. Algo em seu olhar era ameaçador.

- Posso perguntar uma coisa? – Danny inquiriu, vindo em minha direção.

Ele colocou o que segurava em cima da mesa e
PERIGOSAS ACHERON

limpou as mãos molhadas na camisa. Meu coração acelerava a cada passo que ele dava e ficava mais próximo de mim.

- Eu queria ter perguntado antes, mas... – ele parou no meio das minhas pernas largadas meio abertas e pousou uma mão ao meu lado na bancada, fitando meu rosto cuidadosamente. Então encostou a outra mão na minha bochecha, quase a acariciando. – O que aconteceu aqui?

- Ah – balancei a cabeça e afastei brutalmente sua mão de meu rosto.

Ele não se ofendeu, nem insistiu, mas o olhar penetrante continuou a devorar minhas entranhas. O local onde sua mão pousou fervia enquanto o resto do corpo estremecia. Soltei a respiração devagar e murmurei.

- Não foi nada. Eu bati sem querer.

- E ficou vermelho desse jeito? Você andou participando do UFC e nem me contou?

- Bom, não posso revelar minhas habilidades

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pra qualquer um. Te derrubaria com um dedo.

- É mesmo? – ele lançou a outra mão contra o móvel, me prensando no lugar.

Não tinha como fugir. Pensei em lhe dar uma cabeçada, mas sabemos quem acabaria com uma hemorragia cerebral.

Ele estava tão perto. Seus lábios ainda úmidos. Seu hálito refrescante e tentador. Seu nariz quase esbarrando no meu. Seus olhos tão fundos...

- Você está cansado – constatei.

- Não para suas ameaças.

- Podemos lutar outro dia, que tal? – muito relutante, me desvencilhei dele. – Tem que ser uma luta justa, afinal.

- Tão valente e já amarelando – disse ele, despretensioso.

Insultada, ergui um dedo em sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Fique aqui. Preciso me trocar antes de acabar com a sua raça.

Eu precisava da maior distância possível entre mim e Daniel, na verdade. Do tipo do Sol até Plutão. Não existia a opção de perder o controle ao seu lado, e eu estava na beira do abismo pra isso.

Em direção às escadas, avistei o violão de Matt repousado na poltrona da sala. Havia quase uma semana que Daniel e sua voz estonteante estivera no quarto do meu irmão, o que me lembrava que Matheus estava naquele exato momento ensaiando na casa de Henry. Porque Danny estava ali, comigo, ao invés de com eles? O fato de ele se manter em silêncio a respeito da entrada na banda justamente do *meu irmão* me perturbava. Eu precisava sondá-lo. Não havia razão em esconder algo que eu facilmente descobriria por outrem.

- Na verdade – disse, retornando à cozinha. – você está um desastre. Suba comigo. Você pode se limpar e pegar uma blusa do meu irmão emprestada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Danny olhou para a própria camisa encharcada de suor. Ligeiramente desconfortável, ele acenou para a porta.

- Não se preocupe. Já estou de saída.

- Ah, qual é. Que louco recusaria um tour pela casa dos Morelli? – soltei um sorriso convidativo. – Ou só tem graça entrar aqui quando você está invadindo?

- Que descaso com o cara que está construindo um navio pra você.

- Partindo da lógica que o navio é *meu* só pra que você possa invadir...

- Acho que não – lamentou. –, o navio é só para as crianças.

Cerrei os lábios. Esperei o ódio irradiar, mas ele me traiu. Meu sorriso só intensificou o olhar esperto de Danny.

- Você é terrível. Porque não levanta logo essa bunda de adulto invasor e vem comigo antes que eu
PERIGOSAS ACHERON

desista da oferta?

Cedendo, Danny me seguiu até o quarto onde o encaminhei até o banheiro com a camisa em mãos.

Respirando fundo, chequei o celular. Sem mensagens dos meus pais ainda no trabalho, ou de Matt contando como andava o ensaio na casa de Henry, e muito menos de Sara.

Eu estava preocupada. Ela saíra atordoada, e eu gastara tempo demais distraída. Tratei de abrir a conversa com ela e mandar uma mensagem perguntando se estava tudo bem.

Sentei na cama, escutando a água da torneira cair. Danny agira como se aquele quarto pertencesse a um desconhecido, e não ao vocalista de sua nova banda. Será que existia uma chance remota de eu ter me enganado? Poderia arriscar e interrogá-lo sobre suas habilidades musicais, mas o que isso provaria? Que ele era um mentiroso? Não, poderia ser outra coisa. O círculo de pessoas que conheciam o trabalho de Matheus era pequeno. Eles não se apresentavam em eventos ou pela rede

social através de vídeos. Eles eram reservados, preferiam manter sua imagem até que arranjassem um contrato. E, acima de tudo, Matt era inseguro. Ele raramente mostrava suas canções pra mim e, quem sabe, esse fosse o caso também de Danny. Ao menos era o que eu esperava.

Se quisesse levar a sério o papel de Sherlock Holmes, eu precisava trilhar meu caminho até Danny com calma. Precisava respeitar seu tempo. Precisava fingir acreditar nele. Precisava *acreditar* nele.

Um peso fez a cama afundar. Sobressaltei.

Danny estava ao meu lado reluzindo o oceano de seus olhos em minha direção, com um súbito sorriso se formando nos lábios. Eu estava preparada pra explicar que estava ocupada demais encarando a tela preta do meu celular para perceber sua aproximação, quando notei a camisa verde de Matt estendida em sua mão.

- Só invado, não pego coisas emprestado. Mas obrigado.

Não reclamei. Ele ficava perfeito de xadrez.

Levemente atordoada, constatei que Sara havia visualizado a mensagem e a ignorado. O horário de retorno dos meus pais estava próximo e era melhor Daniel ir embora.

- Um alçapão? Sêrio? – perguntou Danny quando alcançamos o corredor. Acima de nós uma cordinha balançava discretamente.

- A casa é velha – dei de ombros.

Ele permaneceu fitando atentamente o teto. A extensão inteira do teto fora pintada de branco e reforçada na região onde pendia a corda. Com o passar do tempo, a tinta descascara e os traços que moldavam a porta se tornou mais evidente.

- O que tem lá em cima?

- Não é da sua conta.

Ele cravou o olhar em mim. Tinha certeza que eu estava irradiando raiva, e ainda assim seu ar era de prazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

- É ali que te prendem quando você fica com essa cara mortal, é?

O soquei no braço.

- Ei!

E o soquei no peitoral.

- Qual é, princesa.

E o soquei na barriga.

Danny gemeu e tropeçou para trás. Preparei os punhos para mais um golpe, mas ele os segurou.

- Ainda tenho as pernas livres – avisei.

Danny arqueou a sobrancelha, se divertindo.

- Não achei que era para levar a luta a sério. Estou em desvantagem aqui.

Ameacei levantar os joelhos quando ele me virou numa agilidade impressionante e prendeu meus braços com o corpo. Ele ainda estava

PERIGOSAS ACHERON

desprotegido, mas não parecia preocupado, assim como minha vontade de trucidá-lo havia diminuído.

- Porque tanta raiva? – sussurrou suavemente em meu ouvido. – De mim ou do que vive lá em cima?

Vive.

A resposta perturbadora em minha mente foi mais poderosa do que a que devia ter dado.

Ele não precisava saber a respeito das paranóias do meu pai. Não precisava saber que, originalmente, aquele espaço da casa fora projetada no objetivo de servir como um abrigo. Saber que, em uma noite, o alarme fora acionado por engano e meu pai nos prendeu naquele lugar escuro e pavoroso pelo dia inteiro até se convencer de que estávamos a salvo.

Minha mãe, uma mulher estratégica e de pensamento lógico, não se deixou abater. Ela nos deixou chorando num canto, dirigindo um olhar preocupado de vez em quando em nossa direção, mas na verdade ela só estava avaliando se a mesa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de costura caberia naquele espaço.

- Ambos. Me solta.

- Não até ter certeza de que você não vai me matar.

Seus lábios roçaram levemente em minha pele e me amaldiçoei por arrepiar.

- Vai ter que arriscar.

- Só se você me mostrar o que tem lá em cima.

Suspirei.

- Não é nada demais.

- Não acredito nisso.

- Deveria. É abominável. Você vai ter desejado nunca ter invadido essa casa.

Ele soltou uma espécie de risada e apertou delicadamente minha mão antes de me soltar.

PERIGOSAS ACHERON

- Me mostre.

Abandonando a dignidade que me restava, pulei até alcançar a cordinha e puxá-la. A escada era curta e íngreme. Logo estávamos no andar que me causara tamanho pavor quando criança.

Eu sabia que havia exagerado. Apesar de terem conhecimento da existência do alçapão, minhas amigas nunca tiveram curiosidade em se aventurar pelo lugar. Quando minha mãe convenceu meu pai de que o espaço era largo e perfeito para acomodar suas obras, ele permitiu que trabalhássemos lá. Tive de abandonar os calafrios que as recordações ainda provocavam quando aceitei que minhas peças haveriam de ser produzidas ali. Nada faria minha mãe mudar de opinião. Nos dias em que as meninas experimentavam as roupas, levávamos o que precisávamos para a sala no final do corredor.

Saber que alguém estava prestes a entrar naquele lugar era o mesmo que me sentir nua. Como se ao colocarem o pé sobre o piso gelado, sentiriam eu e Matt tremendo. Como se ao respirarem o ar, ouvissem a lamúria de duas

PERIGOSAS NACIONAIS

crianças assustadas com a escuridão e com o monstro que o pai havia se tornado. Porque nenhuma pessoa que supostamente estivesse no andar de baixo seria capaz de aterrorizá-los mais do que o próprio pai.

- Rebecca, isso é... — Danny recuou, desconcertado.

- Eu sei.

- Vestidos. Um mar deles.

Concordei.

- Essa é a famosa sala de costura de Natasha Morelli.

- Preciso me sentar — disse ele, exasperado.

- Ataque de fã?

- Não são todos que recebem esse tour, não é? Preciso cumprir o meu papel.

Virei o rosto para esconder o riso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Contornando uma das araras, corri a mão pelos vestidos embalados em plástico, pensativa. Daniel pareceu perceber a distração, pigarreando.

- Então... Qual a história desse lugar?

- História? – murmurei.

Danny esticou os braços sobre os joelhos, tão confortável quanto poderia estar no chão de um alçapão.

- Isso. Tudo tem uma história. A grama crescendo lá fora, a banda em sua camiseta, os furos nas suas palmas. – levantei as mãos. Não é que elas ainda estavam espetadas mesmo? – O *nosso navio* tem uma história em desenvolvimento. Cada vestido desses carrega uma memória. Existem cerca de quinhentas lembranças só aqui dentro, imagino. Então, qual a história desse lugar?

Engoli em seco. Tentei controlar o tremor na base do estômago, sabendo que ele se referia ao lugar como a sala de Natasha Morelli, não como o alçapão que abrigou seus filhos assustados um dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não é uma história longa, na verdade. – dei de ombros e me joguei ao seu lado. – É o único espaço que encontramos na casa para guardar os vestidos de minha mãe.

- Antes do desfile?

- Sim. E depois, também. Essas peças são extremamente valiosas. As pessoas dariam o rim por um vestido exuberante desses, então nós revendemos por um preço considerável, já que são usados.

Um breve silêncio se instalou e descansei a cabeça na parede, escutando as primeiras gotas de chuva reverberando. A claridade há pouco se extinguiu e uma penumbra agradável caía sobre nós.

- Aquela é a sua mesa de costura? – indicou com a cabeça para a esquerda.

- O que? – o encarei, os olhos semicerrados.

- É você quem a ajuda, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Danny estava igualmente encostado, a cabeça inclinada em minha direção. Sua voz era terna, suplicante, um farol no meio do dilúvio. A mensagem em suas palavras foi clara, aquecendo meu coração instantaneamente. *Eu sei.*

- Porque você deduziria isso?

- Essas centenas de vestidos? – questionou, me incitando a verificar. Não desviei o olhar do seu. – Ela não poderia fazer sozinha. Existe um pedaço de você em cada um deles, Becky.

Aquela sala subitamente pareceu apertada. O ar não chegava em meus pulmões na mesma proporção, e algo na constatação dele me alarmou. Se ele era capaz de identificar minha participação na construção dos vestidos, qualquer um poderia. E embora eu não gostasse da falta de reconhecimento, se fosse para alguém contar da minha assistência, esse alguém seria a minha mãe, e mais ninguém. Nem eu mesma tinha o direito disso.

- De repente você virou um especialista em moda, então?

PERIGOSAS ACHERON

Danny suspirou.

- Tudo bem. Não vou insistir.

- Eu sabia que aqueles socos iam valer alguma coisa.

Levantei antes que eu abrisse a boca e dissesse o que não devia. Eu estive por um triz de contar a verdade.

Uma mão puxou meu braço. Daniel abriu um sorriso.

- Não vou insistir porque você vai me fazer um favor em troca.

Inspirei. Expirei.

- Olha, eu não sei de onde você tirou que eu *devoa* você, mas eu vou sair por aquela porta antes que eu resolva tacar o protótipo de navio inteiro na sua cabeça.

Daniel me puxou novamente. Se esse era o *não insistir* dele, eu definitivamente ia passar longe de

dar motivos do contrário.

Estava preparada a chutá-lo alçapão abaixo quando sua voz me paralisou.

- Desfila pra mim.

- *O quê?*

Ele estava em pé num segundo. Todo poderoso e decidido.

- Bom, se a coleção não é sua e vai ser revendida de qualquer jeito, não há problema em experimentar.

- De jeito nenhum!

- Rebecca – Danny cerrou os lábios, varrendo as fileiras de peças com um olhar incômodo. – Eu vou ter pesadelos a noite inteira com esses vestidos por sua causa. Me dê ao menos uma lembrança boa.

Abri a boca, pasma. Eu tinha todos os argumentos na ponta da língua que desvaneceram assim que sua súplica desabou sobre mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não – balbuciei.
- Por favor.
- *Não!*
- Se bem que esses vestidos que *você* fez...
- Inferno! – bufei. – Eu desfilo!

Virei de costas a fim de evitar seu sorriso vitorioso. Ia fazer aquilo pelo segredo da minha mãe e um dia ela ainda me agradeceria. Ah, como agradeceria!

Por onde eu começaria? Que vestido escolher? O mais brega pra que ele saísse do meu pé, o mais elegante pra deixá-lo de queixo no chão?

Considerando que as roupas eram construídas para *modelos*, eu poderia arranjar uma desculpa fácil de que nenhum deles servia em mim, mas talvez existisse um curto que se ajustasse perfeitamente ao meu corpo. E eu sabia exatamente qual era.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O remoto pensamento de ter Daniel separado da minha pessoa desnuda por uma única cortina fina me deixou apreensiva. Não poderia deixá-lo perambulando a esmo pela sala.

Foi quando eu tive uma ideia.

Me virei e juntei as mãos.

- Mas só com uma condição.

Daniel suspirou.

- Essa barganha não tem fim.

- Você também terá que desfilar.

Danny me analisou atentamente. Se ele estava procurando pela piada, não ia encontrar tão cedo.

- Tem certeza?

- Sim.

- Posso acabar sendo irresistível de vestido.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei os olhos.

- Também faço ternos. Alguns deles estão aqui, por acaso. Que sorte a sua.

- Que sorte a *sua*. Definitivamente eu fico irresistível de terno.

Usei todas as minhas forças para não revirar os olhos novamente.

- Trato feito. E depois você vai esquecer que esse dia existiu.

- É claro, princesa.

Saí atrás das roupas antes que ele soltasse alguma gracinha contendo alçapão, vestido ou conto de fadas. Ele me lembrava tanto o Nicholas e suas provocações. Por pouco não comentei isso. Não podia dar com a língua nos dentes justamente com a descoberta da banda. Uma informação da qual ele não tinha conhecimento que eu sabia.

E que ideia idiota foi aquela? Terno? O que eu queria, passar vergonha em conjunto ou passar mal

PERIGOSAS ACHERON

com a visão daquele suposto assassino com algo além de xadrez?

Toda a situação estava absurdamente errada.

Não me prolonguei na procura do vestido e do terno. Queria terminar rápido aquela brincadeira. Daniel ia ter o que pediu e enfim eu poderia chutá-lo da minha casa.

Nota: Nunca convidar estranhos com idéias mais estranhas ainda pra dentro de casa. Jogue uma garrafinha de água pela janela para não ser acusada de matá-lo desidratado e o mande dar o fora.

Fui para um vestiário e Daniel foi para o outro.

Pendurei o vestido no cabide e, com muita relutância, deslizei o zíper da capa transparente, revelando um vestido azul marinho. Não era um dos melhores que eu havia feito, mas sem sombra de dúvidas, era extremamente lindo e delicado. Tirei a roupa rapidamente, me apressando a colocar o vestido, e só então colocando minha roupa nos devidos cabides. Ajeitei o vestido em meu corpo e constatei que de fato não precisaria de reparo

PERIGOSAS ACHERON

algum. Ele caíra como uma luva, como se eu tivesse feito pensando em mim mesma.

Balancei a cabeça afastando o pensamento e me fitei no espelho. O vestido possuía alças grossas e alongadas, caindo abaixo de ambos os ombros. O decote era bem ousado, o que faria um colar cair perfeito no colo. Depois, o vestido se alinhava ao corpo, se ajustando agarrado principalmente na cintura, onde havia uma frágil flor na lateral enfeitando num tom um pouco mais claro, como contraste. Um pouco acima do joelho, o vestido se inclinava, deixando a mostra o resto da perna esquerda, e um pouco abaixo do joelho da direita, aonde a barra chegava a arrastar ligeiramente no chão. Foi necessário vários ajustes neste vestido em especial para a modelo, pois não o considerava propício para um desfile, e sim para uma festa casual. Ele era sofisticado e leve. Qualquer fator externo o atravessaria com facilidade. Vento, frio, o toque de uma pessoa. Era o que posso chamar de um vestido *sensível*.

Por um momento, imaginei como seria usá-lo num evento de verdade. O adjunto de uma

maquiagem apropriada, uma pulseira delicada nos punhos, o cabelo preso num penteado. Meus fios ruivos estavam revoltos, como sempre, e eu devia estar parecendo uma leoa com a juba, mas não liguei. Eu me sentia verdadeiramente bem com meu reflexo, com a menina me encarando de volta, tentando disfarçar as borboletas que percorriam desenfreadas seu estômago. A menina estava orgulhosa. Da obra prima em seu corpo, do efeito que lhe causava. Era algo lindo de ver em seus olhos verdes.

O início de uma música vinda do outro lado da cortina me trouxe de volta à realidade. Daniel já devia estar pronto e com meu ipod em mãos. O deixara na mesa de costura da última vez que estive lá e logicamente Danny o tomou para vasculhar minhas músicas. Não sabia decidir se era um sinal positivo a troca de canção a cada cinco segundos. Ou ele era absurdamente impaciente, ou ele estava curtindo tanto que queria ouvir todas de uma vez, ou estava tão enojado que trocava a procura de uma realmente boa. Mas humildade a parte, eu *sabia* que meu gosto musical era ótimo.

Repentinamente meu corpo se tornou consciente da presença de Daniel. Sentindo os ombros tencionarem, eu me forcei a relaxar, ignorando o silêncio que se instalara. Ele era bem chatinho mesmo com música.

Olhando para baixo, percebi que as meias ainda abrigavam meus pés, estragando o conjunto. Os tirei e os deixei de lado. Lá estava eu, mais baixinha, mais nervosa.

Mordi os lábios, escutando Higher do Creed dar início sem interrupções. Ele estava escolhendo a música ideal para o desfile, então. E que escolha, Daniel Palacci! Apesar de ser rock, era tranquila e favorável ao momento.

Sem mais delongas, eu abri a cortina. Mesmo porque, se meus pais chegassem, eu enfartaria. Ali mesmo.

Quando sonho, sou guiado para outro mundo

Várias e várias vezes

No amanhecer eu luto para continuar dormindo

Porque eu não quero deixar o conforto desse lugar

Porque existe um desejo ardente, uma ânsia de escapar

Da vida que eu vivo quando estou acordado

Daniel estava encostado perto ao espelho com um pé apoiado na parede, olhando para cima e cantando em voz baixa a letra da música. Quando ouviu o som da cortina abrindo, instantaneamente me fitou. Prendi o ar, saindo do vestiário para que ele pudesse me ver direito.

Ele não demonstrou uma grande reação, mas captei o momento em que ele engoliu a seco, me analisando minuciosamente, começando por meu cabelo e descendo vagarosamente até minhas pernas.

Eu desejei que minhas bochechas não
PERIGOSAS ACHERON

estivessem vermelhas pelo tanto que estavam ardendo, além do meu corpo que tremia por dentro.

- Desfila pra mim – pediu, a voz quase inaudível por causa da música.

- Provar o vestido não é o suficiente? – arrisquei.

- Não.

O sorriso tinha desaparecido de seus lábios e sua expressão era quase vazia. Senti uma urgência de correr de volta para o vestiário e rasgar cada pedaço do vestido, mesmo que ele não tivesse culpa. Uma insegurança incômoda me atingiu e permaneci no lugar, imóvel.

- Foi o nosso trato, lembra?

Parte do meu choque era proveniente de sua aparência. Era de se imaginar que Daniel ficasse impecável de terno. Ele parecia mais alto, poderoso. Seus olhos ganharam um tom escuro, sombrio, e seu porte era quase assustador. Eu via um homem de poses, um homem ganancioso e

PERIGOSAS ACHERON

caloroso. Ele não era nada daquele Danny caipira de olhar gozador e gentil. Mas eu tinha de admitir que gostava dessa versão nova dele. Um Daniel sério, desafiador, grande. Aquela sala inteira era Daniel.

- O que eu não me lembro é de ter dado permissão pra vasculhar o meu ipod! – exclamei, levemente sem ar. Nessa hora, eu agradeci por não estar com um salto, pois já teria cambaleado. Eu estava desnorteada e precisava de um foco para não perder o controle da situação. E a raiva era a minha melhor amiga.

- Não seja rude. – ele deu impulso para frente com o pé apoiado, vindo calmamente na minha direção. A tranquilidade que ele agia comigo me irritava. *Tudo* nele me irritava. E ao mesmo tempo fazia meu coração bater insanamente. – Você tem um ótimo gosto musical.

- É claro que tenho. Você não arriscaria ganhar mais socos dizendo o contrário.

Danny parou próximo, mas não perto o

bastante. As palmas de minhas mãos soavam como um riacho. E eu era a bóia sendo arrastada pela correnteza.

Levantei a cabeça. Ele era muito alto – e eu muito baixa –, mas a futura dor na coluna não o impediu de me encarar. Ele não distanciou os olhos de mim por nem um segundo, registrando cada detalhe. Seu semblante não carregava nem um pouco de diversão.

- Eu não vou desfilar, Danny.

Ele apenas sorriu.

Curvando-se formalmente, Danny abaixou a cabeça e estendeu a mão. Eu segurei o riso, desistindo de contrariá-lo e pegando em sua mão.

Danny se reergueu e caminhou para trás, me puxando com ele. Ele levantou o braço, me guiando pelo pequeno espaço. Se fosse para desfilar, então que fosse direito. Pousei a outra mão na cintura, endireitando um pé na frente do outro a cada passo, erguendo a cabeça e a postura. Demos uma volta completa nesse ritmo até ele me rodopiar no centro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e o jogo mudar.

Danny pousou a mão sobre a minha e a levou até seu ombro. Ao largá-la, ele percorreu a extensão do meu braço até encontrar minha cintura e circundá-la gentilmente. Surpresa e embalada pelo momento, abaixei as nossas mãos que estavam elevadas e entrelacei nossos dedos. Ele pareceu contente por tê-lo correspondido, dando um passo para trás, outro para frente, e me levando com ele.

Apesar de que eu gostaria que nosso mundo mudasse

Isso me ajuda a apreciar

Aquelas noites e aqueles sonhos

Mas, meu amigo, eu sacrificaria todas aquelas noites

Se eu pudesse fazer da Terra e dos meus sonhos os mesmos

PERIGOSAS ACHERON

A única diferença é

Deixar o amor substituir todo o nosso ódio

- A intenção não era desfilar? – perguntei, deixando o cabelo cair nas costas ao erguer a cabeça e encontrar seus olhos intensos.

- E nós fizemos isso. Agora, está me concedendo a honra de dançar com você. – respondeu, roçando os lábios em meu ouvido. Logo, sua voz rouca e baixa começou a cantar.

Ofeguei. Se eu gostara da sua voz antes, aquilo era muito melhor.

Fechei os olhos, dançando conforme a música e permitindo que ele me levasse para outro mundo. Eu poderia dormir com aquela voz cantando para mim todas as noites. Eu queria me agarrar àquele momento, àquelas duas pessoas tão diferentes e tão iguais, àquela sensação de que não existia ninguém além de nós. Só eu e Danny, rodopiando um nos braços do outro, duas almas danificadas

PERIGOSAS ACHERON

encontrando a paz.

- Becky – sussurrou Danny.

Relutante, aumentei a distância entre nós para poder respirar. Seu perfume estava a ponto de me enlouquecer.

Danny indicou meu vestido com a cabeça.

- Você está linda.

Enrubesci. De certa forma, eu estava acostumada com elogios devido à fama de minha mãe, mas aquelas palavras vindas de Daniel Palacci era outra coisa.

- Você também não está nada mal, todo gangster e tal.

Danny sorriu. O primeiro sorriso de verdade isento de maldade e segundas intenções desde o download da nova versão dele.

- Gangster e ótimo companheiro de dança. Fala sério.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não deixe o ego subir à cabeça. Sua voz pode ser aturável e tudo mais, mas para por aí.

- Mesmo? – ele pigarreou e agitou os dedos na minha cintura, causando um breve espasmo em mim. – Foi a minha voz aturável que te fez tropeçar umas três vezes?

- Talvez. E essa música – suspirei pesadamente. – Eu amo essa música.

Vagarosamente, fomos diminuindo os passos. Os raios continuavam firmes, disputando pelo som mais alto, mas a canção rodava sozinha pela minha mente, me preenchendo com uma súbita calma e alegria.

Quando voltei a atenção à Danny, ele me fitava faminto. O homem perigoso e ardente estava de volta.

- Você deve estar cansada de conduzir a dança.

Antes que eu pudesse responder, ele me girou e perdi o equilíbrio, indo direto ao chão, se não fosse por Danny me segurar com uma incrível facilidade

PERIGOSAS ACHERON

por um braço só. Ele foi me levantando sem pressa, vagando o olhar pelo meu corpo como se estudasse e devorasse cada pedacinho dele.

Em um movimento ágil, ele me colocou em cima de seus pés e passou a caminhar no ritmo suave da música. Sem opções, entrelacei os braços em torno de seu pescoço. Ambas as suas mãos me seguravam pela cintura, uma delas correndo pelas costas como se explorando o local, conhecendo suas dobras e formas.

Inconscientemente, alcancei um cacho pendendo de sua nuca e o enrolei nos dedos, que por sua vez esbarraram na pele de Daniel. Pode ter sido minha imaginação, mas o senti arrepiar.

Eu devia falar alguma coisa. Dizer que além de ótimo, ele era um dançarino louco. Que estava na hora do show terminar, que havíamos dançado pelo ano inteiro, que eu estava com dor de barriga, *qualquer coisa*. Mas eu não queria. Eu só queria continuar sentindo o seu toque subindo pela minha espinha traçando círculos, uma dança silenciosa. O vestido era *mesmo* leve, mas acho que eu o sentiria

mesmo se estivesse com quatro camadas de roupa.

Quando ele atingiu meus ombros, arqueei o pescoço para trás num impulso, lhe dando passagem. Mas Danny não se aproveitou. Ele me puxou de volta e então nossos narizes estavam a centímetros de distância.

Prendi a respiração, perdida no mar diante de mim. Ainda era ele, o Danny misterioso e poderoso, mas também era muito mais. Havia uma mistura de emoções que eu nunca pensei ser capaz de ver em alguém. Insegurança, desejo, determinação. Talvez ele fosse um reflexo preciso meu. Mas naquele momento... Naquele momento eu não era dona de mim mesma.

Você pode me levar mais alto?

Para um lugar onde os cegos veem?

Você pode me levar mais alto?

Para um lugar com ruas de ouro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Nas alturas eu sinto como se vivesse pela primeira vez

Ainda lá em cima eu sou forte o bastante para pegar esses sonhos

E torná-los meus

Meu celular começou a tocar num volume acima da música ainda tocando no ipod. Eu despertei, pulando de cima de seus pés e o empurrando pra longe.

- É melhor você ir embora, Danny – pedi, respirando arfante.

O que eu mais queria era voltar ao seu calor, seu corpo contra o meu. E eu me odiava por essa atração.

Danny assentiu, ligeiramente perturbado, e eu lembrei que estava com a chave no bolso da calça. Corri até o vestiário, pegando a chave e conferindo no celular a chamada perdida: Mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Congelei, me apressando a acompanhá-lo até a porta. Logo ela voltaria, e isso podia ser questão de meros minutos. Destranquei a porta, dando espaço para ele sair e corri escada abaixo até a porta da frente.

- Sua mãe? – perguntou ele, entendendo meu estado de desespero.

Eu assenti, querendo que ele fosse embora o mais rápido possível. Mas ao mesmo tempo, não querendo. Ele sorriu sem vontade, parando na frente da porta. Porque ele tinha que sempre complicar as coisas?

- Becky... – ele começou, mas foi a minha vez de interrompê-lo.

- Danny, eu não quero ver seu rosto destruído caso meu pai chegue a qualquer instante – disse.

Ele sorriu de verdade, dando um passo a frente.

- Eu só ia dizer que devolvo o terno depois – disse ele, balançando sua camisa xadrez e calça nas mãos. – E que deveríamos barganhar mais. – então

PERIGOSAS ACHERON

me deu um beijo estalado na bochecha e partiu.

Assisti Danny desaparecer com seu carro, e ficaria por mais um tempo paralisada ali se o carro dos meus pais não estivesse chegando. E eu num vestido de modelo.

- Você suspeita do que? – questionou Cíntia do outro lado da linha.

Abri a geladeira, procurando algo para comer, mesmo que não estivesse com fome. Já o nervoso, ele sim, me dava muita gula.

- Eles estavam conversando em tom baixo, não pareciam estar brigando ou discutindo, era uma conversa... Civilizada. – falei enquanto pegava uma garrafa de suco de uva e despejava no copo.

- Eu já diria que Daniel pagou para ela ficar quieta. – opinou Ellen com a voz abafada.

- Ellen! – Cíntia a repreendeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha ligado para elas num ato de desespero, pois não conseguia desfazer a imagem de Danny da minha cabeça. Ele poderia ter apagado todas as lembranças ruins que assombravam aquela sala com uma única dança, mas isso não significava nada. Talvez, se eu me focasse no caso de Sara e no motivo de ela ter ido embora tão chateada, minha obsessão iria embora.

- É sério! O que você faria com um cara que te joga para fora do carro e ainda fala “*Desculpa querida, foi para o seu bem*”? – imitou ela, forçando a voz.

Ela tinha razão. E ainda tive coragem de *dançar* com um ser que fez uma coisa dessas com minha amiga. Meu Deus.

- Eu o chamaria para um passeio de carro e faria igual para ele sentir como é. – disse Ellen, vingativa.

- Muito fraco – Gabi resmungou. – Eu ensinaria esportes radicais para ele. Como jogá-lo do penhasco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Gente – cortei-as antes que eu engasgasse de tanto gargalhar junto delas, ignorando o fato de que Danny havia feito um comentário parecido antes. – Vocês não estão me levando a sério.

- É claro que estamos! Você conhece a Sara. Ela pode ser medrosa, mas não deixaria isso quieto.

- Talvez chantagem emocional.

- Ellen, fica quieta, por favor! – implorou Cíntia e troquei o telefone de ouvido.

- Não, deixe-a falar – pedi, parando para analisar a sugestão. – Como assim chantagem emocional?

- Eles namoravam, não é? Ele pode saber de algum segredo valioso dela e usar isso contra a Sara. Do estilo: *Você não vai contar o que aconteceu para ninguém, ou então eu conto o seu segredo para todos.*

- Becky... Você não tem muito contato com ele, certo? – perguntou Gabi, receosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A suposição delas poderia estar correta, visto a reação de Sara. E se Danny realmente tivesse me enganado?

- O que as minhas garotas estão fazendo?

Santo Nick!

Despertei, tentando ao máximo deixar o assunto de lado. Mas, infelizmente, ouvi-lo não era suficiente. Precisava estar na presença de Nick para que ele conseguisse me distrair de toda a confusão na qual eu estava me envolvendo.

- Nick, como se chama mesmo aquele novo integrante da banda?

- Danny... Por quê?

- Danny o que?

Quis matar Ellen mentalmente, pois não tinha necessidade de perguntar. A resposta era óbvia. Aquela voz era inconfundível.

- Danny Palacci.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhava para o meu quarto após desligar o telefone para pesquisar algumas coisas até que vozes altas preenchendo o corredor me alarmaram. Eu estava tão dispersa em meus devaneios que todo o rancor com meu pai ou os homens vigiando nossa casa sumiram. Meu coração acelerou. A ausência de gaguejos indicava que meu pai não estava bêbado. O medo de os ataques violentos acontecerem também enquanto sóbrio era devastador. Mas algo parecia diferente.

Abri uma fresta da porta do quarto deles, focando na conversa.

- Se você fosse mais atento e parasse de beber, perceberia que quase falou o que não devia ontem! – disse minha mãe, andando de um lado para o outro. Uma de suas mãos descansava na cintura, enquanto a outra massageava a testa franzida. Ela claramente estava exausta.

- Está bem, eu *quase* falei, mas não falei. Então esquece isso. Que droga, Natasha! – disse meu pai e pulei para trás quando ele bateu brutalmente na porta do armário. Ele cerrou o punho, prosseguindo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entre dentes. – Talvez se você pensasse duas vezes antes de cometer erros grotescos, nada disso estaria acontecendo.

- Não é culpa minha! Eu fiz de tudo para que ele esquecesse e deixasse o passado para trás. Mas ele é imprudente e insistente – murmurou ela, desabando na cama, com as mãos cobrindo o rosto.

Eu já tinha visto minha mãe mal várias vezes. Mas não desse jeito, e não com outra pessoa que não fosse meu pai. Ele não estava bravo diretamente com ela, e sim com algo que fizeram a eles.

- Ele quer vingança. – disse meu pai após alguns segundos em silêncio, olhando para baixo. Sua cabeça não estava mais enfaixada, contendo agora apenas alguns curativos para proteger e acelerar a recuperação. – Ele quer vingança por tudo que você fez, e por tirar o que pertencia a ele.

- Ele nunca se esforçou para merecer o que pertencia a ele, e ainda ocasionou a destruição de uma vida inocente! – disse minha mãe gesticulando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exasperadamente, indignada por meu pai estar a acusando.

Arqueei a sobrancelha. Qualquer pessoa que viesse à minha memória não caberia naquela descrição. Então do que diabos eles estavam falando, incluindo vingança?

- Não importa.

Meu pai estava vindo na direção da porta, mas não me locomovi. Eu devia me esconder e fingir que não tinha ouvido para evitar discussões, mas permaneci intacta.

- Ter concebido aquele filho foi o seu maior erro. — disse meu pai antes de abrir a porta e paralisar ao me ver ali.

Fiquei boquiaberta, os lábios secos. Tudo estava confuso na minha cabeça, as coisas não se encaixavam. A única conclusão que cheguei é que meus pais estavam omitindo detalhes da minha vida e de meu irmão. Mais do que um dia imaginaríamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Fi... Filho? – gaguejei, sentindo as lágrimas chegarem aos olhos.

Eles abriram a boca, sem saber o que dizer e corri para meu quarto, trancando-o. Me joguei na cama, abraçando o travesseiro e me encolhendo. Solucei, deixando as lágrimas caírem pesadas pelo meu rosto.

Minha mãe tinha tido um...

Um filho...

Com outro homem?

*Por que se preocupar por tão pouco?
Por que chorar se amanhã tudo muda de novo?*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Tem dias que parecem conspiração, portas se fecham

Todos dizem não e nada faz passar a dor de se sentir só mais um perdedor



Meu celular tremeu no bolso alertando que uma mensagem acabara de ser recebida. Era de Gabriella, avisando que em menos dez minutos estariam chegando de viagem.

Movi a cabeça fitando o céu, o arrebol trazendo a escuridão da noite, e encontrei Matheus já dentro do carro à minha espera. Meus olhos estavam mareados, como se estivesse usando óculos e esquecido de limpá-los antes. A tarde tinha sido

melancólica trancafiada no quarto, com a companhia daquelas palavras girando e gritando na minha mente.

Filho.

Um filho.

Escondido por todo esse tempo.

Um irmão.

Decidi não contar para Matheus, pelo menos por enquanto. Já bastava eu tendo de carregar aquele peso no peito.

Meus pais bateram insistentes na porta, mas acabaram – finalmente – percebendo que eu não estava à vontade pra discutir o assunto. Torcia para que ambos tivessem uma ótima explicação para dar. O que eu achava muito difícil.

Matheus perguntou, preocupado, se precisava me levar ao hospital antes que eu tivesse um ataque e não respondi. Ficamos então em um silêncio agradável durante o caminho inteiro. De vez em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando ele me lançava uma olhadela de soslaio, conferindo se eu ainda estava viva.

Aquela história de vigilância, Sara, Daniel, meus pais, provável irmão, tudo estava embolado em minha cabeça, e enquanto nada fosse comprovado, era um segredo sigiloso. Eu não podia enfiar mais ninguém naquela maluquice.

Ao chegarmos ao nosso colégio, esperamos o que pareceu décadas para o ônibus chegar. Logo enxerguei Gabriella, Elena, Nicholas e Cíntia no meio da multidão de alunos dando risadas e fazendo gozações. Depois de quase ter sido esmagada quatro vezes, decidimos visitar Henrique em sua nova casa. No caminho, eles contaram as novidades, animados, e me forcei ao máximo para prestar atenção, mas eu estava muito distante pra isso. Era como se minha alma tivesse ficado presa nos corredores de casa, rodando em torno de si mesma em busca de uma solução.

Ah, como eu queria que existisse um botão para desligar os pensamentos. Minha cabeça ia explodir daquele jeito. E presenciar miolos voando pra todo

PERIGOSAS ACHERON

lado não devia ser nada legal.

- Como vocês voltaram e nem me avisaram? – Henry perguntou ao abrir a porta e percorrer os olhos por todos nós até parar em Cíntia escondida atrás de mim.

- Porque era para ser uma surpresa... – Nick ironizou, fazendo uma careta.

Henry abraçou Cindy e ela retribuiu, sorrindo envergonhada. Nick passou o braço pela cintura de Gabi e a puxou consigo para dentro da casa, sem esperar pela autorização. Senti um clima pesado entre Matt e Ellen e percebi que estava mais do que na hora de eles se resolverem. Dei meia volta e entrei na casa, deixando-os a sós.

A casa de Henry não era nenhuma mansão, cheia de móveis decorados e espaço de sobra. Era bem simples, para ser sincera, mas tinha a cara de Henrique, com as prateleiras da estante cheias de DVDs e CDs, e era bem confortável.

- Que bom que vocês vieram, então! Eu marquei com o Danny de ensaiar um pouco hoje, e

PERIGOSAS ACHERON

assim as garotas também o conhecem. – disse Henry.

Congelei. Gabriella e Cíntia me encararam na hora e um sorriso malicioso brotou dos lábios de Ellen que atravessava a porta.

- Ótimo! Assim conhecemos o tão famoso Danny. – piscou ela para mim, sendo seguida por um Matt emburrado.

Uma música foiacionada no mesmo instante, o som alto vindo da sala, fazendo o chão e as paredes tremerem.

Quando seguimos o som, extremamente curiosos para saber quem era o louco que colocou no volume máximo, me deparei com uma cena inusitada.

Danny estava virado de costas para nós, esticado para alcançar o mouse, e atento ao computador. Logo a música foi trocada para uma eletrônica, soando pelas caixas de som.

Danny se afastou, segurando um copo de
PERIGOSAS ACHERON

plástico na mão. Ele deu um gole no líquido, remexendo o corpo no ritmo da música. Henry entrou no clima, andando pela sala e imitando os movimentos de um robô. Danny percorreu o mesmo espaço, mas ao contrário, levando seu copo de volta a boca e dando leves batidas na barriga. Nick os acompanhou, circulando como um pombo e pegando suas baquetas que estavam em cima de um banco próximo ao computador. Danny o encarou de uma forma seduzível, cantando para ele. Ele forçava suas expressões conforme o que a música dizia, como se ele estivesse experimentando cada sensação, sem deixar de gesticular junto, demonstrando sua frustração com maior intensidade. Ele fechou os olhos, balançando a cabeça e remexendo o corpo de uma forma completamente envolvente.

Ele *definitivamente* não dançara assim comigo no dia anterior.

Começou então a fazer gestos mais específicos, movendo o abdômen e a cintura em sincronia e mordendo os lábios, se segurando para não rir. Nick se dirigiu até ele, batendo as baquetas no ar,

até chegar em Danny e ambos fingirem ser DJs, deslocando os discos imagináveis de acordo com o ritmo. Henry continuava com sua própria dança esquisita, erguendo os ombros e balançando os braços e a cabeça, fazendo sua franja cair diversas vezes, cobrindo seu rosto.

Em determinada parte da música, Danny largou o copo em cima da mesa, oscilando os braços da mesma maneira que Henry, enquanto Nick batia as baquetas uma na outra e virava de costas, rebolando. Em seguida a música partiu para um rumo mais agitado, e eles continuaram pulando, modificando apenas os movimentos dos braços, que agora era para tudo quanto é lado, até Matt se empolgar e, ainda carregando a fúria no peito, pular em cima deles, confundindo com uma roda punk.

Aquela era a cena mais bizarra que eu já tinha visto na vida.

Sentindo que aquilo não ia tomar um rumo adequado e que Danny tinha entrado na onda do meu irmão, corri e pausei a música. Os três reclamaram, menos Henry que permaneceu

pulando constantemente até Cindy puxá-lo pela corrente no pescoço dele e fazê-lo quase cair em cima dela.

- Danny – gritou Matt. Provavelmente o volume tinha estourado seus tímpanos. – Conheça minha irmã estraga-prazeres!

- Olá, estraga-prazeres! – ele entrou na brincadeira, rindo.

Tenho certeza que meus olhos brilharam, pois ele estava agindo tão diferente do Daniel que eu conhecia. Danny vestia uma camisa branca simples colada ao corpo definido, deixando a mostra parte de sua tatuagem, e uma calça preta.

- Porque vocês não formam uma boyband? – perguntou Gabi, os dedos presos no cós do jeans. Saltei até ela, cruzando nossos braços.

- Que excelente ideia! Pra que instrumentos quando temos nosso belo corpo para exhibir? – disse Henry, se abaixando e batendo o quadril no de Matt e o arremessando para o sofá. Elecomemorou por tê-lo acertado, jogando seu peso em cima de um

PERIGOSAS ACHERON

Matheus esparramado no estofado, que grunhiu.

- Grandes chances de não dar certo – comentou Danny, assistindo a cena teatral. – Mas nós poderíamos virar DJs, Nick – ele se virou para Nicholas, que agarrou as baquetas com os olhos arregalados. – E se você recusar, eu juro que espanco sua cabeça com essas baquetas até elas quebrarem. Ou você quebrar primeiro, no caso. – o canto de seus lábios se arqueou num sorriso irônico. Senti Gabi rígida ao meu lado, fincando as unhas em minha pele.

- Como você ousa me desafiar? – disse Nick, fazendo uma pose de ninja, chutando o ar e avançando para Danny com suas baquetas.

- Pressinto que vocês se matarão antes mesmo de fazerem um show de verdade – lamentou Cindy, balançando a cabeça em desaprovação.

- Se isso acontecer, eu ressuscito e os mato novamente! – reclamou Matt empurrando Henry, que tampava sua visão, para o chão.

Não pude deixar de sorrir. Eles eram muito
PERIGOSAS ACHERON

parecidos conosco, visto que no telefone, elas estavam sempre correndo uma atrás da outra, a fim de provocar e irritar. Danny não estava nem um pouco deslocado, era como se ele já pertencesse ao nosso grupo. Como podia uma pessoa mudar de humor tão repentinamente e de acordo com as pessoas ao redor?

Sem muita demora, o que era para ser um ensaio se tornou uma animada conversa. As garotas contavam para Matt e Henry o que ocorreu na viagem, os lugares esplêndidos que haviam visitado e as aventuras que enfrentaram. Nick tinha desistido de atacar Danny, desolado por ele se movimentar rápido e ágil demais.

Disfarçadamente, mas sem cuidado algum, prendi meus dedos no braço grosso de Danny e o puxei para a cozinha.

- Pra que tanta violência, garota estraga-prazeres? – brincou ele, olhando sob os cílios para ajeitar a franja.

- Porque você não me contou? – cerrei os

dentes, pousando as mãos na cintura e involuntariamente batendo um pé no chão repetidamente.

Ele entreabriu a boca, soltando leves risadas.

- Você fica tão bonitinha quando está nervosa, embora seu cabelo pareça estar prestes a pegar fogo, e essa parte não é legal.

Bufei, alcançando a gola da camisa dele e o puxando para baixo.

- Pare de fugir do assunto e me responda!

- Comecei a gostar desse seu lado agressivo – ele sorriu maliciosamente, se divertindo. Eu levantei a mão, mostrando as unhas, e ele se afastou. – Certo, tigresa. Só falarei porque esse não é um local apropriado para você me arranhar.

- Abusado – murmurei.

- Sei que foi bastante estranho um desconhecido aparecer falando sobre algo pessoal seu no meio de uma noite, num banco de ponto de ônibus, e depois

PERIGOSAS NACIONAIS

descobrir que esse desconhecido era namorado de uma de suas melhores amigas. Se eu contasse que tinha entrado na banda de seu irmão, você poderia pensar que eu estava te perseguindo, então preferi que adivinhasse por si só. – explicou.

Aquela era uma justificativa plausível. Porque eu devia desconfiar? Coincidências podem acontecer quando menos esperamos... Assim como a vida pode nos pregar peças.

- Acho que dessa forma foi melhor. Você não se abalou tanto.

- Porque eu já sabia.

Ele franziu a testa e eu o encarei intensamente, procurando vestígios de tensão. Nada além de dúvida.

- Quando você foi ensaiar no quarto de Matt. Reconheci sua voz.

- Ele disse que você não estaria. Por isso nos chamou, já que às vezes o barulho te incomoda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso sim era algo a suspeitar. Meu irmão jamais se importou com isso, alegando ser frescura minha. E, de fato, era só para irritá-lo. Amava escutar as canções de sua banda e cantar junto.

- Bem, de qualquer maneira, você foi descoberto – sorri sem ânimo. Preferi não prolongar a conversa, já tendo obtido o que desejava. – Só te perdoo, pois sua voz é realmente magnífica. Quer dizer, aturável.

- É o que todas dizem – ele sorriu sem perder sua postura de superior e deu um peteleco de leve em meu nariz.

Danny se virou para voltar para a sala e me ergui para bagunçar seu cabelo quando passei por ele. Ele estreitou os olhos e previ uma vingança vindo, então me apressei para a sala, me escondendo no sofá com os garotos.

Todos me encararam com um olhar alarmante: Elas, por advertirem que eu não devia ter ficado sozinha com Danny, e eles, por estranharem minha rápida proximidade com Danny.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele voltou com uma garrafa de coca-cola, dando grandes goles e sem parar. Nós o assistimos acabando com o líquido, boquiabertos. Ele então a afastou do rosto e limpou a boca com as costas da mão, arrotando. Percebendo a gafe, olhou para cada um, ainda com um bigode de coca-cola.

- O que?!

- Você é um ogro, cara – Matt gargalhou.

- Não precisava me magoar, eu já estava indo embora – Danny fungou. Nick mirou uma baqueta, e quase conseguiu acertá-lo. – Falando sério, estou indo. Marquei de encontrar alguns amigos e não posso me atrasar. A arma do Nick não é nada perto do que eles podem usar pra me ameaçar.

Ele coçou a nuca, recebendo olhares esbugalhados. Menos de Henry, que havia retirado o colar do pescoço e agora o jogava para cima. Ele devia ter algum déficit de atenção, não era possível.

- É brincadeira. Eu prezo pela minha vida. Não acerte de verdade em mim agora, Nick, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por essa passa – ele deu de ombros, pegando a corrente de Henrique no ar, que resmungou e se esticou para alcançá-lo.

- Prazer em te conhecer, DJ – falou Ellen gentilmente, se inclinando para frente.

Nick se levantou para abrir a porta e se despedir de Danny, enquanto Henry e Matt ligaram o Xbox para jogar, se posicionando curvados e apoiando os cotovelos nos joelhos. Eu segui as garotas pra cozinha a fim de prepararmos um lanche, o serviço que sempre sobrava para nós. Na verdade, para Cindy, já que ela era nossa cozinheira particular.

- Agora entendo porque a Sara se apaixonou por ele – Ellen se apoiou contra a bancada, abanando o ar.

- Agora entendo menos ainda o motivo de ele ter feito aquilo – murmurou Gabi, olhando para o piso quadriculado, perdida em seus pensamentos.

Abri a geladeira, procurando por algo que despertasse minha fome. Ao menos elas não duvidariam mais dos dons misteriosos de Danny de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos confundir.

- Vocês acham que me enganariam até quando?
– Nicholas entrou como um furacão, seus músculos grossos tensionados, deixando a mostra suas veias pela pele clara. Nos entreolhamos, incompreensivas. – Ouvi suas conversas envolvendo Sara e ele. A não ser que exista outro Daniel Palacci na cidade.

- Não vi necessidade em te envolver nisso – expliquei, dando de ombros e fechando a porta da geladeira atrás de mim.

- Achava que melhores amigos compartilhavam tudo, mesmo o que não tem*necessidade*. – ele deu ênfase na palavra, e eu levei a mão à cabeça. Eu odiava profundamente o drama de Nick. Era meu melhor amigo, mas conseguia atingir o limite da minha paciência.

- Você não conhece a Sara direito e nós não temos certeza se Danny é tão perigoso quanto aparenta – reduzi o tom de voz, o que não foi uma boa escolha devido aos gritos vitoriosos de Matt e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henry, e tive de repetir.

- E pretendiam contar quando vocês passassem pelo mesmo, por acaso?

- Vocês não, *eu*. Elas apenas me coordenam – acenei com a cabeça para as garotas.

Ellen concordou, balançando a cabeça rapidamente. Nick suspirou, coçando a nuca como se repensando no que havia dito.

- Não acham que estão exagerando? – ele forçou uma careta, puxando Gabi pela cintura para seus braços. – Ele pode ser um ogro com os parafusos meio soltos, o que às vezes pode realmente significar perigo, mas não da maneira que vocês estão imaginando. Ele pode ter as próprias razões para ter feito aquilo, e não é obrigado a contar pra pessoas que ele mal conhece.

- E você quer que eu confie como nele? Se ele não tivesse nada a esconder, não se importaria em contar, ainda mais estando na banda do meu irmão e sabendo que a partir de então vai ter de conviver mais ainda comigo.

PERIGOSAS ACHERON

- O Danny é a pessoa mais descontraída que eu conheço, às vezes até superando o nível de lerdeza do Henrique, o que já considero ser difícil. Ele tem aquele jeito de convencido, mas não passa de fingimento.

- Por falar nisso, onde está a Sara? – perguntou Cindy ao ouvirmos estouros e logo senti o cheiro de pipoca exalando no ar.

Nossas opções de comida sempre se resumiam a coisas práticas e, dependendo da nossa força de vontade, brigadeiro de colher. Principalmente em dias chuvosos.

- Não a vejo desde aquela conversa na pracinha.

Permanecemos em silêncio, raciocinando em meio a xingamentos que vinham da sala. Se a princípio Nick parecia o mais preocupado e agitado, agora ele era o mais tranquilo e sereno. Percebendo nossa indecisão, ele se pronunciou.

- Se estão com tanta insegurança, podem tentar ir à delegacia. – o tom de sua voz era sério,
PERIGOSAS ACHERON

autoritário.

- Não era você quem estava defendendo o amigo? – ironizei, bufando e me virando para pegar refrigerante. Era preferível ignorar sua bipolaridade.

- Estou apenas dando minha opinião, mas não tenho direito de intervir, pois a amiga é de vocês e eu não sei de todos os detalhes sobre o relacionamento deles. Se ainda assim o comportamento dele for questionável, nada as impede de tirar as próprias dúvidas ou se sentirem ao menos protegidas.

- Para que? Vai adiantar alguma coisa?

- Espera, espera... – Ellen pediu fazendo gestos com a mão, a boca entreaberta. – Vai com calma! Vocês querem dizer dar queixa na polícia?

- Não temos nenhuma prova contra ninguém – Gabi nos alertou, relaxando o corpo contra o de Nick. – Meu pai é policial e sei que enquanto não tivermos algo concreto, nada vai adiantar. Só será perda de tempo.

PERIGOSAS ACHERON

- Discutir também não vai ajudar a solucionar o caso – Cindy revirou olhos, colocando o pote de pipoca pronta sob a mesa com um pano fino e listrado que intercalava entre a cor branca e vermelha. – Pra começar, vocês têm algum motivo para dar queixa? Porque pelo que eu saiba, nosso foco principal é a preocupação com a Sara pela história que ela contou.

- Esqueçam isso – murmurou Nick, apoiando o queixo no ombro de Gabi. – Se mantenham próximas de Sara, até mesmo para ver se há algo errado com ela além do desconforto de estar relativamente perto de Danny. Se ele cometeu algo sem pensar antes, acredito que não fará novamente. Caso contrário, se ele tivesse a intenção de esconder algum segredo, ele não agiria tão espontaneamente. Agora que ele está na nossa banda, posso garantir a vocês que se eu suspeitar de qualquer coisa, vou avisar. Não precisam se preocupar.

- Só não se esqueça que as aparências enganam, Nicholas. – sorri sem vontade e observei Nick

endurecer.

Costumava chamá-lo pelo nome apenas quando discordava dele ou se estava realmente brava. E no caso, era ambos. E ele tinha plena noção disso, principalmente de que tinha me decepcionado. Em certas circunstâncias, eu confiava mais nele do que em meu próprio irmão, e agora, quando eu mais precisava do seu amparo, ele me dava as costas por um desconhecido.

- Eu já vou indo. Prometi passar em uma loja pra minha mãe e logo vai fechar.

- Você volta depois? – perguntou Ellen, atacando o pote de pipocas. A fome que o cheiro tinha despertado, a tensão tinha conseguido fazer desaparecer.

- Não estou muito no clima de ouvir os gritos de Matt, desculpa. Já basta em casa. – brinquei, e Cindy deu um meio sorriso me puxando pelo braço para a sala, assim pude me despedir de todos.

Gabi insistiu em me acompanhar até a porta e eu não tive como negar, mesmo sabendo que ela

PERIGOSAS ACHERON

me interrogaria até ter certeza que eu estava bem.

- Você está chateada.

Abaixei os olhos, chutando pequenas pedrinhas que estavam na calçada.

- Tão fácil assim de notar?

- Nick não foi muito compreensível.

Assenti, encolhendo os ombros.

- Só queria que ele tivesse se importado mais, ou receber seu apoio, saber que ele está ao meu lado, não de um... Garoto que ele acabou de conhecer e nem pode julgar direito.

- Talvez esse seja o ponto – ela soltou o ar, passando a mão pelo braço para aquecê-lo do frio. – Nós podemos muito menos julgá-lo, então ele não está o protegendo, apenas dando uma chance para que Danny demonstre merecer ganhar nossa confiança.

Cocei a garganta. Havia algo nisso que eu ainda

PERIGOSAS ACHERON

não conseguia engolir e nenhum deles entenderia, pois Danny não agia com eles como agia comigo. Com seu humor sarcástico e imprudente. Só me restava fingir que concordava.

- Talvez ele esteja certo. Precisamos afastar nossa mente dos problemas de Sara, e caso ela necessite de ajuda, estaremos aqui. Mas ver Danny só como o vilão da história não vai resultar em nada.

- Não é somente isso que está me afetando – desabafei, levantando a cabeça para encará-la.

Não aguentava mais guardar isso trancado dentro de mim. Estava me corroendo a cada passo receoso. Já bastava o novo assunto que surgiu a respeito dos meus pais. Eu precisava contar pra alguém antes que perdesse de vez a cabeça.

- Ultimamente tenho tido a sensação de estar sendo vigiada.

- Vigiada? – ela arqueou firmemente a sobrancelha, paralisando as mãos inquietas. – Porque não contou antes? E o que aconteceu

PERIGOSAS ACHERON

exatamente?

- Eu ia. Até desanimar com a contradição de Nick.

A leveza pelo vento calmo e a rua deserta até então foi sumindo nitidamente. Disfarcei o incômodo, correndo meus olhos ao redor, a fim de localizar o motivo daquela sensação. Como se um peso tivesse caído sobre mim, algo muito árduo e repleto de ânsia.

Gabi seguiu o meu olhar e balbuciei, libertando ao menos *um* dos pesos em mim.

- No dia em que briguei com meu pai, eu vi algumas pessoas espalhadas pela pracinha, estudando minha casa. Não consegui identificar seus rostos por causa da escuridão, mas tenho certeza de que não tinham boas intenções.

- Você precisa contar isso pros seus pais – disse ela após alguns segundos em silêncio, empalidecendo.

Ela deu um passo à frente, pegando minhas
PERIGOSAS ACHERON

mãos e as apertando. Suas mãos eram finas e delicadas, porém consistentes. Me transmitiam segurança e tranquilidade.

- Sei que não confia neles, especialmente agora, mas alguém pode estar querendo mal à sua família e vocês estão desprotegidos. Se quiser, posso pedir ao meu pai pra disponibilizar algum segurança que ele conheça...

- Não, não – a interrompi, balançando a cabeça freneticamente.

Nós já tivemos diversos seguranças, mas meu pai parecia não confiar em nenhum. Na verdade, meu pai era alguém *realmente* complicado se tratando de confiança. Irônico, já que ele não dava a oportunidade nem de *ser* alguém de confiança.

- Irei pensar no caso, mas não precisa incomodar seu pai. Sabe que se precisar, você será a primeira a ser avisada.

- Assim espero – ela sorriu fracamente, me puxando para um abraço. Pousei o queixo em seu ombro, relaxando por um breve momento. – Você
PERIGOSAS ACHERON

quer uma carona? Não gosto da ideia de você andando por aí sozinha numa situação dessas.

- Ninguém se atreveria a mexer comigo, eu te garanto. Só se quiser ganhar marcas profundas de unhas, então relaxe – ela soltou uma risada, descontraindo e me apertando fortemente mais uma vez antes de me soltar e se despedir relutantemente.

Foi um aperto no coração assistir Gabi entrando pela porta da casa de Henry. Eu queria desesperadamente voltar para o aconchego dos meus amigos, me trancar com eles em segurança e não sair nunca mais. Entretanto, a vida não é fácil assim. E, além disso, eu tinha horário marcado com o colégio para ver os brinquedos que estavam doando, avaliar se serviriam para meu projeto no parque, ou se teria que fazer novas buscas. Caso desse certo, iria avisar Danny para vir comigo buscar em algum dia disponível.

Danny.

Um grande mistério que eu estava provavelmente cada vez mais distante de

desvendar. Quando achava que finalmente descobriria seus segredos, ou ao menos conseguiria arrancar uma parte, ele me fazia retroceder, como se todas minhas tentativas e conclusões tivessem sido em vão.

E se Nick estivesse certo? E se ele tivesse um motivo pessoal para ter jogado Sara, seja o quão insano for? Já que, para mim, nenhum motivo para uma pessoa em sã consciência seria suficiente para cometer tal insensatez. A não ser que estivesse desesperado e agiu sem pensar. Ou, talvez, coisas além do que sou capaz de imaginar.

Caminhei pela rua com as dúvidas vagando em minha mente. O caso de Daniel e Sara, as brigas infinitas de Matt com Ellen, a decepção com Nicholas, o grande desfile se aproximando, os vestidos a serem montados, as modelos a experimentarem e avaliar se necessitava de reajuste, o comportamento inadmissível do meu pai, o suposto filho de minha mãe, a perseguição.

Percorri o olhar mais uma vez pelas ruas, atenta a cada pessoa que parecia suspeita pra mim. Tudo

parecia estar nos conformes. Talvez fosse somente minha imaginação fértil pregando peças, embora meu sexto sentido não concordasse com isso. Continuei meu caminho, que agora era mais movimentado, sem deixar de notar qualquer movimento estranho.

Eu tinha preferido esconder de Matheus o que havia escutado. Lidar com aquele fato tinha me levado a passar um dia inteiro trancada no quarto. Primeiro, as lágrimas foram tantas que deixaram meus olhos vermelhos e inchados. Mas depois, percebendo que a mentira dos meus pais não me levaria a nada, eu fiquei com raiva. *Muita* raiva. Gritar no travesseiro para sufocar minha fúria e me debater na cama nunca foi tão reconfortante. Passei o resto do tempo me recompondo, encarando o teto e apenas me perguntando: *Por quê?*

Era frustrante pertencer a uma família onde eu não conhecia os segredos valiosos dos meus próprios pais, sendo que supostamente deveríamos contar tudo uns aos outros. Ao menos foi assim que fui ensinada, por fim descobrindo que não passava de uma bela mentira. Eu oficialmente não tinha a

capacidade de compreender meus pais, muito menos de confiar em alguém que defendia seu agressor. Se minha mãe não reclamava de apanhar, então eu não me importaria mais. Talvez ela tivesse razões para receber essa punição. Não concordava com as decisões de meu pai, mas não interviria mais. E assim seria daqui pra frente. Eu tinha feito a minha parte. Basta.

Eu sentia toda a raiva voltando pelos meus nervos, quando avistei uma garota de altura mediana saindo da delegacia de polícia. Por eu estar examinando todos que passavam por mim, até mesmo as moscas, não pude deixar de reparar que aquela era Sara.

Numa delegacia de polícia.

Eu congelei.

- Sara! — elevei a voz e ela parou imediatamente, sem se virar.

Logo a alcancei e agarrei seu braço, virando-a pra mim. Um alívio me invadiu ao constar que ela estava perfeitamente bem, mas meu meio sorriso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desmanchou quando ela olhou para os lados, visivelmente aflita.

- O que você está fazendo aqui?

- Eu... – ela atropelou as palavras, apavorada. Sara era muito fácil de ser lida, seus olhos denunciavam todos seus sentimentos. E no momento, ela estava terrivelmente assustada. – Becky, eu preciso te pedir um favor – sua mandíbula se apertou, a cor se esvaindo dos seus lábios rosados.

- O que houve?

Seus músculos ficaram tensos sob meus dedos.

- Eu nunca estive aqui. Certo?

- Mas Sara, você acabou de sair da delegacia! – falei incrédula, apontando para o local com a mão livre.

Ela cerrou os dentes, implorando num tom baixo.

PERIGOSAS ACHERON

- Por favor.

- E não deve ter sido sem motivos! – insisti.

Eu não podia deixá-la ir embora sem me dar satisfações. Algo realmente ruim tinha acontecido e ela não queria me contar por medo. E isso significava que minhas conclusões podiam estar corretas. Afinal, o que mais poderia estar aterrorizando tanto?

- Becky...

Abri a boca para lhe dar um sermão, mas parei quando percebi a quantidade de lágrimas se formando nos olhos castanhos dela. Eu estremeci, lembrando daquela Sara contente que costumava ser. O que era capaz de tê-la destruído a esse ponto?

- Tudo bem – murmurei, largando seu braço.

Ela limpou as lágrimas antes que caíssem, acenou como se agradecendo e partiu. A assisti caminhando com pressa pela rua, apreensiva. E se algo ainda pior acontecesse a elase a tivessem visto

PERIGOSAS ACHERON

no posto?

Não pude me controlar.

Segui Sara disfarçadamente, embora não fosse preciso muito. Na esquina, avistei-a entrando num taxi e logo sumindo de minha vista. Ao menos ela tinha sido esperta para não correr riscos. Por isso vivíamos discutindo quando mais novas. Ela era totalmente o contrário de mim.

Decidi voltar ao meu trajeto. Faltava pouco para chegar à escola e minha preocupação com Sara tinha diminuído. Porém, fui me dar conta apenas quando atravessei a rua de que minha atenção com as pessoas ao meu redor tinha diminuído junto. E a sensação de estar sendo observada voltara com força extrema. A saliva passou raspando por minha garganta, chegando a doer; podia ser minha imaginação brincando comigo novamente, não podia?

Meu coração instantaneamente acelerou, eu o sentia pulsando frenético e batendo contra meu peito. Algumas gotas de chuva caíam, mas ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

não era suficiente pra refrescar o clima pesado que se instalou.

Inclinei a cabeça para trás, usando o canto do olho para afirmar que um homem vestido todo de preto, com luvas e encapuzado estava logo atrás de mim, ao meu alcance.

Acelerei o passo em um ritmo que não imaginava ser capaz de andar, me esforçando ao máximo pra me desvencilhar dele. Podia ser que ele não estivesse me perseguindo, mas eu preferia não arriscar. Mesmo com as leves gotas, meus lábios estavam secos pelo pavor e minha respiração começando a ficar descompassada por estar quase correndo.

Entrei em pânico ao perceber que já tinha passado da rua do colégio, e que a cada quadra eu me perdia mais. O homem parecia estar se divertindo com a minha agonia, pois de vez em quando soltava um riso cínico.

Uma chuva fraca começou a finalmente cair, rajadas sanhudas batiam, assobiando com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu cabelo voou para trás e a bainha da minha blusa de seda levantou ligeiramente, dando o vislumbre da minha cintura.

Eu precisava urgentemente sair da rua e, de preferência, para um local seguro, mas todas as casas eram residências, e eu não encontrava oportunidade. Meus calcanhares queimavam aos poucos, sem o costume de andar com tanta pressa. Em breve, eles não me ajudariam mais a fugir a não ser que eu corresse.

E foi o que escolhi fazer.

Tomei fôlego, os forçando a se preparar, desviando o caminho que seguia cujo era uma reta e virando numa esquina, onde andei de costas para constatar que ele ainda se localizava na metade da rua, aparentemente sem pressa em me alcançar, então era melhor eu aproveitar a brecha.

Eu estava prestes a correr até que de repente uma mão pesada e quente cobriu minha boca, impedindo meu grito de sair, enquanto a outra segurou meus braços junto do corpo, sem poder me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

locomover.

Estava tudo perdido.

Eu já não tenho escolha

Participo do seu jogo

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Você sabe, eu não sei mentir

Esse mundo perfeito nunca vai existir



Me debati em seus braços com o coração quase saindo pela boca com o susto.

- Não grite – pediu, sussurrando as palavras em meu ouvido que demorei a assimilar.

Desabei pela dor em meus calcanhares, e o indivíduo me virou vagorosamente, me encostando à parede desregular atrás de mim.

Dar de cara com Daniel de certa maneira foi uma grande surpresa. De todas as pessoas, ele era o

que eu mais suspeitaria de ser *quem* estava me seguindo.

Ele levou um dedo aos lábios em sinal de silêncio, o que imediatamente me recordou o homem na praça fazendo o mesmo gesto. Ele se esticou para o lado, visualizando a rua, e me inclinei da mesma forma que ele, encontrando apenas um grande vazio.

O homem tinha sumido em um piscar de olhos.

Eu estava ficando louca. Essa era a explicação mais plausível.

- Você está bem? – ele me virou novamente, vidrando os olhos nos meus, o que me tirou do sério. Como ele queria que eu respondesse daquele jeito?

- E-Estou... – gaguejei. Só então notei a imensidão do meu pavor. Ergui as mãos, que tremiam tanto quanto o resto do meu corpo. – M-Mas...

Ele riu com meu nervosismo. O frio que
PERIGOSAS ACHERON

aumentava por conta do vento e os pingos fortes da chuva não colaboravam com meu tremor.

- Vem – estendeu a mão, se afastando.

Hesitei por um segundo, olhando da mão para ele e vice-versa diversas vezes. Aquela oferta me deixava num pânico maior ainda se possível. Se não fosse por ele, provavelmente eu estaria assando nas mãos daquele homem. Então porque não aceitar?

Toquei em sua mão macia, porém pesada, e entrelacei nossos dedos. Corremos pisando no chão molhado e acabamos parando num teatro, nos protegendo da chuva.

- Pelo visto não vai passar tão rápido. Pretende ficar aqui até passar?

- Eu pensei em ser mais prática e comprar um guarda-chuva... Minha casa é perto. – disse, batendo os dentes, assim as palavras saíram cortadas.

- Ou então nós poderíamos entrar no teatro e

PERIGOSAS ACHERON

assistir à peça – sugeriu, sorrindo brilhantemente.

Danny estava vestindo a mesma roupa que mais cedo, com a única diferença de que agora seu cabelo estava encharcado e desarrumado. E aquilo o deixava incrivelmente lindo. Mais ainda, quero dizer. Ele me cutucou provocando e revirei olhos.

- Ou alagar o teatro, você quer dizer – deduzi, me encolhendo. Eu tremia como vara-verde, da cabeça aos pés, meu corpo inteiro se arrepiando a cada rajada que batia, o que não era pouco.

- Você não tem muitas escolhas, Rebecca. Ou você aceita entrar no teatro e se aquecer, ou eu mesmo vou te aquecer – ele disse levantando as mãos na altura dos meus ombros e se aproximando.

Eu franzi a testa, dando um passo pra trás.

- E quanto ao guarda-chuva?

- Fora de questão – sua postura era ereta, sem vestígios de desistir da ideia.

Vendo que não teria fuga, eu cedi, sabendo que

PERIGOSAS ACHERON

não faria mal algum. E sabendo que no fundo era *óbvio* qual seria minha escolha de verdade.

- Acho que vou ficar com a primeira opção, então.

Danny se deu por vencido, comprando nossos ingressos e me encaminhando pela entrada.

O teatro tinha um grande espaço, mas nada chique ou excepcional; apenas bem valorizado e organizado. No fundo, havia um bar de um lado, e do outro uma espécie de restaurante. As luzes já estavam apagadas, as pessoas sentadas nos devidos assentos, e a única iluminação vinha do palco, onde os atores iniciavam a apresentação.

Sentamos nas ultimas fileiras e relaxei na cadeira, suspirando. Eu não estava muito molhada, apenas meu cabelo, e por isso não tinha me incomodado em aceitar.

Algumas coisas são inacreditáveis. Há pouco tempo eu estava sendo perseguida, e agora eu estava assistindo pacificamente a uma peça de teatro. A adrenalina não tinha sido drenada

PERIGOSAS ACHERON

completamente das minhas veias; eu ainda sentia a necessidade de correr para o mais distante possível.

- Danny – sussurrei e ele atendeu imediatamente ao meu chamado, virando seus olhos reluzentes pra mim. – Porque você estava ali?

- Na esquina de uma rua qualquer? – o canto do seu lábio se ergueu numa risada cuja admitia estar zombando de mim.

- Você ia encontrar os seus amigos – minha expressão endureceu numa linha plana e logo seu meio sorriso foi desvanecendo.

- E eu fui – afirmou, esticando as pernas e deslizando em seu assento numa posição mais confortável. – Mas nem todos foram, e resolvemos marcar pra outro dia – seu olhar estava fixo no palco, acompanhando a atuação de cada ator. Ele parecia estar num outro mundo. – Então eu estava voltando pra casa do Henrique pra ver se vocês podiam me aguentar mais um pouco.

- Olha pra mim – pedi com firmeza, embora minha voz fosse suave. Ele atendeu o meu pedido,
PERIGOSAS ACHERON

apoiando os braços nos lados do assento. – Dizem que se uma pessoa não fala olhando nos olhos da outra, então essa pessoa está mentindo.

- Não acredito nisso – ele deu de ombros, sem desviar o olhar. – Talvez a pessoa seja tímida demais pra encarar por muito tempo.

- Não é o seu caso – soltei uma careta e virei o corpo em sua direção.

- Eu posso te contar qual o meu caso então, se você quiser.

Seu sorriso cresceu novamente, se inclinando para alcançar meu ouvido. Senti sua respiração quente batendo contra meu pescoço e me arrepiei involuntariamente. E dessa vez não foi por frio.

- Dizem que se você encarar alguém profundamente, você pode ser capaz de hipnotizá-la. Não quer que isso aconteça com você, quer?

Avancei e dei um tapa em seu braço sem nem pensar duas vezes. Ele riu, voltando ao seu lugar, e não pude evitar de rir ao ouvir aquele som

PERIGOSAS ACHERON

agradável. Resolvi deixar o assunto de lado, já que eu estava segura e ele podia estar falando a verdade. Pensei em agradecê-lo somente por educação e respeito, mas ele não teve isso com Sara. Permanecemos em silêncio por algum tempo, assistindo à apresentação. O elenco era maravilhoso, representava os personagens de uma forma vívida e nos transmitia os sentimentos necessários para transformá-la numa peça exemplar.

- Danny – chamei de novo, temendo que ele se irritasse por tirar sua concentração, mas ele apenas riu descontraído.

- Adoro como meu nome soa na sua voz – ele piscou, obviamente me provocando. Mas aquilo me afetou mais do que devia e senti minhas bochechas ficarem quentes. – Fale, pequena garota.

- O que exatamente você fez pra Sara? – perguntei, e confirmei que devia ter permanecido calada no mesmo momento. Seu brilhante sorriso desapareceu em fração de segundos e Danny voltou a olhar pra frente, compenetrado. – Desculpa, eu sei

que já perguntei muitas vezes sobre isso, é só que...

- Tudo bem – ele me interrompeu com a voz séria. – Eu entendo. Ela é sua amiga e agora mais do que nunca você está inconformada por eu ter te salvado enquanto a joguei de um carro. – ironizou, deslizando os dedos pelo cabelo desarrumado e prendendo alguns cachos entre eles. – Quanto a você, logo que virei a esquina percebi que você estava fugindo de algo, e não demorei pra entender o porquê. Eu estava prestes a ir em sua direção, quando planejei virar a esquina, assim poderia te puxar, pois sabia que tinha o teatro por perto caso algo ocorresse.

Danny explicou com seus olhos fixos aos meus. Talvez o que falei tivesse surtido resultado, mas o feitiço tinha virado contra o feiticeiro e aquele olhar me fazia mal; era extremamente profundo e invasor, como se ele estivesse *realmente* me hipnotizando.

- E quanto a Sara, eu sei que se quiser começar uma amizade de verdade com você e seus amigos, eu preciso ser honesto. Então está pronta pra

verdade?

Eu gesticulei para que ele prosseguisse, sem ter certeza se estava preparada.

Existiam duas possibilidades: Danny não ter cem por cento de culpa, ou ele ser totalmente culpado e saber que eu não poderia criar um escândalo no meio do teatro, por isso decidiu contar, assim me teria em suas garras.

Engoli a seco, me encontrando numa situação complicada pela segunda vez no dia.

- Eu estava sendo acusado por duas mortes de pessoas próximas a mim, e Sara ainda assim continuava sendo minha namorada. Ela confiava em mim e não estava disposta a me largar. A não ser pelo pai. Sara estava indecisa entre quem devia confiar mais: o namorado que alegava ser inocente ou o pai que o acusava das mortes. Vendo que ela estava mais inclinada a acreditar em minha palavra, *ele* me ameaçou. Disse que se eu não sumisse da vida de Sara, *ele* me mataria. E ainda havia um complemento. Eu tinha que machucá-la de alguma

PERIGOSAS NACIONAIS

forma que ela se sentisse traída e nunca mais quisesse me ver na frente. Com isso, ele me ofereceu dinheiro para fazer o trabalho e até me arranjar um emprego, caso eu quisesse. Entretanto, eu recusei ambos. Tive de aceitar a primeira parte, pois sabia que era melhor ela se machucar por um tempo do que pro resto da vida. Mas ela nunca soube que foi o pai dela quem me mandou fazer isso, e nem quero que um dia saiba, pois ele é tudo o que ela tem e eu não tenho intenção de estragar sua vida, de maneira nenhuma.

Cada palavra que saia de sua boca era um choque pra mim. Eu estava boquiaberta, processando a informação lentamente. Eu compreendia a preocupação do pai de Sara, mas pagar para machucá-la? Existem tantos modos de terminar um namoro e certamente esse não foi o melhor. Sara sempre o amou tanto, e descobrir isso seria uma decepção gigantesca pra ela.

- Você não acha que no final já está sendo uma ferida pro resto da vida e que nunca irá cicatrizar? – perguntei amigavelmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele bufou, puxando os cachos com nervoso dessa vez.

- E você acha que eu contasse a verdade, ela lidaria com isso sem problema algum? De qualquer forma seria complicado, Becky. Eu optei por ser radical pelo próprio bem dela. – resmungou Danny, afundando no assento e alinhando os lábios duramente numa reta.

Abaixei a cabeça, sem voltar a prestar atenção na peça. Não estava com cabeça pra isso. Minha mente estava longe, nos momentos em que Danny e Sara se encontraram, na forma que ele conversava com ela, no jeito carinhoso que ele olhava pra ela. O amor deles acabou de uma forma trágica, sendo que tinha tudo para dar certo. Mas será que tinha realmente terminado?

- Danny – chamei e dessa vez ele não fez nenhuma brincadeira, permanecendo quieto, embora eu soubesse que ele tinha me escutado.

Eu formei as palavras na minha mente, embora não tivesse coragem de dizê-las em voz alta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percorri o olhar de seu peitoral até seu rosto angelical, agora tão sério e repleto de segredos. Seus olhos azuis claros se destacavam pela claridade que vinha do palco, e eu mal percebi quando lancei a frase.

- Você ainda gosta dela?

Danny manteve a concentração na peça. Cheguei a pensar que ele não tinha me ouvido, até que virou o rosto abruptamente, dialogando sem medo.

- Não sei dizer. Acho que quando gostamos de alguém, o sentimento perdura por muito tempo. Até que caímos na real. E eu cheguei à conclusão de que não valia a pena sofrer por algo que nunca vou poder ter novamente, então parti numa nova jornada.

Danny tinha várias personalidades e era a primeira vez que eu via uma tão sentimental. E devo admitir que aquilo me surpreendeu. Danny tinha muitos sentimentos escondidos dentro de si mesmo que o destruíam lentamente e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transformavam naquela pessoa arrogante e sarcástica que na realidade ele não era.

- Mas não reclamo. É nessas horas, também, que conseguimos enxergar além do que está na nossa frente. E acho que posso ter encontrado alguém pra mim, e nem sequer estava procurando por ela.

Não falei nada. Me ajeitei numa posição mais confortável e tentei me focar nos personagens, mas todos os detalhes daquela história preenchiam minha cabeça, me impossibilitando de focar em algo além da sensação daqueles olhos em cima de mim. Por longos minutos fora perturbante, até eu me sentir livre.

Literalmente. Até o assento ao meu lado estava vago.

E meu pânico voltou.

Como eu podia ter me distraído tanto e não ter o visto sair dali?

Consegui identificar uma música sendo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

iniciada, vi o elenco e os personagens principais dançarem conforme o ritmo de Bittersweet Symphony do The Verve e a orquestra tocando em perfeita sincronia.

*Pois é uma sinfonia agridoce esta vida
Tente viver dentro de seus recursos*

*Você é escravo do dinheiro e depois você morre
Eu vou te levar pela única estrada em que já estive
Você sabe, aquela que te leva aos lugares*

Onde todas as veias se encontram

Levantei pedindo licença para as pessoas que estavam ao lado para passar e fui à procura de Daniel. Caminhei até o bar e o localizei sentado em um dos bancos, bebendo uma cerveja. Ele me encarou pelo canto do olho e fiquei pasma.

Seus olhos continham um tom vermelho claro, algo doentio, como se estivesse quase bêbado. A

PERIGOSAS ACHERON

imagem de meu pai batendo em minha mãe veio à mente e perdi as forças, sentindo minha mão voltar a tremer levemente. Quanto mais eu tentava fugir daquele pesadelo, mais ele insistia em retornar como um lembrete.

Danny tinha se tornado outra pessoa em torno de minutos, alguém que eu não era capaz de reconhecer. Meu celular tremeu fazendo um barulho alto no bolso da calça e atendi.

- Becky, onde você está? – berrou Gabriella em um tom desesperado.

- No teatro... Por quê? – afastei um pouco o celular, sem identificar qual barulho era mais estridente.

- Com quem, Rebecca? – permaneci em silêncio, aproximando-me lentamente de Danny. O silêncio era minha melhor resposta. – Saia daí agora! Você não faz ideia do que aconteceu... – ela fungou. Parecia estar chorando.

Parei ao lado de Danny que sorriu marotamente, escorregando para o chão e pousando

PERIGOSAS ACHERON

uma mão em minha cintura.

- O pai da Sara foi assassinado.

Danny botou a lata de cerveja vazia em cima do balcão, retirou o celular da minha mão e me prensou com força no balcão. Minhas costas doeram ao baterem contra a madeira e gemi.

Eu estava sem reação.

- Danny... – sussurrei seu nome, vendo que ele não estava em seu estado natural. Afinal, qual seria o estado natural *real* de Daniel Palacci?

Seria muita coincidência ele confessar a razão de jogar Sara e poucos minutos depois o pai dela estar morto?

O que tinha o afetado tanto para se lotar de bebida e agir com brutalidade, sendo que há pouco tempo ele havia me salvado?

Eu já não conseguia entender mais nada.

- Eu realmente adoro quando você fala o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

nome – ele riu, deslizando um dedo para os meus lábios e traçando o contorno deles. – Mas agora você pode fazer algo melhor.

Sem mudanças, eu não posso mudar

*Mas estou aqui em minha forma
Mas sou um milhão de pessoas diferentes de um dia
para o outro
Não posso mudar minha forma, não, não, não*

Ele cantou sussurrando em meu ouvido, desequilibrando-se um pouco pela bebida e distribuindo beijos pelo meu rosto. Meu coração estava disparado, aquela notícia de última hora tinha sido um choque e ele não estava colaborando. Ele colou seu corpo ao meu e traçou um caminho de beijos desde meu ouvido, passando para a minha bochecha, caindo sobre o canto dos meus lábios e instantaneamente fechei os olhos ao sentir seus lábios molhados e carnudos sobre os meus.

PERIGOSAS ACHERON

Abri a boca permitindo passagem e senti sua língua se encostar à minha. Entrelacei os braços pelo seu pescoço e puxei-o pela nuca, intensificando o beijo.

Eu não estava em condições de pensar conscientemente. Tinha algo nele que me atraía de uma forma inexplicável.

Sua mão percorria meu corpo, subindo pela bainha da minha blusa um pouco levantada, e com a outra me forçando contra ele. Não era um beijo romântico e sim selvagem, repleto de desejo. Sua língua explorava habilmente a minha boca e eu prensava meus dedos em seu cabelo com uma necessidade extrema de tê-lo só pra mim.

Foi nisso que eu tive o ímpeto de lembrar que ele um dia já foi o namorado de uma das minhas melhores amigas.

E que o pai dela estava morto.

O que eu estava fazendo?

Pousei as duas mãos em seu peitoral a fim de

PERIGOSAS ACHERON

afastá-lo, mas ele fora bruto. Segurou meus punhos com força, apertando meus ossos de forma dolorosa e me impedindo de fazer qualquer movimento brusco, me obrigando a apenas correspondê-lo.

O que era prazeroso se tornou desagradável.

Mordi seu lábio inferior e ele rugiu, se distanciando um pouco, mas o suficiente pra ver um ponto de sangue em seu lábio. Ele começou a soltar meus punhos lentamente e consegui voltar a senti-los pulsando, assim como minhas costas latejando. Os lábios dele agora obtinham uma cor avermelhada escura, e a minha boca não devia estar muito diferente.

- Vá embora – Danny cambaleou ainda com os braços ao meu redor. Ele manteve a cabeça abaixada, respirando arfante. – Agora.

Pisquei os olhos querendo compreender o porquê de ele estar agindo daquele modo, mas o obedeci sem pestanejar.

Peguei meu celular em cima do balcão, o coloquei dentro do bolso e me agachei, passando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por debaixo do seu braço e correndo para fora do teatro, ainda escutando a música que agora estava no fim, com o coração disparado.

Novamente minhas dúvidas só estavam se acumulando, junto de um sentimento que eu recusava a admitir.

E que *não* podia sentir.

*Mas não sabem que o tempo agora está contra
você*

Você se perde no meio de tanto medo

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Somos perfeitos, desfeitos um pro outro

*Quem vai entender tão iguais e diferentes
quanto eu e você?*



Sabe qual é a melhor parte em viajar de carro? A paisagem. Existe algo esplêndido no ato de grudar a cabeça na janela e observar cada pontinho que passa na velocidade da luz por nós. É como se cada parte representasse uma nova oportunidade. De se aventurar pelas trilhas no meio do verde escuro pertencente ao matagal, de visitar cada casinha e conhecer seu interior, de sentir o sol tocando suavemente a pele, de observar a cidade de um nível tão acima que te faz pensar na quantidade de pessoas que estão perambulando por lá, mas que

daquela altura, parecem meras formigas. E pensar que, na maior parte das vezes, é você uma dessas formigas.

Queria que houvesse um espaço no cérebro reservado pra registrar paisagens como aquela. Assim, sempre que a vida parecesse dura demais, era só apertar o botão e relaxar vislumbrando aquele cenário espetacular e harmonioso.

O problema de tal vista é que às vezes acabamos escapando do deslumbramento e indo parar de volta aos pensamentos. Fiz o possível pra afastar assuntos que já tinham maltratado meus neurônios o suficiente, e lembrei que precisava marcar o dia da prova dos vestidos.

Elena e Cíntia durante aquele mês estariam ocupadas com o desfile que se aproximava com uma pressa que estava me deixando agoniada. Até então estava tudo correndo nos conformes, mas os vestidos exigiam uma atenção especial. Se houvesse um único erro, já provocaria uma catástrofe. O assunto do momento que rondava pela cidade em qual seria a atração era moda. E eu já

ficava enjoada só em tocar no tema.

Nicholas estava na casa de Gabriella já que Henrique foi visitar seus pais, e aproveitou para passar o dia com eles. Eu e Matheus estávamos no carro com nossos pais, indo almoçar na casa dos nossos avós maternos.

- Se acertou com a Ellen? – perguntei no intervalo de uma música que rodava no cd para outra.

Matt ergueu a sobrancelha, como se incrédulo por eu duvidar dele. Dei um grito abafado e pulei em seu pescoço, quase o enforcando.

- Você nem sabe – ele falou, mudando de posição e gesticulando. – Ontem, eu entrei no quarto errado sem querer na casa de Henry, e... Ele e a Cindy estavam *bem* animados.

- Isso ainda vai dar em casamento! – exclamei, sem me surpreender.

O amor deles sempre foi o mais doce, mesmo que não admitissem. Qualquer um que os assistisse

PERIGOSAS ACHERON

invejaria e desejaria ter um amor como aquele.

- Eu ia dizer que a Gabi logo vai ser tia se continuar daquele jeito...

- Por isso que não deixo vocês morarem sozinhos – minha mãe resmungou e eu segurei um riso. Se ela soubesse quantas vezes Matt ficou sozinho em casa com Ellen...

- Não é isso que te impede de logo virar vovó também – meu pai comentou soltando uma gargalhada e acompanhei, assistindo minha mãe arregalar os olhos, boquiaberta, e bater no braço de meu pai.

- Deem ouvidos a ele e eu juro que tranco vocês num quarto pro resto da vida e ainda em regime fechado! – minha mãe se contorceu no assento, erguendo um dedo em aviso para nós.

- Vou virar a Rapunzel? – pisquei repetidas vezes, com os olhos brilhando. Se algum príncipe viesse me resgatar, porque não?

- Prometo não dar ouvidos ao meu sábio pai. Só

PERIGOSAS ACHERON

porque não quero passar o resto da vida aprisionado com minha querida mãe. – Matt falou e dessa vez quem recebeu um tapa foi ele.

Ele grunhiu, indignado, e dirigiu o olhar pra mim, ameaçando dizer algo. Temendo que ele perguntasse onde eu tinha me metido na noite anterior, comecei a cantar empolgada a música e ele riu, me acompanhando e revezando comigo. O mais parecido entre nós dois era o nosso gosto musical, que combinava plenamente. Eu gostava de compartilhar isso com Matheus, cantávamos em alto e bom som, enquanto nossos pais riam dos momentos surtados de meu irmão. Até então, quem não conhecesse a história nunca diria que brigávamos praticamente todos os dias.

Sempre apreciei as viagens em família. Por mais incrível que parecesse, nós nos divertíamos e esquecíamos os problemas num piscar de olhos, como se os novos ares nos fizesse reanimar e aproveitar cada segundo da viagem. Era um momento especial, somente nosso e de mais ninguém, cheio de risadas e diversão. Era assim que eu queria minha família... Sempre, em pura

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade. Entretanto, isso era algo aparentemente impossível e temporário.

Meu pai estacionou o carro na garagem antiga de meu avô e saímos do carro, pegando todos os presentes que havíamos trazido. Fazia mais de meses que eu e Matt não os visitávamos pela distância e falta de tempo.

Tocamos a campainha e a porta foi aberta, mostrando minha avó com o cabelo preso por um coque frouxo, sorrindo e deixando transparecer suas mínimas rugas alertando a velhice que se aproximava. Dei um abraço apertado nela e adentrei na simples casa. Todos os móveis continuavam no exato lugar de antigamente, sem mudança alguma, e as paredes decoradas com quadros de pinturas criativas e abstratas.

- Há quanto tempo não via essas crianças! – dei um olhar reprovador para meu avô, que se corrigiu. – Que já não são mais crianças. Alguém está afim de um churrasco? – ele passou as mãos pela barriga.

PERIGOSAS ACHERON

- Opa, já estou indo! – meu pai se pronunciou, fazendo o mesmo gesto.

Desde que meus pais começaram a namorar, meu pai sempre se deu muito bem com meu avô. Claro, nunca emitiram nem uma palavra sobre ele agredir minha mãe após alguns anos de casados. E eu? Não me atrevia a falar. A única vez em que tentei dizer, fui cortada friamente.

Matt coçou a nuca, assobiando e olhando de soslaio para minha avó.

- O videogame ainda está lá em cima, querido – vovó avisou sem ele precisar abrir a boca.

Matt sorriu agradecido e correu pela escada, me abandonando. Quando existia um videogame próximo do Matheus, era como se mais ninguém existisse na Terra. Todas as vezes em que os visitávamos, chegava uma hora que Matt ficava entediado e começava a reclamar da falta dos seus jogos, principalmente quando tinha ganho um. Portanto, nossos avós resolveram tornar um dos quartos vagos em um local onde podíamos nos

divertir. Ou Matt, na verdade, pois pra mim, havia apenas algumas bonecas de quando eu era criança.

Minha mãe e avó foram para a cozinha arrumar a mesa e finalizar a sobremesa, enquanto meu pai e avô estavam preparando o churrasco. Dei de ombros, abandonada, e peguei o controle, ligando a televisão. Nunca fui fã de cozinha e elas já não insistiam mais pela minha ajuda.

Me esparramei pelo tapete, encostada ao sofá e procurei pelos poucos programas de música, algum que estivesse passando um clipe bom e que eu gostasse. Meu maior passatempo quando não havia nada para fazer era ver clipes e acompanhar as novidades sobre bandas, mas parei em outro canal que chamou minha atenção.

Passava um filme sobre amor incondicional. Não um amor normal e sim doentio. Se tratava de um vigia noturno que tinha uma fixação abundante por uma das funcionárias, como um psicopata obsessivo, e isso o levou a trancá-la num esconderijo onde ela é submetida a torturas físicas e psicológicas. E ainda assim ela precisa encontrar

forças pra lutar contra seu fã lunático e escapar de suas garras.

O filme pareceu bem instigante e despertou minha curiosidade, mas alguma coisa naquele personagem me lembrou do corpo de Daniel me prensando e suas mãos quase espatifando meus ossos e, antes mesmo de perceber, eu já estava trocando de canal.

Pra minha sorte, consegui encontrar o canal de música e quase pulei de alegria. Estava tocando *Leave Out All The Rest* do Linkin Park.

Eu sonhei que estava desaparecido

Você estava tão assustada

Mas ninguém iria escutar

Pois ninguém mais se importava

Depois do meu sonho

Eu acordei com esse medo

O que eu estou deixando

Quando eu tiver acabado aqui?

Então, se você me perguntar

Eu quero que você saiba

- Conversou com a Becky?

Abaixei o volume da televisão, tentando compreender os sussurros da minha avó e minha mãe.

- Não – minha mãe lamentou com um suspiro. – É tarde demais para me desculpar.

- Nunca é tarde demais.

Minha avó sempre teve a mania de repetir essa frase. E ela estava certa. Após o incidente, tanto meu pai quanto minha mãe não tentaram mais vir

conversar comigo. Passaram o dia inteiro batendo na porta do meu quarto, mas como eu não funciono sob pressão, eles simplesmente desistiram e não tocaram no assunto. Como se nada tivesse acontecido. Era desse modo que eles lidavam com os problemas, os deixando de lado e torcendo para que não retornassem.

- Natasha, eles estão completamente prontos para ouvir tudo o que você tem a dizer. Quanto mais você demorar para contar, pior será.

- Eles nunca me perdoariam, mãe. – fungou.

Ela estava... Chorando?

Fiquei na ponta do sofá, inclinando a cabeça e vendo apenas os passos de ambas trazendo a toalha para a mesa. Eu estava parecendo uma criança bisbilhotando.

- Você não teve culpa. Se o seu próprio marido não te julgou, eles não teriam motivo algum para discriminá-la. – vovó finalizou com voz firme.

Ela sempre foi a dona da razão, um exemplo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguir, alguém por quem eu me orgulhava de ser neta.

Minha mãe respirou fundo, desabando em uma cadeira.

- Ele está de volta. Encontrou o endereço da minha casa e disse que eu ia sofrer as consequências por tudo o que fiz para ele. Quer apresentar o nosso filho para minha família. Ou seja, estragar toda a imagem que me esforcei tanto pra construir.

Me esquivei um pouco mais, a observando pousar o cotovelo na mesa e apoiar a cabeça na mão, com os lábios apertados. Seu cabelo balançava enquanto ela fungava.

- Você não tem noção do quanto eu esperei a chance de poder vê-lo, mãe, e ter a garantia de que está bem. Mas eu o conheço e sei que seu intuito é outro. Então eu discordei, nós discutimos, e ele disse que a Becky pode estar se aproximando do perigo mais do que imagino. O que é incompreensível, pois ela mal sai de casa, fica

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concentrada somente nos vestidos, eu vejo isso com meus próprios olhos!

- Você acha que ele pode fazer algum mal a ela?

Minha mãe ficou em um silêncio perturbador durante alguns segundos até decidir falar.

- Ele pode machucá-la de formas muito piores do que podemos cogitar. E se isso acontecer, não terá volta. Ele quer vingança e Becky e Matt são os melhores alvos que ele poderia ter para conseguir a sua vingança medíocre.

Não tenha medo

Eu tenho levado a minha surra

Eu compartilhei o que eu fiz

Eu sou forte na superfície

Mas não por dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca fui perfeito

Mas nem você foi

Esquecendo

Toda a mágoa

Que você aprendeu a esconder tão bem

Fingindo

*Que alguém pode chegar e me salvar de mim
mesmo*

Eu não posso ser quem você é

Aroma pior que de cemitério certamente não existe. Só de pousar um pé já captamos a sensação ruim, o clima pesado nos absorvendo. Eu costumava evitar ir a lugares do tipo, parecia um lembrete de que a qualquer momento pode ser nossa hora. Me causava arrepios pensar que dentro daqueles milhares de caixões haviam ossos e restos

PERIGOSAS ACHERON

mortais de pessoas iguais a nós. De origens distintas, mas que um dia sorriram, brincaram e conversaram da mesma forma. Meus avós paternos estavam ali havia alguns anos, e nem mesmo meus pais tinham o hábito de visitá-los com frequência.

Mas dessa vez era diferente.

Observei os passos da minha mãe até chegar à mãe de Sara, lhe dando um abraço acolhedor, enquanto ela desabava em lágrimas.

Abaixei os ombros, procurando por Sara. Ela estava passando por uma fase difícil. Convivia pouquíssimo com a mãe e agora passaria o resto da sua vida ao lado dela.

Inalei o cheiro insuportável de incenso exalando do caixão ao lado onde a família rezava pela alma da pessoa. Suspirei e segui até onde o enterro estava sendo feito. Fiz algumas preces silenciosas e permaneci num canto mais afastado, sem querer interromper já que Sara estava sendo acolhida por familiares próximos.

O enterro estava sendo realizado numa cidade
PERIGOSAS ACHERON

próxima à dos meus avós, portanto eu e minha mãe decidimos vir dar um apoio. É sempre bom ter um amigo fiel nessas situações para amenizar a dor imensa que ela devia estar carregando.

O enterro já estava finalizando e as pessoas dispersavam, deixando Sara sozinha com seu pai. Fiz dessa uma oportunidade para consolá-la e dizer o quanto sentia por sua perda, mas ela virou a cabeça, como se procurando alguém e parecendo logo encontrar. Ela caminhou para uma área onde estava mais vazia e segui seus passos, a fim de descobrir o que ela estava tramando.

Me apressei pela grama para me esconder atrás de uma árvore, onde podia ver a cena completa sem que me localizassem. Arqueei a sobancelha ao ver um homem se aproximando dela com as mãos enfiadas nos bolsos da calça e a cabeça erguida.

Daniel vestia uma blusa cinza escura com alguns traços mais claros e uma jaqueta preta. Apesar do vento constante, seu cabelo estava ajeitado, o rosto delineado em seriedade. Sem suas roupas de xadrez de praxe, sua feição era muito

PERIGOSAS NACIONAIS

menos juvenil, tendo o aspecto de um homem de verdade, um arrogante e cheio de si.

Levei a manga da blusa até a boca e a mordi com força, morta de curiosidade. Não sabia se devia estar surpresa pela presença de Danny, mas eu já esperava por isso. Ele manteve sua postura ereta, sem vestígios de sorriso em sua expressão dura, e me rendi ao nervosismo. Minha ansiedade para ouvi-lo falar tudo o que estava entalado em sua garganta era devastadora.

Talvez agora fosse a hora dos segredos serem revelados.

*Eu segui os seus passos, achando que você
soubesse aonde ir*

*Eu me vi em seus sonhos, perdido, sem saber
que direção seguir*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Mundos tão estranhos nas palavras que eu ouvi

*No fundo dos seus olhos, afogado em gelo eu
descobri*



- Foi você, não foi? – Sara levantou a cabeça, os olhos encharcados de lágrimas. – Sabe o quanto ele é especial para mim...

- Eu estava no teatro com a Rebecca, Sara. – disse Danny com desprezo.

Ele estava diferente da última vez em que o vi. Agora ele tinha certeza do que fazia e não havia brincadeira em seu tom.

Cerrei os olhos, me sentindo péssima por Sara. Como se não bastasse o pai morto, tinha que suportar a pessoa que amava lhe tratando mal.

- Afinal, porque eu teria interesse em matar o seu querido pai? Além do dinheiro dele, é claro. – Daniel abriu um sorriso sarcástico e repleto de crueldade.

Visto o que ele havia me contado, Danny devia se sentir livre ao poder demonstrar como se sentia a respeito do pai de Sara, sem temer. Porém, Danny não era uma pessoa carinhosa. Talvez a vida tivesse o transformado em alguém frio, e que ao invés de reconfortá-la, dizendo que tudo ficaria bem e enfim explicando o motivo de ter se afastado, ele a tratava com toda a fúria que tinha guardado para o pai dela, descontando em alguém que, além de não merecer, não estava bem para lidar com aquela rejeição.

E toda a raiva que Sara havia reprimido por Danny veio de uma vez só, respondendo agressivamente.

- Você é um psicopata! – cuspiu as palavras

olhando-o com desgosto. Daniel estava indiferente quanto a sua reação, embora tenha sorrido sem vontade.

- Eu salvo a sua vida – replicou injuriado, se inclinando pra baixo, na direção dela. – e é assim que você me agradece?

- Se você considera isso como salvar vidas, o problema é seu, pois para mim, você acaba de destruir o meu mundo. – disse Sara entre dentes, cerrando o punho.

Ela ergueu o braço, extasiada com a ira, e deu impulso para o rosto do homem parado na sua frente. Em comparação a Danny, ela era somente uma criança fingindo ser forte. E diante dessa perspectiva, Danny rapidamente retirou uma das mãos de dentro do bolso e segurou com facilidade a mão fechada de Sara.

- Eu não pedi para você vir até aqui pra te causar qualquer mal, Sara – ele silabou, segurando-a firme, e ela não se esforçou para recuar. Permaneceu paralisada, se rendendo ao rio de

PERIGOSAS NACIONAIS

lágrimas que escorria pelo seu rosto frágil. – Mas está na hora de rever os seus conceitos sobre quem você vai defender. Seu pai não era um homem bom como você acreditava ser.

- Não ouse falar dele dessa forma! – ela rangeu, gaguejando entre os soluços, o que impedia sua voz de ficar mais alta. Sara estava totalmente indefesa. Ela não conseguia se pronunciar, não tinha coragem.

Danny se abaixou lentamente, soltando o punho de Sara e colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Ele roçou os lábios em seu ouvido, soltando palavras que eu não fui capaz de ouvir, me deixando intrigada. Ele se afastou sem dar um último olhar a ela, caminhando para a saída e escapando da minha visão.

Sara caiu de joelhos no gramado com as mãos cobrindo o rosto e tremendo de tanto chorar.

- Sara! – me esgueirei por de trás da árvore, fingindo não estar ali antes e correndo em sua direção, me ajoelhando na sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

- Como será agora, Becky? – ela fungou, na mesma posição.

Eu peguei delicadamente em suas mãos, as retirando de seu rosto, e meu coração partiu em vários pedaços ao analisar sua feição triste.

- Primeiro, você vai me dar um abraço – falei tentando arrancar um sorriso seu, mas ela apenas se esticou e eu abracei sua cintura, apoiando o queixo em seu ombro e balançando enquanto ela tentava se recompor.

- Vou ter que voltar a morar com a minha mãe. Estava tudo dando tão certo com meu pai... Ele já estava até adiantando minha entrada na empresa. – Sara voltou a chorar, agarrando minha blusa como suporte.

Eu suspirei, acariciando seu cabelo com delicadeza na esperança de conseguir acalmá-la.

- Você ainda pode herdar a empresa, Sara. Pertence à sua família agora. – a tranquilizei, sentindo meus próprios olhos ficarem molhados. Era insuportável vê-la sofrendo, sem poder fazer
PERIGOSAS ACHERON

nada.

- Mas nunca será o mesmo. Não sem ele.

- Sei que é difícil, mas um dia você irá superar. A partir de agora em diante, você terá uma nova vida, em um novo lugar, onde dessa vez tudo dará certo. Confie em si mesma. – ela se afastou, enxugando as lágrimas com as mãos, e eu esperei para poder prosseguir. – Um dia você se lembrará dos momentos felizes em que passou com ele e vai sorrir, sabendo que ele sempre estará olhando por você, te guiando e sendo seu anjo protetor.

- Assim espero – ela sorriu fracamente e me abraçou apertado uma última vez antes de se levantar e voltar para a companhia da família.

Eu fitei o caixão, caminhando até ele e colocando uma flor em cima. Eu não podia julgar o pai de Sara; certo ou errado, ele só queria o bem da própria filha. E tinha dado tudo de si para protegê-la a qualquer custo.

Olhei em volta procurando por minha mãe, mas não consegui localizá-la em lugar algum. Franzida a

PERIGOSAS ACHERON

testa, estranhando, e saí do cemitério, esperando encontrá-la com alguém da família de Sara. Estava tudo vazio.

O peso nos arredores do cemitério ainda estava sobrecarregado em mim e me provocava uma angústia enorme. Eu precisava sair daquele clima. Precisava voltar para casa e abraçar forte meus pais. E então lembrei que não havia sinal da minha própria mãe estar por ali. Ri de mim mesma por conseguir fugir da minha realidade daquele jeito. Dei uma volta inteira pelo espaço preenchido por carros a fim de encontrá-la em algum canto, mas não havia uma única alma viva. Eu estava furiosa.

- Ela já foi embora.

Dei um pulo ao ouvir a voz de Daniel atrás de mim. Havia esquecido completamente da sua presença no enterro.

- Quer parar de me dar sustos? – perguntei irritada, sentindo o vento gelado bater em meu corpo e fazer meus fios de cabelo balançar impacientes. Puxei a manga da blusa novamente,

cobrindo meus dedos quase congelados.

- Essa não é uma opção – ele mantinha as mãos dentro dos bolsos eo queixo erguido, o que me transmitia mais nervoso.

- De verdade, como consegue? – Danny desfez a feição carrancuda e riu, tirando sua jaqueta e colocando sobre os meus ombros.

- Segredo.

Tirei o casaco das costas, entregando de volta para Danny.

- Não quero, obrigada.

Andei em linha reta até a outra ponta, me perguntando aonde diabos minha mãe tinha se metido.

- Garota complicada – ouvi Daniel murmurar, e logo ele estava ao meu lado.

Caminhamos em silêncio quando voltei para dentro do cemitério e notei o quão grande era,

tendo a certeza de que eu não andaria pelo lugar inteiro. Esperaria na entrada, onde era muito mais confortável.

Fiquei pensando em Sara, se ela iria se adaptar com a nova casa, colégio, pois tudo mudaria. E ela nem sequer tinha escolha. Sara amava demais o pai e certamente era quem estava mais sofrendo com o falecimento dele.

- Desiste. Eu a vi indo embora com alguns parentes da Sara.

- Porque eu deveria confiar em você? – estreitei os olhos, cruzando os braços. De fato, ali ela já não estava mais, e eu não tinha dúvidas a respeito disso.

- Não deve. Se preferir, pode passar a noite inteira na companhia dos defuntos à espera de sua mãe – deu de ombros, ajeitando a jaqueta no braço para não cair, já que não tinha colocado de volta no corpo.

- Você podia ser menos desprezível – resmunguei, juntando as pernas e me encolhendo ao sentir o frio percorrendo meu corpo e meus

PERIGOSAS ACHERON

dentes batendo.

Danny ignorou o meu comentário e tornou a colocar a jaqueta em volta dos meus ombros, tentando encaixar meus braços nela.

- Eu não quero, Daniel!

- Coloque – ele exigiu, a dureza retomando seu olhar.

Eu não suportava aquele Daniel que se considerava superior e achava que tinha o direito de magoar mais ainda a Sara. Eu queria aquele Danny animado e espontâneo que tive a oportunidade de conhecer uma vez.

- Você não manda em mim – murmurei, com medo de falar em voz alta e ele se irritar. Eu não devia temê-lo, mas era inevitável.

- O que você disse? – ele perguntou sem nenhum divertimento estampado no rosto. Suas sobrancelhas se arquearam e o tom da sua voz se tornou mais grave, embora rouca. Eu me desvencilhei dele e da jaqueta, dando um passo pra

PERIGOSAS ACHERON

trás e falando num tom alto e devagar.

- Você não manda em mim, Daniel.

Por um segundo, pensei que seu monstro interior apareceria, e meu tremor aumentou com o pensamento. Permanecendo estático, Danny colocou os braços dentro da jaqueta, ajeitou a mesma no corpo, e um alívio percorreu minhas veias na suposição de que ele havia me compreendido.

Danny levou uma mão à cabeça, puxando a mesma para o lado para estralá-la e rodando-a após o barulho que se identificara a algo quebrando, e repentinamente seus braços vieram ao meu encontro, um me levantando pela perna e outro segurando minhas costas.

- Daniel! – gritei, me esperneando em seu colo e fazendo força para baixo, mas era inútil. Danny era como uma muralha, nada o atingiria.

Ele entrou em seu carro sob minhas reclamações e me colocou no assento passageiro quando se certificou de que as portas estavam

PERIGOSAS ACHERON

trancadas. Tentei abrir a porta, sem vitória.

- Qual parte do “*eu não quero*” você não entendeu?

- Você rejeitou a jaqueta, não a carona. Mas caso realmente queira passar a noite com os mortos...

Ouvi um barulho baixo e constatei que a porta estava aberta para caso eu quisesse sair. A forma como ele falou fora repugnante, mas sabia que se não aceitasse, aconteceria exatamente o que ele disse.

- Você podia ter ao menos oferecido antes – cochichei, recostando no assento.

- Para receber a mesma resposta? Você é teimosa demais – resmungou, ligando o carro e dando partida.

Virei o rosto para a janela, incapaz de encará-lo. Ou de me perder na sua beleza. Eu dei o endereço da casa dos meus avós e depois permaneci calada. A cidade se encontrava a mais

PERIGOSAS ACHERON

ou menos uma hora, dependendo do trânsito, e eu não estava com a mínima vontade de ficar uma hora inteira na presença de Danny e me lembrando do jeito que ele falou com Sara. Eu me imaginava em seu lugar, tendo meu pai morto e meu ex namorado me tratando como se eu fosse a errada da história, sem um apoio, e sabendo que nunca mais teria o suporte do pai.

Após alguns minutos, Danny soltou uma risada debochada, me despertando.

- Você deve achar que eu vou te sequestrar e abusar de você, por isso se recusa tanto a vir comigo. Ou então que eu vou te jogar do carro. – rolou os olhos.

Na verdade, eu nem tinha pensado naquela possibilidade. Baixei o olhar, percebendo que não estava sendo justa, e resolvi esclarecer o motivo.

- Eu te vi conversando com a Sara – avaliei sua fisionomia. Ele continuou passivo e com o olhar fixo na estrada. – O que você disse no final?

- Me desculpei por ter sido grosso, mas que era
PERIGOSAS ACHERON

a verdade, e falei que ela precisa parar de se esconder nas ilusões que inventa.

Esse mundo nunca será

O que eu espero

E se eu não me encaixar

Quem iria adivinhar

Eu não vou abandonar

Tudo aquilo que eu possuo

Pra fazer você sentir como se não fosse tarde demais

Cantei com a empolgação que me restava ao ouvir a canção tocar no rádio em seu carro. Ele sorriu de canto e cantou comigo. Eu amava de paixão aquela música. Era do ThreeDays Grace,

chamava-se Never Too Late. E novamente recordava de minha avó dizendo isso.

- Eu acredito em você – falei simplesmente e Danny me encarou, curioso. – Naquela noite, nós estávamos no teatro. Você pode me dar vários sustos, mas não tem poderes de se teletransportar e estar em dois lugares ao mesmo tempo. – ironizei e ele riu, parando num semáforo.

- Certas pessoas acreditam demais em superheróis. Ou em vilões, no caso.

Eu ri levemente com o exemplo, apreciando a paisagem. Minha maior paixão era viajar, desde pequenas até longas viagens. Gostava de relaxar, ouvir música e deixar meus pensamentos flutuarem, esquecer os problemas e criar novas situações que me acalmariam.

- Desconfia que tenha sido alguém próximo ao pai de Sara? – virei a cabeça, estudando seus traços.

- Ele é rico, Becky. Tem uma fábrica famosa, era atencioso com as pessoas que convivia... Precisa de mais motivos para alguém querer tomar PERIGOSAS ACHERON

o seu lugar?

- Matar não vai adiantar. Sara terá que assumir a fábrica futuramente pelo pai.

Ele me lançou um olhar de soslaio e abri a boca, mas logo fechei, captando a mensagem. Não suspeitaria se a vida de Sara tomasse um rumo mais perigoso ainda. Se a intenção do assassino de seu pai fosse tomar a posse da fábrica ou os seus bens, Sara certamente seria a primeira ameaçada. E eu dificilmente poderia fazer algo além de alertá-la. Ela estava tão feliz, e conseguiram tirar toda essa alegria que demorou anos para ser construída em torno de segundos.

- Então, você veio até aqui só pelo enterro? — interrogou Danny, limpando a garganta com uma tosse baixa.

Prolonguei a vinda da resposta, balançando os pés no ritmo da música, batucando os dedos em minhas pernas e forçando minha voz a ficar num tom quase bom.

- Não. Aproveitei para visitar os meus avós que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moram aqui perto. – respondi dirigindo o olhar para a estrada vazia. O negrume da noite se alastrava pelo céu, invadindo o carro com a mesma intensidade e nos deixando na penumbra. – Sei que você não foi ao enterro para consolar a Sara. Qual o verdadeiro motivo, afinal?

A quietude de Danny me decepcionou. Tinha esperanças de que ele aprendesse a confiar em mim após ter confessado a razão de ter tratado Sara daquela forma. Mas talvez ele ainda temesse admitir tudo por achar que eu fosse julgá-lo. Analisei suas mãos agarradas ao volante e as veias saltadas em seu pescoço, alegando o nervosismo.

- A princípio, minha intenção era contar toda a verdade. Que seu pai havia me ameaçado e forçado a traí-la. Mas quando a encontrei, percebi que não valia a pena. – ele desviava o olhar freneticamente entre a estrada à sua frente e o retrovisor, embora estivéssemos praticamente sozinhos.

- Porque não?

- Se ela não acreditaria antes, porque acreditaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora que seu pai foi assassinado? Ela podia criar mais raiva de mim, se possível, por incriminar seu pai falecido por algo que ele nem pode se defender. Então optei por indiretas, embora não tenha funcionado, visto as condições dela.

- Para quem agiu tão friamente, você não pareceu prestes a realmente contar a verdade pra ela, e sim forçá-la a acreditar que seu pai era uma pessoa desonesta e ingrata, tudo por causa do seu orgulho ferido. – disparei, mesmo sabendo que ele não estava no melhor humor para receber ofensas.

- Você quer que eu te encare, por acaso? – ele respondeu automaticamente, prensando os dedos em volta do volante. – Porque se não percebeu, eu estou ocupado dirigindo pra isso.

Até se eu disser

Que vai ficar tudo bem

Ainda te ouço dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que você quer acabar com sua vida

Agora e mais uma vez nós tentamos

Apenas continuar vivos

Talvez iremos dar a volta por cima

Ninguém nunca vai ver

Esse lado refletido

Se há algo errado

Quem iria adivinhar

Eu tenho abandonado

Tudo aquilo que eu possuo

Pra fazer você sentir como se não fosse tarde demais

Apenas bufei, balançando a cabeça e me

PERIGOSAS ACHERON

focando na quantidade de árvores que nos cercava. Com a pouca iluminação dos lustres, o toque de terror se tornava bem evidente, me transmitindo satisfação por adorar cenários como aquele.

Apesar da visível irritação, Danny permanecia cantando, como se cantar o tranquilizasse e fosse um modo de liberar suas frustrações. Eu escutava mais a voz dele do que do próprio cantor, e não reclamava, já que era maravilhosa. Passei então a pensar no que conhecia sobre Danny além de tocar guitarra, cantar profissionalmente, ter uma história complexa com minha amiga e adorar me dar sustos. Nada me veio à mente.

- O que você faz da vida? – perguntei, curiosa, recebendo em troca uma sentença ríspida e rígida.

- Costumo jogar garotas do carro pela estrada e depois faço churrasco delas.

Ele despertou meu ódio pela milésima vez no dia e cruzei os braços, decidida a não abrir mais a boca. Ele se recusava a compreender minhas dúvidas, assim deixando transparecer seu lado

ignorante. Me concentrei na música a fim de me distrair e abstrair o clima, mas Danny se pronunciou, com a voz um pouco mais suave.

- Eu trabalho em uma loja de automóveis.

- E quanto à sua família?

Provavelmente aquele era o seu ponto fraco. Danny enrijeceu e não pude identificar sua expressão pela profunda escuridão.

- Não há o que dizer. Tenho pouco contato com minha mãe, meus parentes raramente falam comigo ou se lembram da minha existência. Nossa relação é complicada, brigamos na maioria das vezes e não somos próximos. Vivo num mundo somente meu, e... — deu de ombros, mirando de volta ao retrovisor, resultando em suas palavras saindo atropeladas. — Gosto de ser assim.

- E seu pai? — sussurrei, sem ligar pra sua repentina apreensão.

Por várias vezes olhei para a mesma direção e não havia nada para Danny suspeitar, então havia

PERIGOSAS ACHERON

desistido de procurar pelo que ele estava atento.

Ele me ignorou, acelerando o carro, o que me deixou assustada, já que ele acelerava cada vez mais. Deixei a adrenalina percorrer meu sangue, pulando para outra questão que me perturbava desde que o conheci. Existem pessoas que só funcionam sob pressão, e Danny, quem sabe, pudesse ser uma delas.

- Danny, quando nos conhecemos, você falou que sabia o que aconteceu naquela noite. Qual a verdadeira razão de você saber? Qual, Danny? – perguntei exasperada, tentando controlar o medo, mas ele acelerava constantemente em uma velocidade altamente imprópria pra ser usada na estrada. Me segurei no assento e gritei. – Danny, para!

- Danny, Danny, para de repetir o meu nome e cala a boca! – ele berrou e me encolhi, me sentindo totalmente indefesa.

Comecei a transpirar ao som furioso em sua voz, sabendo que não devia ter insistido. Me

lembrei do teatro, de como ele ficava encantado toda vez que eu pronunciava seu nome, e de como a mudança tinha sido radical.

- Olha pelo retrovisor.

Fiz o que ele mandou e arregalei os olhos. Um carro de porte grande, até maior que o de Danny, nos seguia com alguns homens dentro mirando onde estávamos.

Me apavorei de imediato, enquanto Danny acelerava o carro o máximo que podia. Forcei os olhos a enxergar um dos homens com uma touca preta, e logo o reconheci.

Era o mesmo cara que havia me perseguido.

Talvez os outros caras – que nem eram muitos, no máximo dois ou três – fossem os que estavam vigiando minha casa. A ligação dos fatos fez meu coração saltar descontrolado.

- Se abaixa! – ordenou Danny e me agachei na mesma hora em que ele conduziu o carro para o outro lado da estrada e um zunido agudo atingiu

PERIGOSAS ACHERON

algo em cima de mim.

Reprimi um grito abafado, me esquivando para cima e visualizando o vidro do pára-brisa com um furo, os pequenos pedaços espalhados pelo chão.

Daniel parou bruscamente ao constar que eles estavam perto demais e não conseguiríamos fugir de qualquer maneira. O outro carro parou próximo e Danny imediatamente saiu do carro, enfiando a mão no bolso dentro da jaqueta e retirando de lá uma arma.

Eu não havia reparado antes na existência daquela arma na jaqueta, assim a surpresa foi gigantesca. Sem conseguir raciocinar, não me importei com ele carregar uma arma. Eu só temia por sua vida e pela decisão ilógica que ele havia tomado.

- Volta aqui, por favor! – implorei.

Queria sair e arrastá-lo de volta pro carro, mas seria uma atitude estúpida e que nos prejudicaria. Virei o rosto para não ver a cena, ao som baixo do que parecia ser um diálogo, e outro tiro foi

PERIGOSAS ACHERON

disparado.

Em seguida de mais três.

Não consegui mais suportar e me estiquei, vendo um dos caras caídos no chão. Danny havia atirado no que me perseguia, e os outros saíram com armas muito mais potentes.

- Larga a arma. Agora. – um dos caras mandou, autoritário.

Daniel largou a arma após um momento de hesitação, erguendo as mãos, pasmo. Mas seu olhar estava distante, como se seu pavor estivesse em algo muito mais amedrontador.

Os caras deram um sorriso satisfatório para Daniel, como se fossem bem íntimos, e se agacharam para certificar que o comparsa estava morto.

Danny não deixou a chance escapar e correu de volta para o carro. Um dos caras pegou sua agitação e atirou, felizmente sem conseguir acertá-lo. Danny engatou a marcha do carro sem nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fechar a porta, disparando de forma que provavelmente deixou marcas de pneu no chão, e fui pra trás com a guinada.

Me retorci no assento, sentando de joelhos no mesmo e olhando para trás, contra os protestos de Danny. Os lábios dos homens se mexiam freneticamente, assim não pude assimilar o que pronunciavam.

Meus olhos foram inundados por uma luz clara que chegou a queimá-los com a intensidade e, em seguida, um caminhão se aproximava em alta velocidade em direção ao carro deles, que estava estacionado em contramão.

Tudo aconteceu muito depressa.

Pela falta de iluminação na estrada, o caminhão reconheceu que haviam pessoas ali tarde demais, buzinando, e acidentalmente os atingindo.

Embora meu coração estivesse disparado, eu sentia como se estivesse sem ar, sem conseguir respirar, por mais que me esforçasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O estrondo do caminhão com o carro abrangeu maior parte da estrada, alto e explosivo. O carro girou violentamente em círculos, sendo arrastado pelo caminhão, mas não se prolongou rodando; logo as chamas surgiram cobrindo ambos os automóveis e os destruindo em pedaços.

O mundo que nós conhecíamos

Não vai voltar

O tempo que nós perdemos

Não podemos recuperar

A vida que tínhamos

Não vai ser nossa novamente

*Eu sei que é difícil, não é tão simples assim
Eu não conseguia respirar, parecia meu fim, eu ia
me afogar*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

*Outra história com um outro rosto, um outro
beijo com o mesmo gosto*

Era cedo e não podia dar certo



Direcionei o olhar embaçado até minhas mãos molhadas de suor, conferindo minha sobrevivência. Meus lábios trêmulos, secos e estáticos, incapazes de se mover. Com tudo ocorrendo rapidamente, eu estava eufórica e elétrica, mas também em profunda descrença.

Acabava de escapar da morte, salva por Daniel Palacci.

A última pessoa que eu poderia cogitar me

salvar, contando que todos o denunciavam como um assassino. Minha forma de pensamento e ponto de vista mudara de imediato. A imagem que construíram dele podia ser precipitada.

Não havia descrição para o sentimento que se estendia pelo meu corpo ao encarar a profundidade azul de seu olhar, o suor escorrendo por sua testa, a respiração ofegante saindo por sua boca semiaberta. Seus dedos longos estavam fixos ao volante, os músculos rígidos, como se ainda existisse alguém ao nosso alcance e ele estivesse prestes a dar partida novamente, o mais rápido possível.

Pousei a mão em sua bochecha com receio, deslizando o polegar pela mesma num carinho tímido.

- Obrigada – agradei com a mínima voz que me restava. Estava sem palavras para expressar o quanto eu era grata. Danny estava com uma expressão vazia, embora apreensiva.

- Era ele, não era?

Elevei a sobrancelha a fim de assimilar o que
PERIGOSAS ACHERON

ele queria dizer com aquela pergunta. Danny virou a cabeça, piscando em minha direção.

- O homem que matei. Era ele quem estava te seguindo naquele dia.

- Sim – assenti num sussurro.

Eu não estava disposta a pressioná-lo para explicar como tinha presumido isso, ou porque carregava uma arma no bolso da jaqueta. Já tinha retirado muitas informações dele naquele dia e ele não estava preparado pra isso, muito menos eu.

- Você sabe o que eles querem de você?

- Não faço a menor ideia. Tenho sido vigiada também em casa – admiti e me senti da mesma forma de quando contei para Gabi: Com um peso a menos nos ombros. Não suportava mais guardar aquela perturbação só pra mim. – E não é coisa do meu psicológico. – murmurei, lembrando o que ele considerou quando Sara fez a mesma confissão.

- Sei que não – ele balançou a cabeça e meu desconforto diminuiu, aliviada por sua resposta

PERIGOSAS ACHERON

imprevisível.

Danny ergueu o olhar para o retrovisor para ter certeza de que estávamos a salvo, mudando de assunto.

- Rebecca, quero te explicar uma coisa. Andar sem uma arma pra mim é como andar sem relógio ou celular para muitos outros. A loja de automóveis foi assaltada uma vez e eu era o único no local, pois era horário de almoço e início do meu turno. Eu ainda era jovem, trabalhava para poder obter meu próprio dinheiro sem depender de alguém, e completamente desprotegido. Eles arrombaram tudo e insistiram pelo dinheiro do caixa. Foi quando eu recusei, por saber como o dono da loja, o meu chefe, necessitava daquele dinheiro para pagar os funcionários e principalmente sobreviver. E foi uma das maiores idiotices que fiz na vida. Meu chefe voltou na mesma hora, sem nem sequer reparar na presença dos ladrões, alegando ter esquecido seus documentos. E eles, furiosos e tensos por terem sido vistos por seja lá quem fosse, dispararam dois tiros. Um em mim, que passou de raspão, e nele, que foi certo. Desde então, além

PERIGOSAS NACIONAIS

de me culpar todos os dias por sua morte, eu adquiri a mania de levar uma arma comigo, caso haja uma situação parecida. Ou para o dia em que eu os encontre de novo e possa vingar a morte do meu chefe. – disse Danny em voz baixa, olhando para o horizonte à sua frente pela rachadura no vidro.

Quando finalizou, voltou a me fitar intensamente, com pequenas gotas de suor escorrendo pelos fios de sua franja.

- A maior parte das acusações contra mim em relação às minhas colegas de trabalho foi por terem me visto carregando a arma. Expliquei o motivo, mas ninguém, principalmente a família delas, acreditou. Eu tive que sofrer muito na vida para aprender certas lições, mas nunca tinha percebido o quanto errei com Sara, ou como deixei passar despercebido seu temor, ou não ter dado atenção quando ela suspeitava estar sendo vigiada. Ela teve sorte por terem escolhido outro alvo – seus lábios se ergueram num sorriso fraco e diabólico. Não seria ele se por trás desse Danny sentimental não tivesse um sarcástico. –, porque se dependesse de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, coisas ainda piores poderiam ter acontecido. Errar uma vez é humano, persistir no mesmo é burrice. E eu quero que tudo dê certo entre nós, Becky.

Permanecemos nos olhando num silêncio tranquilo, sem nos preocupar com o tempo ou quão tarde era. A música tocava baixa no rádio ainda ligado enquanto eu me perdia, desviando o olhar de seus olhos para a boca.

Corajosa após aquele discurso, toquei seus lábios com a ponta dos dedos, observando-o fechar os olhos vagarosamente. Meus batimentos cardíacos estavam a mil e tudo piorou quando me inclinei e encostei meus lábios nos seus quentes. Um gosto de confiança, e ao mesmo tempo insegurança me invadiu. Meu corpo inteiro se arrepiou, os pelos ouriçados por causa do choque com o encontro de nossas peles. Sua boca era macia, e sua língua percorria a minha de uma forma carinhosa. Esse beijo não era como o primeiro, selvagem e perigoso. Ele continha um toque suave e delicado, embora com a mesma profundidade.

PERIGOSAS ACHERON

Com todas as suspeitas que pertenciam a ele, ainda assim não conseguia temê-lo. E depois de sua confissão, só tinha mais provas para apagar minhas dúvidas.

Entrelacei os dedos nos cachos de seu cabelo úmido, puxando-o contra mim e intensificando o beijo. Coloquei a outra mão sobre a sua, que permanecia estática no volante, na tentativa de que ele relaxasse. Logo a encaminhei até meu corpo, e sem mais delongas sua mão pareceu criar vida, percorrendo inquieta por minha cintura e pescoço.

- Becky... – sussurrou meu nome sem partir o beijo e finalizou me dando pequenos beijos. Suspirei, repleta do prazer que ele havia me proporcionado e chateada por ele ter parado. – Vá, por favor – seus olhos suplicaram, transbordando em algo que me pareceu ser dor.

Talvez Danny ainda estivesse abalado com a perseguição, ou por ter revivido a história com seu chefe ao contar, ou por simplesmente não ter certeza se estava fazendo o correto. Supus que seria isso, pois estava me sentindo exatamente desse

jeito.

Apenas assenti, depositando um beijo no canto de seus lábios e saindo do carro sem olhar pra trás. Eu não havia formado um pensamento concreto sobre tudo o que havia ocorrido para falar e muito menos tinha forças pra isso. Não demorou muito para que eu ouvisse o motor do carro ser ligado e Danny indo embora.

Ao entrar em casa, todos estavam reunidos na sala, menos meu pai, e meu irmão falava no celular, provavelmente com Ellen.

- Rebecca, aonde você se meteu? – minha mãe me abraçou exasperada e quase me sufocando. – Tentei te ligar a tarde toda, nenhum sinal!

- Esqueceu que você foi embora e não me esperou? – dei um sorriso cínico e ela se calou.

Não era a reação que eu esperava. Minha mãe não era super protetora como a maioria. Cogitei milhares de situações, como ela ter ido se encontrar com o tal cara que até então eu não sabia quem diabos era.

- P-Pensei que você viria com a família da Sara... – gaguejou, mas eu tinha certeza que ela sabia o quão falso soou. A culpa estava estampada pela expressão inteira de minha mãe e ela não tinha façanha para escondê-la.

- Claro. O pai dela morreu, estavam no enterro dele, e ainda se preocupariam em me levar de volta para casa. Se nem a senhora, que é minha *mãe*, fez isso, porque *eles* se importariam? – bufei deixando transparecer minha irritação e cerrando os dentes. Tirei os tênis e os joguei num canto qualquer perto da parede, me controlando a medir as palavras. – Estou de volta, sã e salva por um grande milagre. Obrigada pela preocupação – ironizei sentindo a queimação percorrendo minhas veias, prestes a estourar.

Subi a escada até meu quarto com pressa e tranquei a porta atrás de mim. Aproveitando que Matt estava ocupado, sentei na frente do baú onde guardava minhas bonecas. Passei tanto tempo naquele quarto criando histórias num mundo somente meu e de mais ninguém. Idealizava a

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa entre elas, montava um completo cenário e me tornava a criança mais feliz do mundo até meu irmão chegar alegando que seu quarto estava feminino demais e destruindo toda minha alegria, logicamente.

Eu sorri ao recordar de como chorava a cada vez que ele derrubava as casinhas ou jogava tudo para um lado para que pudesse usar o seu PS2, como se dividindo o quarto. Mas eu sempre fui espaçosa, então aquele espaço – que, obviamente, eu ficava com o menor – não era suficiente e eu invadia sua área, atrapalhando seu jogo e o infernizando.

As lágrimas arderam em meus olhos, tanto de saudades quanto de tristeza. Tristeza, pois aquela época nunca voltaria. A época em que não tinha problemas, e o máximo de preocupações era sobre como vestir minhas bonecas em cada dia. Não existe fase da vida melhor que a infância. Nós somos inocentes e nunca fazemos nada de propósito ou por maldade. A pior coisa que existe é crescermos e nos depararmos com tamanha crueldade e injustiça, enxergando o mundo como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele realmente é, e não aquela fantasia da nossa imaginação.

Tirei uma das bonecas do baú, alisando seu cabelo. Ela era loirinha, de olhos azuis cintilantes, e tinha um sorriso doce. Acompanhando o conjunto, usava um vestido rosa claro que ia até a metade da perna pequena e grossa, com sandálias de plástico encaixadas nos pés. Sempre foi a minha preferida. Eu queria ter a capacidade de voltar à minha infância com a mentalidade que tenho hoje. Me divertir ao máximo, sem me importar com o amanhã.

Duas semanas passaram sem notícias de Daniel. Não fui capaz de definir se isso era algo bom ou ruim. Estava mais inclinada à primeira opção, cogitando poder esquecer o drama que envolvia Danny e Sara.

Mas era impossível deixar passar despercebida a reviravolta que meu estômago ficava ao lembrar seu beijo, seu toque e proteção.

PERIGOSAS ACHERON

Durante a semana, a sensação de ser vigiada sumiu, embora apenas quando me convenci de que ficar colada à janela na expectativa de encontrar alguém espreitando pela praça a fim de admirar minha casa não resultaria em nada.

À noite, quando as suspeitas me pareciam mais tentáveis, desperdicei madrugadas de sono investigando para obter absolutamente nada.

Nem uma única pista.

Eles tinham desaparecido, assim como Daniel.

- Bom dia, Ellen – disse com um sorriso que logo murchou quando Elena bocejou. – Quanta preguiça e mau humor! Hoje é um lindo dia, o sol brilha, os pássaros cantam, você voltou com o Matt, a Cindy e o Henry estão se atracando...

- Como é que é? – Ellen arregalou os olhos, despertando e percorrendo o olhar freneticamente por todo o pátio.

Apontei para o casal encostado à parede e com imensos sorrisos estampados no rosto. Ellen caiu na

PERIGOSAS ACHERON

gargalhada.

- Estava demorando.

- Cadê a Gabi? – perguntei, dando impulso para sentar na mureta próxima à porta principal do colégio. Ellen imitou o movimento, se espreguiçando.

- Foi visitar o Nick. Sim, eu tentei alertá-la do perigo que estava correndo ao aparecer às sete horas da manhã na casa dele e o tirar de seu precioso sono, mas ela não me escutou. – disse.

Aposto que ela adoraria ver a cena. Nicholas odiava acordar cedo, e odiava mais ainda que o acordassem. Não era a toa que ele destruía um despertador quase todo mês.

- Ele não tem ido aos ensaios da banda e nem atendido os telefonemas de Gabi. Está super esquisito.

Arqueei a sobrancelha, perplexa. Se Nick estava ignorando a *Gabriella*, era porque algo realmente estava errado. A urgência de ir atrás por

PERIGOSAS ACHERON

respostas me abateu e me controlei para me manter no lugar. Gabi sabia como lidar com o próprio namorado, diferente de Sara. Na verdade, eu nem tinha o direito de julgar, já que não fiz um bom trabalho me aproximando do suspeito muito mais do que devia...

Balancei a cabeça afastando o pensamento. A semana que se arrastou com os xingamentos enchendo minha mente era suficiente. Eu sabia que estava caminhando na direção errada, mas só de estar na companhia de Danny era como se eu deixasse de lado os meus receios e abandonasse a coragem de enfrentá-lo. Talvez Sara não fosse medrosa, e sim Danny que tinha aquele poder sobre as pessoas ao seu redor. Eu me sentia bem, protegida e confortável quando estava com ele, por mais que ele me enfurecesse.

Matt se aproximou carregando a mochila em um único braço e a jogou no chão, envolvendo Ellen em um abraço que sem demora virou um beijo intenso. Assobieie lembrando-os da minha presença. Ficava feliz em saber que eles finalmente tinham se acertado, mas não via necessidade em

demonstrarem seu amor logo do meu lado.

Pouco tempo depois, Cíntia e Henriquese juntaram a nós com o mesmo sorriso de minutos atrás.

- Alguém me socorre! Estou cercada de casais, quem doa mais pelo meu coração?

- Fica tranquila, você não é a única. – Jéssica apareceu sorrindo timidamente por trás de Cindy.

Jéssica era nossa colega de classe, sempre muito simpática. A tonalidade escura de seu cabelo curto resplandecia sua pele lisa e competiria com Cindy se seu tom fosse um pouco mais bronzeado.

- Então quer dizer que você resolveu trazer o seu misterioso caderno de desenhos para me mostrar? – pulei da mureta e ela estendeu o braço, abrindo o caderno e folheando até encontrar a página desejada.

- Bom, eu desenhei este vestido faz alguns dias. Como estava te devendo e sei sobre sua mãe ser uma grande estilista, achei que você gostaria de ver

PERIGOSAS ACHERON

uma obra diferente. Não costumo desenhar vestidos, portanto, me desculpe. Sei que ficou horrível. – Jess entregou o caderno pra mim e em seguida escondeu o rosto com as mãos.

O vestido era magnífico, com ondulações na barra e mais ajustado na parte ao redor do pescoço. Seria trabalhoso, mas perfeito.

- Se chama isso de horrível... Estou curiosíssima para ver suas especialidades, por que... Esse vestido é lindo demais!

- Uau! Você é artista ou coisa do tipo? – Henry espiou o caderno pelos ombros de Cindy e exclamou boquiaberto.

- Não – ela riu sem graça. – Apenas desenho. Quando bate a vontade, é a minha maior distração.

- Você tem muito talento! – Matt falou com extrema sinceridade e Ellen balançou a cabeça, concordando.

- Eu poderia pegar o modelo para fazer parte dodesfile? – a fitei, parando de remexer nas folhas.

O foco principal de Jessica nos desenhos era sempre pessoas, principalmente bebês. Ela tinha um talento único e não conseguia enxergar isso, tanto que arregalou os olhos às minhas palavras.

- O que foi?

- É sério? – balbuciou, chocada.

- Claro! Minha mãe vai adorar. Provavelmente só vai incrementar na cor e preparar algumas rendas para deixá-lo no ponto. No que você se inspirou?

- Me baseei em uma blusa que tenho. As ideias foram vindo aos poucos, dei uma olhada em revistas e o aperfeiçoei como um vestido.

O sinal tocou interrompendo nossa conversa e caminhamos pelo pátio em direção à classe. Antes que entrássemos, ela me parou, vacilante.

- Eu desenhei esse vestido pensando em como ficaria em você, Becky... Acho que você conseguiria fazer mais sucesso do que as próprias modelos. Se você não se importar, eu gostaria

muito que usasse este vestido no dia do desfile. – ela sorriu amigável e retribui, dando uma piscadela.

- Conto com a sua presença no desfile pra avaliar se ficou bom, então.

Ela soltou um último sorriso, agora relaxado, e entrou na classe. Segui seus passos, sentando apenas algumas fileiras à frente, entre Ellen e Cindy, e me apressei a cutucá-las, que se viraram com uma alegria inigualável estampada em seus rostos. O que o amor não é capaz de fazer.

- Vocês duas irão experimentar hoje os seus respectivos vestidos. Temos que planejar tudo logo e será bem corrido, pois o desfile será realizado no mesmo dia que a nossa formatura. Portanto, mãos à obra!

- Precisa ajeitar a barra, Becky – avisou Cindyerguendo a perna e sustentando o peso com o pé em cima de um banquinho para mostrar onde estava longo. Peguei um alfinete pedindo para que ela voltasse a ficar de pé, me abaixando e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando no lugar marcado.

Elena saiu do provador segurando as pontas do vestido e girando em volta de si mesma.

- Ellen, não estamos numa aula de balé.

Ellen levantou os braços de Cindy querendo animá-la, enquanto Cíntia revirava olhos deixando a risada escapar.

- O amor faz isso com as pessoas, deixe-a ser feliz – comuniquei e bati de leve no tornozelo de Cindy, ajustando o tecido entre meus dedos e pegando mais um alfinete no pote. – Mas se você não parar de balançá-la, eu mesma me certificarei de acabar com a sua felicidade. – ameacei, apontando um alfinete em sua direção. Eu devia ser péssima nisso, pois Ellen largou os braços de Cindy, rodopiando e saltitando até o espelho para se admirar.

- Estou apaixonada e nem por isso vivo no mundo da lua. – resmungou Cindy, firmando os dedos na cintura em sua pose convencida.

PERIGOSAS ACHERON

- Só no céu – sussurrei e ela deu um peteleco no meu ombro. – Acho que vocês não tem noção do perigo. Na próxima eu te acerto e não adianta nem protestar! – alertei, atingindo Cindy com a ponta do alfinete de leve. Ela grunhiu e juntou os pés, choramingando.

Sorrindo vitoriosa, voltei a atenção para o restante dos detalhes no vestido que dava um caimento adequado ao corpo de Cíntia, e o material se ajustava à sua cintura. Por ser maleável, o vestido crepe de seda não causava muito volume, permitindo os franzidos e drapeados. De comprimento acima dos joelhos, o vestido possuía um brilho suave, da cor verde-escuro. Cíntia também calçava uma sandália preta com salto alto para alongar e delinear as pernas.

O tom da roupa de Elena realçava sua pele bronzeada, sendo um vermelho inclinado para o vinho, também acinturado e com a saia soltinha. O tecido de seda era bem macio, leve e trazia um aspecto brilhoso ao contraste da iluminação. Ellen usava um bracelete comprido e delicado no braço, além da maquiagem e bijuterias apropriadas que

usaria no dia.

O desfile seria um espetáculo! Eu estava orgulhosa de mim mesma. A parte final era preparar todas as modelos, quais seriam seus lugares e ordem de entrada, pois as roupas já estavam de acordo. Nenhum detalhe poderia faltar.

- Amanhã à noite terá uma festa na floresta, quer ir conosco? – perguntou Ellen, parando de rodopiar e sorrindo como se estivesse de frente às câmeras no meio da passarela.

- Porque diabos eu, e inclusive *vocês*, iríamos numa festa no meio da floresta? – perguntei, abismada. Elas se superavam cada vez mais em tirar minha concentração. – Vocês são modelos! Era para serem difíceis e não frequentarem esse tipo de lugar. – murmurei, sabendo o quanto aquilo soava com algo que minha mãe diria.

- Nós não somos como as outras. Somos únicas e especiais – Ellen piscou seus belos cílios cintilantes.

- E com parafusos soltos na cabeça. Até parece

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não sabem o que acontece nessas festas.

- Becky, você precisa parar de assistir filmes de terror, está começando a mexer seriamente com a sua cabecinha. – disse Cindy, voltando a se chacoalhar e esquecendo minha ameaça. – Nenhum maníaco canibal vai vir atrás de nós.

- Não é a toa que lançaram quatro filmes de *Pânico na Floresta*.

As festas na floresta eram famosas por acabarem com adolescentes babando no mato e a polícia correndo atrás dos azarados que mal se mantinham em pé. Não era o tipo de festa exatamente empolgante, tampouco a minha vidinha correta dominada por vestidos era, então suspirei, rendendo à curiosidade e ânsia por um dia *normal* de um adolescente.

- Certo, vocês me convenceram. Mas só porque não quero deixá-las estreando o próximo filme sozinhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O cair da noite invadiasorrateiramente o meu quarto, soturno e pesado, o que significava que se eu quisesse continuar a ler, teria que acender a luz. Mas a realidade é que eu estava distraída demais pensando no decorrer das últimas semanas para prestar atenção no que lia, então decidi ir atormentar meu irmão, torcendo para que ele topasse jogar comigo.

Eu estava prestes a empurrar a porta entreaberta quando ouvi uma voz diferente vindo de seu quarto. Era uma voz rouca e grossa, soando tão melancólica e agri-doce que me fez estremecer ao identificá-la.

Abri a porta por completo, me deparando com Danny sentado na cama de Matt e com seu violão no colo, tão compenetrado na música que nem reparou minha presença ali.

Ninguém sabe como é

Ser o homem mau

PERIGOSAS ACHERON

Ser o homem triste

Por trás dos olhos azuis

Ninguém sabe como é

Ser odiado

Ser destinado

A contar apenas mentiras

Escorei-me contra o batente da porta, cruzando os braços e o observando cantar a canção do LimpBizkit chamada Behind Blue Eyes. Num estalo, ele despertou e direcionou o olhar a mim, sem demonstrar surpresa, como se já imaginasse que eu o estivesse assistindo.

- Atrapalho? – perguntei indicando o violão com a sobrancelha. Ele voltou a dedilhar vagamente no ritmo da música, sem perder a sintonia.

- Como atrapalharia se você é o motivo da

minha inspiração?

- Não creio que eu esteja te inspirando a ser o homem mau por trás desses olhos azuis – ri fracamente, forçando as malditas borboletas a voltarem aos seus devidos lugares.

- Não, mas você não conhece a maldade que existe por trás desses olhos azuis. –disse ele, fixando aquela imensidão clara em mim. Aquela imensidão capaz de te encantar e acalmar só ao admirar.

- Talvez porque essa maldade não exista.

- Tem certeza disso? – ele franziu a testa, me desafiando, e depois bateu a mão ao seu lado no colchão. – Vem aqui que eu te mostro a maldade.

- Acha mesmo que tenho medo? – mordi o lábio, tentada a atender o seu pedido.

Meus pais não gostavam que eu ficasse sozinha com os garotos no quarto, mesmo que eles estivessem apenas ensaiando. Aliás, eu me perguntava se meus pais já haviam chegado em PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa, pois eu não queria nem imaginar qual seria a reação do meu pai ao ver Danny ali.

- Se não tivesse já estaria aqui.

Indignada, eu descruzei os braços e caminhei até a cama, me jogando ao seu lado. Eu ia retrucar, confirmando como suas ameaças não me amedrontavam, quando encontrei seus olhos ferozes. Ele soltou um sorriso sacana, se esticando lentamente em minha direção. Meu coração devia estar saltando em meu peito de tanta euforia, sem acreditar que ele teria coragem de fazer isso quando meu irmão poderia entrar no quarto a qualquer momento. Eu precisava conversar seriamente com Danny, perguntar sobre aquela noite e sobre seu sumiço, mas tudo o que eu mais queria era puxá-lo pra mim. E foi quando ele acabou com o clima, inclinando a cabeça e mordendo minha bochecha.

- Isso é canibalismo, não maldade! – reclamei, tentando afastá-lo. Ele rosnou antes de me largar e me fitar com seu rosto ainda perigosamente próximo ao meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então posso fazer quantas vezes quiser?

- Já não basta atacar a minha geladeira sempre que vem aqui?

- Nada se compara à sua carne.

Eu avancei e lhe dei um tapa, o qual foi respondido com uma risada frouxa. Embora Danny estivesse brincando, eu sentia que algo o incomodava. Algo que provavelmente estava relacionado ao mesmo motivo que estava me deixando impaciente.

- Danny...

- Depois – ele me cortou, sem desviar os olhos, antes mesmo que eu pudesse concluir a frase, como se captando o que eu pretendia dizer.

- Eu realmente preciso falar com você.

- Depois, Becky.

- Mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você quer mesmo que eu te morda de novo? – embora sua voz estivesse suave, nela continha também um toque de seriedade, como uma ordem.

- Dispensso – falei contragosto e suspirei, sabendo que não adiantaria insistir.

O oceano em seus olhos transbordava em esperança para que eu compreendesse. Ele sabia que me devia algumas respostas, e eu não precisava teimar nisso para que ele tivesse consciência por si só.

- Que tal continuar a sua música, então?

- É uma boa ideia.

Devo ter soado rude, pois ele respirou fundo com seu semblante divertido mudando para irritado, o qual eu definitivamente não desejava despertar nele.

- Você não se incomodaria em cantar pra mim? – torcendo para conseguir reverter a situação, cutuquei sua barriga, falando num tom doce e meigo. – Prometo não te atrapalhar dessa vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não quer cantar comigo? – perguntou ele, ajeitando o violão no colo. Eu balancei a cabeça negativamente, lhe oferecendo um sorriso sereno.

- Eu gosto de ouvir a sua voz. Ela me faz me sentir melhor.

Ninguém sabe como falar

Que está arrependido

E não se preocupe

Não estou mentindo

Mas meus sonhos não são vazios

Como minha consciência parece ser

Eu tenho horas de pura solidão

Meu amor é a vingança

Que nunca está livre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Isso não estava aqui quando saí do quarto – disse Matt, trazendo um pote de pipoca consigo e apontando pra mim enquanto olhava para Danny de forma questionável.

- Relaxa, já estou saindo, só aluguei o seu guitarrista por alguns minutos. – falei, atacando o pote e saindo correndo do quarto aos berros de Matt, que reclamava por não ter deixado que eu roubasse suas pipocas também.

Mas a preocupação quanto a Danny ainda estar bravo comigo voltou, e retornei alguns passos, recebendo uma piscadela reconfortante dele antes de Matt fechar a porta, temendo que eu me atrevesse a furtar sua pipoca novamente.

Dias esquecidos no verão que eu inventei

*Eu sei que você vive das mentiras que eu
acreditei*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

O mundo vai acabar

E ela só quer dançar, dançar, dançar



Acordei com uma canção estridente invadindo meus ouvidos. Tateei pela cômoda ao lado da cama a procura do meu celular que vibrava em ritmo parecido ao da música saindo dele. Alcancei, embora sem reconhecer o objeto, na esperança de ter acertado. Com a visão embaçada e a mente funcionando lentamente, atendi a chamada, xingando até a última geração de quem estivesse do outro lado da linha.

- Quem morreu? – perguntei num gemido mal humorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

O silêncio se prolongou durante alguns segundos e fui fechando os olhos.

- Sete dias – a voz soou amedrontadora, com um toque de terror.

Demorando a raciocinar, cogitei algumas opções, como a conversa com Ellen e Cindy terem me afetado, ou ser apenas um sonho, ou ambos. Um arrepio percorreu meu corpo e não pude definir se pelo frio intenso ou pelo efeito causado por aquela voz até então irreconhecível. Pensei em desligar e voltar ao aconchego dos meus travesseiros, mas decidi utilizar o meu estado sonolento para retrucar.

- O único a morrer em sete dias mesmo sem vídeo algum será você por me acordar a essa hora da madrugada – murmurei, embora não fizesse a menor ideia de que horas eram.

Uma gargalhada preencheu o ar, fazendo meus olhos se abrirem num sobressalto. Meu corpo se enrijeceu feito pedra e, definitivamente, não era por culpa do frio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E aí, pequena – Danny retornou à sua voz natural e relaxada. O imaginei retorcendo um sorriso extrovertido e presunçoso. A cena criada por minha mente fez meu coração se apertar tão forte que chegava a doer.

- Você devia levar minha ameaça a sério. Eu sempre cumprio o que digo.

- Não tenho medo de você. Uma garota tão pequena e indefesa nunca seria párea contra um homem repleto de massa.

- De gordura, só se for – soltei uma careta, lembrando dele atacando minha geladeira e reprimi uma risada. – E te garanto que seria mais capaz do que você imagina.

- Uau! – exclamou ele, estupefato, seguido de uma risada debochada. – Tipo aqueles soquinhos que você me deu no corredor que fez cócegas?

Bufei, desejando tê-lo ao meu lado para estapeá-lo.

- Posso te acertar em locais baixos pra você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir as *cócegas*.

- Você não vai alcançar.

- Você não tem como provar isso.

- Talvez eu nem queira me arriscar – admitiu, abstraindo uma risada suave e não resisti em acompanhar. Me aninhei puxando as cobertas até o pescoço e ele mudou de assunto. – Tenho uma pergunta a te fazer.

- Não se relacionando ao meu potencial em atingir pessoas ou ao meu tamanho, sinta-se a vontade.

Ele riu, pigarreando ao limpar a garganta.

- Já que você cumpre sempre o que diz, gostaria de saber se cumprirá o que disse pras suas amigas e irá à festa na floresta.

- Como você soube disso? – perguntei.

- Pelo seu irmão. Ele é uma ótima fonte de notícias.

PERIGOSAS ACHERON

- Acho que preciso colocar um esparadrapo na boca de Ellen. Por favor, eles têm coisas mais interessantes a fazer do que falar sobre mim! – reclamei e Danny riu do meu protesto.

Provavelmente aquela estava sendo a nossa conversa mais agradável até então. Era uma sensação tão prazerosa e reconfortante ouvi-lo rindo e idealizar o seu incrível sorriso.

- Porque está interessado?

- Você não respondeu a minha pergunta. Ainda não chegou a sua vez. – alertou. Respirei fundo, avaliando as minhas opções.

- Talvez minha resposta possa depender da sua.

- O que você quer dizer com isso, minha pequena? – provocou Danny, proferindo as duas últimas palavras com um toque carinhoso e envolvente. – E se eu disser que cem por cento do meu interesse nessa festa está relacionado a uma única pessoa, qual seria a sua resposta?

- Eu insistiria em saber quem é essa pessoa –
PERIGOSAS ACHERON

retruquei.

- Eu diria que é a única que tem dominado os meus pensamentos nas últimas semanas. A única que tem feito o meu coração bater descontrolado toda vez em que a vejo. A única que tem o poder de me enlouquecer com poucas palavras. A única que tem me preenchido com uma felicidade que eu duvidava ser possível existir. E, acima de tudo, a única que eu chamo de minha pequena. – disse Danny lentamente, como se estivesse recitando um poema. Havia um profundo envolvimento em suas doces palavras que fez meu corpo estremecer. Meu estômago estava uma bagunça completa, inquieto e com movimentos aparentemente intermináveis. – Então qual seria a sua resposta, minha pequena?

Os cantos dos meus lábios se alargaram em um sorriso extenso. Eu mal conseguia obter voz após o que tinha acabado de ouvir. Eu estava sonhando, essa era a única explicação para tudo o que estava acontecendo, pois era bom demais para ser verdade. O acidente tinha servido apenas para intensificar o que eu já estava sentindo e permanecia escondido.

- Eu vou, com toda certeza. – sussurrei. Por um momento, desejei ser mais forte. O intuito da nossa aproximação não era essa. E eu estava cansada de mentir para mim mesma. O sentimento era verdadeiro, infelizmente.– Você sumiu...

- Sei que é difícil não sentir minha falta. Todas dizem isso. – disse, estragando toda a magia do momento. Rolei os olhos ao ouvir sua risada baixa, me conformando com suas provocações. Ele demorou alguns instantes para falar, numa voz mais reprimida e abatida. – O que ocorreu mexeu comigo, Becky. Eu matei um homem. Um homem que estava te perseguindo e não tinha boas intenções, mas não deixava de ser um humano. Eu precisei de um tempo pra refletir e tirar algumas conclusões.

- E quais foram elas? – perguntei, curiosa.

Várias vezes passou pela minha cabeça Danny estar chocado ou indisposto a conversar comigo após o acidente, e eu compreendia aquilo. Ele tinha todo o direito, pois eu estive da mesma forma durante alguns dias. As imagens não haviam sido

apagadas da minha memória, mas eu me esforcei a afastá-las por um tempo.

- Você descobrirá amanhã – disse com o mesmo tom sombrio que iniciou a ligação, o que me fez reparar num fato intrigante.

- Posso fazer uma pergunta?

- À vontade, madame.

- Como você conseguiu o meu número?

- Ah, isso – ele deu risadinhas intercaladas, enrolando. – Acho que amanhã o Matt irá pra festa com alguns hematomas.

- Você devia avisar o seu informante sobre os riscos que ele corre antes de pegar as informações – ri descontraída.

- Como se ele não soubesse. E nem me importo, recebi duas notícias que valerão os tapas nele.

Rimos juntos e desejei com todas as forças que Danny agisse da mesma forma quando nos

PERIGOSAS ACHERON

encontrássemos. Não com seu lado irônico e sarcástico predominante.

- Bom, juro que não te atrapalharei mais.

- Amanhã você terá o seu castigo. Boa noite, Samara.

Demorei algum tempo para voltar ao mundo dos sonhos, preferindo sonhar acordada com Daniel Palacci.

Por mais que fosse uma festa na *floresta*, estava lotada, como se todos os adolescentes da cidade tivessem acordado e pensado: *Nossa, como o dia está bonito para rolar na grama e dar uma de Tarzan.* Pode me chamar de antiquada. Os desfiles eram prazerosos e formais, o contrário do que me esperava a poucos quilômetros. A música eletrônica reverberava pela estrada, tornando-se mais alta à medida que nos aproximávamos. Os holofotes se moviam por toda direção, intercalando a cor da luz projetada. A batida pulsante alcançou Ellen e Cíntia, que agitavam os braços sem se importar

PERIGOSAS ACHERON

com qual rosto atingiriam. O ânimo delas me contagiou, por mais que escondesse minha ansiedade, e meus dedos criaram vida, batucando na janela seguindo o ritmo.

Sáímos do aperto do carro dos pais de Henry a base de empurrões por estarmos todos esmagados e precisando de ar fresco. Tínhamos sorte pelos pais de Henrique e Gabriella não colocarem muitas regras nos filhos e por meus pais confiarem neles, assim nem precisamos contar para onde íamos. Caso contrário, certamente estaríamos trancafiados em casa. *Eu* provavelmente estaria, já que Matheus sempre arrumava um jeito de sair escondido.

Puxei a saia do meu vestido para baixo para ajeitá-lo, satisfeita comigo mesma. Priorizei um tempo para costurar um vestido para a ocasião. Ele era roxo, de cetim, e obtive um caimento perfeito pelas minhas curvas, dando destaque maior ao colo e com tiras que percorriam o pescoço. Sendo drapeado, dava um aspecto de ondas indo até um pouco acima do joelho, onde finalizava o vestido. Ao longo das pernas, eu vestia uma meia-calça preta com detalhes de desenhos formados por

PERIGOSAS NACIONAIS

flores, e calçava uma bota de cano médio da mesma cor. Eu estava com brincos pequenos pendendo em minhas orelhas e com uma maquiagem simples: Apenas batom num tom rosa claro, blush, sombra roxa para combinar com o vestido e rímel, enquanto meu cabelo estava natural, caído sobre meus ombros com seus belos cachos.

Ao meu lado, Ellen e Cindy estavam maravilhosas; afinal, não era a toa que eram modelos. Sem sombra de dúvidas, Matt e Henry iam precisar andar agarrados nelas. Gabi também estava de arrasar, apesar dos olhos tristes pela falta de Nick.

Nos aproximamos da aglomeração, procurando por rostos familiares. A festa estava rolando numa área extensa, próxima à floresta, coberta por grama e uma pista de dança improvisada. As árvores cercavam o local e, à distância, pareciam nos observar. Bem que eu disse que esse era o roteiro perfeito dos filmes de terror.

A primeira impressão que tive é que aquilo parecia pior que um show de rock. As pessoas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pulavam e empurravam umas às outras, mas não pareciam se importar. Eu não via vantagem em ficar no meio de diversos corpos molhados e suados, e estava mais propensa a me juntar às árvores, mas minhas amigas aparentemente estavam eufóricas, implorando por corpos melados, então me arrastaram pelo braço até a suposta pista de dança.

Me agarrei à mão de Cindy, com medo de me perder, e logo estávamos no centro da multidão. Matt e Henry foram para o bar e, por um segundo, me arrependi por não ter os acompanhado, mas então a música mudou e o grito empolgado do pessoal me contagiou. No segundo seguinte, eu estava dançando.

A verdade é que quando completamos 10 anos de idade, minha mãe e tia Susana inscreveram Gabi e eu para aulas de dança do colégio. Na época, estudávamos em período integral e as tardes eram dedicadas para atividades ao ar livre ou aulas de arte, dança e música. Particularmente, eu achava pular amarelinha muito mais divertido do que decorar passos de dança, até que as primeiras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

batidas tremeram debaixo dos meus pés e logo eu estava botando o esqueleto pra mexer. Enquanto eu era destemida, Gabi era ligeiramente tímida, imitando os passos com precisão, mas se atrapalhando quando percebia alguém a observando. Os tropeços de Gabi não me incomodavam. Eu a ensinava a como pegar o ritmo, e ela tentava me ensinar a desenhar algo que não fossem bonecos de pau.

Naquela noite, eu lembrei como era partilhar da mesma energia. Gabi era minha prima, a irmã que nunca tive e a parceira de dança que seguia meus passos em uma sincronia incrível, balançando o quadril de acordo com nossa tão conhecida coreografia inventada, e se libertando por um momento da solidão que a assombrava.

Ellen e Cindy estavam próximas de nós, e eram de longe as mais descoordenadas. Era de supor que modelos seriam finas e recatadas, mas posso afirmar que tudo o que falam sobre elas é mentira. Inclusive, admito com orgulho que Gabi e eu estávamos sendo mais graciosas do que as duas loucas que chamávamos de amigas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas tudo bem, eu dava um desconto a elas. Afinal de contas, estava tocando Underneath do DJ Antoine, quem conseguiria se segurar? Eu não, com certeza. E por isso estava berrando a plenos pulmões.

Fazia tempo que não nos divertíamos assim. Dançar fazia com que eu me sentisse livre, em paz. Era uma sensação única.

Caindo de novo

Eu tento ficar de pé

Minhas costas na parede

Nenhum lugar pra se esconder

Parece que não há maneira de escapar de mim mesmo

Ellen e Cindy foram ao encontro dos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respectivos namorados na intenção de obrigá-los a dançar com elas, e continuei rodopiando com Gabi. A adrenalina em seus olhos e a ousadia no sorriso me incentivava a prosseguir. Ao menos desse jeito ela havia se esquecido do furão do Nicholas. E foi exatamente quando ele veio à minha mente que o olhar de Gabi se fixou em algo atrás de mim. Eu arqueei a sobrancelha, cutucando-a na barriga para confirmar se ela estava bem, mas Gabi apenas piscou pra mim e rodopiou uma última vez antes de entrar na aglomeração de pessoas e sumir de vista.

Estranhando sua reação repentina, dei um passo para me enfiar entre as pessoas a fim de localizá-la e descobrir o que havia acontecido, mas alguém me puxou pelo quadril, me obrigando a voltar. Com a surpresa, recuei mais do que devia, pisando com o salto no pé de alguém. A pessoa atrás de mim riu, afastando meu cabelo de um lado do ombro e sussurrando em meu ouvido.

- Era esse o castigo que planejou pra mim? – murmurou a voz forte e rouca, roçando os lábios em minha orelha e fazendo meu corpo inteiro estremecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se você não insistisse em me assustar, não precisaria dessa pisada – disse, um pouco sem fôlego. Meu coração estava disparado, e eu não tinha certeza se pelo susto ou se pelo contato da pele de Danny com a minha.

- Posso te perdoar com uma única condição – disse ele.

Danny mordeu o lóbulo da minha orelha, traçando uma linha de beijos em direção ao meu pescoço. Eu ainda nem tinha bebido, e era como se já estivesse alucinando.

- Como? – perguntei, embora quem devesse se desculpar por me assustar era ele.

Joguei todo o cabelo para o outro ombro, facilitando seu acesso e inclinando a cabeça para o lado oposto. Danny se prolongou na provocação, voltando lentamente ao meu ouvido.

- Dança comigo.

Sua respiração quente invadiu meu corpo e sorri ao seu pedido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Danny firmou os dedos em minha cintura, acompanhando enquanto eu me movimentava vagarosamente. Levantei um braço, envolvendo-o em torno do seu pescoço, enquanto Danny correu uma de suas mãos pelo meu braço até chegar de volta à cintura e me virar por completo.

Sob a iluminação com efeitos de várias cores vindo do equipamento do DJ, pude constatar que ele vestia uma camisa xadrez marrom escura que intercalava com um tom mais claro, chegando próximo ao bege, e os três primeiros botões estavam abertos, deixando a mostra seu peitoral. Seu cabelo estava despenteado, com a franja jogada para o lado, e seus olhos profundamente azuis pareciam ter um brilho especial.

Eu me mantive afastada dele, dançando da forma mais sensual que conseguia. Danny havia retirado as mãos de minha cintura, mais me avaliando dos pés à cabeça do que se movimentando.

Sabendo que eu seria devorada se continuássemos assim, o puxei e começamos a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pular junto da música. É irônico como a vida nos mostra cada lado de uma mesma pessoa de acordo com a situação, e agora eu tinha ciência de que existia um Danny hilário. Ele girava, ria, fazia caretas, exclamava junto da canção e remexia o quadril de forma que atraía diversos olhares. Ele até ameaçou desabotoar mais um botão da camisa e eu gargalhei, pulando em sua direção e o impedindo. Parecia muito mais o Danny confortável da casa de Henry do que o que esteve comigo em todos os outros dias.

Aproveitando a aproximação, Danny agarrou meus punhos, os entrelaçando em volta de seu pescoço e envolvendo os dedos em meu quadril, me fitando perigosamente. Eu me levantei nas pontas dos pés, chegando a centímetros de distância de sua boca, sentindo seu hálito de menta batendo contra o meu e mordi os lábios, soltando-os lentamente. Danny acompanhou cada segundo, sem se importar com a quantidade de pessoas se agitando ao nosso redor e nos acotovelando.

- Você quer o seu castigo real agora? — questionei, o recordando da nossa conversa pelo

PERIGOSAS ACHERON

telefone. Seus lábios se arquearam num sorriso promissor, repleto de malícia.

- Tenho desejado por ele desde o momento em que você prometeu – sussurrou e, embora eu não tenha conseguido compreender totalmente pelo som absurdamente alto, pude ler seus lábios, quase me desconcentrando.

Eu sorri, descendo as mãos pelo seu pescoço e encaminhando para a gola de sua camisa, onde o puxei com força contra mim. O choque dos nossos lábios se encontrando transmitiu um calor pelo meu corpo, me aquecendo instantaneamente. Danny levou uma mão à minha nuca, me segurando apertado contra o seu peito e intensificando o beijo sem mais delongas. Cravei as unhas por seu peitoral e pescoço sem me importar em deixar marcas. Meu coração estava completamente descompassado e duvidava que voltasse ao normal enquanto estivesse com Danny. Ele me apoiou pelas costas, me abaixando lentamente e levantando uma das minhas pernas até sua cintura, mesmo sendo óbvio que não existia espaço suficiente para isso. Entretanto, Danny chamou tanta atenção que

PERIGOSAS NACIONAIS

as pessoas se distanciaram um pouco, e ele mordeu meu lábio, puxando-o consigo. Meu cabelo pendia no ar, e eu sentia que a qualquer momento ia cair no chão pelo tanto que meu corpo tremia. Não estava nem um pouco confiante, mas os braços de Danny me seguravam com tanta força que jamais me deixaria escapar. E era exatamente desse jeito que eu me sentia com Daniel. Eu não queria escapar de seus braços em circunstância alguma.

Por debaixo

Eu estou chamando

Por mais uma chance para acreditar

Queimando

Todas as mentiras

Eu quase achei segura a última

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu preciso ver a Gabi – expliquei a Danny quando me recompus. Ele dava leves mordidas em meu pescoço, provocando arrepios.

- Meu castigo já acabou? Porque tão rápido? – reclamou abafadamente e tive de me esforçar para compreender.

- Ela estava meio chateada por não ter certeza se o Nick vinha, e eu pretendia fazer companhia pra ela... Até você aparecer – ele ignorou meu suplícios, subindo os beijos molhados pela minha mandíbula. – De verdade, Danny, você precisa me soltar, eu tenho que ver como ela está...

Ele me interrompeu, levando um dedo aos meus lábios e traçando uma linha imaginária com o olhar vidrado sobre minha boca já isenta de batom.

- Shh.

Engoli em seco, lembrando dos homens em volta da minha casa. Aquele sinal. Repentinamente, uma urgência de sair do abraço de Danny me assolou, por mais que meu coração implorasse para permanecer.

PERIGOSAS ACHERON

Um sorriso sereno se formou em seus lábios, aliviando minha apreensão.

- Eu não posso te beijar quando você está falando.

Com muita insistência, consegui me esquivar e convencê-lo a procurá-la. Sendo impossível encontrá-la no meio de tanta gente na pista, fomos para o bar. Logo avistamos Henry e Matt, e Danny correu para pular em cima deles e desequilibrá-los. Balancei a cabeça rindo de leve e um beliscão no cotovelo me fez grunhir.

- Você enlouqueceu? – arquejou Ellen, com os braços cruzados e piscando freneticamente os olhos em minha direção. – Eu sei que o cargo do sermão é da Gabi, mas ela está desconcentrada demais pra isso.

- Do que você está falando?

- Não se finja de besta! – ela deu outro beliscão e pulei recuando. – Há poucas semanas você estava no meio da cozinha do Henry, furiosa por Nick não

PERIGOSAS ACHERON

concordar quanto a Daniel ser perigoso. Certo, ele é apaixonante e tem um ótimo estilo de DJ, mas o que você mesma disse? As aparências enganam! E eu fui inocentemente me esbaldar na pista de dança, quando me deparei com vocês se agarrando. O quão contraditório devo considerar isso? – seu tom de voz estava elevado pelo som da música e com um toque de desaprovação.

- Eu estava enganada, Ellen – suspirei pesadamente, pensando numa explicação boa o suficiente. – Passei a conviver um pouco mais com ele e pude compreender seus motivos. Ele não é perigoso, apenas alguém injustiçado que está se esforçando para que tudo dê certo dessa vez.

- Você prometeu que não ia se aproximar dele! Porque é tão difícil seguir os nossos conselhos?

Meu coração se apertou ao notar que ela não estava brava comigo e sim magoada.

- Sou eu, Ellen – dei de ombros. – A teimosia veio no meu DNA. Não tem nada a ver com vocês.

- Que seja – bufou, alisando os fios loiros de

PERIGOSAS ACHERON

cabelo entre os dedos. – Só não se entregue completamente, Becky. Tenha sempre um pé atrás e cuidado.

- Pode deixar.

Vindo de Ellen, que era descontraída assim como meu irmão, sua preocupação me deixou apreensiva. Ela tinha razão. Eu conhecia apenas camadas de Daniel e, acima disso, conhecia seu histórico, sendo ele verdadeiro ou não. Eu não tinha direito de julgá-lo, mas ao mesmo tempo, estava sendo difícil ficar longe dele.

Avistei Gabi próxima ao bar e caminhei rapidamente até ela. Não precisei de uma revelação, mas ela veio mesmo assim.

- Ele não veio.

Estendi os braços a puxando com delicadeza e Gabi posicionou as mãos em minhas costas, descansando o queixo em meu ombro. Gabi tinha ido à casa de Nick de manhã e ele não quis atendê-la. Deixou apenas um recado, avisando que estava trabalhando num negócio importante. Essa era a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpa favorita de Nick quando não estava afim de sair, como se dessa forma ele não fosse se sentir culpado, mas a questão é que ele vinha nos evitando há dias. Algo estava muito, muito errado.

Olhei ao redor. Nenhum sinal de Cindy e Henry. Meu irmão e Ellen se abraçavam e, depois de tantas brigas, não quis atrapalhá-los.

- Cadê o Danny? – perguntei.

- Foi atender o celular, eu acho – disse Gabi, com uma expressão vazia.

Me debrucei sobre o pequeno espaço que restava na bancada do bar, pedindo duas bebidas. Teoricamente, não tínhamos idade pra isso, mas Matheus já estava com uma lata de cerveja na mão, e aquele dia requeria uma bela dose de álcool. Entreguei um copo com batida de maracujá para Gabi enquanto fiquei com a de morango.

- Um brinde? – sugeriu ela, levantando o copo. Seu olhar havia se iluminado ao pegar a bebida e senti que talvez não tivesse sido uma boa ideia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ao que? – perguntei entrando na brincadeira e erguendo o meu.

Ela respirou fundo, balançando a cabeça e abrindo um sorriso frágil.

- À liberdade.

Gabi bateuseu copo contra o meu e tomou um gole. Preferi não discutir, tentando pensar no lado positivo. Ela estava descontando no álcool, não nas baquetas do namorado.

Queria poder ver

Queria poder perceber

Nunca serei a mesma de novo

A festa atrás de nós prosseguia barulhenta e eletrizante. Resolvi largar meu posto na bancada, já que o bar estava começando a encher, e arrastei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gabi para um lugar parcialmente sossegado.

Embora a extensão de grama em volta da pista fosse consideravelmente grande, ninguém se atrevia a colocar o pé pra fora, como se existisse uma redoma invisível ao nosso redor. Talvez, e eu digo isso apostando em 99%, eles estivessem intimidados com a floresta. Ela carregava uma aparência nitidamente sombria. O poder que ela exercia sobre as pessoas era assustador, como se estivesse nos alertando a não transpor a barreira entre a festa e o seu espaço. Ainda assim, era curioso que os convidados estivessem a obedecendo. Adolescentes, sobretudo bêbados, são estúpidos e aventureiros. O cenário certo seria se eles estivessem se embrenhando pelas árvores. Talvez, e eu digo apostando em 99%, isso não estar acontecendo era o que mais me assustava.

Não sei quanto tempo perdi refletindo sobre o comportamento dos outros. Só sei que o que me trouxe de volta à realidade foi minha prima desabando sobre um garoto parecido com Nicholas.

- Gabi! – gritei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Amor! Você está aqui! – ela gritou junto. – Vem cá!

E em seguida ela estava agarrando a camisa do garoto, que mostrava um ligeiro divertimento com o assédio.

- Gabriella!

Era difícil de acreditar, mas um mísero copo de álcool a deixara embriagada. Talvez por culpa do maracujá, ou da junção dos componentes, ela parecia pesar 90 quilos ao invés de 60, mas foi graças à moleza de seu corpo que também consegui soltá-la do garoto, que saiu andando e rindo.

- Vamos dançar! – disse ela, balançando o quadril. Em todas as aulas de dança da escola, nunca a vi se mover com tanta flexibilidade.

Nicholas ia me pagar por isso.

Logo avistei Matt e Ellen e entreguei uma Gabriella sorridente e empolgadíssima a eles. Perguntei por Cindy e Henry, mas também não sabiam onde eles haviam se metido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Além disso, Danny havia sumido há mais de uma hora. Passei a me preocupar, e fui checar o bar mais uma vez.

Pela forma de agir e falar daqueles debruçados no bar, eles estavam altamente alterados, o que não era surpresa, tampouco um bom sinal. Toda vez que descobriam esse tipo de festa era por conta das brigas que rolavam depois da bebida. E honestamente, eu estava ficando cansada, com a cabeça latejando e com raiva por Daniel ter me abandonado.

Suspirando, olhei para a floresta. Serena e alerta. Um ponto no meio da grama chamou a minha atenção e tentei decifrá-lo. Após algum esforço, notei que era alguém. A cabeça estava erguida para cima, observando o céu de uma maneira perturbadora. Esse alguém também vestia uma camisa xadrez escura.

Olhei de volta às pessoas, procurando vestígios de que alguém havia reparado no mesmo que eu, mas estavam ocupados ou bêbados demais para isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E lá estava eu, a adolescente estúpida se aventurando em direção à floresta.

Me apressei pela grama ao mesmo tempo em que exercia uma tarefa complicada de manter o equilíbrio sem tropeçar graças ao salto da bota.

Ao me aproximar, encontrei Danny com as mãos afundadas nos bolsos da calça, de olhos fechados.

- Danny? – perguntei, pousando a mão em seu ombro.

Instantaneamente ele abaixou a cabeça e dirigiu aqueles olhos azuis que eu já conhecia tão bem em minha direção. Seus lábios formavam uma linha apreensiva e solene. O seu silêncio contrastava todo o som estrondoso vindo da festa.

- Onde você estava?

- Não estou me sentindo bem – disse simplesmente. Mesmo com a escuridão da noite, seus olhos reluziam com a luz da lua.

PERIGOSAS ACHERON

- Dan... – hesitei por um momento. Ele parecia tão frágil, repentinamente tão distante. O que havia acontecido?

Decidindo que não permitiria que ele se afastasse novamente, envolvi seu rosto com as mãos na esperança de transmitir conforto.

Abruptamente, ele tirou as mãos de dentro dos bolsos e cerrou o punho.

Eu deveria estar com medo. *Eu* deveria me afastar. Os músculos tensos de seus braços me alertavam isso. Ainda assim, algo me dizia que ele precisava de proximidade. *Precisava* ser confrontado. E depois de vê-lo me proteger dos homens que andavam me perseguindo, eu não conseguia mais temê-lo. Nem mesmo saber que ele levava consigo uma arma para todos os cantos me alarmava. Aquela noite me proporcionou exatamente a sensação contrária. Eu *confiava* nele.

Eu não sabia se devia. Mas eu nunca descobriria se não tentasse e desse a ele o benefício da dúvida. Eu só sabia que, naquele momento, seus

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos imploravam por isso, embora seu corpo dissesse o oposto.

Vagarosamente, Danny levou a mão à minha e a moldou, aparentemente na intenção de tirá-la. Quando permaneci na mesma posição, ele foi liberando a força da mão.

- O que está acontecendo? – perguntei.

Ele relutou, afastando o rosto dos meus dedos e voltando a fixar o céu. Como era possível alguém mudar tão rápido e tantas vezes? Aquele homem era bipolar.

Sentia que meu olhar aflito estava quase o engolindo, mas não me importava. Ele não ia fugir.

Daniel suspirou com força. Um suspiro exausto.

- Vem comigo – pediu, murmurando.

Arqueei a sobrancelha e ele retornou a me examinar com os olhos ansiosos, diferente daqueles animados e maliciosos de quando dançou comigo.

PERIGOSAS ACHERON

- Vem que eu te explico.

Ele esticou a mão e respirei fundo antes de entrelaçar os nossos dedos. Sua mão pesada segurava duramente a minha que parecia extremamente frágil se comparada à sua.

Compreendendo minha dificuldade em andar sem cambalear pela grama, ele me guiou sem pressa. Seu toque era quente e firme e, por um momento, eu não me importei com a floresta e a vastidão escura ao nosso redor. Eu me sentia segura ao seu lado.

Distantes do centro da festa, Danny nos encaminhou ao trilho do trem, um lugar onde muitos comentavam, mas eu nunca tinha ido. Dali, ainda era possível escutar a música eletrônica, mas num volume menor.

Ele se sentou no trilho e me detive por conta do vestido, agachando à sua frente e apoiando as mãos em seus joelhos.

Algun tempo depois, Danny continuava calado, perdido em pensamentos. Eu estava começando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar nervosa. Sabia que Danny tinha algo importante a contar, mas conhecia também o seu temperamento, e eu estava prestes a trilhar um caminho perigoso para tirar a informação dele. Precisava ir com calma e cuidado.

Limpei a garganta, tentando atrair a sua atenção.

Danny encarava o chão pelo espaço aberto entre suas pernas com as sobrancelhas arqueadas. Os nós dos dedos começavam a ganhar uma tonalidade vermelha. Sua tensão não poderia ser menos perceptível.

Pensei em chamá-lo, e as imagens de nós dois sendo perseguidos na estrada vieram claras e ameaçadoras. Ainda assim, eu tinha que tomar a iniciativa de algum jeito.

- Tem alguma coisa a ver com a ligação? – perguntei.

Erguendo a cabeça, Danny pareceu confuso.

- Ligação?

PERIGOSAS ACHERON

- Você estar assim... Tem a ver com a ligação que recebeu essa noite?

Ele engoliu em seco.

- Sim... Sim, a ligação. Era o meu pai.

Paralisei.

Estávamos de volta ao Danny misterioso com o qual eu não sabia lidar. O Danny que evitava tocar em assuntos familiares, e agora lá estava ele, falando do pai. Eu não podia deixar a chance escapar.

- Você pareceu um pouco... transtornado da última vez que falou sobre ele.

- Transtornado – disse ele, rindo e agarrando os fios do cabelo num gesto nervoso. – É, esse é o efeito que ele causa.

Danny suspirou. Abri a boca, mas seu olhar me impediu. Havia mais.

- Eu nunca vi a minha mãe – revelou. – Ela não

queria me ter. Meus avós não apoiavam a gravidez, mas também não a deixaram abortar. Ela pensou em tomar remédios, mas se isso não me matasse, só traria mais dor de cabeça pra ela, então desistiu. Dessa vez. Poucas semanas após o nascimento, a solução que ela encontrou foi me afogar. Não sei como, mas sobrevivi. Ela deve ter pensado em outro jeito mais legal de botar fim num bebê, ou sei lá – disse ele, bufando em desgosto. – Quando meu pai soube do que aconteceu, ele me arrancou das mãos dela e foi embora.

Eu estava horrorizada. As palavras de Danny eram carregadas de puro rancor. Como uma mãe era capaz de fazer isso?

Ele deve ter entendido a dúvida em minha expressão, pois falou:

- Ela é louca, Rebecca – disse com pesar. – Completamente insana. Nunca mais me procurou. E porque procuraria, não é? Ela conseguiu o que queria. Para ela, eu não existo. E acho que foi por isso que menti pra você. Eu queria ter contato com ela. Eu queria saber o nome, o endereço, pra pelo

menos perguntar *porquê*.

Então Danny não considerava a mãe louca. Ele só queria entender o motivo. Só queria entender porque ela não o deu uma chance.

Eu sentia como se estivesse pisando em ovos. Dançando sobre cacos de vidro.

- Nada do que ela fez é justificável. Nada. – falei, segurando suas mãos com força. – Você sabe se a família dela é rica? Seu pai nunca te deu essas informações?

- Não, Rebecca. Não foi por falta de condições de me criar. Ela simplesmente não me queria.

Balancei a cabeça levemente. Não era possível. Aquele papo não fazia sentido pra mim, mas não ia dizer isso em voz alta. Jamais.

- Foi meu pai quem contou a história. Ele se recusa a contar mais do que isso.

- Essa é a versão dele, então? – assentiu. – E a dos outros parentes?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não existem – deu de ombros. – Meu pai é sozinho, e aposto que meus avós maternos me queriam tão longe quanto minha mãe – disse Danny em um tom enojado, como se a palavra *mãe* fosse veneno.

- Concordo com o seu pai – falei, levantando o queixo de Danny para encarar seus olhos escuros e repletos de mágoa. – Não vale a pena. Sei que deve existir um vazio em você com a ausência dela, mas... Você merece mais do que isso. Você merece alguém que te procure, alguém que lute por você. Alguém que te ame.

Segurei a respiração quando deixei escapar a última parte. Temi o modo como ele interpretaria, mas felizmente, Danny apenas soltou um sorriso de canto.

- Não queria te incomodar com o assunto – disse. – Eu fui rude com você no dia que perguntou sobre meus pais, e eu só queria corrigir isso. Não despejar em você meu passado dramático.

- Ei! – prendi seu queixo sobre meus dedos

PERIGOSAS ACHERON

novamente, os dedos roçando a barba mal-feita. – Seu passado faz parte de você. Esse é quem você é. O Daniel Palacci que não deixa ninguém defini-lo pelo que passou um dia. E tenho pena de quem ousar fazer isso – falei com um sorrisinho.

Danny retribuiu o sorriso e senti seu queixo ficar mais leve sob minha mão enquanto ele relaxava.

Num gesto repentino e inesperado, ele se esticou, me puxando pelos braços para cima e me envolvendo pela cintura para me fazer sentar em seu colo. Demorei a processar seu movimento, sem tempo para impedi-lo.

- Pode pedir um favor agora.

- O quê?!

- Você ficou me escutando enquanto poderia estar mexendo esse corpo lindo na pista – disse ele, apertando minha cintura com mais força. A proximidade e suas palavras doces fizeram meu coração disparar. Eu nunca aprenderia a digerir a mudança de humor desse homem. – Então tem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

direito a um favor.

- Qualquer um? – perguntei, provocante.

- Desde que não seja pedir para que eu mexa o meu corpo sarado junto ao seu, porque você não quer me ver perdendo o controle.

Danny se inclinou sobre meu ouvido, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

Segurei o riso, aliviada pelo Danny descontraído e sensual ter retornado, mas sabendo que ia decepcioná-lo. Eu não conseguia parar de pensar no que ele havia contado. Pensar em sua mãe e nas razões que teriam a levado a tomar decisões tão cruéis.

Eu queria confortá-lo, mas pelo visto quem precisava de conforto era eu, internamente abalada.

Percorri a mão pelo pescoço de Danny, sentindo-o estremecer sob meu toque. Sua mão avançava, percorrendo desde a minha cintura até a coxa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Esse seu vestido está me deixando louco – rosnou.

- Você é tão mentiroso – afirmei, rindo.

- Porque?

Ele se distanciou, olhando como se a louca fosse eu. E talvez fosse, mesmo, por ter lembrado daquilo naquele momento.

- O terno. Você falou do vestido, e lembrei que você roubou o terno que fiz.

- Além de invasor virei ladrão agora? – perguntou, mas sua voz saiu abafada ao beijar meu pescoço.

Arrepiei, levando os dedos aos seus cachos castanhos. Não tinha condições de responder enquanto ele continuasse a carícia. Seus lábios molhados espalhavam beijos por toda a extensão, e percebi que havia fechado os olhos só quando ele se afastou.

- Tudo bem – ele disse. – Roubei o seu terno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas você roubou algo maior de mim naquela noite.

- Rubei?

Ele assentiu, colocando uma mecha de cabelo meu atrás da orelha.

- Você roubou a minha raiva. Roubou a minha indecência, o meu orgulho, os meus pecados. Você me fez querer ser alguém melhor. Me fez querer ser *bom* para você. Eu não tenho passado, não tenho defeitos quando estou com você. Só tenho o agora, minha pequena. Você roubou tudo o que há de ruim em mim. Você me roubou todo para você.

Inspirei. Seus olhos ainda estavam ligeiramente vermelhos por antes, mas agora eram os meus que estavam mareados.

Aquele era Daniel Palacci. O homem misterioso e fechado, completamente aberto para mim. E eu queria. Eu o queria todo para mim.

- Canta pra mim – sussurrei, emocionada. – Esse é o meu favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei os olhos ao sentir seu toque macio e suave, e ouvi nitidamente sua respiração quando ele se aproximou do meu ouvido, cantando ternamente.

Existe uma dor que dorme dentro de mim

Que dorme só com um olho aberto

E acorda no instante em que você vai embora

Apesar de eu tentar me distrair

A dor permanece

E só desaparece quando você está perto de mim

Você sabia que toda vez que você está por perto

Todos parecem estar tão distantes?

Então, você poderia vir e fazê-los desaparecer?

Faça-os desaparecer e nós poderemos ficar juntos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava cantando Disappear do Hoobastank. Tantas tardes passei escutando aquela música e nenhuma delas se compararia a ter Danny cantando só pra mim. Sua voz terna, grave e rouca.

Nada naquela noite parecia real. As folhas das árvores balançando ao nosso lado, mais inofensivas do que minutos atrás. O céu pesado e escuro, evidenciando uma noite sem nuvens ou estrelas, preenchido com o brilho do nosso olhar.

Entre um trecho e outro, Danny selou nossos lábios num beijo cheio de desejo e paixão. Era intenso, como se fosse o último.

Sua língua encostou-se à minha e estremeci, sentindo um arrepio percorrer por todo meu corpo. Seus lábios quentes pareciam chegar a ferver ao envolver os meus. Encravei as unhas entre seus cachos, o puxando contra mim e intensificando o beijo que intercalava entre calmo e feroz. As mãos inquietas e impacientes dele naquele dia estavam comportadas, se mantendo em minhas costas e cintura, e se atrevendo de vez em quando a percorrer minhas pernas por cima da meia calça,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas se prolongando pelos traços do meu rosto,
passeando lentamente os dedos por cada parte.

Então eu fico de pé e olho ao redor

Distraído pelos sons

De todos e de tudo o que eu vejo

E eu procuro em todos os rostos

Mas não consigo achar rastros

Da pessoa que eu preciso

Ele cantou o último trecho olhando profundamente em meus olhos enquanto eu me perdia nos seus. No entanto, um grito estrondoso me fez sair do transe, vagando a atenção pela floresta ao nosso redor a procura de vestígios de movimentação ou da direção do grito súbito. Duas pessoas saíram da aglomeração, caminhando pela

PERIGOSAS ACHERON

grama, aparentemente em nossa direção.

Danny respirou fundo, balançando a cabeça e tirando meus braços de seu pescoço com cuidado.

- Eu não devia ter te contado – ele resmungou quase pra si mesmo e me tirou do colo, se levantando. – Esquece tudo o que eu disse, está bem?

Antes que eu pudesse protestar, ele depositou um beijo em minha testa e correu pelos trilhos. Boquiaberta, me virei para as duas pessoas e pude reconhecer Ellen e Matt. Arregalando os olhos, me apressei ao encontro deles.

- Alguma coisa aconteceu dentro da floresta – explicou Matt, soltando o ar assim que cheguei perto. – E perdemos a Gabi de vista. Não conseguimos encontrá-la em lugar algum.

*Passamos muito tempo sentados na calçada
falando sobre tudo e não dizendo nada*

PERIGOSAS NACIONAIS

*Seu sorriso vale mais de mil palavras, deixa
que o futuro fica pra depois*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Algum tempo atrás pensei em te dizer

Que eu nunca caí nas suas armadilhas de amor



No dia seguinte, recebi uma surpresa ao abrir o portão de casa. Danny vestia calça jeans escura, uma blusa estampada por guitarras e um casaco xadrez que intercalava na cor preta e vermelha. Cruzei os braços sobre o moletom, esperando que ele se pronunciasse. Daniel estendeu sua decisão por alguns minutos, aproveitando para me observar. Devia estar avaliando quais as chances de escapar ileso da minha ira.

- Por quanto terei que te subornar pra que me perdoe? – questionou com a voz rígida, embora o

canto de seus lábios tenha ameaçado se erguer.

- Quanto você está disposto a pagar? – desafiei, me esforçando a permanecer impassível. Eu tinha uma vaga noção ao que ele estava se referindo, mas pensando bem, Daniel possuía uma lista longa de erros para se desculpar.

- Alguns centavos, no máximo dois reais. É proporcional ao seu tamanho.

Fechei a cara, alcançando o portão na intenção de batê-lo com brutalidade, mas Daniel o empurrou de volta à posição anterior e atacou minha barriga com cócegas. Grunhi, esmurrando seu peitoral e me contorcendo enquanto ria.

- Rapaz!

Ouvi Matt descendo os degraus e me virei, tentando implorar por socorro, mas não conseguia obter fôlego suficiente pra isso. Estava esperançosa que ele entendesse o recado, até que me lembrei de um fato muito importante: Era o meu irmão.

- Nunca achei que você seria atacado por uma
PERIGOSAS ACHERON

formiga.

- E você é o próximo! – exclamei, arfando e me debatendo debaixo das mãos insistentes de Danny que gargalhava em meu ouvido.

- Meu Deus, estou sendo ameaçado por um protótipo de gente!

Nesse momento, cravei as unhas na pele grossa da mão de Danny e arrastei com toda força, logo sendo largada. Matheus arregalou os olhos, correndo na velocidade da luz para fora e fechando o portão atrás de si.

Covarde.

- Aonde o senhor vai? – perguntei, me recompondo quando ele abriu a porta novamente com um olhar desconfiado.

- Além de fugir de você? Pra casa da Ellen.

Quase me corriji, perguntando aonde ele ia com *aquele fogo todo*. Estava fazendo um frio de congelar os ossos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Matt vestia uma bermuda larga, camisa lisa e tênis surrados. Se nossa mãe o visse assim, ou ela enfartaria ou o enforcaria. Definitivamente, não era esse o modo de se vestir que tinha sido ensinado a Matt, mas ele era extremamente preguiçoso e desorganizado, então seu guarda-roupa estava sempre bagunçado, e a falta de vontade de procurar por uma roupa decente era grande.

- Se comporte – falei, imitando a nossa mãe.

Ele apenas piscou, acenou para Danny e sumiu de vista.

Danny logo preencheu meu campo de visão e eu me afastei, temendo que ele fosse prosseguir sua brincadeira. Todavia, sua expressão alegava que a brincadeira de agora era *diferente*.

- Você ainda não me respondeu – murmurou ele, e senti minhas costas batendo contra a parede ao lado da pequena escada que dava à sala de estar. Danny ergueu os braços presunçosamente, os posicionando agradavelmente na altura dos meus ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Depois dessa, você com certeza deverá ter uma quantia imensa.

Respirei fundo, inspirando seu perfume aromático. Poderia distingui-lo de longe.

- Caso contrário, nada feito? – sussurrou, levando os lábios ao meu pescoço e retendo uma distância de poucos centímetros da minha pele.

- Com algumas condições, talvez.

- Como o que? – perguntou.

Vaguei o olhar pelo seu rosto, agora na minha direção.

Eu não havia esquecido tudo o que Sara havia me contado; ainda procurava tomar o maior cuidado possível, mas não podia negar que sentia algo por Daniel. Algo muito forte, como um imã. Na noite passada, eu conhecera um Daniel totalmente diferente. Um Daniel disposto a tentar mudar. Um Daniel exposto que mostrou, do seu jeito, que confiava em mim. E eu precisava muito que aquele Daniel fosse o verdadeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como me explicar o real motivo do seu pedido.

- Por ter sido um idiota e te largado ali quando tudo o que você fez foi me ajudar. – disse sem hesitar.

Eu não estava brava com ele. Compreendia que havíamos tocado em um assunto delicado para ele, e que a falta da mãe ainda o corroia. Ele estava abalado e talvez envergonhado em admitir o que a família representava para ele, então não foi uma surpresa quando Danny se levantou e partiu sem mais nem menos. Era o Danny, afinal de contas.

Ainda assim, algo dentro de mim dizia que eu não devia dar a ele uma resposta direta. Que se eu desse, seria o mesmo que aceitar sua atitude. Ele era um homem perturbado e impulsivo, e suas mudanças de humor me incomodavam. Não estava pronta pra reconhecer o quanto doeu vê-lo partir justo quando Matt e Ellen precisaram de nós dois, então dei a resposta mais adequada. O silêncio.

Danny aproximou seus lábios carnudos dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus e permaneci intacta, sem fraquejar. Ele mordeu o lábio inferior, fixando seus olhos nos meus, como se prestes a duelar.

- Vem comigo. Quero te mostrar uma coisa.

Danny se dirigiu até a praça, onde seu carro estava estacionado próximo, e algo novo transformava o visual daquela pracinha. Ele finalmente havia construído seu tão sonhado barco de madeira. De tamanho mediano, o barco era suportado por duas pilastras feitas de madeira que o mantinha erguido e distante do chão. O barco também possuía uma rampa direcionada ao chão, indicando a entrada. Meu queixo provavelmente deve ter ido ao chão. Eu estava maravilhada.

Ele sorriu, se adiantando e parando em frente à rampa.

- Suba a bordo, marinheira – disse Danny, fazendo uma referência como uma espécie de convite.

- Sim senhor, capitão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao redor do barco, ele construíra uma cerca para separar o barco do gramado e também para ter uma noção do espaço que poderia ser usado.

- Pretendo usar essa cerca para fazer um revestimento melhor como cobrir com madeira, ou algo diferente – ele explicou, indicando a cerca com o olhar de soslaio. A cerca alcançava a metade do barco em termos de altura, portanto não era tão perceptível.

- Onde está o seu espírito aventureiro? – perguntei, percorrendo a extensão da rampa e puxando-o comigo até a ponta do barco, onde me debrucei para avistar a cerca. – Capitão, nós temos um problema! Tem um iceberg no nosso caminho! – exclamei, apontando para a cerca. Danny sorriu perversamente, endireitando a coluna e pigarreando para interpretar o papel.

- Marinheira, tenho uma péssima notícia a te dar – avisou, intercalando o olhar entre mim e nossa barreira. – Não creio que eu deva dar muito valor à sua percepção, pois de acordo com a sua altura, você provavelmente me considera um

PERIGOSAS ACHERON

gigante.

Me virei com a palma da mão aberta, pronta para ser arremessada contra seu braço, quando ele saiu em disparada, correndo como Matt havia feito.

Nesse momento, pude analisar melhor o barco por dentro. Havia uma pequena fileira de madeiras ligadas de um lado do barco ao outro que serviam como bancos e, ao fundo, uma pequena cabine improvisada. Encontrei um ponto vermelho entre as janelas da cabine, e logo localizei onde Danny havia se refugiado.

- Se você quiser se esconder, colocar uma porta é uma boa ideia – disse, invadindo seu espaço, o qual não contava com muita largura. Devia caber no máximo quatro pessoas, e possivelmente esmagadas. – Essa é a cabine mais pobre que eu já vi.

- Você já esteve num barco? – me encarou com uma pose superior, se erguendo e quase batendo a cabeça no teto.

- Não, mas...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Suficiente – interrompeu, dando um peteleco no meu nariz. – Sinta-se privilegiada por ser a primeira a entrar no meu super-barco.–ele piscou orgulhosamente, esquecendo-se do detalhe que a saída possuía um rebaixamento, e batendo a cabeça na madeira quando foi se virar. Ele cambaleou pra trás, soltando palavrões e levando imediatamente a mão à testa.

- Você está bem? – perguntei, embora não conseguisse parar de rir. Ele continuou resmungando, ignorando minha pergunta e se abaixando para passar. Tendo encontrado a chance perfeita, eu me esquivei dele e falei em alto e bom tom. – Ser pequena tem suas vantagens, viu, *gigante*.

A fúria invadiu seu olhar e, independente de ser verdadeira ou não, eu me apressei pelas tábuas na esperança de escapar do seu território.

Danny me alcançou quando eu estava no final da rampa, e com o choque de seus braços ao redor da minha cintura, acabei tropeçando e o levando

PERIGOSAS ACHERON

junto. Nós rolamos pelo chão, parando na estrada de pedrinhas, o que ocasionou mais dores já que a maioria delas eram pontudas. Danny estava em cima de mim, apoiando as mãos em ambos os lados da minha cabeça, tão ofegante e risonho quanto eu.

A raridade dos momentos que eu vinha vivendo com Danny recentemente era assustador. Tanto que ele se recompôs muito mais rápido do que eu, sua expressão virando de divertida para ameaçadora.

- Sério – disse, ainda entre risos. Pousei os dedos em seu rosto para garantir que ele estava intacto, e ele permaneceu impassível ao meu toque. – Você está bem?

- Posso ficar melhor – ele avançou, encostando o nariz no meu. Involuntariamente fechei os olhos ao sentir sua respiração quente batendo contra mim. – se você me ajudar, *pequena*.

- O que você quiser, *gigante*.

Sem delongas, ele colou nossos lábios num beijo suave e feroz ao mesmo tempo. Com Daniel, não existiam beijos inteiramente calmos. Havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algo brutal e quente que o dominava. Num instante ele explorava o beijo como se estivesse o estudando cautelosamente, absorvendo cada encontro de nossas línguas e cada mordida lenta em meus lábios, e no seguinte se aprofundava com desespero, como se quisesse me consumir. E eu retribuía todos seus movimentos. Toda a sua energia e sagacidade. Toda a sua ternura e todos os seus suspiros.

Após nos reerguermos, ele me convenceu a ajudá-lo a pintar o barco. Danny parecia ter roubado a loja inteira de tintura, pois estava com vários potes, cada um de uma cor. Ele alegou ser péssimo com cores e combinações. Portanto, por via das dúvidas, trouxe uma diversidade de possibilidades. Sorte dele em ter uma estilista do lado. Tudo bem, eu não era uma artista nem nada, mas qual é. Combinar tons de cores era um passatempo pra mim.

Nós optamos por pintar a parte de fora inteira de branco e fazer listras juntas por um ou mais percursos inteiros de vermelho e verde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Fase um terminada – disse Danny, se jogando no chão do barco, entre dois bancos.

Ele tinha tirado o casaco antes de começarmos a pintar, e sua blusa levantou quando ele apoiou a cabeça entre os braços.

- Nós temos que decidir como vamos fazer a parte de dentro.

Daniel franziu a testa, pensando.

- Pensei em pintar a cabine de um lado vermelha e de outro verde, ou ir intercalando... Mas provavelmente ficaria estranho. – concordei, idealizando.

Mordi os lábios, analisando cada parte do barco e avaliando nossas opções. Antes que pudesse raciocinar corretamente, Danny se ergueu num pulo e correu para fora do barco apressadamente. Pouco depois ele reapareceu, trazendo consigo quatro remos de madeira e seu violão.

- Você que fez?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele assentiu, e eu pude jurar que um brilho surgiu em seu olhar, embora tenha desaparecido na mesma velocidade que veio.

- Acredito que intercalar nesses seria uma ótima ideia!

- Aqui dentro e a cabine, nós podemos pintar tudo de branco, e fazer as mesmas listras vermelhas e verdes. Já os bancos, podemos pintar cada um de uma cor, mas sem o branco.

- Olha só, está pegando a manha! – brinquei, cutucando sua barriga quando ele colocou o violão e os remos de lado e voltou a se deitar na mesma posição anterior. – Até que estamos indo rápido. Tenho um pouco de prática. Quando eu era mais nova, ajudei meu pai a pintar a casa inteira. Ele fez questão de pintar ele mesmo, já que sempre adorou fazer isso, e pra aproveitar esse tempo, recrutou eu e meu irmão para o cargo de ajudantes. – soltei levemente o ar, recordando a época em que meu pai ainda tinha bom humor e se comunicava com seus filhos. – Mas você, eu não fazia a menor ideia...

PERIGOSAS ACHERON

Algumas pessoas passavam às vezes e olhavam curiosas para nossa nova obra. Não podia negar o fato de que me sentia orgulhosa, embora a maior parte tenha sido mérito exclusivamente de Danny.

- Becky – chamou Danny quando o silêncio se instalou. –No dia em que começamos a construir e você estava com um hematoma no rosto... Foi o seu pai, não foi?

Encarei-o espantada, mas logo desviei o olhar, constrangida. Eu não gostava que as pessoas soubessem detalhes pessoais da minha vida, e a fama de minha mãe nunca colaborou com isso. Eu não queria que Danny descobrisse a única coisa que consegui manter afastada do público, e a que eu mais sentia vergonha, então simplesmente me permiti a negar uma resposta para essa questão. No entanto, Daniel era esperto e não deixaria aquilo passar em branco.

- Você devia saber que quem cala consente, Rebecca – ouvi sua voz rouca com um toque leve de sarcasmo e senti a irritação subindo por minhas veias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sabia definir se pela entonação fria e insensível da sua voz ou se por notar que eu não conseguiria fugir dessa vez. Eu poderia fingir, dizendo que ele nunca faria isso, mas eu não tinha habilidades em mentir.

- Deduzi que fosse, já que o Matt não tem coragem de bater nem em mim, quanto mais em você. E sei que você reclama muito de sua mãe, com motivos, mas ela nunca seria capaz disso. Apesar de te obrigar a ajudar nos vestidos, é óbvio que ela dá valor pro seu trabalho, mas só não demonstra porque talvez isso seria uma razão pra você tentar convencê-la a usar esse dom somente se você realmente quisesse.

A cada palavra que saía de sua boca, eu sentia a tristeza me dominando com agilidade. E eu não queria sentir aquilo, não naquele momento, não quando ultimamente ele era a única pessoa que conseguia me fazer me sentir distante de toda a *minha* realidade.

E não quando finalmente estávamos começando a nos dar bem.

PERIGOSAS ACHERON

- Nós devíamos voltar a pintar. – falei decisiva, levantando a fim de passar por cima de suas pernas para voltar ao carro.

Danny se ergueu rapidamente, me puxando de volta ao banco pela cintura e se ajoelhando, de forma a ficar na mesma estatura que eu. Mesmo assim, eu continuei a olhar para qualquer coisa ao meu redor, menos para a profundidade de seus olhos.

- Olha pra mim – pediu ele.

Eu bufei, impaciente, e virei o rosto, me deparando com sua expressão branda.

- Eu sei que sua vida está um caos, Becky, principalmente com sua família. Qualquer um que passa mais de cinco minutos com vocês e fala sobre algum assunto familiar repara isso. Mas você não precisa e nem deve guardar isso somente pra você. Você pode ser uma das pessoas mais fortes que já conheci, mas quando tocam no seu ponto fraco, você desaba. Não por fora, mas por dentro.

Danny colocou delicadamente uma mecha de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo que caiu sob meus olhos e impedia que ele visse exatamente como eu estava reagindo a tudo que ele falava atrás da minha orelha. Ele aproveitou para fazer carinho com o polegar em minha bochecha e tive vontade de fechar os olhos ao seu toque. Era diferente, não algo que fazia arrepiar, tampouco algo pesado. Apenas na medida certa.

- Só quero que você saiba que não está sozinha, pequena.

- É claro que não – falei, emburrada. – Eu tenho alguém que vale por mais de dois, não é, gigante?

Os cantos de seus lábios se ergueram num breve sorriso e depus um beijo prolongado em sua bochecha sardenta.

- Pra você ver como é especial, vou tocar uma música do Boyce Avenue chamada Broken Angel pra você.

Ele se afastou, pegando o violão e sentando no banco à minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você mostrou a ele o seu melhor

Mas eu tenho medo que o seu melhor

Não fosse bom o suficiente

E sei que ele nunca quis você

Pelo menos não da maneira

Que você queria ser amada

E você sente como se você fosse um erro

Ele não vale todas essas lágrimas que não vão embora

Eu queria que você pudesse ver que

Ainda que você tente impressioná-lo

Ele nunca vai ouvir

Encolhi as pernas no banco, abraçando-as.

PERIGOSAS ACHERON

Danny não tinha o direito de falar sobre o horror que eu vivia em casa. Ele nem sabia, na verdade. Poderia supor, mas não estava nem um terço próximo de saber o que ocorria na casa dos Morelli.

Daniel era bom em supor, aliás. Seu passatempo deveria ser esse. Supor o quão sofrida a coitada da Rebecca Morelli era. Supondo o que aconteceu no acidente, supondo as noites de brigas e machucados.

Ele não sabia.

Rangi os dentes, me forçando a focar na música e esquecer a conversa. Ele não fizera por mal. Era evidente que Danny também não sabia como lidar com sentimentos alheios. Sara era grande prova disso. Sua insensibilidade era natural, desprovida de más intenções. Pensar que isso poderia ser proveniente da ausência do amor materno fez meu coração amolecer. Ele estava tentando. Ele estava cantando para mim uma música doce e acolhedora. E eu tinha que parar de ser tão exigente. Aquele era Daniel. O cara que me deixava sem fôlego toda vez

que me beijava. O cara que enlouquecia meu coração sempre que estava por perto. O cara intimidador e observador que estava me permitindo, lentamente, a conhecê-lo. A conhecê-lo de verdade.

Não importava que, no final das contas, ele descobrira que eu trabalhava para minha mãe, mesmo eu dizendo o contrário. Aquilo era um problema meu. Talvez a revelação não fosse tão amedrontadora para mim se eu já tivesse confrontado minha mãe. Estava tudo em minhas mãos.

Mas, por enquanto, eu só queria escutar o dono daquela voz linda e grossa cantando.

E agora você cresceu

Com essa noção de que você foi culpada

E você parece tão forte às vezes

Mas eu sei que você ainda se sente a mesma

PERIGOSAS NACIONAIS

Como aquela menina que brilhava como um anjo

Mesmo depois do coração preguiçoso dele fazê-la passar pelo inferno

Oh, anjo ferido

Você estava triste quando ele esmagou todos os seus sonhos?

Oh, anjo ferido

Você está morrendo por dentro porque você não consegue acreditar

Danny ficou terrivelmente pensativo após terminar de cantar. Seu carinho foi substituído por uma máscara obscura e tempestuosa. Entretanto, eu sentia que seus pensamentos estavam centrados em si mesmo e não relacionados diretamente a mim. Sendo assim, nós voltamos a pintar e me esforcei para trazer aquele Danny contente de volta. Felizmente, não foi necessário muito para obter o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu queria, apenas ligar o rádio do carro.

Nós passamos a tarde inteira pintando o navio por dentro, cantando mais alto que os cantores com as músicas, dançando no ritmo e brincando como se fossemos amigos de infância. Era como se aquele Daniel irônico e ríspido tivesse sumido e outro animado e brincalhão o substituído.

Ao finalizarmos a rampa, nos jogamos dentro do carro, totalmente exaustos, disputando por maior espaço. Danny ficou deitado de barriga pra cima, com as pernas pra fora do carro, e eu ocupei o outro pedaço, com a cabeça deitada em seu peitoral e quase caindo, se não fossem pelos seus braços me segurando. O sol estava se pondo e meus olhos foram fechando pelo cansaço.

- Que horas você começou a montar tudo? – perguntei, o som abafado por estar com o rosto quase enterrado em sua camisa.

- Cedo – murmurou ele, estalando as costas. – Muito cedo.

Dependendo do quão cedo fosse, torcia para
PERIGOSAS ACHERON

que tivesse sido depois que meus pais tivessem saído de casa para o trabalho.

Aposto que eu poderia ter dormido no aconchego de Danny se não fosse pela sessão de notícias que dera início no rádio.

- Ontem à noite houve uma festa na floresta onde diversos adolescentes de nossa cidade estiveram presentes, mesmo não sendo permitido realizar eventos no local. O que ninguém esperava é que fosse ocorrer um assassinato. Um garoto foi encontrado em uma área profunda da floresta com uma garota no colo, repleta de sangue e já morta. Ele alega tê-la ouvido gritando e tentado ajudá-la quando a encontrou, mas era tarde demais. Contudo, ele é a única pessoa que afirma tê-la visto naquela noite, assim se tornando um suspeito. Ele está sendo interrogado, mas ainda não foi encontrada nenhuma prova evidente que o incrimine, ou a qualquer um, o que torna o caso muito intrigante. Voltaremos em breve com novas informações.

Agarrei a camisa de Danny, lembrando cada

momento daquela noite. O grito de Cíntia, Henry tentando segurar uma Gabi transtornada, a ambulância e os policiais chegando. E nós, que só tínhamos a esperança de nos divertir por uma única noite e esquecer os problemas...

- Eu sabia que não devia ter te deixado sozinha – disse Danny, quase inaudível, com o corpo tenso sob o tecido da camisa.

Eu achava que aquele dia seria péssimo, que as imagens da noite anterior passariam pela minha cabeça o dia inteiro, mas Danny não precisara nem se esforçar para que isso não acontecesse. Evitei levantar o ocorrido com ele de propósito, preferindo tirar o assunto da mente até que a polícia chegasse a uma conclusão.

Eu só queria afastar aquilo, afastar o fato da minha mãe supostamente ter outro filho e ainda não ter decidido me contar, esquecer que em poucos meses o maior desfile da vida de minha mãe e minha formatura aconteceriam exatamente no mesmo dia, e eu teria que me desdobrar para ajudá-la e marcar presença nos dois lugares, esquecer o

PERIGOSAS NACIONAIS

acidente que fez meu pai passar a nos tratar como lixo e se embebedar, eu só... Eu só queria ficar com alguém que me entretivesse e não perguntasse a cada segundo como eu estava lidando com tudo acontecendo ao meu redor.

Arrastei Danny comigo para dentro de casa e despejei um pouco de refrigerante em dois copos. Ele bebeu em goles grandes e se apoderou da garrafa, colocando mais. Eu não o culpava, também estava morrendo de sede. Aproveitei para pegar um pacote de bolachas e, enquanto Danny a atacava, comecei a pensar no barco. Me perguntava se realmente daria certo, se atrairia a atenção das pessoas e se seria um motivo para voltar a ser movimentada.

- Tive uma ideia! – exclamei pulando, o que fez Danny quase se engasgar. – Vem comigo – disse, entrelaçando os meus dedos nos seus e o puxando comigo pela escada até meu quarto.

Estava muito distraída tentando recordar aonde havia guardado o objeto para me preocupar com a trinca da porta se fechando atrás de Danny.

PERIGOSAS ACHERON

Esgueirei o braço por um friso atrás do guarda-roupa, de onde tirei uma bandeira enrolada.

- O que é isso? – Danny arqueou a sobrancelha, me ajudando a abri-la. – Um guarda-sol?

- Sim, para bater na sua cabeça – ironizei, revirando os olhos. – Como bons descendentes italianos, minha família é fissurada em coisas que venham da Itália, então nós temos várias dessas bandeiras guardadas pela casa. Uma só não vai fazer falta. – expliquei com meu melhor sorriso orgulhoso. Juntei as mãos atrás das costas, o observando abrir a bandeira e admirá-la.

- As cores do barco. – ele captou a mensagem, me dirigindo um olhar satisfeito. – Bem pensado, marinheira.

- A seu dispor, capitão – pisquei, erguendo a cabeça para alcançar seus lábios quando ele se abaixou.

Danny enrolou a bandeira novamente, colocando num canto próximo ao guarda-roupa e logo detectou meu ipod em cima da mesa de

PERIGOSAS ACHERON

cabeceira. Ele o alcançou enquanto eu pegava a bandeira, a guardando em seu devido lugar, e ele colocou uma música do Yellowcard chamada OceanAvenue para tocar. Aquela música me entusiasmava, mas pelo visto afetava Danny mais ainda, que me pegou firme pela cintura, me erguendo por um braço só e me jogando na cama. Balancei a cabeça em desaprovação e ele se estendeu por cima de mim.

- O que foi, marinheira? – questionou, beijando meu pescoço e causando arrepios por todo meu corpo. Era difícil resistir quando ele estava atacando exatamente o meu ponto fraco.

- Não deveria se aproveitar assim das suas marinheiras.

Ele subiu os beijos pelo meu queixo, mordendo meu lábio inferior e o puxando consigo.

- *Minha* marinheira – ele corrigiu, percorrendo a mão pela minha perna e a levantando quando chegou ao joelho para circular sua cintura. – Você é a única, então, tecnicamente... – seu beijo molhado

PERIGOSAS NACIONAIS

me levou ao delírio, seu calor me envolvendo numa sensação maravilhosa de prazer. – não existe nada errado nisso. Você vê algum problema?

- Não sei se estou exatamente de acordo... – ofeguei, arrastando a barra de sua blusa para cima e cravando a unha em sua pele enquanto isso, deixando o rastro do caminho. Meu coração acelerava a cada toque dele em minha pele, a cada respiração, a cada movimento.

- E o que eu preciso fazer para você mudar de ideia? – ele sussurrou em meu ouvido, voltando a se dirigir ao meu pescoço e dessa vez mordendo, o que foi um basta para mim.

Eu sabia que estar sozinha em casa, trancada no quarto com um cara que eu nem sabia o que era meu, era muito, muito errado. Tudo na situação exalava isso. E ao mesmo tempo, eu só conseguia pensar no quão parecia certo seu corpo junto ao meu. Seus lábios percorrendo o meu colo, as mãos apertando minhas coxas, meu corpo ansiando pelo seu. Nós não estávamos perto o suficiente. Eu queria que ele me fizesse esquecer tudo. Queria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tocá-lo, queria senti-lo, queria que esse momento não acabasse nunca. *Eu queria mais.*

Quando Danny se afastou deixando que eu tirasse sua blusa e tivesse o vislumbre de seu peitoral, eu não tive mais dúvidas.

- Cala a boca e me beija.

Cravei as unhas em seu cabelo cacheado e o puxei com força contra mim, beijando-o profundamente e entrelaçando minhas pernas ao redor dele. Danny deixou um sorriso escapar de seus lábios antes de puxar minha blusa para cima e se entregar por completo.

Se eu pudesse te encontrar agora as coisas ficariam melhores

Nós poderíamos deixar esta cidade e fugir para sempre

Eu sei que em algum lugar, de alguma maneira nós ficaremos juntos

PERIGOSAS ACHERON

Deixe que as suas ondas quebrem em mim

E me levem embora

- Becky... – murmurou Danny, inseguro.

Compenetrada, continuei a correr os dedos pelas cicatrizes numa carícia lenta. Sua pele clara estava quente, e eu acompanhava seu peito subindo e descendo vagarosamente. A única vez que Danny esteve sem blusa perto de mim foi quando invadiu minha casa e me jogou na piscina. Eu ficara tão surpresa com o seu atrevimento – e não admirada com seus músculos – que nem dei atenção para as cicatrizes discretas dispersas pelo corpo. Suas costas eram desenhadas por cicatrizes mais ásperas e consistentes, e sempre que eu esbarrava nelas, Danny se arqueava como se o toque o ferisse, então me mantive longe delas. Daniel não era do tipo sentimental e tudo o que eu menos pretendia era estragar o momento que estávamos compartilhando, então mandei a curiosidade pro fundo da minha mente e decidi que era melhor perguntar numa outra hora a respeito. Pelo aspecto,

PERIGOSAS ACHERON

Danny as ganhara através de brigas. Eu conhecia o processo de recuperação da pele marcada por golpes de cinto, e não eram similares às dele.

Para ser sincera, diante da perspectiva de que Danny ainda escondia segredos, eu estava com medo do que ia encontrar em seus olhos. Tinha medo que, ao fazer isso, toda a perfeição do momento seria destruída. Sua respiração ligeiramente nervosa denunciava que Danny se sentia de forma semelhante.

Ele suspirou, dando um pequeno beijo na palma de minha mão, subindo pelo braço, pelo ombro, pelo pescoço, pelo rosto, até chegar em minha boca. Seus lábios não estavam tão macios como antes; estavam tensos e rígidos.

- Eu tenho que ir embora e não sei quando vou voltar. Ou *se* vou...

- Como assim? – exigiu, me apoiando no cotovelo, assim como ele estava.

- Me escuta – pediu, levando o polegar à minha bochecha, mas me distanciei. Eu não conseguia
PERIGOSAS ACHERON

acreditar no que estava ouvindo. – O que aconteceu agora foi importante pra mim, mas não muda o fato que eu iria embora de qualquer jeito. Eu tenho coisas a resolver e não tenho certeza sobre como tudo vai acabar.

- Você quer então que eu simplesmente aceite? Eu também tenho meus problemas e achei que você compreendesse isso. Aliás, quem me falou que eu não estava sozinha, por acaso?

Eu sabia que estava sendo infantil, mas eu não conseguia *acreditar*. Depois de todas as palavras trocadas, depois da suposta confiança, ele simplesmente ia embora sem mais nem menos?

Danny levantou bufando e vestindo as roupas. Eu estava chocada com a minha capacidade de acreditar exatamente nas pessoas que não devia, ou dar crédito demais para quem não merecia.

- Rebecca, é mais complicado do que você pode imaginar. O que aconteceu entre nós não foi por interesse, mas assim como eu, você tem que aprender a lidar com seus próprios dilemas e

resolvê-los.

Eu sentia as lágrimas prestes a transbordar dos meus olhos. Eu tremia de raiva. Eu queria lhe dizer milhões de coisas, mas não sabia como formular as frases. Eu só queria esmurrá-lo até não aguentar mais ou simplesmente puxá-lo de volta pra mim.

Me limitei a balançar a cabeça. A história de Sara rodava pela minha cabeça, e todas as promessas que ele lhe fizera. Eu era a Sara da vez.

- Você é um grande mentiroso.

Danny destrancou a porta e abriu a boca para falar algo, mas desistiu.

Ele abriu a porta.

Funguei, olhando para o lençol desarrumado debaixo de mim.

Milhares de perguntas começaram a se formar. Ele não debateu. Era de fato um mentiroso. Tudo o que ele me contou era mentira? Até mesmo sobre sua família? Será que *alguma coisa* que saiu de sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boca foi verdade?

- Sinto muito – ele disse afinal e saiu pela porta.

Como se nada tivesse acontecido.

Como se não tivesse significado nada para ele.

Eu me lembro do olhar em seus olhos

Quando te contei que isso era um adeus

Você me implorou: não esta noite

Não aqui, não agora

Estávamos olhando para o mesmo céu noturno

E ainda fingíamos que o sol não nasceria

Ficamos juntos mais uma noite

Em algum lugar, de alguma forma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu celular começou a tocar, e mesmo sem a menor vontade de atender, me estiquei para alcançá-lo na calça.

- Alô?

Reconhecendo o choro de Gabi, eu me ajeitei imediatamente na cama e fiquei alerta.

- Becky... – gaguejou.

- Meu Deus, o que houve? – perguntei em desespero.

Ela respirou fundo por alguns segundos e soltou a sentença rapidamente.

- Nick foi preso.

Pode esperar que vai chegar sua vez, nada no mundo vale o que você me fez

Eu não preciso gritar pra você me ver, eu não quero mudar só pra te merecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

*Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui*



Uma semana passou até eu criar coragem e ir visitar Nicholas.

Dentro desse tempo, revezei entre modelar os vestidos pro desfile e consolar minha prima. Gabriella estava num estado lastimável.

Assim que foi informada do paradeiro de Nick, ela correu para vê-lo. Acompanhada de Henrique, eles questionaram os policiais e foram avisados que Nick estaria retido até que os resultados dos testes de DNA chegassem e mais provas fossem levantadas. Por ser o único suspeito até então, Nick

estava sendo submetido a uma série de interrogatórios e, enquanto não provasse sua inocência, não seria liberado.

A princípio, Nick se recusou a vê-la, e a Gabi que eu conhecia teria desmoronado ali mesmo e se encolhido em posição fetal, mas Henrique disse que ela partiu pra cima do policial.

- Quem ele pensa que é pra me dispensar depois de toda a preocupação que me fez passar? – disse Henry, imitando o chique da irmã. – Ele vai me ver *agora*, se não eu mesma vou entrar e trucidá-lo. Trucido vocês dois!

Pensando bem, ainda não consigo construir a imagem de minha prima fazendo uma cena na frente do policial e ainda por cima o ameaçando, o que foi tanto corajoso quanto idiota. Era mais fácil ela implorar pra ser retida também. E, além disso, eu não achava que o aviso que ela dera fosse convencer Nick.

- É claro que não convenceu – afirmou Henry. – Por isso ela complementou, dizendo que ia tacar

fogo na bateria dele depois que o matasse.

Essa sim era a Gabi que eu conhecia.

De qualquer forma, Nick não falou muito. Ele parecia embaraçado, de acordo com Henry. Ficou calado por tanto tempo que ele pensou que Gabi ia ter um treco.

Por conta disso, ela me pediu para não visitá-lo.

- Mas porque, Gabi? – perguntei, com cuidado.
– Os policiais não conseguiram contatar os pais dele nem qualquer outro familiar. Ele deve estar se sentindo terrivelmente sozinho. Ele precisa se abrir com alguém.

- Não! – esbravejou. – Se ele não quer se abrir com a própria namorada, porque se daria o trabalho de fazer isso com outra pessoa? Ele quer assim, então é assim que vai ser. Ele vai ficar sozinho, porque é exatamente como estou me sentindo também.

- Não é verdade – eu disse com um suspiro, mas ela me ignorou.

Nunca em nossos dezessete anos vi Gabriella tão desolada. Ela estava quebrando à minha frente, e eu não conseguia juntar os pedaços.

Eu não podia simplesmente ficar parada, sabendo superficialmente o que havia ocorrido com Nick. Eu precisava ficar frente a frente do meu melhor amigo e descobrir se ainda restava algo dentro dele para ser salvo. Eu conhecia Nicholas muito melhor do que conhecia Daniel e não ia aceitar ser traída pela segunda vez.

Olhei ao meu redor enquanto esperava trazerem Nick. Minhas unhas roídas agradeceram. A sala possuía um aspecto descuidado, as paredes claras manchadas de mofo e a pintura descascando. O ar naquele pequeno cômodo era notoriamente pesado, como se todos os episódios conflituosos que testemunhara tivessem impregnado. E a pobre sala estava prestes a ganhar mais uma para a coleção. Pro meu azar, eu pressentia isso.

Apenas uma mesa de tamanho mediano no centro da sala separava uma cadeira da outra. Apoiei as mãos juntas sobre a mesa, recitando um

mantra na mente para manter a calma. Aquele era Nicholas, não um desconhecido. Era o meu melhor amigo, meu protetor. Ele estava preso por um engano, mas... Será que era mesmo um engano?

Meu Deus. Duvidando do melhor amigo. Todo mundo parecia um suspeito para mim agora. Eu não conseguia confiar em mais ninguém. Não depois daquele maldito...

Parei de raciocinar quando a porta abriu.

Nicholas estava lá, estagnado. De cabeça baixa e algemado.

Algun policial deve tê-lo empurrado, pois Nick avançou cambaleante e se sentou na cadeira.

Engoli em seco.

Se antes pensei que Gabi estava péssima, eu não tinha palavras para descrever como Nick parecia. De repente, imagens do dia em que nos conhecemos me iluminaram. Os dias em que ele aparecia em casa, sempre de bom-humor, tirando sarro da minha cara enfezada. Os dias em que ele se

PERIGOSAS NACIONAIS

jogava ao meu lado no sofá e me escutava tagarelar por horas. Provavelmente ele não sabia que em dias como aquele, ele era o meu farol, ouvindo pacientemente e me ajudando a me distrair das discussões em casa. Mas lá no fundo, algo me dizia que ele sempre soube. Sua expressão branda e compreensiva, seus olhos amigáveis, sua disposição em deixar o treino de lado para me fazer companhia. Eu amava Nick com todo o meu coração. Amava vê-lo fazendo minha prima feliz, amava tê-lo por perto. E agora... Agora parecia tudo tão surreal.

As habituais olheiras e a testa enrugada de Nick estavam mais intensas, e enfim eu entendi o que Gabi quis dizer. Nick queria distância. Seus músculos tensos e os punhos cerrados alertavam isso.

Ficamos em silêncio enquanto o homem que havia o trazido, saía. Passei as mãos pelo rosto, tentando acalmar minha respiração acelerada, e resolvi me pronunciar.

- O que aconteceu? – perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

Era uma pergunta ridícula, mas eu não sabia por onde começar. Tinha tantas perguntas, mas a tarefa de formulá-las se mostrava impossível.

- Nick, você precisa falar comigo. Não conseguiram contatar os seus pais para arranjam um advogado pra você. Eu nem sei se esses seus pais existem, Nicholas! Só sei que não existe previsão para te liberarem, e eu também não vou sair até que você me responda.

Nick permaneceu quieto. Foi quando percebi que ele daria a mim o mesmo tratamento que deu à Gabi caso eu fosse suave com ele.

Nicholas era um homem forte. Seus olhos duros demonstravam que estava se escondendo. E para forçá-lo a responder, eu não podia ter pena. Eu ia ter que provocá-lo. Talvez isso fosse trazer o pior dele, mas que escolha eu tinha?

Respirei fundo, preparando para lançar a bomba.

- Porque fez isso, Nicholas? Porque está mentindo sobre a garota?

PERIGOSAS NACIONAIS

Nick me fuzilou com o olhar. Me recostei à cadeira dianteda carranca que ele liberou.

Ok, aquilo surtiu efeito mais rápido do que eu previa.

- Do que você sabe, hein? Não viu *nada* do que eu vi. *Mentir...* – ele riu ironicamente, cerrando os dentes. Estremeci, aterrorizada com sua reação. Nicholas transbordava em raiva. – Primeiro, procura no dicionário o que significa mentir, depois olha pra cara do Daniel e me diz a que conclusão você chegou.

Nicholas ergueu os punhos e socou a mesa. Pulei na cadeira.

Eu precisava me recompor e seguir debatendo. Esse era o segredo pra fazer Nick falar.

Vai, Rebecca! Para de ser marica!

Mas, meu Deus, eu estava amedrontada até de saber o que de tão horrível ele havia visto na floresta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Espera aí! – bradei, indignada. – Foi *você* quem me contrariou e não deu a menor importância quando falei sobre minhas suspeitas. Foi *você* que preferiu continuar próximo de alguém que já foi chamado de *assassino*, do que de sua melhor amiga ou sua própria namorada!

- Fui *eu* quem pedi para você se manter afastada! Não me importa o que aconteceria comigo, eu pedi pra você manter distância. E eu não *preferi* ficar do lado dele, eu estava o investigando.

- Investigando? – arqueei a sobrancelha, o ar que eu havia prendido sem perceber sendo solto lentamente.

Nicholas deu um meio sorriso, sem mostrar os dentes.

- Depois que tivemos aquela conversa, ele sumiu por algumas semanas, mas consegui localizar os rastros dele. Pra isso, eu tive que me aprofundar no assunto, porque comecei a me preocupar e não queria colocá-las em risco as

PERIGOSAS ACHERON

envolvendo nisso. Prometi pra vocês que as manteria seguras, e eu queria ter certeza, ter provas pra mostrar e poder denunciá-lo, mas quando fui ter isso na palma da mão, era tarde demais.

- Mas você não precisava ir tão a fundo! Quando começou a suspeitar que ele realmente podia representar perigo, era só avisar e todos nós nos afastaríamos!

- Até parece – disse ele, levando as mãos à testa. Frustração. Era essa a palavra que eu estava procurando. Ele não estava irritado, estava frustrado. Mas porque?

- E agora você acha que adiantou, por acaso, acabando preso? – perguntei suavizando a voz a fim de evitar que ele se exaltasse novamente.

- Antes de me julgar, quero te perguntar uma coisa. – disse com deboche, descansando as costas na cadeira. – Onde ele estava antes de vocês se meterem no trilho, onde ele se aproveitou da sua inocência?

- Atendendo o celular, eu acho... – declarei num

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurro.

- Ele matou aquela garota. – anunciou Nick entre dentes.

E lá estavam as ameaças contra Danny novamente.

- Como você pode ter certeza disso?

- Nas últimas vezes que o segui, achei que ele tinha percebido, e precisava me certificar de que vocês estavam bem e que ele não tentaria nada. Quando soube da festa na floresta, não encontrei razão para fugir, já que provavelmente ele não estaria lá. Chegando à festa, vi a Gabi tão cabisbaixa que não tive coragem de falar com ela. Ela me questionaria até a morte e eu não poderia responder todas suas perguntas. Talvez nenhuma delas. Então preferi ir embora, e como meu carro estava estacionado em uma área afastada, eu consegui ouvir um grito vindo de dentro da floresta. Ninguém na festa se manifestou, porque o som estava alto demais para escutarem. Com as minhas desconfianças, eu segui na direção de onde veio o

PERIGOSAS ACHERON

grito e logo encontrei o que eu mais temia. – ele parou, olhando para a mesa.

Esperei pela continuação, aflita, mas Nick não parecia pronto para prosseguir. Seu olhar estava vagando, como se ele estivesse longe, de volta à floresta.

- O que você encontrou? – murmurei. Nick me encarou, e suas pálpebras pesadas tremeram enquanto seus olhos eram invadidos por uma emoção que me deixou mortificada. Dor.

- Acabou o tempo – o homem entrou na sala, puxando Nick para fora.

Tentei relutar e implorar para que ele falasse, mas ele nem tentou, me abandonando com meus pensamentos sombrios.

Entrei no quarto do meu irmão e peguei o violão encostado à parede, colocando-o no colo e sentando em sua cama macia. Pensei em alguma música que representasse o que eu estava sentindo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e escolhi Another Day do Paramore. Minha voz comparada a de Matheus era catastrófica, mas me ajudava a descontrair e liberar o peso que me sufocava por dentro.

E se você está ouvindo, eu sinto sua falta

E se você me escutar agora, eu preciso de você

Aonde você foi?

Porque você não foi embora

Todo mundo sabe que alguma coisa está errada

Os fios foram cortados e eu estou sozinha

Eu sei que estamos nos aproximando

Sei que você está voltando para mim neste momento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Danny sumiu do mapa. No mesmo dia em que fugira do meu quarto, ele mandou uma mensagem de texto para os garotos, avisando que ia estar fora da cidade por uns dias para resolver problemas familiares.

Por um momento cheguei a acreditar, esperançosa, lembrando da história de sua mãe. Por outro lado, se fosse verdade o que Nick havia contado, ele estaria fugindo da polícia. *De novo*. O que significava, conseqüentemente, que Danny estava envolvido em mais homicídios do que eu podia imaginar.

Eu não sabia mais o que pensar. As acusações em cima de Daniel eram graves. Se ele possuísse uma parcela de culpa por tudo o que foi indiciado, eu estivera brincando com o perigo. Eu *beije* o maldito perigo. Beije, toquei, abracei, agarrei, e meu corpo inconsequente arrepiava ansiando por mais. Mas a minha consciência reconhecia como fui enganada e manipulada. Eu deveria sentir *nojo* da sua desonestidade e palavras ditas em vão, mas parte de mim não acreditava no que estava acontecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei nas risadas e nas confissões sussurradas ao luar. Pensei nos garotos reunidos e a evidente paixão deles pela música. Pensei em suas mãos grandes e sardentas envolvendo o violão quase que com *carinho*. Pensei em sua voz poderosa entoando melodias agridoces.

Simplesmente não era possível que todos os momentos tenham sido falsos.

E se foram...

Se Daniel era de fato uma ameaça...

Eu rezava para que ele nunca mais voltasse.

Sua voz vem e agora é fraca

Eu não posso acreditar nisso, é tão frustrante

Porque você parece nunca entender

*E você me deixa escorregar por entre suas
mãos*

PERIGOSAS ACHERON

E qual é a sensação de estar sozinho?

Desci para jantar e a recepção na qual fui concebida não foi boa. Meu pai estava com a expressão severa, então me preparei para a bomba que certamente viria a explodir. Sentados à mesa também estavam Henrique e Elena, que passaram a tarde em nossa casa.

- Becky, o que você sabe sobre o assassinato? –
inquiriu meu pai de boca cheia, enfiando mais uma garfada de carne na boca.

Era a milésima vez que ele fazia a mesma pergunta, assim como a minha resposta continuava a mesma.

- Nada além do que todos sabem – brinquei com a comida, tentando formar um rosto. – Por quê?

- Rebecca – estremeci. Sempre que ele me chamava pelo nome, e não o apelido, é porque vinha bronca. E dessa vez sua entonação foi mais
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

firme que de costume. – Não minta para mim.

- Não estou mentindo, pai. Eu não estava na cena do crime. – disse com sinceridade, mantendo o tom de voz baixo.

- Ela estava ocupada – Henry se intrometeu e cerrei os olhos mortalmente na direção do meu primo. – É... Fazendo companhia pra Gabi.

- Você nunca mais verá esse rapaz –disse minha mãe séria, mas cuidadosa, ao contrário do meu pai que não pensava duas vezes antes de ser rude.

Dei de ombros.

- O que? – meu pai riu e me encolhi na cadeira. – Você merece mais do que isso. Merece um belo tapa.

Ele se levantou, mostrando a palma da mão e erguendo o braço ao mesmo tempo.

Mamãe se levantou junto, assustada, tentando impedi-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu te avisei para ficar longe dele. Você não me obedeceu!

- Eu já disse, não tive culpa nenhuma pela morte daquela garota! Pare de julgar antes de ter visto com seus próprios olhos. Você não conhece Daniel, tenho certeza que ele é uma pessoa muito melhor do que você! – gritei, cuspendo todas as palavras entaladas em minha garganta.

Sem tempo para proferir em defesa, ele desferiu um tapa no meu rosto.

Escutei minha mãe ofegar.

- Repita o que disse e levará mais do que um soco – repreendeu, fechando o punho.

Senti as lágrimas inundarem meus olhos e meu rosto ardendo.

- Você vai ficar de castigo, mocinha. Vai sair apenas para ir ao colégio e dedicará sua vida aos vestidos, nada mais.

Levantei irritada, arrastando a cadeira para trás,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem me importar com o barulho que ocasionou.
Encarei-o uma última vez, chorando e soluçando.

- Como se eu já não estivesse fazendo isso, *pai*.

E corri pelas escadas antes que ele pudesse me alcançar novamente.

Você alguma vez me quis?

Você precisou de mim?

Eu sei que você foi embora antes de se despedir

E não tem problema, há sempre um outro dia

E qualquer hora que você me quiser

Qualquer hora que você me ver

Eu não acho que você quis dizer adeus

Mas não tem problema, há sempre um outro dia

PERIGOSAS ACHERON

Minha cabeça estava girando, impedindo que eu voltasse para a sala de jantar e eliminasse todos meus sentimentos e pensamentos na cara do homem que dizia-se meu pai. Eu sabia que seria castigada por isso. O melhor era ficar quieta e guardar a dor. Fiz isso por tantos anos, porque não conseguiria agora?

Abracei meu cavalo de pelúcia e soluzei de tanto chorar. Não culpava Matt, Ellen e Henry por não terem me defendido, já que sabiam que acabariam da mesma maneira se interferissem. Nem mesmo minha mãe, que sofria o suficiente nas mãos dele diariamente. Eu só queria ter um ombro *confiável* para me apoiar.

Encostei a cabeça na janela meio aberta vendo a chuva caindo forte. Pousei o olhar na calçada, onde um único homem com a cabeça coberta por um capuz estava parado, vigiando minha casa e a vizinhança. Arqueei a sobrancelha, enxugando os olhos para poder enxergar melhor além das lágrimas, mas ele não estava mais lá.

Para completar, os vigias haviam voltado. E

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pai achava preferível agredir a própria família invés de protegê-la.

- Assumam. Quem contou? – perguntei, entrando como um furacão no quarto de meu irmão. Ele estava abraçado à Ellen, enquanto Henry mexia no computador.

- Fui eu.

Arregalei os olhos para um Henrique distraído com as teclas. Seus ombros caídos alegavam o receio em sua voz.

- Me senti na obrigação de fazer isso. Já sei da maior parte, Daniel não é um bom partido.

- Para você era até descobrir o que te escondiam.

Sem resposta, ele continuou a teclar com agressividade, fazendo o teclado balançar.

Olhei para o casal, fazendo gestos aflitos com os braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Alguém pode me explicar?

- Fui eu, Becky – confessou Ellen, revirando os olhos. – Acha mesmo que está segura namorando alguém que está sendo procurado pela polícia?

- Primeiro: Não estamos namorando. Segundo: Ele já sumiu.

- Tem certeza?

Mordi os lábios, cruzando os braços.

Ela levantou da cama e pegou seu casaco jogado na cama de Matt, amarrando-o na cintura.

- Pode ser que ele não tenha matado ninguém, mas você mesma tinha dúvidas a respeito dele. Porque não se manteve distante?

- Porque ele me contou tudo e eu não encontrei mais motivos pra me manter longe de alguém que parecia ter sido julgado injustamente.

- Agora, me responde uma coisa... – disse Matt, coçando o queixo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não estava realmente preocupada com a opinião do meu irmão, porque ele parecia ser o mais aéreo à situação. Ele era só mais um peão no jogo de Daniel. Assim como todos nós. Mas seu olhar sereno e desconfiado me trouxe a sensação de que a única agindo feito criança ali era eu mesma.

- Porque ele saiu correndo quando me viu?

- Porque ele estava deprimido com algumas recordações... – murmurei. Aquele era um motivo tão insignificante comparado ao que ele estava sendo acusado.

- Ou talvez porque a polícia logo chegaria e o prenderia.

- Então porque eles não conseguiram encontrar nenhuma prova que o incrimine até agora?

- Está bem, Rebecca. Continue sendo ingênua. Ele pode ser um ótimo DJ e nós demoramos para desmascará-lo, mas você está pedindo para viver numa ilusão onde ele é o herói de todos seus pesadelos. Mas a realidade é bem a contrária, Becky. – disse Ellen antes de esbarrar em mim e

PERIGOSAS ACHERON

descer as escadas apressadamente.

- Elena, espera! – gritou Matheus correndo atrás dela.

Abaixei a cabeça e levei as mãos ao rosto, me forçando a segurar o choro, mas meu coração conseguia doer mais do que meu rosto ardendo pelo tapa.

- Vocês não entendem... Ele me fez acreditar em todas as suas mentiras, não foi de uma hora pra outra. Vocês mesmos nunca duvidariam se as minhas suspeitas não tivessem feito Nick ir atrás dele...

Henry suspirou pesadamente e pude ver o vislumbre de um assentimento.

- Procure pela Cindy. Ela te contará o que aconteceu detalhadamente.

Se algum dia você encontrar o que você está procurando

Eu vou estar aqui esperando, eu vou estar aqui

Fui enganada quando eu te conheci

Você disse que era simples e eu acreditei

Capítulo 17

O tempo passa e você sabe o que ele faz

Tudo fica para trás e você pediu demais



Tudo em perfeita escuridão. Minha respiração era abafada por um pano que abrangia minha boca e parte do meu nariz, e eu inalava um cheiro forte e intenso. Mesmo com as imagens turvas, consegui identificar o aroma característico por uma excursão com o colégio a uma indústria química, onde sentimos tontura instantânea com um composto. Sem dúvidas era clorofórmio.

Apesar de ser capaz de sentir o cheiro e resistir a ele, era como se eu não estivesse em meu próprio corpo. Meus olhos reviravam constantemente,

fazendo força para me manter lúcida, mas era combatida gradativamente. Enquanto uma mão pressionava o pano contra o meu rosto, a outra me segurava firme, impossibilitando uma futura queda pela minha perda do controle muscular.

Como um espectador, pude acompanhar todo o percurso.

Meu corpo jazia no banco de trás de um carro, envolvida pelos braços de Daniel, que dizia algo insistentemente em meu ouvido. Meus sentidos funcionavam iguais à minha versão desacordada, portanto suas palavras não me alcançaram.

- Cala a boca, seu ordinário. Você vai pagar por ter matado os seus próprios comparsas. E isso por uma... Paixão? – o homem no banco passageiro cuspiu as palavras, ridicularizando a situação. Sua voz áspera não pareceu amedrontar Danny, que levantou os olhos devagar.

- Por uma garota qualquer, na verdade. – disse o homem que dirigia. Ele riu em seguida, olhando pelo retrovisor para mudar de lado na estrada. – Tantas ele já matou, para que se apegar numa riquinha mimada? Você pode ser muito bom em

seduzir garotas, mas péssimo em como tratá-las da forma que merecem.

Danny comprimiu os lábios, me pousando para o lado e fazendo com que minha cabeça caísse em seus joelhos. Ele se esticou num impulso, tirando um canivete do bolso e escondendo-o.

- Acho bom vocês calarem essa maldita boca antes que seja tarde. Sabem que não me responsabilizo pelos meus atos.

De seus lábios, brotou um sorriso maligno.

Danny rodava o canivete atrás de si, brincando enquanto decidia a melhor hora para atacar.

- Caramba, estou morrendo de medo! – ironizou o que dirigia, tirando as mãos do volante e forçando uma expressão assustada.

- Saiba que tenho toda a autoridade para fazer o que eu bem quiser – Danny manejou o canivete entre seus dedos habilidosos, apontando-a no pescoço do homem.

Com uma mão, ele segurou seu pescoço numa posição direcionada para o teto, enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

pressionava com a outra o canivete no meio de sua garganta.

O medo percorreu as veias de ambos os homens, que trocaram olhares apreensivos.

- Retiro o que disse – afirmou o homem, a saliva descendo raspando.

- Assim que eu gosto.

Danny retirou o canivete aos poucos, atento a cada movimento brusco dos homens que aparentavam ser muito mais velhos que ele. O sorriso havia sumido, tomado por uma postura cética e hostil. Ele voltou a me acomodar em seu colo e meu coração fraquejou ao vê-lo me tocar com tamanho cuidado, como se fosse me partir só de encostar. Seu comportamento comigo não condizia com aquele que havia ameaçado matar um homem segundos atrás.

Um nevoeiro denso e pertinente alterou o cenário.

Eu visualizava uma sala de estar bem iluminada e organizada. Os móveis brilhavam, recém-

PERIGOSAS ACHERON

lustrados, e o vinho nas taças que eu segurava produzia um cheiro agradável.

Testando a capacidade de movimentos, as depusitei sobre uma mesinha redonda que estava disposta em cima do tapete aveludado. Eu havia reivindicado posse do meu corpo novamente.

Olhando para o lado, encontrei Daniel.

Ele estava diferente. Vestia sua camisa xadrez de costume, mas sua expressão remetia a um espírito mais velho. Seus olhares famintos me indicavam que eu também havia encorpado. Não me sentia a mesma.

Por outro lado, seus ombros baixos significavam que ele estava relaxado. Como se não existisse uma montanha de acusações sobre ele, ou como se tivéssemos superado aquela história há muito tempo.

Danny deve ter percebido que eu estava pensando demais pela testa franzida, então me puxou contra ele. Ele soltou um sorriso sapeca, pousando a outra mão em minha cintura,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acariciando-a. As famosas borboletas passearam pelo meu estômago e, prevendo meu desastre por falta de equilíbrio, ele apertou minha cintura, segurando-a com firmeza.

Botei a mão em seu ombro e dançamos conforme o ritmo da música lenta. Danny me girou, e dessa vez passou os dois braços pelo meu corpo, afundando o rosto em meu cabelo e colocando-o do outro lado do ombro, distribuindo pequenos beijos em meu pescoço. Fechei os olhos com força, tentando resistir à tentação.

Danny me rodou de volta para que ficasse cara a cara comigo e encostou a testa na minha. Ficamos nos encarando por intermináveis minutos, escutando ele sussurrar aquela canção, para mim. Quando parei para prestar atenção, pude notar que era *Howyouremind me* do Nickelback.

Ele se abaixou, encaminhando sua boca em direção à minha, ainda cantando antes de encostar suavemente seus lábios calorosos nos meus e fazer meu coração disparar instantaneamente.

PERIGOSAS ACHERON

Não é como se você não soubesse

Eu disse que te amo e juro que ainda amo

Deve ter sido tão ruim

Porque viver comigo deve ter quase te feito morrer

É assim que você me lembra

De quem eu realmente sou

Acordei com os olhos encharcados de lágrimas e as deixei escorrerem livres pelo rosto. Ali, no refúgio das cobertas, eu podia sofrer em paz. Podia chorar pela inocência de Nick, pela injustiça que cometeram com a pobre garota, por mim.

Foi só um sonho. Tremendamente real, mas um sonho. Ou deveria chamar de pesadelo?

Eu odiava estar presa num mundo que girava em torno de Daniel. Eu precisava me desapegar e

deixá-lo no passado, mas no fim das contas, era por causa dele que eu estava de castigo.

Eu odiava o Daniel.

Odiava tudo nele e a forma como me fazia sentir.

Inferno, odiava até aquelas malditas camisas xadrez.

Só que não.

Falando no diabo, fazia dois meses desde que ele havia desaparecido. Não tentara se comunicar com os garotos, tampouco a polícia obtera algum sinal dele.

Minha relação com meus amigos se tornara um completo caos, como se eles me culpassem por todo o ocorrido, principalmente por Nicholas seguir aprisionado.

Quanto à minha família, estivemos num limite tão terrível nos últimos anos que, felizmente, não havia como ultrapassá-lo. Meu pai parecia saber e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esconder muitas coisas, o que não o diferenciava muito de Danny, e só me trazia mais motivos para evitar ao máximo encará-lo. Minha mãe agia como se eu não tivesse descoberto sobre seu terceiro filho, e eu estava tão exausta que não tinha vontade de encontrar mais razões para discutir. Quando ela decidisse que era a hora apropriada, ela desembucharia.

Pensei no que enfrentaria ao levantar da cama. Meu pai fingindo que não existo, Matheus me ignorando, minha mãe discursando sobre como eu estava atrasada nas costuras. Mais vestidos para modelar e ajustar. Mais acidentes com agulhas.

Agarrei o travesseiro em desgaste.

Será que dava pra fugir e me esconder no barco de Danny?

Para de pensar nele, Rebecca! Foco!

Piscando repetidamente, lembrei da conversa com Gabriella por telefone na semana seguinte do surto de Ellen.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu já sei de tudo – disse ela. – E te garanto que Henrique nunca mais verá os rascunhos das letras que ele compôs se não te pedir desculpas.

- Mas ele está certo...

- Não, Rebecca! – falou, incrédula. – Que direito ele tem de te julgar? Nós somos amigos! Somos primos, caramba. Ele deveria estar se comprometendo a te ajudar.

- Ele tentou – minha bochecha ardeu em lembrete. – Mas não havia nada a fazer. Não quando se trata do meu pai.

- Independente disso, Becky. Não ache que estamos contra você, ok? – perguntou, solidária. – Ellen se sente responsável. Ela te advertiu na festa e acha que deveria ter tomado uma posição mais firme. Te arrastado da festa pra casa, prestado maior atenção em você. Sou eu quem costuma bancar a mãe do grupo, mas naquele dia agi feito criança, e se formos pensar desse jeito, também sou culpada.

- Não! Ninguém tem culpa de nada do que

PERIGOSAS ACHERON

aconteceu – afirmei.

Quando pequenas, nossas mães zombavam nossa proximidade. Elas mesmas eram o oposto uma da outra, então acompanhar a amizade que se formou entre nós duas foi algo inédito. E desde aquela época, eu sabia que Gabi era a melhor parte de nós duas. A mais modesta, mais generosa e carinhosa. Ela era justamente o ombro amigo que estive sentindo falta. Desde a prisão de Nick, ela se afastou e, inevitavelmente, uma bola de angústia se abrigou em meu peito. Ela também me culpava. Ela também não queria mais saber de mim.

E receber aquela ligação... Bom, foi a melhor parte do meu dia.

No dia em que Gabi se voltasse contra mim, meu mundo desabaria.

Eu havia perdido Daniel e possivelmente meus amigos também, mas não a Gabi. Não podia perder minha melhor amiga.

- É exatamente o que estou falando. A Ellen só despejou aquelas palavras em você querendo
PERIGOSAS ACHERON

orientá-la. Achou que um tratamento de choque te faria perceber como era importante esquecer Daniel. Não foi por mal. Ela só quer o seu bem, assim como todos nós.

- Ela está me ignorando desde aquele dia – revelei em voz baixa. – Matt também.

- Estão assustados, Becky... Não sabem mais o que fazer para te proteger. Você sabe que nenhum dos dois sabe lidar muito bem com sentimentos conflituosos. Fala sério, estamos falando de Matheus e Elena, o casal número um em discussões por ciúmes.

Soltei uma risada frouxa.

- É verdade.

- Quer saber? Não tenta entender esses dois. Vai te dar mais dor de cabeça ainda. Só tenha certeza que eles te amam e farão tudo ao alcance pra te ajudar.

Eu duvidava que Matheus fosse se preocupar em levantar a bunda do sofá e largar o Xbox pra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

checar como estou, mas tudo bem. Não dá pra esperar das pessoas o mesmo que faríamos por elas.

- Ele enganou todos nós, Becky – assumiu um tom sério e triste. – Você foi a primeira e a única a suspeitar. Estivemos vendados esse tempo todo. Mas agora que descobrimos a verdade, estamos juntos nessa. Ouviu? Juntos.

- Menos Nicholas – lamentei.

- Como assim?

- Eu fui visitá-lo – declarei. – Me desculpa. Eu ia enlouquecer se não o enfrentasse.

- Tudo bem. *Eu* estou enlouquecendo.

- Ele ainda não resolveu falar com você?

- Não. Nem uma palavra.

- Foi melhor assim. Sua expressão era tão selvagem, Gabi – disse com um quê de lamúria. – Ele estava investigando Daniel. Acredita nisso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas o quê?!

- Pois é. Seguiu os seus rastros e acabou parando no meio de uma cena de homicídio desse jeito. Ele nunca vai me perdoar.

Deixei uma lágrima escapar. O que eu fizera com a vida dos meus amigos?

- Você está louca? A decisão foi inteiramente dele. Você não o mandou investigar o cara. Não mandou ele se enfiar na floresta bancando uma de super-herói. Se ele se meteu em encrenca, foi uma escolha completamente dele. Você não teve influência alguma.

- Ainda assim, fui eu quem plantei a suspeita. Se tivesse ficado de boca fechada, a única envolvida na confusão seria eu.

Gabriella suspirou.

- Não se preocupa com isso, tá? – assenti silenciosamente. – Tem falado com a Sara?

- Não a vejo desde o enterro do pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ótimo – reclamou Gabi, sarcasticamente. – E quanto... o Daniel?

Grunhi.

- O que tem esse demônio?

- Uau. Devo convidar Ellen para fazer o exorcismo?

- Por favor.

Ouvi um pigarro do outro lado da linha que mais pareceu uma tentativa de conter a risada.

- Você acredita que ele seja o assassino? – questionou, com cuidado.

- Eu não sei – respirei fundo. – Eu não sei de mais nada, Gabi. Eu lhe entreguei a minha confiança e ele a jogou no lixo. Eu sei o que vivi com ele, mas o que isso prova? Nada. Cansei de me importar com esse assunto. Só quero que ele continue desaparecido para sempre. Não quero ver aquela cara sardenta nunca mais. Nunca mais – disse convicta, quase que para mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passar o tempo ao lado de Daniel me tornou numa grande mentirosa.

Largando o meu refúgio, me dirigi até a cozinha para tomar café.

Minha mãe estava atrapalhada e atrasada com o almoço, então pediu para que eu fosse comprar os ingredientes que faltavam no mercado.

No caminho de volta, encontrei Cíntia saindo de casa.

- Cindy! – chamei.

Ela se virou, e imediatamente recuei.

Desde que Henry me avisou para procurá-la, passei a ligar para seu celular todos os dias, mas ela não atendia.

Temendo o quão grave aquilo podia significar, permaneci na retaguarda.

- Pequena Becky – um sorriso sereno brotou em seus lábios, fazendo meus músculos relaxarem.

PERIGOSAS ACHERON

Corri para abraçá-la.

- O que aconteceu? Eu não te vejo mais no colégio! Foi algo que eu fiz? Se sim, eu faço qualquer coisa para recompensar, e...

- Rebecca! – Cindy me interrompeu, balançando meus ombros. – Porque você não me ouviu quando eu recomendo meditação pra você? – reclamou, achando graça. – Eu mudei de classe provisoriamente. Precisava... Refletir um pouco.

- Mas... Você está bem?

- Sim, eu estava indo à casa da Gabi para contar justamente sobre o que acabei de descobrir. Que tal vir comigo?

Soltei uma careta desagradável, conferindo o horário em meu relógio. Havia localizado rapidamente as coisas no mercado, e uma escapada de poucos minutos não alegariam a fuga.

- Porque não a convida para almoçar conosco? Estou de castigo perpétuo, e se a minha tia descobrir que fui lá, é capaz de contar para meus

PERIGOSAS ACHERON

país, e será o meu fim.

- Porque castigo? – arqueou a sobrancelha, estranhando.

- Vamos naquele restaurante – aponte para o mais próximo, logo na virada da esquina. – E eu te conto.

Nos sentamos numa das mesinhas redondas do lado de fora e pedi um café, já que minha mãe não me dera chance de beber e eu estava entrando em abstinência. Quase.

Cindy ligou para Gabriella a convidando para se juntar a nós e aproveitei o curto prazo de tempo para explicar o que ocorrera durante os dias em que não conversamos.

Quando terminei, dei alguns goles no café para molhar a garganta. Eu estava claramente nervosa e o silêncio de Cíntia só piorava a minha gastrite que eu certamente estava começando a desenvolver.

- Desembucha, Cindy – disse, me perguntando até quando suportaria aquela barreira anti-Rebecca
PERIGOSAS ACHERON

que meus amigos haviam construído em volta de si.

- Eu acho... – começou, circulando com o dedo a borda da xícara de chá que havia pedido. – que você tinha boas intenções, mas se envolver na história de Sara piorou as coisas.

- Porque?

- Se não fosse por isso, você nem teria motivo para ter contato com Daniel.

Era um bom ponto, mas será que não teria mesmo? Daniel quem me perseguia. Nossas primeiras conversas foram graças a isso, não a Sara. Então se eu tivesse deixado a desconfiança de lado, ele me deixaria em paz? Pararia de aparecer na porta da minha casa? Até porque, ele entrara na banda de Matheus. E eu não tive nada a ver com isso.

- Aonde você quer chegar? – perguntei, soando um pouco mais rude do que pretendia.

- Onde está a Sara? – arqueou a sobrancelha, duvidosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Com a mãe – disse, embora não tivesse certeza.

- Eu só andei pensando... – disse Cindy, balançando a mão. – E se Danny ainda representar uma ameaça a ela? E se ele estivesse com medo de que ela contasse segredos que não devia para você e a chantageou por isso? E se ele assassinou o pai dela?

- Cíntia... – falei, mantendo a calma. – Você está especulando demais. Não sabemos se ele a chantageou. Ele está sendo acusado por um assassinato e de repente você acha que ele é Jack, o estripador?

Cindy estreitou os olhos.

- Três assassinatos. As garotas da fábrica contam.

Respirei fundo.

- Olha, não estou o defendendo. É só que isso tudo é muito confuso e não podemos sair apontando qualquer um como culpado.

PERIGOSAS ACHERON

- Qualquer um.

Cocei a cabeça. Cíntia estava tornando aquilo mais difícil ainda.

Resolvi mudar a rota do assunto.

- Henry me disse para te procurar. O que você viu na floresta?

Cindy esticou os braços, se preparando, mas então seu olhar se perdeu na xícara à sua frente. Observei-a engolindo em seco, como se estivesse sufocando. Esperei pacientemente em silêncio pelo momento que ela estivesse pronta.

A trágica noite na floresta estava virando lenda.

- Tudo começou por causa do barulho. Meus tímpanos iam explodir com o som alto, e Henrique propôs que nos afastássemos. Eu havia bebido uns dois ou três copos de batida, e você sabe como eu fico sob o efeito do álcool, então já fui desafiando o menino a ir até a floresta. Ele não é burro e aproveitou que em outra circunstância eu jamais toparia aquela ideia idiota, e me arrastou pra lá. Eu

PERIGOSAS ACHERON

não estava alterada, mas também não estava pensando direito, e de alguma forma, acabei me perdendo de Henry. Estava escuro e a mão dele soava tanto que eu a soltei. Como pode ver, não é a toa que estou até hoje sem falar com ele também. Ele sabia que não devia ter aceitado a proposta e que eu ficaria uma fera depois. Enfim... – disse, balançando a cabeça e retornando ao evento principal. – Tudo foi... Extremamente confuso. Eu recordo apenas de partes daquela noite, mas o suficiente para ter certeza do que estou prestes a contar.

Me ajeitei na cadeira, ansiosa.

- Eu estava à procura de Henry, aterrorizada no meio da escuridão, quando ouvi passos. Eles eram pesados e se movimentavam rápido na minha direção, e certamente não eram de Henry. Me apressei em me esconder atrás de uma árvore, torcendo para que não me encontrassem. Dali, pude avistar dois homens se agachando e largando o que carregavam no chão. Um corpo. Quando percebi o que era, tive que me segurar para não entrar em desespero e gritar. Até hoje parece que todo o

desenrolar foi um grande pesadelo – confessou. – Ainda me lembro nitidamente da conversa deles e da ignorância em ambas as vozes. Um deles falou *“Tem certeza que não quer guardar o corpo? Pelo menos os órgãos devem servir”*. E o outro respondeu *“Você já deu uma conferida na lista dele? Está lotada de futuras vítimas. Descobri na última hora que essa está grávida e só vai nos trazer problemas”*. O primeiro deu uma risada macabra, arregaçando as mangas e dizendo *“Uma vida a menos não fará diferença”* e em seguida o outro sumiu de vista, avisando que ia buscar algo no carro.

Cobri a boca com a mão, incrédula. Estava toda arrepiada.

Cíntia prosseguiu.

- Eu olhei ao redor, procurando por uma fuga, mas eles identificariam facilmente o som das folhas. Eu torcia também para que Henry não me encontrasse, se não estaríamos ambos em uma grande emboscada. Nisso, o que permaneceu retirou um canivete do bolso e ergueu em direção

PERIGOSAS NACIONAIS

ao pescoço da garota, arremessando com velocidade. Foi tão pavoroso, Becky... Eu temi pela minha própria vida e acabei abrindo a boca para gritar, sem conseguir me controlar, mas meu grito saiu mudo quando bloquearam a minha boca e nariz com um pano escuro. Na hora eu não reconheci, mas hoje tenho certeza de que era clorofórmio. A última coisa que vi antes de apagar foi Daniel, se virando após ter acertado mais uma parte do corpo da garota, e levando um dedo aos lábios em sinal de silêncio.

Paralisei, tentando processar a informação. O clorofórmio me lembrou imediatamente do meu sonho e me perguntei se realmente era apenas uma tremenda coincidência.

- Não é possível... – murmurei, tentando imaginar a cena, mas tudo o que vinha à minha cabeça era vislumbres de Danny com seu sorriso esplêndido, me fazendo cócegas e construindo um barco para as crianças brincarem.

Um assassino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se preocupando com o divertimento das crianças.

Era simplesmente impossível de acreditar.

Será que alguém em sã consciência seria capaz de fingir tanto assim? Como alguém tem coragem de maltratar outro alguém completamente inocente? Como é possível... Alguém ter tanto ódio e amargura no coração?

- Eu sei o quanto foi difícil para mim e imagino o quanto está sendo mais ainda pra você, por isso não quis contar de imediato, só pedi para que Ellen se certificasse que você estava longe dele. Por isso ela decidiu contar para o seu pai, que é quem você mais teme. – ela me olhou piedosamente, aquele olhar que sempre evitei ao máximo receber. Me fazia me sentir frágil, fraca e destruída, mas era exatamente dessa forma que podia me definir no momento. – Desculpa, Becky, mas nós te conhecemos e sabemos que você nunca nos ouviria, mesmo sendo seus melhores amigos.

Mal sabiam eles qual risco eu havia corrido e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca suspeitei. Mal sabiam também que não fora necessária a bronca de meu pai. Daniel tinha decidido por si mesmo sumir de minha vida.

- Quando acordei, vi Nicholas sentado com a garota no colo, desesperado para fazer algo para salvar sua vida, mas ela já estava morta e aparentemente há um tempo. Ainda sob o pavor, eu gritei o mais alto que minhas cordas vocais suportaram, temendo que aquele homem fosse Daniel ou seu companheiro. Reconheci Nick apenas quando percebi que seu porte era diferente dos anteriores. Já era tarde demais, algumas pessoas ouviram, e por mais que eu tivesse tentado convencer Nick a sair da cena de crime, pois só nos traria mais problemas, ele se recusou. Ele dizia que aquele homem precisava ser preso e que nós faríamos isso juntos, mas tudo o que ele conseguiu foi se tornar um suspeito. – disse ela, com os ombros caídos. Seus olhos mareados fizeram meu coração partir em diversos pedaços até perceber que os meus estavam exatamente iguais.

- Você não contou aos policiais quem a matou de verdade?

PERIGOSAS ACHERON

- Falei, e estão a procura dele, mas eles alegam que, como estava muito escuro, eu posso ter me enganado, porque ele não tem ficha criminal e nem mesmo suas digitais estão no banco de dados.

Ela deu de ombros, fungando e piscando para forçar as lágrimas a irem embora.

Logo que Gabi chegou, elas fizeram o pedido e conferi novamente meu relógio, notando que precisava me apressar. Sendo assim, Cindy tratou de contar sua notícia.

- Hoje eu fui depor, já que sou a única testemunha.

Fez um pouco de suspense, enquanto Gabi se acomodava melhor, atenta.

- Há algum modo do Nick se defender?

- Bom, não há provas concretas quanto ao assassinato. O que chamou a atenção dos detetives foi por ele estar com ela no colo, coberto de sangue. Mas contratei meu tio para ser o advogado dele, e ele conseguiu um habeas corpus para Nick,

assim respondendo ao processo em liberdade.

- Que bom! – ela exclamou, com um brilho intenso no olhar.

Me permiti sorrir, alegre pela visível felicidade de minha prima, e também por as chances de Nick se livrar serem grandes.

Mas meu sorriso murchou quando uma repentina tontura me invadiu, me obrigando a segurar com firmeza a beirada da mesa. Elas não repararam, já que conversavam animadamente sobre o processo, e tentei me concentrar no vaso de flores para me recompor. Pisquei freneticamente, assustada com a forte tontura, e me despedi delas quando a comida chegou, com receio de receber um sermão quando chegasse em casa e que me proibissem de sair pro resto da vida. Mas no fundo, eu estava com medo.

Medo de ter mais uma tontura parecida e não ter onde me segurar e, principalmente, medo de todas aquelas suspeitas serem verdadeiras.

Medo de aquele que se tornou meu porto seguro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser nada além de um grande mentiroso.

*Todas as vezes que eu minto e você não sabe da
metade*

*Não é nenhum segredo, pra mim é fácil e
normal*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

*Bem feito pra mim mesmo, quem foi que
mandou*

Agora é muito tarde, foi embora, acabou



Mesmo após anos, ainda não havia me acostumado com a quantidade de degraus que precisava subir até chegar na classe. Recuperei o fôlego, ajeitei o fone de ouvido na orelha e me direcionei à penúltima classe do corredor do terceiro andar. Todos os alunos já estavam presentes na sala de aula com suas brincadeiras e gozações de sempre. Admirava o ânimo deles tão cedo, enquanto a primeira coisa que eu fazia ao sentar à mesa era jogar os braços em cima da carteira e deitar a cabeça neles.

Meu humor estava péssimo e pressentia que o primeiro que dirigisse a palavra a mim eu tacaria pela janela. Pensando seriamente na hipótese, levei o olhar até a janela revestida por uma película preta que fazia com que as nuvens ficassem mais negras do que de fato estavam, carregadas de chuva.

Joguei a mochila no chão ao sentar e me certifiquei de que o celular que eu carregava por dentro do casaco não estava visível, ajeitando o cabelo para que também cobrisse os fones. O volume estava baixo para que ainda pudesse escutar o que a professora falava, mas ao menos podia me distrair um pouco com a Avril Lavigne cantando Nobody's Home. Pelo menos não era MyChemical Romance.

- Professora, o que deve ser pior? Morrer afogado ou queimado? – perguntou um garoto sentado próximo à parede, apoiando o queixo sob as mãos.

- Claro que é morrer queimado! Imagina seu corpo inteiro em chamas e a dor alucinante, agonizando até corroer todos os seus ossos. –

PERIGOSAS NACIONAIS

resmungou uma garota na primeira fileira de carteiras, como se a resposta fosse óbvia.

- Vocês sabem qual é o processo para tais mortes ocorrerem, certo? – perguntou a professora.

Ela cruzou os braços, encostando-se à beira da mesa. Estreitei o olhar pelos alunos, e como o silêncio reinou numa réplica negativa, ela prosseguiu:

- Em ambos os casos, muitas vezes a morte é ocasionada pela asfixia. Quanto a morrer queimado, a asfixia se restringe apenas a incêndios, assim falecendo mais pela falta do oxigênio do que pelas queimaduras em si. Já no afogamento, o nosso próprio corpo percebe a ameaça e nos defende fechando a laringe, assim impedindo que a água inunde os pulmões, embora não por muito tempo, já que após alguns minutos resistindo, a laringe relaxa e a pessoa engole grande quantidade involuntariamente.

Um Daniel bebê sendo afogado invadiu minha mente. Se ao menos aquilo tivesse sido real, porque

PERIGOSAS ACHERON

sua própria mãe teria proporcionado tanta dor a um filho que ainda não tinha nem consciência do que estava acontecendo? Imaginei Danny se debatendo para permanecer na superfície, implorando por ajuda, implorando por ar, implorando pra *viver*.

- Professora, sem querer interromper, mas... – Jéssica levantou a mão, pedindo permissão para falar. Ela estava segurando o celular, atenta na tela à sua frente. – A senhora viu o jornal de hoje?

- Ainda não, por quê? – questionou, endireitando os óculos que caíam levemente sob o nariz fino.

- Estava dando uma olhada nas notícias pela internet, quando me deparei com isto – ela ergueu o aparelho na direção da professora, enrubescendo por saber que não era autorizada a utilização de celulares em sala de aula, principalmente durante explicações.

- Vejamos... – a professora a repreendeu com um singelo olhar brincalhão, apesar de autoritário, e leu a manchete principal em voz alta. – Possível

PERIGOSAS NACIONAIS

quadrilha de Nathan Fonseca volta a atacar. – meu coração gelou no exato instante, recordando o dia em que o vi e me senti tão presa e sufocada ao seu olhar, como se estivesse me hipnotizando. – Nas últimas semanas, cerca de sete corpos foram encontrados em diferentes locais da cidade. Desconfia-se que Nathan seja o autor dos crimes, pois as vítimas têm marcas de cortes pelo corpo iguais às vítimas pelas quais ele fora acusado anteriormente, além da ausência de alguns órgãos.

Me encolhi na cadeira, pensando nos vigias aos arredores da minha casa e em todas as perseguições. Até então, eu não havia compreendido o motivo da insistência, e recordar que Nathan era conhecido por sequestrar pessoas ricas ou famosas me fez engolir em seco. Evitei comentar com meus pais sobre isso porque, pasmem, eles diriam que eu estava paranoica e me mandariam de volta aos vestidos. Talvez eu realmente estivesse paranóica, mas a comprovação de que Nathan voltara a atacar me provocava uma vontade desesperada de fugir para longe de tudo e de todos que eu conhecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- São eles mesmos? – questionou Jess, com a testa franzida numa careta.

- Quem me dirá isso são vocês. Farão um trabalho agora mesmo, relatando sobre Nathan Fonseca. O projeto será feito em duplas e vocês discutirão a opinião do grupo até chegarem numa conclusão e a transcreverem detalhadamente para o papel. Na próxima aula, as duplas vão apresentar suas pesquisas e discutiremos a respeito.

Antes que Jéssica pudesse ao menos raciocinar, coleí nossas carteiras. Ela me olhou com a sobrancelha arqueada, mas ignorei.

- O que você sabe sobre Nathan Fonseca? – perguntei, interessada. Temia que os vigias tivessem algo a ver com aquele homem.

- Pouca coisa – deu de ombros, pegando papel, caneta e escrevendo nossos nomes. – O básico.

- Básico... Tipo o que?

- Tipo ele ser bem psicótico e, pelo visto, ter um grande fetiche por pessoas famosas,
PERIGOSAS ACHERON

especialmente mulheres. – ela rodou a caneta entre os dedos, parando para morder a tampa.

Pensei no que Sara havia contado sobre ele, tentando relacionar com as novas informações.

- Mas porque ele foi solto se foi acusado por tantos crimes? Ainda mais com a polícia tendo conhecimento dessas técnicas que ele usa!

- Ele é somente um suspeito, Becky. O único caso em que ele realmente foi considerado culpado é de uma garota que foi encontrada perto da floresta o que, aliás, é um motivo, além dos óbvios, por não ser permitido festas no local. Quanto aos outros assassinatos, é possível que tenha sido ele por conta dos cortes característicos dele, mas não existem outras provas.

Jess se espreguiçou, deixando o cabelo cair suavemente pelas costas. Eu mantive meu olhar fixo no papel, descrente com a forma na qual ele conseguia se safar. Percebendo meu impasse, ela prosseguiu.

- Você sabia que além de ele sequestrar as

PERIGOSAS ACHERON

peessoas, ele também arrancava os órgãos para lucrar com a venda deles, fora o dinheiro que ganhava com o resgate?

- E como descobriram isso? – perguntei boquiaberta, tirando os fones do ouvido para prestar maior atenção.

- Quando essa garota foi encontrada, a polícia encontrou também um esconderijo, onde havia uma sala com vários órgãos armazenados. Parece que alguém não conseguiu finalizar o trabalho. – ela brincou risonha, mas não obtive força de vontade para retribuir o sorriso.

- E a perícia não encontrou as digitais dele no lugar? – arregalei os olhos, inconformada. Ele não podia ser tão esperto assim.

- Vai ver que Nathan pensou no mesmo e procurou se precaver. – ela endireitou a coluna, pensativa.

Eu sabia que não devia me preocupar tanto, mas a forma como ele me encarou fora de amedrontar. E aqueles homens circulando minha casa não havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sido ilusão; eles me perseguiram, e mais que isso, tentaram me alcançar.

Estremeci só de pensar em quais poderiam ser suas intenções comigo. Pior que um assassino, era um assassino inteligente e metuculoso.

- Deveriam ir mais a fundo nas pesquisas ao invés de assustarem os cidadãos publicando incertezas na internet. – murmurei contragosto, balançando a cabeça e enfiando o fone de volta no ouvido.

Jessica concordou, se debruçando para transcrever nossas conclusões revoltosas na folha.

- Bom, só tenho certeza de uma coisa – disse ela, antes que eu aumentasse o volume na tentativa de afastar todos os pensamentos sinistros vagando minha mente. – Se isso for verdade, Nathan não deve estar arriscando ser descoberto a toa. Ele pode estar contando com planos bem malignos dessa vez. – o tom de Jess era zombador, forçando um suspense a se concretizar no ar, conseguindo me atingir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela riu da minha expressão rígida, mas aposto que não acharia tanta graça se conhecesse as armadilhas onde eu estive me metendo.

Eu não poderia te dizer

Por que ela se sentiu daquele jeito

*Ela se sentia assim todos os dias
E eu não pude ajudá-la*

Eu só a vi cometer os mesmos erros novamente

O que está errado, o que está errado agora?

*Tantos, tantos problemas
Ela quer ir pra casa, mas não há ninguém em casa*

*É onde ela se encontra, arrasada por dentro
Sem ter para onde ir, sem ter onde ir*

Para secar suas lágrimas, arrasada por dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então estou perdoada?

Equilibrei o telefone no ombro, encostando-o ao ouvido enquanto retirava um pedaço de bolo da geladeira. Meu estômago roncou faminto e peguei um garfo, sentando numa cadeira.

- Você uma ova. Eu que preciso rastejar aos seus pés implorando perdão. Pena que isso nunca vai acontecer. Mas te deixo me exorcizar.

Gargalhei, o que me rendeu um belo ataque de tosse ao me engasgar. Era tão bom poder rir com as asneiras de Elena de novo.

- A exorcista é você, então nada feito. – eu disse à Ellen.

Olhei para o relógio na parede. Já era mais de uma hora da manhã.

- Você já falou com o Matt hoje?

- Sim, mas já faz algumas horas. Estou morrendo de saudades – disse com uma voz manhosa que me fez revirar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Saudades da amiga que é bom nada, não é? – reclamei. – Lamento informar, mas ele ainda não voltou para casa.

- Não? – perguntou desanimada, e resolvi concertar a frase.

- Ele foi para o curso de violão e não chegou até agora. Talvez esteja com o Henry ou o Nick, aproveitando para matar a saudade do amigo – falei entre mastigadas, diminuindo o tom de voz com o ressentimento de não ter conversado ainda com Nicholas batendo.

- Ele vai matar quem? – indagou ela entre risos por não ter entendido bulhufas do que eu disse. Eu ri junto, esperando engolir primeiro para repetir. – Deixa de ser gorda! Faz tempo que você não fala comigo!

- Acho que foi você quem ligou pra conversar com meu irmão, e não comigo! Sendo assim, tenho direito de comer meu lindo bolo de cenoura sem interrupções, enquanto seu namorado deve estar com Henry ou Nick.

PERIGOSAS ACHERON

- Obrigada por me deixar com desejo de bolo agora – rosnou.

Eu ri, me sentindo aliviada. É incrível como não temos noção do quanto as pessoas nos fazem bem até perdê-las. Felizmente, eu não precisei perder completamente para perceber o quanto a amizade delas é importante pra mim.

- Você pode ligar para o Henrique perguntando? – abri a boca para protestar, mas fui impedida. – Eu imploro. Ligo para o Nick. Obrigada! – e desligou na minha cara.

Xinguei-a mentalmente e disquei o número do celular de Matheus novamente, logo caindo na caixa de mensagens. Deixei o prato em cima da pia, caminhei para a sala e me atirei no sofá macio.

Enquanto esperava a ligação para Henry ser completada, cobri os olhos com o braço. Ainda não havia conversado com ele desde o dia fatídico e não me parecia uma boa ideia tentar fazer as pazes com os dois no mesmo dia. Era forçar a barra.

Bocejei, ouvindo o barulho fino e estridente do

PERIGOSAS ACHERON

telefone que tocava, tocava, e ninguém atendia. Eu estava quase caindo no sono quando o barulho parou.

- Alô? – uma voz arrastada e mal humorada atendeu.

- Está ocupado? – mordi os lábios com receio enquanto prendia uma risada. Henry não chegava aos pés de Nick com relação a acordá-lo, mas ele costumava ficar lento ao extremo.

- Claro que não. Imagina, passa de... Que horas são?

- Uma hora... – falei me esticando, mas ele me ignorou. Provavelmente tinha afastado o celular para encontrar o relógio e fazer seu cérebro processar o horário.

- Uma hora da manhã! Eu tive um dia super cansativo, e estou acordado, pulando de felicidade e arrumando o meu quarto, o que você sabe que nunca aconteceria, nem nos sonhos, então o que você quer de tão urgente para atrapalhar meu sonho com a Cindy que, vou te falar, estava *bem* PERIGOSAS ACHERON

interessante. – ele disparou falando apressadamente e gargalhei sem me conter. Ele soltou um risinho agradável, amenizando o tom surtado de voz. – Isso pode ficar entre nós.

- Relaxa, você pode contar direto pra ela, e com detalhes. Ou pode demonstrar, se preferir. – ri alto novamente e tentei me controlar já que meus pais dormiam a sono solto.

Henry e Cindy eram um casal que demorou a finalmente se acertar e não ficavam muito confortáveis quando tocávamos no assunto. Mas particularmente eu adorava provocá-los e vê-los com vergonha.

- Antes que eu esqueça – disse ele. – Desculpa.

- Mas ein?

- Não vou repetir.

- Nossa, assim eu fico emocionada. Gabi te forçou direitinho.

- O que ela tem a ver com isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ela me disse que ia sumir com seu caderno de músicas se não me pedisse desculpa.

- Bom saber disso. Mas não, a ameaça não chegou ao ouvido da minha pessoa, então estou pedindo desculpas de livre e espontânea vontade. Fui escroto, mas agora você também está sendo por me enrolar numa hora dessas da madrugada.

- Você repetiu! Ah, que amor. E você de fato tentou me ajudar, ao menos antes da escrotice reinar, então obrigada.

- De nada. Posso dormir agora?

- Não. Já que você está em um super bom humor, querido priminho do coração, me diga, quando foi a ultima vez que você viu o meu não querido irmão?

- Há... – ouve uma pausa, e então ele prosseguiu. – Duas horas, por quê?

- O que vocês estavam fazendo até uma hora dessas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nem te conto – falou de maneira maliciosa. Segurei a risada novamente, sentando no encosto do sofá. – Saímos da aula de violão e fomos num bar tomar alguma coisa. Era dez horas quando a aula acabou, ficamos conversando e bebendo até onze e meia, por aí, e fomos para casa a pé.

- Beber? Por acaso você está bêbado e escondendo alguma coisa de mim?

- Bom, a minha cabeça dói e tudo gira – ele brincou exageradamente. –, mas porque eu esconderia algo?

- Não sei – disse, incerta.

- Não estou mentindo. Ele ainda não voltou?

- Não – falei, levantando e indo até a janela. Distanciei a cortina na esperança de ver Matt, mas não havia sinal dele.

- Talvez esteja com Nick, já que o caminho pra casa é o mesmo... Têm umas quatro quadras de diferença, mas vai saber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Verdade – suspirei arrumando a cortina de volta. – Pode voltar a ter seus sonhos pervertidos.

- Muito obrigado – e mais uma vez desligaram na minha cara.

Que mania nova era essa?

Em menos de cinco segundos o telefone tocou e atendi.

- Nick não sabe onde ele está – disse Ellen, afobada.

- Henrique também não sabe – falei, calçando meus tênis que estavam próximos à porta. – Estou preocupada...

- Somos duas. Quando ele voltar, não importando a hora, você me liga para avisar? – assenti e nos despedimos.

Abri a porta de casa na intenção de procurá-lo e estremeci ao ver a noite escura, iluminada apenas pela fraca luz nos postes. Desci os pequenos degraus e caminhei pelo jardim, abrindo o portão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deslizei as mãos pelos braços, tentando me aquecer do frio. A lembrança dos homens cercando minha casa imediatamente me atingiu, me fazendo engolir a seco.

Fechei a porta atrás de mim, decidindo ir até a esquina na direção de onde ele costumava vir, com o coração pulsando mais forte a cada passo que dava. Eu estava inquieta, olhando para todos os lados para me certificar de que estava sozinha, embora isso não me trouxesse segurança.

Andei com pressa pela penumbra, rangendo os dentes sob tensão. Todo o alívio e bem estar de antes desaparecera num estalar de dedos. Matt não costumava chegar tarde em casa, e se não estava com Ellen ou algum amigo nosso, eu não conseguia imaginar aonde mais ele poderia estar. E a possibilidade de os homens ainda estarem espreitando por ali, esperando a hora certa para me atacar, me sufocava. Eu poderia chamar meus pais, mas hoje havia sido um dia milagroso no qual meu pai não chegou alterado, e vê-los descansando em paz era tão reconfortante que eu não ousaria acabar com esse sossego.

PERIGOSAS ACHERON

Mas algo me fez parar bruscamente.

Passos sobressaíram no silêncio predominante, alertando que alguém estava vindo por aquela esquina.

Uma chama se acendeu em mim com a chance de ser meu irmão, mas sua intensidade aumentou com a chance de ser alguém perigoso. Logicamente, poderia ser apenas uma pessoa em rumo à sua devida casa. No entanto, aquele pedaço não contava com muito movimento nem durante o dia, quanto mais à noite. E eu sabia com todos os meus sentidos que algo estava imensamente errado.

Paralisada, sem saber o que fazer, eu esperei, ouvindo os passos ficando cada vez mais próximos, e meus batimentos cardíacos acelerando com a adrenalina.

Arrisquei uma última olhada ao redor, constando estar completamente sozinha.

Dei um passo incerto para trás, preparada para correr quando a pessoa virou a esquina, se tornando visível.

PERIGOSAS NACIONAIS

E de fato, eu corri.

Em disparada.

Mas para frente, ao encontro do meu irmão, que estava num estado pavoroso.

Matt estava mancando, com a camisa cinza rasgada e repleta de sangue. Sua calça continha rasgos nos joelhos, como se ele tivesse caído com força brutal e sido arrastado.

- Matt!

Corri o mais depressa possível e o abracei.

Ele gemeu, me afastando com a força que lhe restava.

- Meu Deus, o que aconteceu?

Levantei o que sobrou de sua camisa, mas somente o toque fez seu gemido virar um grito. Ele possuía um corte fundo e extenso na altura do estômago, próximo ao peitoral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti as lágrimas invadirem meus olhos e botei seu braço ao redor de meu pescoço, ajudando-o a se rastejar até nossa casa. Ele andava com dificuldade e sua dor era tão alucinante que ele soluçava de tanto chorar.

Deitei-o no sofá e corri para pegar um saco de gelo. Peguei também um pano e encharquei-o de água. Seus gritos estavam tão altos que logo ouvi meus pais descendo.

- O que está acontecendo aqui? – perguntou meu pai acendendo as luzes.

- Matheus! – exclamou minha mãe, pegando o pano da minha mão e colocando na testa de Matt. Eu corri para pegar mais um pano, enquanto meu pai já voltava com mais sacos de gelo.

- Queimando... Está queimando, ardendo tudo... – gritou ele com as lágrimas escorrendo pelo rosto e levando as mãos ao estômago. Ele fechou os olhos com força, cerrou os dentes e se contorceu, pois sabia que encostar no local só lhe causava mais dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Matt... – sussurrei, chorando com ele.

Eu enlouquecia a cada grunhido que ele soltava e lágrima que caía de seus olhos, e procurava por alguma maneira de ajudá-lo a suportar a dor, mas sabia que havia feito tudo que estava ao meu alcance. Eu queria dizer algo pra lhe confortar, mas nada faria com que sua dor ou o corte que transbordava em sangue sumissem.

Abaixei a cabeça, dando um beijo prolongado em sua bochecha enquanto minha mãe entrava em desespero ao ver a profundidade do corte e meu pai ligava para o hospital pedindo por uma ambulância.

- Não deixe ele te encontrar, Becky... – ele apertou minha mão com uma força descomunal. – Não... Deixe...

Matt foi perdendo o fôlego, e minha vista embaçou pela quantidade de lágrimas, sabendo o que estava por vir e sabendo que assim ele sofreria menos.

Sem resistir mais, ele desmaiou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Agora veja o meu estado, olhando o futuro e
prevendo o passado*

*Como alguém que não sabe o que quer,
mentindo pra todos enquanto puder*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Como se sente de volta ao começo?

As falhas, os erros, tudo tem preço



O ponteiro do relógio marcava oito horas da manhã. Passei a madrugada com meus pais no hospital. Eles ordenaram que eu voltasse para casa, mas recusei.

Acordei num ímpeto com um paciente que entrava de emergência, me dando conta de que havia cedido ao sono.

- Vá, filha. – mamãe pediu pela milésima vez.

Precisava urgentemente descansar, mas queria

PERIGOSAS NACIONAIS

me manter firme para saber como meu irmão estaria quando acordasse. Após a cirurgia ser finalizada, o médico nos avisou que ele ficaria bem. O corte fora ocasionado por uma faca e, embora tenha adentrado em sua pele com certa profundidade, não fora suficiente para atingir algum órgão importante. O médico nos alertou também que o corte era o ferimento mais grave de Matt, mas notou outros machucados nos joelhos e pelo rosto que teriam de ser tratados, então seria preferível que Matt permanecesse no hospital por mais alguns dias, inclusive para ter certeza de que a cirurgia havia obtido sucesso e que ele estava respondendo aos medicamentos. Ele nos assegurou que Matheus ficaria bem, mas era perceptível o ódio no rosto do meu pai. Aposto que se ele tivesse escolha, sairia naquele exato momento do hospital e iria até o inferno, se necessário, para encontrar quem atacara meu irmão.

Vencida pelo cansaço, resolvi voltar, implorando à minha mãe que me avisasse se tivesse qualquer notícia do meu irmão. Passei pelo grande espelho da sala de espera e me assustei com o que vi. Meus olhos pareciam apagados, acompanhados

PERIGOSAS ACHERON

de uma vermelhidão intensa que os contornava; cabelo despenteado, e uma aparência deplorável.

Eu só queria ir ao meu quarto e me jogar na cama até toda essa tempestade passar, mas uma voz me distraiu de tentar encaixar a chave na fechadura.

- Becky! – gritou Cindy, gesticulando para que eu me juntasse a eles.

Fiquei surpresa quando vi que a pracinha reunia uma porção de famílias àquela hora da manhã. Na verdade, creio que tenha ficado espantada pelo fato de *ter* pessoas ali além das que costumavam passear de vez em quando por lá. Pela primeira vez no dia me senti contente por pelo menos uma ideia minha ter dado certo. Os brinquedos, principalmente o de madeira montado por Danny, eram disputados pelas crianças que demonstravam estarem aproveitando ao máximo, como se estivessem num verdadeiro parque de diversões. Ao redor, havia uma novidade que me deixou mais orgulhosa ainda. Com o aumento de movimento na pracinha, barraquinhas vendendo pastéis e doces foram montadas, atraindo a atenção e incentivando

mais visitas.

- O que aconteceu? – perguntou Gabriella, se levantando do banco em que estavam sentados.

Cíntia e Henrique trocaram olhares, enquanto Elena estava interessada, prestando atenção a cada passo meu.

- Assaltaram o Matt – anunciei.

As lágrimas haviam secado há um tempo. Meu coração estava vazio, e por mais que me esforçasse, as imagens do meu irmão coberto por sangue e em prantos não desgrudavam da mente. Elas rodavam e rodavam num tormento exaustivo.

- Imaginamos que ele tenha reagido, por isso foi atingido. Roubaram a carteira e levaram também o violão. Ele está com vários machucados pelo rosto, os joelhos ralados, e levou uma facada na altura do estômago. – abaixei o olhar e ouvi Ellen fungar.

- Eu pedi para você me avisar – balbuciou, parecendo o miado de um gato. – Onde ele está? – ela levantou, com intuito de ir até lá.

- Ele está bem. Passou por uma cirurgia e vai ter que permanecer no hospital por alguns dias até se recuperar. — as palavras quase não saíram da minha boca.

Cíntia enlaçou os braços ao redor de Elena, que libertara as lágrimas presas nos olhos no momento em que citei a cirurgia.

- Cara, eu devia ter ido com ele — Henrique passou as mãos pelo cabelo, apreensivo. Devia estar se sentindo culpado, embora eu duvidasse que ele pudesse ter ajudado em algo, ou pior, ter sido ferido também.

- Me responde uma coisa — pediu Nick.

Eu não queria olhar para ele. Não queria enxergar a raiva e o julgamento em seus olhos. Eu estava tão, tão cansada de tudo.

- Depois do que aconteceu comigo, com a Cíntia, com a Sara, e agora com o Matheus, você ainda vai se recusar a acreditar em nós? Quantos mais próximos de você precisarão sofrer para que você entenda a gravidade da situação?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ia contra argumentar, alegando que ele procurara pelo perigo e que Cindy esteve no local errado e na hora errada, mas parei quando me lembrei das palavras de Matheus.

Era verdade que ele estivera alucinando, mas eu não podia ignorar a súplica intensa em seus olhos. Não mais.

Eu queria gritar.

Quem você pensa que é pra jogar a culpa toda em cima de mim, Nicholas?

Essa não é a maldita hora pra bronca!

Eu te odeio, Nicholas!

- Desculpa – soltei com a mandíbula tremendo.

Mesmo achando que não era possível chorar mais, as lágrimas caíram antes que eu percebesse. Levei as mãos aos olhos para secá-los, mas não adiantou nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dois braços me envolveram pela cintura e me puxaram para perto. Me agarrei à blusa da pessoa, encharcando-a sem me importar em parar. Logo reconheci o físico de Nick, e um alívio percorreu meu corpo quando ele depositou um beijo em minha cabeça. Foi quando soube que mesmo apesar de tudo, eu não estava sozinha. Meus amigos sempre estariam ali por mim.

- Há algo mais a contar? – perguntou Gabi, carinhosamente.

- Sim – sequei as lágrimas grossas e insistentes com a manga da blusa, sentando entre Gabi e Henry. Nick continuou em pé à nossa frente com os braços cruzados, enquanto Cindy acolhia Ellen, que ainda parecia prestes a desabar. – Já faz algum tempo que tenho sido vigiada.

- Vigiada? – Henry arqueou a sobrancelha, abrindo um sorriso de canto. – Tipo por um admirador secreto?

- Um admirador que me ama tanto a ponto de me querer morta, só se for.

PERIGOSAS ACHERON

Cindy abriu a boca para explicar com suas teorias como aquilo não fazia sentido, até Gabi a interromper.

- Você não contou aos seus pais? – abaixou os ombros, arrasada. Eu não queria mais ninguém decepcionado comigo, então mordi os lábios, rezando para que ao menos dessa vez eles me compreendessem.

- Eles estão sempre ocupados demais me incriminando pra cogitar a possibilidade de acreditar em mim, tenho certeza disso. Henry e Ellen presenciaram minha tentativa falha de defesa recente e o resultado que teve.

A relação com meus pais a cada dia se encaminhava para o abismo, e achei que jogar essa bomba neles poderia destruir qualquer esperança do nosso vínculo ser restaurado.

- Você não pode ter certeza de algo se nem ao menos tentou. – o dono da razão, digo, Nick, falou.

Respirei fundo, reconhecendo que seus ataques contra meus argumentos eram somente para o meu

PERIGOSAS ACHERON

bem e não para me causar mais estresse, embora esse fosse o efeito certo que estava me causando.

- Eles esconderam uma coisa importante de mim por anos. Achei que seria melhor lidar com essa perseguição sozinha até onde pudesse aguentar.

- O que eles esconderam? – perguntou Gabi, olhando feio para Nick. Ele havia aberto a boca, provavelmente para reclamar sobre o quão ridículo era eu preferir guardar algo que podia ter arriscado minha segurança ao invés de engolir o orgulho. E eu teria a resposta na ponta da língua, já que o que ele fez não fora nada diferente, e então nossa amizade voltaria a se despedaçar.

- Descobri que tenho outro irmão.

- Como assim? – Henry arregalou os olhos, deixando o cabelo voar rebeldemente com o vento, chocado demais para colocá-lo de volta ao lugar.

- Ouvi meus pais conversando sobre minha mãe ter cometido um enorme erro ao ter outro filho. Eles ficaram assustados quando notaram minha

PERIGOSAS ACHERON

presença, mas até hoje não tocaram no assunto.

Como diz o ditado, quem cala consente, e eu tinha afastado o máximo possível aquela notícia, mas pressentia que se eu quisesse um dia ter um bom relacionamento com meus pais, eles teriam que ser honestos.

- Matt também não sabe disso? – a voz baixa de Ellen quebrou o incômodo silêncio que se instalou.

Balancei a cabeça negativamente, me segurando com firmeza no banco quando a imagem ficou turva. De repente, Ellen começou a se duplicar, e as árvores ao redor dela tornaram-se borrões escuros.

- Você tem alguma ideia de quem possa ser esse filho? – perguntou Cindy, com uma voz de quem estava tentando se situar na conversa.

Não consegui raciocinar sua questão. Só sentia o cheiro consistente do pastel e um enjoo subindo veloz pela garganta.

- Becky! – berrou Gabriella ao me segurar, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a sensação de cair era intensa.

Vi o chão se aproximar até mãos grossas me apararem, e escutei vozes perguntando se eu estava bem. Eu não tinha forças para me concentrar com meu estômago revirando e proporcionando um gosto amargo.

Eles me ajudaram a chegar em casa e corri ao banheiro, conseguindo fechar a porta em tempo antes de colocar as poucas coisas que havia comido para fora. A junção da tontura com o enjoo me fez ficar completamente fraca e perder a coloração do rosto. Me apoiei com a palma da mão contra a parede, respirando arfante e piscando repetidas vezes para a visão voltar ao normal quando pretendia se esvair de mim.

Apesar de estar tremendo que nem vara verde, reparei que quanto mais me distanciei do cheiro de comida, a náusea foi diminuindo. O que consequentemente me trouxe uma possibilidade que me deixou aflita e com o coração apertado somente em cogitar.

PERIGOSAS ACHERON

Abaixei o olhar, fitando minha barriga subir e descer acompanhando a respiração.

Não!

Batidas na porta me despertaram e me apressei para escovar os dentes antes de abrir a porta e deixar Gabriella, Cíntia e Elena entrarem.

- Você está bem? – Cindy entrou como um furacão, agarrando meus ombros e quase me fazendo perder o equilíbrio. – Você nos deu um baita susto!

- Acho que depois de tantas notícias, não foi só um – sorri sem graça e assisti Ellen concordando, cabisbaixa.

- Deve ser por tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo. – comentou ela num tom consolador. O brilho em seu olhar sempre tão cintilante havia apagado, e eu sabia que tudo o que ela mais queria era correr para o hospital e ficar ao lado de Matheus até ele se recuperar.

- Vamos descer, assim você senta e relaxa um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco – disse Cindy largando meus ombros e entrelaçando nossos braços para me dar apoio.

- Na verdade... – balbuciei, recuando e fazendo-as parar e se virarem para mim.

Percorri o olhar por cada uma, analisando-as e tendo noção do quanto essa decepção cresceria. Mas eu precisava delas mais do que nunca.

- Vocês sabem se testes de farmácia costumam dar certo?

Cindy e Ellen se entreolharam silenciosamente, seguindo para minha barriga e depois para Gabriella. Nós sabíamos que a dona dos sermões era ela, portanto fiquei a espera de sua bronca. Após alguns segundos entreabrindo a boca, ela suspirou, falando com um semblante desaprovador:

- Eu não acredito que você teve a coragem e estupidez de fazer isso, Rebecca Morelli.

- Filha, atende a porta, por favor? – gritou

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe da cozinha, enquanto preparava um lanche para nós.

Levantei de mau humor do sofá e abri a porta, me deparando com um buquê de flores. Franzi a testa, estranhando e cogitando a possibilidade de terem tocado na casa errada.

- Senhora Natasha Morelli? – o entregador, moreno e de estatura baixa, leu o nome no papel em que constava os dados.

- Mãe, é para você! – berrei.

Ela resmungou, mas não teve escolha a não ser atendê-lo. Minha mãe deu um breve sorriso amarelo e agradeceu, aceitando e fechando a porta.

Preferi não interferir quando ela avançou em disparada de volta para a cozinha carregando o buque junto. Retornei a trocar de canal à procura de algo bom pra assistir. Desapontada, acabei escolhendo um canal onde passava *Padrinhos Mágicos*. Abri um sorriso radiante ao me sentir de volta à infância, até meu celular começar a tocar dentro do bolso do short.

PERIGOSAS NACIONAIS

O alcancei e o número de Danny estava no visor.

Bufando, desliguei e o recolquei no bolso. Tentei prestar atenção no desenho ao invés de pensar nele, mas digamos que foi um tanto quanto difícil.

Desde o dia anterior, Daniel tinha decidido me procurar e recusei a chamada em todas as vezes. Precisava seguir em frente independente do que sentia por Danny e das minhas esperanças de ele não ter feito nada do que o acusavam. Se ele tivesse alguma explicação, ele teria esclarecido antes dessa confusão se prolongar.

No fundo, eu me perguntava se Nick estava realmente certo do que havia descoberto a respeito dele, e se Cindy tinha o visto mesmo ou apenas confundido com outra pessoa, pois até então suas explicações para os acontecimentos anteriores me pareceram plausíveis. Danny tinha conseguido construir um quebra-cabeça em minha mente onde as peças não se encaixavam de forma alguma. Parte

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim clamava a atendê-lo, olhar em seus olhos e ouvir o que ele tinha a me falar, mas eu sabia que isso decepcionaria meus amigos e provavelmente me meteria em mais encrenca.

Mamãe passou que nem um furacão pela sala, pegou o celular em cima da estante na velocidade da luz e desapareceu de vista.

Me afundei no sofá, fingindo estar ocupada com a televisão pra notar sua mudança drástica de humor.

Fazia uma semana desde o assalto do meu irmão e as coisas em casa pareciam ter acalmado. Matheus estava em boas condições, mas ainda precisava ficar de repouso no hospital até o corte estar totalmente fechado. Para piorar, ele não se lembrava do que havia ocorrido, ou de como foi parar ali. O médico nos disse que isso era natural após uma situação traumática, e que com o decorrer dos dias, ele se lembraria gradativamente. Contudo, até então ele mal se recordava de flashes.

Meus pais revezavam as noites no hospital, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo estava sendo uma grande surpresa. Meu maior medo era que meu pai continuasse bebendo, e dessa vez de uma forma mais abundante, assim como começou a partir da noite do acidente. Mas, pelo contrário, ele estava sendo um pai fiel e leal ao filho, permanecendo ao lado dele mesmo após um dia cansativo e estressante de trabalho. Talvez alguma parte do pai que um dia eu tive a oportunidade de conhecer ainda estivesse guardada dentro dele, escondida em um local onde somente ocasiões inesperadas, como o acidente de Matt, poderia despertar.

Mamãe passou novamente, mas dessa vez em direção à escada, e jurei tê-la ouvido fungar.

Me esgueirei discretamente até a cozinha e encontrei o arranjo com flores azuis. Procurei por um remetente, sem sucesso. Dei de ombros e peguei uma caixa de chocolate, abrindo a embalagem de um bombom e jogando o plástico no lixo.

Quando abri a lata do lixo, localizei um papel recentemente amarrotado. Percorri o olhar pela

PERIGOSAS ACHERON

cozinha e em direção à sala, confirmando que minha mãe ainda estava no andar superior.

Retirei-o cuidadosamente, desdobrando, e como não reconheci a caligrafia, resolvi ler.

“Significado da rosa azul: Mistério, busca ou alcance do impossível. Acredita-se que elas tragam juventude ou a realização de um desejo.

Se lembra da nossa juventude, Natasha? Dos nossos passeios sem destino, das nossas brincadeiras, do nosso *amor*. Não acredito que essas rosas possam trazer nossos momentos de volta, mas tenho certeza que me trarão sorte a realizar meu desejo. Aliás, você sabe a qual me refiro, não sabe?

Creio que nossa juventude não seja apenas um borrão na sua mente para que decida me desafiar desse jeito. Você não esqueceu quem eu sou e do que sou capaz de fazer, *esqueceu*?

Espero que considere esse bilhete como um
PERIGOSAS ACHERON

último aviso. Dessa vez foi por pouco, Natasha, mas na próxima, não haverá escapatória. Eu te tenho na palma das minhas mãos. E posso ter quem mais eu quiser.”

Arregalei os olhos.

Era isso mesmo que eu tinha entendido?

Minha mãe podia estar envolvida no roubo do meu irmão?

Rasguei a folha em vários pedaços e quis botar fogo. Joguei de volta ao lixo, sem me importar se minha mãe notaria que não estava mais intacta. Quanto mais eu rezava pra solucionar meus problemas, mais eles apareciam. Alguém estava ameaçando minha mãe e pelo visto ela estava fazendo exatamente como eu: Escondendo para não envolver aqueles que ela ama. E se ela seguisse meu caminho, sabia que, por experiência própria, ela nos colocaria mais em risco ainda.

Quantos segredos uma família poderia ter antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de ser despedaçada?

Me fitei pela última vez no espelho e sorri radiante com o resultado.

A formatura enfim havia chegado e eu estava a minutos de me formar.

Meu cabelo estava preso num coque por uma presilha, enquanto minha franja caía como uma onda, cobrindo o lado esquerdo da minha testa. Enrolei com as pontas dos dedos os cachos soltos que eram suspensos até o queixo, coloquei o capelo com cuidado para não desmanchar o penteado e fui em direção ao salão.

A porta principal estava fechada e os convidados esperavam ansiosos pela nossa entrada. Fomos enfileirados por ordem alfabética e reparei nas conversas aleatórias em volta. Muitos comentavam sobre como estavam suando de nervoso, aflitos em pagar algum mico na frente de todo mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava tranquila. A quantidade de eventos onde me apresentei com minha mãe fez com que a vergonha e pavor sumissem.

Por um lado, me sentia aliviada por finalmente ter finalizado o colegial, mas por outro, sabia que sentiria falta de ver meus amigos diariamente, ou até mesmo de cochilar na classe. Faculdade é assunto sério. Você tem que se dedicar o dobro, pois seu futuro depende daquilo que aprender no curso que escolheu. Além disso, não veria mais meus amigos com a mesma frequência. Cada um seguiria seu caminho, e por mais que lutássemos para manter esse elo entre nós, a distância sempre deixa as coisas mais chatas.

Por enquanto, nossos planos não haviam mudado muito. Os garotos pretendiam se empenhar a escrever novas canções e a encontrar uma gravadora que os contratasse, Ellen e Cindy iam continuar desfilando, Gabi ainda teria que suportar o colégio, já que era um ano mais nova que o resto de nós, e eu, adivinhem só, continuaria modelando os vestidos e seguindo os desejos de minha mãe até conseguir convencê-la do contrário.

PERIGOSAS ACHERON

Queria que Matt estivesse conosco fazendo suas palhaçadas e até mesmo me irritando. Queria poder estapeá-lo e correr pela casa atrás dele, como quando ele me fazia cócegas ou tirava do canal que eu estava assistindo de propósito. Queria poder gritar vitoriosa por ter ganhado dele nos jogos enquanto ria da sua cara de descrente e pedia por uma revanche. Queria que ele comemorasse esse dia tão especial e único com seus melhores amigos, mas querer é diferente de poder.

Respirei fundo quando avistei o portão abrindo e passamos por um tipo de passarela, num tapete extenso e vinho, exclusivo para os alunos. Os pais, familiares e amigos aplaudiram em pé, aproveitando para tirar fotos quando cada um se encaminhava pelo tapete ao chamarem seu nome.

Segurei a risada ao conferir a leveza e elegância que Ellen e Cindy exibiam ao andar, esquecendo que não estavam exatamente num desfile para tanta pose.

Enquanto o diretor e alguns alunos revezavam para ler as dedicatórias, localizei meus pais,

PERIGOSAS NACIONAIS

Gabriella e Nicholas e acenei para eles. Gabi e Nick ainda estavam bravos comigo, mas eu me sentia protegida ao ter a garantia de que eles sempre estariam ao meu lado.

Seguido de muito choro, discursos e despedidas, entregaram os diplomas e nos parabenizaram. Pudemos tirar fotos com nossos pais e amigos mais próximos, pois iria para um álbum que todos os alunos teriam direito.

Jogamos os chapéus para cima, e por pouco não perdi o meu.

A colação acabou às 17 horas da tarde e depois teria uma festa restrita somente para os alunos e quem quisessem convidar.

Voltamos para casa e liguei para um táxi vir me buscar já que não queria incomodar meus pais, além de não saber qual seria a reação deles, pois teoricamente eu ainda estava de castigo.

Joguei o diploma e a caixa do anel em cima da cama, depois abri o guarda-roupa e peguei um vestido que havia preparado especialmente para a

PERIGOSAS ACHERON

celebração. Na parte de trás, estabeleci um zíper para poder colocá-lo por baixo sem que houvesse chances de me despentear o vestindo por cima.

Encarei o espelho e sorri satisfeita.

O vestido era um tomara que caia branco que se moldava apertado até um pouco acima da cintura, onde pus um cinto preto de largura média, e o tecido caía levemente até um palmo acima dos joelhos, onde ao invés de ser justo, ficava mais solto, dando a impressão de o vento estar fazendo-o esvoaçar. O detalhe charmoso estava na altura do cinto, onde modelei desenhos de flores com renda preta que consistia na volta inteira do cinto, e se prolongava numa caída para o lado esquerdo, o mesmo da minha franja, tanto para cima quanto para baixo. Inclusive, aproveitei o caminho para montar uma alça com a renda naquela única direção, deixando-a sem muita pressão para cair eventualmente de forma suave entre o ombro e o braço.

Calcei uma sandália branca de salto alto, a qual possuía uma pedra prata cintilante na ponta. Botei

PERIGOSAS NACIONAIS

luvas de renda preta que deixavam os dedos para fora e fui ao banheiro, me certificando de que o penteado permanecia intacto, e retoquei a maquiagem. Coloquei brincos de argola nas orelhas e um colar com meu nome personalizado, enquanto o dedo já estava ocupado pelo anel da formatura.

Desci entusiasmada pela escada, pulando de degrau em degrau até quase tropeçar e desabar. Retomando meus passos cuidadosamente, avistei minha mãe sentada retraída na poltrona, parecendo viajar em pensamentos, enquanto meu pai quase dormia largado no sofá assistindo televisão. Desse jeito, com seu cabelo curto ruivo e as pequeninas sardas enfeitando seu rosto, ele parecia um anjo, embora sua expressão sempre rígida estragasse essa imagem.

Pigarreei, pedindo atenção e querendo surpreendê-los com minha mais nova obra. Quando seus olhares pausaram em mim, segurei a ponta do vestido e rodopiei, sorridente.

- Onde você pensa que vai? – meu pai bocejou, se acomodando melhor.

PERIGOSAS ACHERON

- Ao baile de formatura... Por quê?

E eu que queria apenas um elogio, recebi em troca minha autoestima descendo ladeira abaixo.

- Até parece – ele riu.

Estremeci ao reparar que ele carregava em suas mãos uma lata de cerveja e a levava aos lábios, dando grandes goles.

Não, de novo não...

- Você continua falando com aquele garoto, não é, Rebecca? – perguntou minha mãe, séria. Nem o cansaço, que lhe dera olheiras, era páreo para apagar sua beleza.

- Meu Deus, eu não o vejo há mais de meses! – exclamei indignada.

- Não minta para mim. Vi o número do celular dele nas suas chamadas recentes.

Bati na minha própria testa, lembrando do dia em que ele me ligou e não retornei. Meus músculos

enrijeceram, e pude sentir a raiva percorrendo minhas veias.

Peguei minha bolsa pequena que estava em cima da estante e disparei a andar e falar ao mesmo tempo.

- Me poupe de ouvir esse tipo de coisa. Quem cuida da minha vida sou eu, e se deixei ou não de falar com Daniel, o problema é meu.

Sabendo que eles ficariam raivosos, dei a palavra final e saí de casa às pressas. Assim que abri o portão, dei graças a Deus por um táxi estar estacionado à minha espera.

- Rebecca, volte aqui imediatamente! – ouvi meu pai gritar, mas para meu alívio, eu já estava distante.

Respirei sossegada e senti o olhar do motorista sobre mim. Dei o endereço da festa para ele e encostei a cabeça na janela, pensando no quão imprevisível minha mãe podia ser. Achei que ela ficaria orgulhosa por ver que finalmente eu estava seguindo seu exemplo, mas não. Gostaria de saber

PERIGOSAS ACHERON

qual seria sua reação caso eu mencionasse o buquê de flores que recebera do galã do passado. Mas eu estava exausta de discutir e me perguntar quanto mais ela devia esconder de mim.

Do lado de fora do buffet, vários adolescentes se reuniam, forçando as cordas vocais a sobressaírem o som da música extremamente alta que chegava a fazer o chão trepidar. Me perguntei se a festa estava tão boa assim para as pessoas preferirem ficar do lado de fora, até entrar e me deparar com uma aglomeração. Minha sorte fora sentir um beliscão e logo ser puxada para um abraço apertado e saltitante.

- Até que enfim, pensei que não viria mais! – berrou Cindy acima da música e temi que Henrique estivesse deixando-a fora do controle novamente.

Ela estava incrivelmente linda. Usava um vestido tomara que caia repleto de lantejoulas douradas e com um decote mais acentuado que o meu. As luzes na festa estavam todas apagadas e a única iluminação que recebíamos era dos efeitos

PERIGOSAS ACHERON

especiais do DJ, o que tornava a roupa dela muito chamativa pelo brilho intenso das lantejoulas de acordo com seus movimentos. Para amenizar essa consequência, o vestido era agrupado por uma saia bege tão clara que era quase transparente. O toque especial da saia se encontrava no final, pouco acima dos joelhos, onde dava a impressão de ter sido repicada pela barra possuir algumas camadas extras.

O cabelo preto de Cindy estava completamente solto e alisado junto de delicadas mechas que caíam sobre seu rosto habilidosamente maquiado. Sem sombra de dúvidas, além das lantejoulas, seus olhos castanhos eram o que chamavam mais atenção aliado à sua beleza, sendo realçados por lápis e delineador.

Ela pegou minha mão e me arrastou entre a multidão até chegarmos ao bar, onde Henry e Ellen estavam sentados em bancos altos e giratórios.

- Ah, óbvio, tinham que estar no bar! – ri brincando e Henrique me mostrou a língua.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele vestia uma calça preta e blusa social listrada que intercalava entre azul marinho e um tom de azul mais claro.

- Espero que você não brinque de lobo mau com a Cíntia de novo. Ficarei de olho em vocês. – ergui dois dedos, sinalizando dos meus olhos aos dele. Ao menos dessa vez estávamos distante de florestas.

- Sim, senhora. Relaxa que já inventei novas brincadeiras *muito* mais interessantes. – ele piscou, puxando Cindy pela cintura e mordendo sua bochecha. Ela estava tão absorta que nem havia prestado atenção nas intenções do namorado.

- Cadê o outro casal bêbado? – perguntei referindo-me à Gabriella e Nicholas.

Elena levantou a sobrancelha na direção da pista de dança e os localizei dançando animadamente.

Nick usava calça jeans e uma blusa simples, sem estampas, e uma gravata que havia provavelmente roubado de Henry.

PERIGOSAS ACHERON

Gabi usava um vestido rosa claro drapeado, com as alças estabelecidas nos braços, assim deixando seu colo e ombros desnudos. O tecido se modelava ao seu corpo e se abria a partir da coxa da perna esquerda, cobrindo apenas a direita até poucos dedos abaixo do joelho.

Sorri com o evidente amor na troca de olhar entre eles.

Pouco depois, Henry convidou Cindy para dançar, e lá se foi outro casal feliz sumir em algum canto da festa.

- Nos abandonaram e nos trocaram pela pista de dança, Ellen. — resmunguei, me apoiando na bancada para subir no banquinho.

Me virei para encarar Elena. Apesar de estar com um olhar amuado e carente, ela era exatamente como minha mãe. Nem o maior sofrimento seria capaz de combater tal beleza. Ela usava um vestido azul brilhante ligado somente por uma alça que prolongava o tecido, produzindo uma manga comprida no braço direito num tom mais claro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim sendo possível visualizar sua pele debaixo do tecido. O vestido era bem ajustado ao corpo, terminando a aproximadamente um palmo dos joelhos e marcando as curvas de seu corpo. Seu cabelo loiro formava diversas ondas, preso somente de um lado por uma frágil flor branca. Sua maquiagem estava suave e a tonalidade do vestido realçava seus olhos claros.

- Era para só você estar abandonada – disse ela e me fingi ofendida.

A envolvi num abraço forte quando ela começou a se preocupar com minha encenação e pedi ao barman por uma lata de refrigerante. Com o excesso de enjoo que eu estava tendo ultimamente, bebida alcoólica provavelmente me faria mal.

- Matt não gostaria de te ver deprimida. Não se reprima. – sorri tentando animá-la.

Ela sorriu fracamente e dei um gole da latinha que acabava de chegar. Percorri o olhar ao nosso redor, acompanhando as diversas pessoas pulando e se divertindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para Ellen, linda e serena, e tomei uma decisão, largando a latinha em cima do balcão.

- Quer saber? Nós também merecemos nos esbaldar na pista de dança. Vamos lá! – falei convicta, arrastando-a com empolgação mesmo com suas reclamações. Eu sabia que no momento em que ela sentisse o ritmo da música lhe dominando, ela esqueceria todos os problemas e dançaria como se não houvesse amanhã.

Nos esprememos entre as pessoas e entrelacei nossos dedos, levantando nossas mãos juntas e movimentando o quadril, entrando no embalo e levando uma Elena sorridente comigo. Ela começou a se remexer, balançando o cabelo e nossas mãos enquanto seu corpo encontrava a batida da canção e se agitava no mesmo compasso. Passamos um bom tempo inventando coreografias e *literalmente* nos esbaldando até meu estômago se animar com os pulos constantes e começar a revirar.

Me apoiei em Ellen, segurando o enjoo e avisando que precisava ir ao banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que foi? Quer que eu vá junto? – gritou Ellen e neguei com a cabeça, me apressando entre as cotoveladas e partindo para uma área mais afastada da pista.

Após um tempo em desespero procurando, avistei a placa do banheiro feminino e no mesmo instante esbarrei com força em alguém.

Mesmo com a urgência de entrar por aquela porta, eu me virei por educação.

- Desculpa! – pedi e levantei o rosto para encarar o indivíduo.

As palavras fugiram da minha boca no mesmo instante.

Minha voz saiu num murmuro, sendo possível entender só lendo meus lábios, enquanto meu coração parecia tremer mais do que o chão debaixo dos meus pés.

- Daniel?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Horas não passam, nada é só ilusão
Está na cara, estou na sua mão*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

*Se paro e me pergunto, será que existe alguma
razão*

*Pra viver assim se não estamos de verdade
juntos*



- Surpresa?

Ele esboçou um sorriso sacana, percorrendo o olhar por mim da cabeça aos pés.

Por um momento de descuido, me autorizei avaliá-lo até que as palavras retornassem.

Danny vestia uma camisa de meia manga xadrez da cor vermelho escuro e uma calça

comprida preta. Simples, mas estonteantemente apaixonante. Alguns fios de barba dispersos por seu queixo faziam-no parecer mais velho, contudo seu cabelo castanho despenteado o deixava com aspecto juvenil.

Seus olhos intensamente azuis encontraram os meus e senti minha bochecha arder repentinamente.

- O que você está fazendo aqui? – rangi os dentes, me controlando para não cair em seus encantos.

Os convidados eram permitidos a entrar na festa somente com um convite, e pelo que eu saiba, Danny não arranjaría um com meus amigos.

- Porque não atendeu as minhas ligações? – ele arqueou a sobrancelha, deixando a cabeça pender levemente para o lado.

- Eu te fiz uma pergunta. – insisti, cruzando os braços.

O canto dos lábios de Danny se ergueu marotamente me causando arrepios.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Adoro quando você fica brava, apesar de isso não ser difícil de acontecer quando estou por perto e parecer que você vai atirar uma bola de fogo em mim com seu cabelo... – disse ele lentamente, me envolvendo com ternura com sua voz melódica.

Foi minha vez de arquear a sobrancelha, batendo a ponta do sapato contra o chão.

- Posso considerar a ideia se você não me responder.

Ele suspirou, deslizando a mão pelos cachos sedosos.

- Você não me atendeu, e eu precisava conversar com você.

- Então porque não foi à minha casa? – perguntei e logo me arrependi, sabendo que deveria ter dito, na verdade, que eu não tinha absolutamente nada para conversar com ele.

- Eu fui, e quando estacionei o carro, te vi entrando num taxi, então resolvi te seguir. – explicou ele com tranquilidade, sem tencionar os
PERIGOSAS ACHERON

músculos ou parecer apreensivo.

- E porque demorou tanto pra me encontrar?

- Pra começar, temos que concordar que com esse tamanho, te encontrar não é uma tarefa fácil – brincou, abrindo mais um de seus sorrisos sarcásticos. – E depois, descobri que precisava de convite e consegui comprar de um garoto que disse que não ia mais entrar de qualquer forma. – deu de ombros, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

Retomei mentalmente o caminho da minha casa até aqui e, como não obtive falhas no percurso de Danny, tive de achar uma solução para raciocinar sobre o que estava acontecendo.

- Preciso ir ao banheiro. – avisei, dando as costas a ele e entrando antes que ele pudesse me puxar ou interferir.

Coloquei minha bolsa em cima da pia e apoiei as mãos na mesma, respirando fundo.

Meus amigos estavam no mesmo local e se me vissem na companhia de Daniel, seria pedir para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cavarem minha cova e me enterrar viva. Eles não aceitariam isso naturalmente e provavelmente nunca mais me perdoariam. Pior ainda: Se Nick ou Cindy o vissem, causariam um transtorno gigantesco, e aquela era nossa festa de formatura, não podia permitir que algum desastre ocorresse, muito menos por culpa minha.

Cogitei alguma forma de fugir, mas isso só prolongaria o inevitável. Quando Danny queria algo, ele não desistia rápido, e eu havia ganhado provas suficientes disso.

Eu precisava falar com Danny. Precisava de respostas de uma maneira que meus amigos nunca entenderiam.

Agora que eu tinha consciência de tudo o que estavam duvidando dele, eu poderia ouvir sua versão e refletir com mais clareza e objetividade, então resolvi arriscar.

Criei coragem, segurei a alça da bolsa e abri a porta, me deparando com Danny encostado numa parede próxima e segurando duas taças com bebida

PERIGOSAS ACHERON

dentro.

- Podemos conversar num lugar mais sossegado? – pedi, pois com aquele barulho nos interrompendo eu não conseguiria tirar muitas satisfações.

Ele concordou sem delongas e estendeu a taça pra mim. Relutantemente, peguei e lhe joguei um olhar frio.

- Tente passar despercebido.

- Essa é minha maior especialidade – Danny piscou e me lembrei das vezes em que levei susto por não reparar em sua presença. Como se captasse minha linha de pensamentos, ele riu. – Ou talvez isso só dê certo com você por ser distraída demais.

Voltei o olhar para a festa, avaliando qual seria o melhor caminho que não houvesse muitas barreiras para nos impedir a chegar a um lugar mais calmo.

Havia uma porta extensa, proporcionando o vislumbre da piscina, mas teríamos que passar pela
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pista de dança e pelo bar, onde meus amigos provavelmente ainda estariam, então descartei a possibilidade.

Danny foi mais rápido que eu, pegando minha mão e me arrastando pelos cantos antes que pudesse protestar. Sempre que aparecia uma brecha entre as pessoas, ele emergia com velocidade, nos encaminhando até a escada que levava ao andar superior.

A escada era larga e os degraus eram iluminados com lâmpadas de neon amarela. O andar de cima era como um corredor estreito que circulava toda a extensão do salão, composto por sofás escorados à parede e divididos apenas por um vaso de flores. A maioria dos sofás daquele lado estavam ocupados por casais, então fomos para o outro, onde nos sentamos no último do canto, próximos a uma porta onde estava escrito “*Emergência*”.

Bom, pelo menos eu poderia sair correndo feito louca caso tacar o salto alto na sua cabeça não funcionasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sabia exatamente se aquela tinha sido uma boa ideia, pois além de a música ainda estar alta, embora mais razoável que no andar de baixo, o chão abaixo de nós trepidava e eu podia jurar sentir os músculos dos meus ouvidos batendo junto.

- Como anda o nosso ilustre projeto? – perguntou Danny, largando o corpo em uma posição folgada e o virando em minha direção.

- Em rumo a se tornar o parque mais famoso da cidade. Agora tem barraquinhas de comida, e os brinquedos estão ficando cada vez mais concorridos. – disse.

Cruzei as pernas e rolei o anel entre os dedos para me distrair do nervoso. Estava orgulhosa por nosso trabalho não ter sido em vão e atender às nossas esperanças, possivelmente até ultrapassando, pois eu particularmente não contava que atrairia tanta atenção.

- Então já estão dominando o meu navio e perdi meu cargo de capitão? – ele flexionou a mandíbula numa careta triste e em seguida levou a taça aos

PERIGOSAS ACHERON

lábios, bebendo todo o líquido que estava dentro de uma única vez.

Evitei encará-lo, fitando o ânimo das pessoas dançando na pista de dança. Desejei poder estar lá, dançando até meus pés não suportarem mais.

Senti o olhar de Danny pesar sobre mim e continuei tentada a ignorá-lo.

- Porque você não atendeu?

- Você sumiu, Daniel, e digamos que de uma forma bem radical. – falei acusatória, tombando a cabeça para o lado o suficiente para mirá-lo. – Se você não tinha satisfações a me dar antes, porque teria agora?

- Eu sumi porque não queria te envolver em assuntos que eu tinha de esclarecer por conta própria, Rebecca. Você é teimosa e sinto que ainda não confia plenamente em mim, mesmo depois de ter salvado sua vida *duas vezes*, então preferi ser drástico. – disse.

Ele se esticou, largando a taça ao lado do sofá e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se aproximando de mim, em seguida jogando o braço esquerdo em cima do encosto. Danny estava agindo como aquele que costumava me fazer rir e aquilo me irritava profundamente. Era mais incentivador lhe dar uma resposta fria quando ele me provocava.

- Você não ajudou muito no quesito de confiança desaparecendo do mapa. – falei o mais alto possível para que ele não tivesse que se aproximar mais para escutar. Eu estava no canto do sofá, e não via muita escapatória caso ele prosseguisse seu jogo.

- Acha que eu estaria aqui se não fosse pra me redimir com você? – ele estreitou os olhos e deixei um sorriso aleatório escapar.

- Você adora se esbaldar na pista de dança. Você não me engana, caipira. – falei, dando um empurrão de leve no seu peitoral com o dedo indicador.

- Não em festas de formatura – piscou, aproveitando meu deslize para pegar alguns cachos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que estavam se soltando do meu coque e os enrolar entre os dedos. – E, algo contra meu estilo caipira?

- Nenhum – disse enquanto balançava a cabeça negativamente. – Só acho que seu perfil não condiz com sua escolha pra roupas.

- As aparências enganam. – ele levantou a sobrancelha, atento às minhas mechas.

Minha mente considerou trilhões de possibilidades sobre o que aquilo podia significar e olhei para o líquido na taça se agitando enquanto eu o balançava. Parecia ser vinho, e eu não estava nas melhores condições para aceitar aquela bebida, com medo que o enjoo voltasse e eu não aproveitasse aquela chance.

- Não gosta de vinho seco? – neguei com a cabeça, escondendo o verdadeiro motivo.

Notando minha hesitação, ele tirou a taça da minha mão e a colocou no chão, junto da sua vazia.

- Você já pode parar de me enrolar – eu disse, ansiando acabar com aquela história.

PERIGOSAS ACHERON

Ele riu, traçando uma linha desde meu cacho até o pescoço, onde deslizou o dedo tão delicadamente que me fez arrepiar.

Perturbada, me afastei e mantive uma expressão solene.

- Por onde começar... – ele tomou fôlego, franzindo a testa ao pensar.

- O que você estava fazendo quando sumiu na festa da floresta? – disparei, me baseando aos relatos dos meus amigos e acompanhando mentalmente qual seria a trajetória para cada acontecimento.

- Quando eu te abandonei no trilho ou quando você foi conversar com a Gabi?

- Da Gabi. – falei, mas depois fiquei me questionando se afinal devesse me referir a ambos.

- É uma boa parte pra começar a explicar. Você sabe que trabalho numa loja de automóveis, certo? E lembra também do que comentei sobre meu gerente que foi morto por ladrões? – assenti,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começando a balançar a perna, impaciente. – Esses homens foram na loja há uns meses na intenção de roubar novamente, mas um carro de polícia estava por perto, então logo desistiram e foram embora. Eu os reconheci de imediato, mas aposto que eles não faziam a menor ideia de quem eu era, portanto pedi a um investigador que conheço me trazer informações sobre eles, e ele me ligou enquanto você estava com a Gabi, então voltei pro carro pra anotar o que ele havia descoberto.

- Isso é tudo um tanto quanto paranoico – soltei, fazendo uma careta discreta.

- Paranoico? – seus lábios formaram uma linha rígida, os olhos transbordando em descrença. – Eu vi meu gerente, um homem honesto e trabalhador, sendo morto por dois homens medíocres, na minha frente. Além de terem errado a mira, se não eu também estaria morto. Acha que não é motivo suficiente pra vingança? – ele disse num tom ríspido que me enfureceu.

Eu não tinha o propósito de desmoralizá-lo, apenas estava achando estranha a história.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E você demorou mais de uma hora só pra apertar o botão de desligar? – ironizei, endireitando a coluna e mantendo os olhos presos aos dele.

- Meu carro estava num lugar afastado, e eu os vi arrastando uma garota para dentro da floresta. Sei que parece insano, mas tenho certeza que eram eles e decidi segui-los, mas os perdi de vista e não ia deixá-la sozinha enquanto eles estivessem por ali.

- Mas você me largou da mesma forma no final. – ergui o canto dos lábios sem mostrar os dentes, numa forma de fazê-lo se sentir culpado.

- Eu vi que seu irmão estava vindo, e provavelmente a essa altura eles já deviam ter fugido.

- E se não tivessem? E se eles nos atacassem por estarmos justamente no *meio do trilho*, distante de todos, e mal teríamos como nos proteger?

- *Eu* te protegeria, Becky. – ele apontou para si mesmo, encabulado. – E quanto a ter ido embora, eu reconheço o perigo a qual estive exposta, mas não sei se existe a palavra *errar* no seu dicionário,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois as pessoas cometem erros, Rebecca.

- Você sabia que podia ter evitado esse transtorno? – perguntei. – Evitado inclusive que Nicholas fosse preso?

- O que...? – Danny entreabriu a boca, confuso.

- Nick foi encontrado com a garota nos braços e o consideraram um suspeito.

Ele suspirou, deslizando agressivamente os dedos entre os cachos.

- Eu tive que ir atrás deles antes que machucassem mais alguém. Na segunda vez que tentaram assaltaram a loja, eu aproveitei que haviam esses policiais por perto e os denunciei, mas eles conseguiram escapar. Algumas semanas depois eles retornaram à loja, alegando saberem que eu havia os denunciado e dizendo que os meus dias estavam contados.

- E você demorou todo esse tempo para rastreá-los?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Digamos que não sou especialista em seguir assassinos, Becky – ele revirou nervosamente os olhos, exausto da minha descrença. – E enquanto me aprofundava na busca, fui descobrindo que eles estavam envolvidos e preocupados com coisas muito mais perigosas do que eu poderia imaginar. Não demorou muito para que alguém colocasse um fim neles antes de mim.

Eu estou me segurando na sua corda

Estou a dez metros do chão

E eu estou ouvindo o que você diz

Mas simplesmente não consigo emitir um som

Você diz que precisa de mim

Depois você me derruba, mas espera

Você diz que sente muito

Não imaginava que eu me viraria e diria

PERIGOSAS ACHERON

Que é tarde demais pra se desculpar, é tarde demais.

- Então tudo acabou? – questionei, fixando o olhar em seu rosto pacífico.

Era distinguível seu temor após ter comentado sobre Nick, mas ele também transparecia tranquilidade, como se estivesse certo de que não tinha culpa pelo incidente.

Me perguntava o quão parecido Danny devia ser de um dos homens para que Cindy os confundisse.

Uma música do OneRepublic chamada Apologize começou a tocar em um ritmo remixado, e senti o toque de Daniel de volta às minhas mechas soltas, assentindo levemente com a cabeça.

- Vem cá – ele levantou, pegando minha mão repentinamente e levando-me consigo.

Quando me dei conta, estava contra o peitoral

PERIGOSAS ACHERON

de Danny, sendo pressionada com seu braço em volta de minha cintura. Suspirando, circulei frouxamente seu pescoço com os braços e desviei o olhar.

Embora a música estivesse numa versão agitada, nós nos movíamos devagar, presos em nosso próprio clima desconfortável.

- Você ainda está brava comigo, não está?

- Daniel, aposto que deve ser horrível a sensação de presenciar alguém próximo de você sendo morto, mas garanto que conviver com a realidade de seu melhor amigo estar preso também não é agradável.

- Você não está se esforçando a compreender o meu lado nessa história.

Apesar de sua frase ter sido rude, ele conduziu delicadamente o polegar por minha bochecha, compenetrado com o caminho que fazia.

- Eu entendi completamente, mas nem sempre a vingança é a melhor escolha. Por experiência

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

própria, é preferível nos mantermos na retaguarda e nos protegermos ao invés de *procurar* pelo perigo.

- Eu não tive grandes opções, Becky. Eu só queria poder acabar com tudo aquilo de uma vez e te ter do meu lado. – seus dedos percorreram até minha nuca, onde se prenderam entre os fios de cabelo, forçando-me a erguer a cabeça e encará-lo. – Sabia do que aqueles homens eram capazes, e você não estaria em segurança enquanto eles estivessem atrás de mim.

- Tem certeza que tudo terminou? – murmurei, observando seus olhos se tornarem famintos ao se aproximar cada vez mais de mim.

- Absoluta.

Ele largou meu cabelo, deslizando a mão pelo meu corpo até pausar na perna, onde a levantou habilidosamente na altura de sua cintura e me abaixou lentamente. Ele se curvou, alcançando meu ouvido e sussurrando melodicamente.

- Você não tem a menor noção de como senti sua falta, minha pequena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei os olhos subitamente e deixei a cabeça pender no ar ao arquear o corpo para trás. Senti vestígios de tremor em seu braço, mas ele logo se recompôs, firmando as mãos em mim com tanta força que eu poderia largar todo meu peso sobre ele.

Danny traçou uma linha de beijos pelo meu pescoço, mordeu levemente meu queixo e seus lábios suaves depositaram um beijo molhado no canto da minha boca antes de sobressaltarmos com gritos vindos do andar de baixo.

Eu me arriscaria outra vez, levaria a culpa

Levaria um tiro por você

E eu preciso de você como um coração precisa de uma batida

Mas isso não é novidade

Eu te amei com um fogo vermelho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora está se tornando azul, e você diz

"Eu sinto muito" como um anjo

O céu me fez pensar que era você

Mas eu estou com medo

Me debrucei sobre o corrimão, localizando o que parecia ser um pesadelo.

Meu pai empurrava as pessoas da frente de seu caminho com grosseria, clamando meu nome e cambaleando, claramente bêbado.

- Isso não pode estar acontecendo... – murmurei quando a música parou de tocar e avistei três seguranças adentrando no salão e indo atrás dele.

Meus amigos trocaram olhares apreensivos e se dispersaram para me procurar.

Eu não conseguia entender qual era o prazer que meu pai sentia em beber e descontar o prejuízo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em quem não tinha nada a ver com seu vício repugnante.

- Vem comigo – Danny me puxou rapidamente antes que alguém tivesse a ideia de olhar para cima e nos encontrasse.

Ele me encaminhou até a porta de emergência próxima ao sofá onde estávamos sentados anteriormente e agradei mentalmente por aquela saída existir.

A porta levava à uma escada ao ar livre, direto para o lado de fora do buffet. Nos apressamos pelos degraus e tive que me segurar firme no braço de Danny quando vacilava e quase tropeçava.

No instante em que pisamos no chão, senti minha bolsa tremer e a abri, vasculhando até achar o celular e encontrar uma mensagem recebida. Era da minha mãe, avisando que Matt havia tido reação alérgica aos remédios e teria que ficar com ele já que não dava para confiar em meu pai. Pediu também para que eu fosse pontual e não a desapontasse. Ou seja, toda a responsabilidade

PERIGOSAS ACHERON

estava sobre meus ombros.

A preocupação com meu irmão aumentou e senti uma raiva insana de meu pai. Tudo o que nós queríamos era ter um pai presente e fiel, não um alcoólatra que perdia o controle com a primeira gota.

- Eu preciso ir o mais rápido possível ao desfile, Danny. Minha mãe não vai poder se apresentar, então terei que ser sua representante. Obrigada por ter me salvado do meu pai. – agradei sem encará-lo, enquanto ligava para chamar um táxi.

- Eu te levo.

- Não precisa, chamo um táxi sem problemas.

Ele me interrompeu, roubando o celular das minhas mãos e andando na direção contrária.

- Daniel, volta aqui! – reclamei, pisando forte enquanto o seguia e aumentava a velocidade dos passos na tentativa de ultrapassá-lo.

Ele atravessou a rua e grunhi, passando a correr

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidadosamente e recebendo sua gargalhada em resposta.

Ele logo alcançou seu carro que estava estacionado numa rua repleta de penumbra e se escorou no mesmo, cruzando os braços enquanto me esperava finalmente chegar até ele.

- Devolve o meu celular!

- O que? Isso?

Ele apontou com a cabeça na direção do aparelho, levando-o à sua frente e o analisando.

Então soltou um sorriso malandro, erguendo o braço pra cima.

- Vem pegar.

- Para de graça! – resmunguei, soltando um sorriso frouxo sem resistir.

Avancei nele, esticando o braço o mais alto que conseguia, o que chegava quase ao topo da cabeça dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Danny se inclinou pra frente, rindo brandamente em meu ouvido.

Reconhecer seu divertimento me enfureceu, surgindo assim uma ideia imprudente.

- Tenho uma proposta a fazer.

- E se não me interessar? – ele provocou com sua voz rouca e tentadora, mordendo fracamente o lóbulo da minha orelha.

- Duvido que isso possa acontecer.

Me afastei dele, forçando as mãos contra seu peitoral.

Ele abriu a boca para revidar e o calei pousando um dedo sobre seus lábios.

- Façamos uma troca.

- Ah, você e suas barganhas.

- Shh! – o repreendi. – Você me devolve meu celular, e eu faço o que você quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Qualquer coisa? – ele sorriu quando deslizei o dedo pelo seu rosto, arrastando a unha por sua pele macia.

Sabia o quão perigosa podia ser minha oferta, mas estava disposta a descobrir quão distante Daniel iria.

- Exatamente. O que você acha? – arqueei a sobrancelha, mostrando o mesmo sorriso intimidador que ele.

Ele ponderou por um segundo, depois abriu minha bolsa e guardou o celular dentro. Apreciei seu visual, torcendo para que ele não percebesse minha vulnerabilidade.

Dei um passo para trás, a fim de arriscar escapar, mas logicamente ele me puxou agilmente pela cintura, colando os nossos corpos.

- Você sabe que não vai escapar assim tão fácil da troca, pequena garota. – murmurou, encostando o nariz no meu.

- Na verdade, eu posso tentar... – mordi o lábio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inferior e o fitei assistindo cada movimento meu.

No fundo, o que eu mais desejava era tê-lo pra mim. Com ele, eu esquecia qualquer problema, suspeita ou complicação. Eu ignorava o universo ao nosso redor, e apenas sua presença diante de mim importava.

- Você não vai querer. – seu hálito quente bateu contra minha boca, me arrepiando instantaneamente.

Subitamente fechei os olhos e me deixei ser levada pela sensação prazerosa. Era como estar boiando no mar e sendo conduzida pelas pequenas ondas que se formavam, e eu sabia que por estar na companhia de Danny, todo aquele conforto logo se tornaria um tsunami avassalador.

- Quem te garante? – perguntei.

- Isso.

Com uma risada final, ele juntou os nossos lábios num árduo beijo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A princípio foi calmo e seus lábios suaves se moldavam ternamente aos meus. Danny trocou jeitosamente de posição e, enquanto mantinha a atenção em me beijar, ele destrancou a porta traseira do carro e a abriu. Depois, ele me carregou no colo e me colocou dentro do carro. Ele se separou rapidamente de mim para fechar a porta atrás de si, e se esticou, ligando o rádio.

- Você ainda não me disse exatamente o que quer em troca. – falei a fim de ouvi-lo dizer, já que não havia dúvidas sobre o que era.

Do rádio, uma música chamada Let Me Go do 3 Doors Down começou a tocar e suspirei, me recusando a pensar no quão verdadeira a letra da música poderia ser.

- Não? Achei que tivesse deixado bem explícito.

Ele acariciou minha bochecha, se curvando para dizer calmamente em meu ouvido.

- Eu quero os seus beijos para fazer minha noite valer totalmente a pena. Eu quero *você*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais um beijo poderia ser a melhor coisa

Mais uma mentira poderia ser a pior

E todos estes pensamentos nunca descansam

E você não é algo que eu mereço

Em minha cabeça só existe você agora

Este mundo cai sobre mim

Neste mundo existem o real e o faz de conta

Isso parece real para mim

Compartilhei o gosto de vinho vindo da boca de Danny ao juntar nossos lábios em um beijo tentador. Nossas línguas se encontraram e o frio imenso que estava do lado de fora sumiu em torno de segundos, substituído por um calor infernal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me empurrou devagar, me fazendo cair aos poucos para trás até encostar a cabeça no almofadado. Cravei a unha em seu pescoço aprofundando o beijo, como se o quão próximos estávamos nunca fosse suficiente.

Ele soltou a presilha do meu cabelo, deixando-o cair livremente sobre meus ombros e distribuiu beijos por meu pescoço, revezando entre mordidas. Entrelacei os dedos em seus cachos, num pedido silencioso por mais.

Percorri levemente os dedos pelos seus músculos, satisfeita ao senti-lo arrepiar. Clamando por sua vingança, ele deslizou a mão pelas minhas pernas desnudas, levantando o vestido lentamente.

Gemi mordendo seus lábios para provocá-lo e comecei a desabotoar sua camisa. Racionalmente, eu sabia que estava extrapolando e perdendo toda a noção do que havia ocorrido no tempo em que ele sumiu. Mas sendo sincera, eu não me importava mais com o passado quando joguei sua camisa no banco da frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sonho, nós em direção ao que eu espero

E eu me recuso a te amar

Como esse amor pode ser uma coisa boa

Enquanto eu sei pelo que estou passando

Não importa o quanto eu tente

Eu não consigo escapar destas coisas por dentro

Eu sei, eu sei,

Mas todos os pedaços se desmancham

Você será o único a saber

- Danny... – sussurrei ao senti-lo descer a alça do meu vestido, prestes a tirá-lo por completo.

Vê-lo sem camisa estava sendo uma tarefa fascinante, mas eu precisava recuar. Tentei afastá-lo pelo peitoral, mas de nada adiantou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel me segurou firme pelos punhos, beijando meu pescoço.

- Eu não posso fazer isso...

Tentei novamente me soltar, mas ele intensificou a quantidade de beijos e a rigidez. Ele forçou a boca contra a minha, me obrigando a correspondê-lo.

- Está machucando! – reclamei inutilmente, desviando o percurso de seus beijos.

Uma vontade desesperadora de chorar me abateu ao me lembrar do meu pai maltratando minha mãe e temer que ele fizesse o mesmo comigo.

Aquele definitivamente não era mais o Danny de minutos atrás, e sim um monstro pelo qual fui enganada.

Resolvi agir com brutalidade, mordendo fortemente seu lábio inferior e fazendo o mesmo sangrar.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveitei o grunhido de Daniel e o empurrei, fazendo-o bater as costas contra o vidro da janela. Mesmo assim, ele se recompôs num estalo, me puxando de volta pelos braços. Caí em seu colo, me debatendo.

- Me larga, Daniel!

- Cala essa boca! – esbravejou, nervoso.

Daniel voltou a me beijar ferozmente e quanto mais eu lutava, mais ele tinha prazer em tentar tirar minha roupa. Ele retornou a me posicionar deitada com ele sobre mim e me beijou, mas nosso beijo já não tinha o mesmo gosto, nem da parte dele. Ambos os nossos corpos estavam molhados pelo suor, e eu estava apavorada. Torci para que alguém nos localizasse, mas a rua estava sob um breu completo e totalmente vazia, então teria que tomar uma atitude.

Embora seus dedos envoltos em meu punho estivessem tão firmes quanto algemas, eu precisava arriscar. Mordi novamente seu lábio com toda a força que pude encontrar e levantei os joelhos em

direção à suas partes baixas, recebendo um grito dele pelas duas dores. Danny afrouxou o aperto em meu punho e aproveitei para arrancar a mão, empurrando-o violentamente para longe de mim.

Depressa, agarrei minha bolsa jogada no chão do carro e abri a porta atrás de mim, fechando-a numa batida e correndo o mais rápido que pude de volta para o buffet.

Não ia deixar meus amigos verem as marcas em meu punho que começavam a arder, mas haviam carros de táxi em frente ao local onde eu poderia escapar de todos.

Arrumei a alça do meu vestido de volta ao ombro no trajeto e virei para trás, constando estar sozinha. Danny não havia me seguido, e preferia não saber o motivo. Seja qual fosse, não me interessava mais. Eu devia ter confiado no que diziam e me afastado dele. Mas quis tanto provas que acabei por ganhá-las da pior forma possível.

Várias lágrimas se aglomeraram em meus olhos e não fui capaz de contê-las ao recordar meu pai

PERIGOSAS NACIONAIS

destruindo minha festa de formatura, meu irmão reagindo mal aos medicamentos, e por último, sendo enganada por aquele em quem depusitei arriscadamente tanta confiança. Eu estava errada e *sempre* estive.

Você me ama, mas não sabe quem eu sou

Estou indeciso entre essa vida que levo

E onde eu estou

Você me ama, mas não sabe quem eu sou

Então deixe-me ir

Só deixe-me ir

*Minha cabeça parece explodir, nunca senti
nada assim*

Como se tudo pudesse acontecer, num instante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

*Certas mentiras se tornam verdades, outras
nunca vão deixar de ser
Todo amor se confunde em miragens, coisas que
nunca vão acontecer*



Meus ossos latejavam pelo aperto e minha cabeça recebi várias pontadas, como agulhas. Pior do que isso, na verdade, pois com agulhas eu estava acostumada.

Levei uma baita bronca de Brenda, a ajudante de mamãe, avisando que se algo desse errado na passarela, a culpa cairia em mim e eu estaria bem encrencada. Me conta a novidade.

Para piorar, queria estapear Elena e Cíntia por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estarem demorando tanto para chegar. Faltava apenas uma hora para o grande desfile do ano e elas precisavam se preparar e caprichar no visual, mas pelo visto uma festa de formatura era mais importante do que o próprio futuro. Eu estava furiosa e desejava que o mundo explodisse com toda aquela agitação e desespero das modelos andando de um lado para o outro.

Dei uma espiada pela cortina, criando uma vontade insana de desistir. O local era imenso e de larga extensão. A passarela percorria o espaço entre a plateia e telões estavam posicionados nas laterais para as pessoas sentadas em cadeiras afastadas poderem acompanhar. No fundo do salão havia um bar, onde os barmans praticavam seus truques com as garrafas, sem deixá-las cair.

Será que eles não trocariam de profissão comigo?

Eu queria simplesmente jogar tudo para o ar e ir embora sem olhar pra trás, mas aquela era a *minha* oportunidade de tornar meu trabalho reconhecido e não a despedaçaria por causa de problemas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele, afinal de contas e de todo o stress que me provocou durante anos, poderia ser o meu refúgio para todos meus dilemas.

- Porque demoraram tanto? – bradei ao ver Elena e Cindy emergirem pela porta e pegarem as roupas já separadas.

- Desculpa, foi o trânsito! – disse Ellen sob tropeços. Ela tirou os brincos, se apressando na frente do espelho para substituí-los pelos que deveria usar.

- E está uma loucura do lado de fora do evento. – comentou Cindy, se enfiando num dos vestiários e fechando a cortina.

- Falta uma hora para o desfile começar e vocês esperavam o que? Que os jornalistas e fotógrafos estivessem despreocupados e desinteressados assim como vocês? O compromisso atual de vocês não é dançar até o mundo acabar, e sim desfilar pra esse monte de pessoas que não fazem a menor ideia do quão atrasadas as próprias modelos estão! – vociferei, chamando a atenção dos que estavam por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perto.

Eu me sentia completamente decepcionada.

Só não sabia exatamente se com elas ou se comigo mesma.

Quem eu queria enganar?

Eu era oficialmente a maior trouxa do ano.

- Venha, você tem que acabar de preparar suas modelos.

Fui empurrada pelos ombros por Brenda até onde as garotas se maquiavam.

Bufei, cruzando os braços.

Todas estavam excelentes, com a maquiagem de acordo com o combinado e a roupa perfeitamente justa ao corpo. Durante o tempo em que Ellen e Cindy não chegavam, ajudei a equipe a aprontar as outras modelos e isso me auxiliou a largar minhas desilusões e me dedicar ao trabalho que cabia inteiramente à mim para dar certo.

PERIGOSAS ACHERON

Chequei com as garotas se necessitavam de algo e elas me garantiram que se precisassem, pediriam para a equipe me chamar. Provavelmente elas escutaram o meu surto. Sendo assim, aproveitei para sair de fininho e me jogar num estofado avermelhado, suspirando pesadamente.

- Estou com medo – confessei quando Brenda desmoronou ao meu lado. Ela tinha trinta e dois anos e costumava estipular mais ordem que minha mãe, mas graças a ela conseguíamos manter os eventos organizados e sob controle. – Você e minha mãe sempre comandaram tudo com a maior facilidade e eu estive ao seu lado acompanhando cada passo e mudança, mas a ausência da minha mãe me deixa amedrontada. Se algo der errado, ela nunca vai me perdoar...

- Nem sempre foi assim tão fácil quanto parece. Nós fomos adquirindo prática com as experiências e tudo isso ao nosso redor se tornou rotina. Sei que bem no fundo do seu coração, você gosta desse mundo da moda a qual foi introduzida. Assim como não deixei passar despercebido o fato de a Natasha não lhe dar a oportunidade de evoluir nesse ramo,

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas exigir que você faça o que ela bem quer. Mas Becky, está vendo os vestidos das nossas modelos? – ela apontou na direção das garotas que estavam de pé, rodopiando satisfeitas com o visual que a roupa proporcionava ao seu corpo. – Tenho certeza que quem participou de grande parte do processo de modelagem foi você, e agora está tendo a maior chance de mostrar ao público do que você é capaz. Hoje, o que mais importa nessa disputa entre estilistas é a qualidade dos trajes e a liderança do responsável. Não faça isso por sua mãe, por mim ou pela equipe. Faça isso por si mesma!

- Você é a ajudante da minha mãe e tem maior conhecimento na área do que eu. Acho que devia pegar o meu lugar, pelo menos essa noite. – mordeu os lábios, entrelaçando os dedos nervosamente por não pararem de tremer.

- Absolutamente não, Becky! Está na hora de sair detrás dessas cortinas. – ela se levantou, ajeitou a saia e soltou um sorriso meigo junto de uma piscadela para mim. – Cabe a você vencer esse jogo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um tiro no escuro

Um passado perdido no espaço

Por onde começo?

O passado e a perseguição?

Você me perseguiu

Como um lobo, um predador

Me senti como um cervo nas luzes do amor

A música fora acionada exatamente às 22 horas e tocava She Wolf do DavidGuetta em parceria com a Sia num ritmo eletrônico e agitado. As pessoas pareciam animadas e ansiosas, repletas de expectativa em assistir um desfile deslumbrante.

Eu estava confiante de que conseguiria surpreendê-los, mas aquela música soando em meus ouvidos me atrapalhava profundamente. Porque não escolheram qualquer outra?

PERIGOSAS ACHERON

Maldição.

Me contrái involuntariamente ao recordar o toque de Daniel, rude e brutal. Na realidade, ainda estava pasma e incrédula com o que havia acontecido. Ele não agiu daquela maneira por estar desesperado ou com saudade de mim. Ele agiu com pressão, sem se importar no quanto estava me machucando. Suas explicações anteriores poderiam ser apenas invenções para fingir ser a vítima e me deixar com pena.

Eu não podia definir o que doía mais. Meus ossos, minha cabeça ou meu coração despedaçado. Acabei por confiar cegamente em Danny, achando que ele seria uma fuga desse mundo real e cruel que me atormentava, sem reparar que ele podia estar me arrastando pra um inferno maior ainda. Meus pensamentos estavam embolados e era difícil me concentrar em somente uma dúvida.

Mas eu sabia que a verdadeira questão era:

O que ele quer de mim?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ficou esperando para atacar

Ou eu era a isca para atrair você?

A excitação de ter matado

Que você sente é um pecado

Me deitei com os lobos

Sozinha, é o que parece

Pensei que eu fosse parte de você

Fumaças e efeitos luminosos foram adicionados à passarela, transformando o cenário estrelado em mais luxuoso e agradável. O salão estava sob profunda escuridão e os holofotes focavam cada modelo que desfilava transmitindo empolgação e esboçando um sorriso gentil no rosto. No telão, as imagens intercalavam entre mostrar a vez de cada modelo desfilar, e o teto acima do público, que dava a impressão de ter sido aberto e a ilusão de estarem olhando para nada mais, nada menos, que o

PERIGOSAS ACHERON

céu e suas estrelas brilhantes e reluzentes.

O propósito do evento era convidar os estilistas que mais haviam se destacado no decorrer dos últimos anos e forçá-los a usar a imaginação, criando um estilo totalmente diferente do habitual, mas que cativasse a curiosidade, interesse e atenção do público, além de servir como novo lançamento no mundo da moda.

A nossa coleção representava as constelações que são tocadas pelo sol ao percorrerem o caminho em volta da Terra, mais conhecidas por formarem o zodíaco. Os trajes eram modelados por tecidos leves como renda, chiffon, tule e cetim, e apesar de variarem entre vestidos e conjuntos de blusa e saia curta, todos tinham o mesmo padrão: Eram repletos de brilhos, alguns mais intensos que outros para realçar as estrelas. Cada veste era carregada por uma cor diferente, embora todos de tonalidade escura e contendo estampas singelas que simbolizavam uma constelação diferente. Podia ser um detalhe bem delicado, como o desenho de um peixe na barra da blusa, ou algo perceptível como um leão marcando todas as curvas do corpo num

vestido justo, mas ainda assim nada extravagante.

Eu estava usando o vestido que Jéssica havia desenhado para mim e pedido para que eu usasse no desfile. Fora uma das únicas vezes em que costurei uma roupa pensando em como ficaria em meu corpo, cuidando sobre como eu gostaria que caísse e nas partes que poderia modificar para combinar melhor.

Sentia meu coração batendo forte a cada passo que as modelos davam, temendo que tropeçassem ou que algo não ocorresse do modo que foi planejado. Na verdade, estava me sentindo como se *eu* estivesse no lugar delas. Em pânico, com uma avalanche de olhares sobre mim, e tendo consciência de que dependia somente de mim para aquele trabalho funcionar. Mas a segurança e tranquilidade que elas transpareciam era inabalável, como se tivessem certeza que aquele prêmio já era nosso. E eu devia sentir o mesmo, ao invés da aflição e paranoia que me sufocava.

Por fim, as modelos juntaram-se à passarela uma atrás da outra, caminhando elegantemente com

PERIGOSAS NACIONAIS

a mão pousada na cintura e um sorriso arrebatador tão brilhante quanto as próprias estrelas.

Em resposta ao desfile espetacular e farto de charme, fomos aplaudidas por todos os espectadores, de pé.

Meus olhos foram alagados por lágrimas e minhas bochechas chegavam a doer devido ao meu sorriso alargado. E a sensação que me invadiu diante de todos aqueles aplausos era inigualável. Umorgulho imenso.

Você me amou e eu congelei no tempo

Faminto pela minha carne

Mas não posso competir com uma loba

Que me pôs de joelhos

O que você vê naqueles olhos amarelos?

Porque eu estou me despedaçando

PERIGOSAS ACHERON

Permanecemos um pouco mais no evento, rindo a toa, sendo entrevistadas, fotografadas e bebendo. O resultado sobre o vencedor sairia no dia seguinte.

Um pouco depois da meia noite decidimos ir embora, pois estávamos exaustas com tantas comemorações num único dia.

- Quer uma carona? – perguntou Cindy, puxando a manga da blusa e cobrindo as mãos do frio.

- O Henry não atende. Vou ligar pro Nick ou pra Gabi, eles ainda devem estar juntos. – bufou Ellen, discando os números em seu celular.

- Não precisa, obrigada. Vou aproveitar que o hospital é aqui perto pra dar uma passada lá e ver como o Matt está. – afirmei com os dentes batendo uns nos outros.

Tive que deixar a roupa desenhada por Jéssica no vestuário e estava de volta ao meu vestido curto da formatura, tremendo pelo vento gelado batendo.

- Então eu vou junto! – exclamou Elena,
PERIGOSAS ACHERON

imediatamente distanciando o celular do ouvido.

- Não, senhora, vá descansar. Prometo mandar uma mensagem quando souber como ele está.

- O seu pai apareceu na festa de formatura, Becky... – contou Cindy, sem graça em tocar no assunto.

- Ele ficou louco quando não te encontrou lá. Nós te procuramos para avisar, mas também não conseguimos te localizar. – gesticulou Ellen.

Ela costumava presenciar cenas parecidas mais do que Cindy, mas a forma que meu pai agia continuava sendo uma surpresa para qualquer um.

- Meu pai não tem mais jeito – suspirei e balancei a cabeça, desolada. – Tchau garotas, tenham uma boa noite. – dei um beijo na bochecha das duas e virei a esquina.

Por mais que estivesse havendo um grande evento, as ruas próximas estavam vazias, em um silêncio incômodo.

Olhei ao redor, apreensiva.

O hospital estava a apenas três quadras de mim, mas eu me sentia desprotegida e completamente exposta ao perigo. Apressei os passos, embora não adiantasse muito, pois meus saltos eram pouco confiáveis.

O enjoo resolveu me visitar exatamente naquele momento e me esforcei para mantê-lo suportável. Fui obrigada a parar e me apoiar num poste antes que perdesse as forças e caísse no meio da rua.

Ouvi o som de carro se aproximando e simplesmente ignorei, abaixando a cabeça e respirando ofegante.

O carro estacionou ao meu lado e antes que eu pudesse virar a cabeça para distinguir quem era, minha boca e nariz foram cobertos por um pano grosso, lotado de clorofórmio.

Tentei resistir, me retorcendo, mas seus braços sólidos não me davam chance.

A rua à minha frente começou a se duplicar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar turva, e minhas pernas fraquejaram, fazendo meu salto entortar e meu corpo desabar.

Eu não conseguia mais me sintonizar com o que estava acontecendo.

Mãos agarraram meus braços e me pegaram no colo, em seguida me jogando numa escuridão excessiva. Era como desmoronar dentro de um poço repentinamente e com velocidade. O fundo parecendo tão longe de se alcançar e a escuridão se alastrando cada vez mais.

Eu estava desesperada e tudo que ouvi antes de apagar completamente foi o carro sendo ligado e dando partida.

Tenho mínimas memórias daquela noite. Lembro de ter acordado no meio do caminho, sem a menor noção de onde estava.

- Você enlouqueceu? O chefe vai me matar, seu estúpido, olha o que você fez! – um homem gritava alopriadamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As imagens vagaram, produzindo focono teto do carro e o céu nebuloso sem estrelas do lado de fora. Tateei o almofadado a procura de algo que me ajudasse a me manter lúcida.

- Eu sei o que vou fazer contigo se não dirigir essa merda de carro! Quer ter o mesmo fim que seu amigo?

Não pude raciocinar nem ligar as palavras com os fatos.

Virei a cabeça tentando levantá-la, e tudo que vi foi um homem com uma imensa quantidade de sangue escorrendo através do pescoço rasgado. O homem que estava sentado no banco passageiro se curvou sobre o morto, abrindo a porta e chutando o homem para fora do carro. O banco estava tomadopela mesmacor forte avermelhada que viera do pescoço do homem, e o outro ocupou o posto, pegando no volante e acelerando o carro.

Tornei a tombar a cabeça para o lado oposto com dificuldade pelo tanto que latejava e me deparei com o homem causador da morte do

PERIGOSAS ACHERON

comparsa.

- Danny... – chamei, praticamente sem voz, inúmeras vezes enquanto ele insistia em me ignorar. Meu estômago era semelhante a uma montanha russa, dando incansáveis voltas numa dor interminável. – Eu preciso... Te contar... – pigarreei ao sentir a garganta arder e a tontura intensa voltar, prestes a me fazer desmaiar novamente.

- Depois, Rebecca. Depois. – reconheci perfeitamente a voz, mas no estado em que eu me encontrava, o máximo que pude fazer foi obedecer.

Eu não era capaz de assimilar as imagens. Captava apenas vultos me rodeando e vozes distintas se aglomerando e virando uma bagunça. Ainda me sentia fraca e sem forças para arriscar um movimento hostil. Eu estava em desvantagem e a falta de controle sobre meu corpo me enfurecia. Meus batimentos cardíacos estavam numa frequência acelerada e podia sentir gotas de suor escorrendo pela minha pele. Mesmo percebendo que logo eu retornaria à densa escuridão, aquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz rouca e intimidadora soou estridente em meus ouvidos, numa sentença lenta e apavorante.

- Bem vinda ao meu território.

*As marcas do meu corpo, a morte eu vi de
frente*

No fundo do olhar, o bem, o mal e o indiferente

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Você nunca se arrepende

Você gosta e sente até prazer



Acordei zozza, piscando diversas vezes até que a visão se situasse e parasse de embaçar. Apesar de estar consciente, a escuridão insistia em me seguir, agora mais sutil. Aos poucos, meus olhos foram se acostumando e consegui identificar um friso de luz vindo da janela entreaberta no alto duma parede. Eu estava sentada no chão, em uma sala razoavelmente espaçosa e acompanhada de uma mesa próxima a mim. A urgência em encontrar uma fuga me despertou, mas algo me bloqueou quando tentei levantar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas mãos estavam amarradas por uma corda que unia os punhos, mantendo-os imóveis e fervendo de tão apertados. Os pés, trancafiados por uma corrente ligada à mesa, de forma que eu a arrastaria comigo caso tentasse me locomover.

Rosnei furiosa e bati freneticamente os pés, pensando no que fazer.

Pensa, Rebecca!

Ordenei meu cérebro a trabalhar.

Pensa!

Nada.

Aprumei os ouvidos, mas o único som estrondoso compreensível vinha da corrente de ferro encontrando o piso frio do chão.

- Infeliz! – praguejei, sentindo meu corpo inteiro tremer.

Pus-me de joelhos e encontrei um copo de água em cima da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

Na direção oposta, havia uma porta.

Rangi os dentes e andei de joelhos até a mesa, me sacrificando para alcançar o copo e socá-lo para longe. O vidro arrebentou ao desabar e o líquido vazou, fluindo pelo chão. Me apoiei na mesa para conseguir ficar de pé e agarrei um pedaço do vidro, escondendo na parte da frente do vestido, entre o cinto e o tecido. Não era um bom esconderijo, mas era o único onde minhas mãos alcançavam. Era capaz que existisse uma câmera em algum canto da sala, mas rezei para que a escuridão acobertasse meu plano. Qualquer um poderia entrar por aquela porta, e eu precisava de uma arma para me defender.

Pulei até a porta, arrastando a mesa comigo a cada passo. Assim como previsto, ao girar a maçaneta, não obtive sucesso. Girei diversas vezes e com força, sem surtir efeito além de quase arrancar a maçaneta, então passei a esmurrar alucinadamente a porta.

- O que você quer de mim?! – berrei agressivamente.

Uma risada ecoou na sala.

Me espantei, virando e procurando a origem daquele som.

Com o coração palpitando, aproveitei que meus olhos haviam se adaptado à pouca claridade e os estreitei para enxergar melhor. Um exame minucioso da sala me mostrou um ponto pequeno no alto do canto direito da parede. Embora o aspecto fosse indistinto devido à distância, meus instintos estiveram corretos. Era uma câmera. Uma caixa de som parecia estar acoplada, reproduzindo o ruído que eu acabara de escutar.

Permaneci escorada à parede, sabendo que estava sendo observada.

Senti a saliva descer raspando pela garganta na hipótese de terem me acompanhado destruindo o copo. Será que me viram aos prantos também? Será que podiam me escutar através do mesmo aparelho?

Após segundos em angústia, fui presenteada com a resposta não só para uma, mas para todas as PERIGOSAS ACHERON

questões. Uma resposta dura e enigmática.

- Vingança.

Meus sonhos deixaram de ser plena negritude para dar lugar ao terror. Sonhei com minha mãe gritando comigo pelo desfile ter sido uma desgraça por culpa minha, com meu pai arremessando uma lata de cerveja na janela e vindo furiosamente em minha direção, e com meus amigos, horrorizados ao descobrirem o quão facilmente me rendi.

Depois desse tormento, escapei para outra dimensão onde era perseguida por todos os locais em que emergia, assombrada por vultos e zumbidos que me mantinham presa à minha apavorante realidade.

Acordei num sobressalto.

Meu coração, já agitado, disparou quando me deparei com uma sombra diante de mim. O pior era saber que desta vez eu não poderia simplesmente fechar os olhos com força até que despertasse do

PERIGOSAS ACHERON

pesadelo. Aquilo era real.

No ímpeto, me rastejei pra trás, esquecendo da mesa acorrentada a mim, levando-a junto.

O balançar da mesa fez algumas coisas desabarem de cima dela e não pude discerni-las pela pouca claridade.

A sombra à minha frente se agachou para recolher.

Eu não sabia o que fazer.

Me desculpar?

Ficar calada?

Encontrar um modo de atacar e fugir?

Aturdida, escolhi a segunda opção. Eu estava em território estranho e seria burrice arriscar escapar sem conhecer o lugar. Cada curva poderia representar uma armadilha. Quem quer que estivesse por trás do sequestro, não abriria mão de mim fácil. Não depois de tantas tentativas falhas. E

PERIGOSAS NACIONAIS

eu precisava arquitetar um plano com calma.

Me encolhi o máximo possível contra a parede, mas tive de controlar os movimentos, já que mais um passo em falso poderia derrubar mais coisas.

Pelo vislumbre dos músculos certamente era um homem.

Quando seus olhos levantaram, fora impossível não reconhecê-lo.

Daniel.

Lógico que era ele.

O caipira, o músico, o assassino.

Subitamente, ele ficou de pé e destravou a porta. Não cheguei nem perto de sonhar em escapar. Ele esticou o braço, tocando algo no lado externo que deveria ser um interruptor, pois logo em seguida um clarão invadiu a sala.

Levei os punhos unidos aos olhos, protegendo-os.

PERIGOSAS ACHERON

Em dois segundos Daniel estava de volta em passos sólidos, arrancando o pedaço de vidro do abrigo em meu cinto.

- Sério, Rebecca? – inquiriu. Uma pergunta retórica.

Desci lentamente os punhos, as pálpebras levemente abertas. A luz excessivamente clara ainda feria meus olhos, e a sorte é que eu conhecia todas as entonações de Daniel para não precisar encará-lo e descobrir o que ele havia dito com aquilo.

Ele não estava zangado, nem havia achado graça. Sua voz fora um quê de fadiga misturada à severidade.

A Becky de antes teria se descabelado.

Sim, Daniel, é sério! Tão sério que estou morrendo de vontade de pular no seu pescoço e estrangulá-lo.

Mas aquele não era mais o Daniel com o qual eu convivia. Aquele era o verdadeiro Daniel, e com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele eu precisava agir com cuidado.

Nossos pensamentos estavam tão interligados que, como se para concordar com a conclusão que eu havia chegado, ele arremessou o pedaço de vidro para a outra extremidade da sala. O baque contra a parede espatifou o vidro em partículas menores.

Lá se foi minha primeira estratégia.

Comecei bem.

Daniel se aproximou segurando um pequeno objeto.

Arquejei, me encolhendo mais.

- O que é isso? – perguntei.

- Uma seringa? – deduziu, ironicamente.

Acompanhei com os olhos arregalados o trajeto enquanto ele encaixava a agulha na seringa.

Ele só podia estar de brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

- Você não vai usar isso em mim.

- Não vou? – perguntou com curiosidade, intercalando o olhar entre mim e o trabalho com a seringa. – Você prefere que eu extraia o seu sangue com aqueles vidros lá atrás?

O nervoso sacudiu minhas entranhas.

- Sem problemas por mim – continuou ele. – Vai demorar mais pra coletar tudo, mas a decisão é sua. Na verdade, é uma boa ideia. Vai ser mais divertido. – sorriu.

Balancei a cabeça, atordoada.

- Você é um monstro – resmunguei. Ele não respondeu, conformado. – Para que você precisa disso?

- Para testar o seu sangue. Analisamos por meio dele o funcionamento de determinados órgãos. É necessário para saber quais poderemos vender. – explicou.

Ele ajoelhou e se curvou sobre mim. Agradei

PERIGOSAS ACHERON

silenciosamente pela falta do garrote. Minhas mãos estavam tão comprimidas que começavam a formigar. Sem dúvida o meu sangue estava concentrado por todo lugar, exceto nas mãos.

- Até parece que vocês se importam com isso.

- Não mesmo. Mas é a política para todo transplante de órgão, então se aplica pro tráfico também. Os órgãos precisam estar viáveis para que o comprador tope.

- Como ainda não descobriram esse comércio proibido de vocês? – perguntei, incentivando-o a falar.

Danny estava concentrado com a tarefa de tatear as veias em meu braço. Concentrado até demais, diga-se de passagem. Minhas veias eram saltadas e visíveis, e ele já devia ter decorado a sua localização de tanto passear com os dedos por elas. Ele não as pressionava. Seu toque era suave, sem pressa, prolongando o inevitável.

Eu não deveria considerar aquilo um fraquejo. Era só Daniel passando o tempo com mais uma de
PERIGOSAS ACHERON

suas vítimas.

Mas a oportunidade de fazê-lo falar estava sendo maravilhosa. Obter informações a respeito da gangue estava fácil demais para ser verdade.

- O tempo no ramo fez o chefe aprender uma coisa ou outra. Vivemos em constante movimento. Nos deslocamos pelo país todo. Não permanecemos muito tempo no mesmo lugar, o que atrapalha a busca. Deixamos uma evidência bonita e inocente, como você, e partimos para a próxima – disse com notória satisfação.

Tive vontade de vomitar.

- Sem deixar digitais. Como se não existissem.

- Sim – esboçou um sorriso, feliz por minha compreensão. – Sem deixar vestígios. Somos saqueadores fantasmas de órgãos. Ademais, o chefe possui contatos importantes. Você acha que só as pessoas desesperadas recorrem ao tráfico, Rebecca? As ricas estão no topo. Lista de espera é algo que não existe para elas. E as pessoas ficam doentes, gatinha. O tempo todo. O corpo cansa desse

PERIGOSAS ACHERON

emprego escravo sem férias ou aposentadoria. Ou então já vêm defeituoso.

Continuei a fitá-lo. Queria retrucar, queria fazer mais perguntas, mas temia que ele parasse de falar.

- Por causa de toda a procura, o chefe ficou craque na arte de traficar órgãos. Aprendeu sobre o transporte, o armazenamento, o prazo de validade longe do corpo, e aprendeu também a como apagar os rastros. A vida é uma lição.

Mordi a língua, segurando todas as palavras que desejei proferir naquele momento sobre os ensinamentos que a vida me ofereceu. Sobre homens falsos, cruéis e egoístas.

- Então basicamente vocês trocam uma vida pela outra.

- Nós *sacrificamos* uma vida para salvar outra. Não é assim que funciona? – perguntou, e enfim inseriu a agulha na minha veia. Apesar de toda a sujeira que saía de sua boca, sua mão estava leve e puxava o êmbolo da seringa com a maior habilidade. – Os medicamentos que ingerimos não

PERIGOSAS ACHERON

agem da mesma forma? Os antiinflamatórios que aliviam nossa dor, para destruir nosso rim? A droga que cura um problema e cria outro?

- Você está falando de vidas.—protestei. — De pessoas saudáveis e felizes que são mortas para dar uma chance à outra doente. Não me parece justo.

- Nada nessa vida é justo — reclamou, retirando a agulha.

Ele tampou a agulha e depositou a seringa no chão. Então me encarou e puxou meus braços para frente pela corda, evitando que eu os dobrasse.

- Você fala muito do seu chefe — disse. — Ele é quem está no comando. Ele quem te manda fazer o trabalho sujo. Não foi escolha sua me sequestrar.

Não sei porque falei aquilo. Se estava tentando me convencer de que possuía um aliado no meio daquele terror, ou o quê.

Daniel gargalhou.

- Não sou o bonzinho aqui, Rebecca — disse.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos brilharam como chamas acesas. – Você não gostaria de saber onde estaria se dependesse de mim.

Soltei uma carranca. Tinha cansado daquela conversa fiada.

- Porque está me dando tantas informações? – questionei.

Eu imaginava que o processo de análise do sangue era longo, então ter meus órgãos furtados era uma preocupação distante. Precisava me ater primeiro a tentar escapar. E acho que essa ilusão me fazia estranhar o fato de ele ter contado tudo tão abertamente.

- Porque seu corpo não sobreviverá tempo suficiente com vida para contar a alguém. – disse, confiante.

Estremeci, sentindo uma vontade imensa de chorar. O conhecido perfume de Daniel me incomodava mais do que a brutalidade em suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vingança do que? – sussurrei com a voz que me restava.

Ele pegou outra seringa, e essa dispunha um líquido transparente dentro.

Daniel ergueu o canto dos lábios num sorriso frouxo antes de injetar o líquido em meu outro braço.

- Tente descobrir em seus sonhos.

- Teve uma boa noite de sono, bela adormecida?

Uma voz grossa reverberou pela sala, quebrando o silêncio e me despertando.

Sentei num pulo, procurando pelo dono da voz até então desconhecida.

- Onde você está? – perguntei tão baixo que nem eu mesma pude ouvir, mas ele decifrou com rapidez e clareza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não tenha tanta pressa. A hora do nosso encontro logo chegará.

- Por favor... – choraminguei ao dobrar o braço e sentir uma dor aguda no local onde o sangue havia sido retirado. – Me solte.

- Soltar? Mas eu ainda nem comecei. – ele riu maleficamente, me causando poderosas correntes de calafrios.

Rangi os dentes, batendo-os um contra o outro numa tentativa de conter o nervoso, mas apenas o som de sua voz era suficiente pra me enfurecer.

- Aliás, parabéns por ter vencido o concurso do desfile e ganhado o prêmio por sua mãe, Rebecca. Ela deve estar muito orgulhosa agora, eu suponho. Inclusive, andei pensando... Nós poderíamos comemorar aqui mesmo, o que acha?

- Quer realmente saber o que eu acho, seu imbecil? – tremi em efeito do ódio, cuspiendo a sentença. Apesar de estar amedrontada, não toleraria palhaçadas de alguém que nem tinha coragem de mostrar a cara.

PERIGOSAS ACHERON

- Pelo visto temos uma fera atrevida fora da jaula. Controle suas palavras, mocinha. Eu sei o que você *acharia* se soubesse que seu irmão não respondeu bem aos medicamentos e está piorando cada vez mais.

- Você está mentindo. – disse convicta.

Sabia que ele usaria todos os meus pontos fracos para me atingir, mas tinha que resistir.

Localizei um novo copo de água em cima da mesa e entrelacei os dedos com força para ignorar a vontade que surgira repentinamente.

- Como eu estaria mentindo se tenho presenciado seu progresso de perto? O único que mentiu para você foi o médico ao dizer que o corte não fora profundo. Como alguém pode sobreviver após receber tantas facadas no mesmo lugar? Te garanto que me certifiquei dessa possibilidade não existir.

- Seu maldito, foi você quem o atacou! – esbravejei, levantando da forma mais rápida que fui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

capaz e pegando o copo, arremessando-o violentamente contra a câmera no canto da parede.
– Deixa o meu irmão em paz, você já me tem aqui!

- Mas quem disse que meu alvo é só você? – gargalhou.

Segurei a ponta da mesa para me equilibrar, vacilando ao receber tal notícia.

- Como assim?

Esperei por alguns segundos até notar que sua respiração havia desaparecido. Ele abandonara o microfone e me deixara repleta de dúvidas e frustração.

Mas não por muito tempo.

A porta se escancarou sem aviso prévio e saltei para trás.

A sala fora iluminada pela mesma luz branca radiante de antes.

Meus olhos demoraram a se adaptar com a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inesperada ofuscação e a princípio captei algo semelhante a uma cadeira.

Diante àquele detalhe, eu consegui pensar em apenas uma pessoa.

- Nathan Fonseca?

Arregalei os olhos quando a imagem centralizou e pude constatar estar de frente pro perigo.

Ele estava sentado em sua cadeira de rodas, com um sorriso esplendor estampado no rosto que não condizia com sua expressão rígida. Nathan possuía traços de rugas espalhados pela testa, olheiras pesadas abaixo dos olhos escuros e uma cicatriz feia no rosto. Ele não parecia exatamente ameaçador, apenas um homem abatido.

Todas as histórias sobre seus sequestros vieram à tona e imediatamente enfraqueci, tendo consciência que de nada valeria tentar lutar. Ele era invencível, e eu não era nada além da filha de uma estilista famosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O prazer é todo meu em finalmente te conhecer.

Seu sorriso era puro sarcasmo e um tanto de zombaria.

Ele avançou, parando a poucos metros de distância.

Permaneci desabando o peso do corpo sobre a mesa para me manter em pé. Eu estava petrificada como uma estátua, profundamente chocada e sem conseguir formular qualquer frase conexa.

- Co... Como assim? – gaguejei em transe.

Ele suspirou, largando folgadoamente o corpo no encosto da cadeira. A tranquilidade que ele irradiava se transformava em desespero para mim.

Eu *precisava* sair daquele lugar.

- Por acaso você acredita que seus pais estejam preocupados com você, Rebecca? – arqueou a sobrancelha, me desafiando.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mandíbula travou ao pensar na pouca importância que eles davam a mim, mas independente disso, eles eram meus pais, e embora não demonstrassem, eu sabia que obviamente viriam atrás de mim. Havia prometido a mim mesma não cair em seus jogos, e eu não poderia fraquejar agora.

- Lógico que sim. Logo eles virão me resgatar e você vai estar ferrado – falei, me esforçando a parecer confiante.

Ele me encarou por um tempo e fiquei incomodada com a intensidade que seus olhos me analisavam. Era como se estivesse tentando ler um livro através da capa, ou enxergar além da íris de uma pessoa para alcançar sua alma.

- Eles estão furiosos – franzi a testa, incrédula.
– Acham que você fugiu com meu filho.

- Seu... Filho? – repeti sem compreender.

Um homem entrou pela porta, vestindo calça jeans, blusa regata azul e um boné preto cobrindo grande parte do cabelo. Seu porte era musculoso,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma tatuagem no braço esquerdo e os ombros erguidos em autoridade.

Ele se estabeleceu atrás de Nathan com os braços cruzados na altura do peitoral, e então elevou o queixo.

Seus olhos eram vazios e insensíveis, como se estivessem habituados ao fato de estar perdido.

Mas aquele não era um homem qualquer.

Aquele era Daniel Palacci.

- Surpresa?

O canto de seus lábios levantou num árduo sorriso irônico e eu desabei no chão.

Joguei os cotovelos sob os joelhos e levei as mãos ao cabelo, enterrando os dedos agressivamente entre as mechas. Balancei para frente e para trás, tremendo e deixando as lágrimas rolarem pelas bochechas.

Eu não tinha mais o que esconder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles sabiam o quanto isso me afetaria, e era impossível fingir que nada tinha acontecido entre mim e Danny.

Eu não conseguia obter forças para virar e encará-los. Sabia que devia aproveitar a chance para enfrentá-los e até mesmo fugir, mas estava tão apavorada e decepcionada comigo mesma que sentia merecer estar ali. Eu fui a única a recusar enxergar a verdade estampada na minha frente.

Eu merecia aquilo.

- O que eu fiz pra você? – supliquei, atordoada.

- Teve o azar de ser filha de uma famosa estilista. – respondeu Nathan com um tom amargurado, enojado do drama.

- Eu perguntei pra ele! – gritei, apontando para Daniel.

O rosto de Nathan endureceu, mas Danny o interrompeu antes que o pai viesse me atropelar com sua cadeira de rodas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nada, Rebecca. Você estava nos nossos planos, e planos são como promessas. Eles sempre devem ser cumpridos.

- Mas vocês falaram sobre vingança! O que então eu fiz para isso?

Voltei a me apoiar na mesa e ficar de pé. Eu estava exausta de ouvi-los me provocando com o assunto sem nenhuma explicação. Eles se recusavam a contar e aquilo me tirava do sério.

Eu fora sequestrada não apenas pelo dinheiro ou por minha mãe ser conhecida. Existiam motivos maiores.

- Você vai ver a vingança quando eu te cortar em pedacinhos se não calar essa maldita boca! — bradou Nathan.

Seu tom forte e grosseiro despertou lembranças de meu pai gritando da mesma maneira comigo e me ameaçando.

Mas naquele momento, eu não tive medo.

PERIGOSAS ACHERON

O que invocou em mim foi uma raiva insana.

Eu não considerava tolerável um *pai* gritar com seu próprio filho, quanto mais um homem *qualquer*.

Eu perdi o controle.

Totalmente fora de mim mesma, cerrei os dentes e fiz força para empurrar a mesa pesada na direção de Nathan. Ele se apressou para sair do caminho, mas o atingi na cabeça a tempo com a ponta aguda da mesa.

Daniel estivera surpreso demais com a minha reação para conseguir ajudá-lo, e quando a ficha do que havia acontecido caiu, um furacão me agarrou pelo pescoço e me lançou contra a parede.

- Você sabe o que acabou de fazer? – rugiu.

Entorpecida, eu podia imaginar faíscas vermelhas saindo de seus olhos azuis repletos de ira. Sentia meus ossos queimando com a ardência pelo aperto de seus dedos tensionados em minha pele. Busquei pelo ar antes que ele me sufocasse,
PERIGOSAS ACHERON

mas Danny estava tão enlouquecido quanto eu.

- Não, Rebecca! Porque você não tem e nunca teve a *menor noção* do que faz!

Ele relaxou a força dos dedos, me deixando escorregar lentamente pela parede.

Olhou ao redor, mas seu pai havia sumido.

Daniel bufou, voltando a atenção para mim. Eu ainda sentia como se houvesse uma bola no meio da garganta, me impedindo de engolir. Quanto mais eu tentava, mais aguda a dor se tornava.

- Mas agora você vai descobrir o preço que se paga por agir sem pensar. — disse ele. — Vai descobrir que agindo assim, a sua vida não é a única que terá um fim torturante.

- Não prejudique o Matt por minha culpa! — implorei fazendo força para permanecer dentro da sala, mas Danny era incomparavelmente mais forte e me puxava com a maior facilidade.

Aquela era uma oportunidade maravilhosa de
PERIGOSAS ACHERON

fugir.

Mas eu acreditava que, dessa vez, Daniel não estava de brincadeira.

- Não é dele que estou falando.

Ele se abaixou, retirando um molho de chaves de dentro do bolso e destrancando o cadeado que me prendia à mesa. Antes que eu pudesse delirar em fugir, ele se certificou de me segurar firme enquanto guardava as chaves e me arrastava pelo cotovelo por corredores mal iluminados, estreitos e imundos.

As paredes eram pintadas de amarelo e nelas estava acumulado grandes frações de poeira, embolados e transmitindo um cheiro desagradável. Eu comecei a empacar, amedrontada com o pensamento de que ele poderia extrair meus órgãos antes do planejado.

Danny se invocou com meu impasse e apressou o passo, me obrigando a correr para acompanhá-lo. Por cada porta que passávamos, eu ouvia um choramingo ou berros clamando por socorro. Eu
PERIGOSAS ACHERON

estava horrorizada por saber que haviam tantas na mesma situação que eu, e o enjoo resolveu me visitar exatamente naquele instante, causando reviravoltas em meu estômago. Daniel não se importunou com meu cambalear, nos dirigindo por um corredor mais escuro e tenebroso. Tentei perguntar para onde estávamos indo, mas a única resposta que recebi foi sua respiração arfante.

Ele parou em frente a uma porta e não hesitou em abri-la, me proporcionando a imagem mais terrível que já testemunhei durante toda minha vida.

Era uma sala semelhante com a qual eu estava antes, mas nela estava meu pai, jogado no centro, desmaiado e coberto de sangue. Seu rosto parecia desfigurado, inchado e repleto de hematomas. Sua blusa e calça possuíam rasgos e manchas de sangue que não demonstravam terem escorrido do rosto, mas naquela posição, eu não conseguia definir onde mais ele estava machucado.

Levei as mãos à boca e meus olhos lacrimejaram em aflição. Corri para socorrê-lo, mas

algo pontudo foi estabelecido rente ao meu pescoço, impedindo-me de prosseguir.

- Se você se atrever a fazer mais uma única loucura – sussurrou Daniel ameaçadoramente em meu ouvido. Solucei, sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo e que não passava de um pesadelo. – Eu mato ele. E depois, mato você.

O poder de dominar é tentador

Eu já não sinto nada, sou todo torpor

Capítulo 23

*As lágrimas secam e eu me esqueço
Que todo fim é sempre um outro começo*



Não soube definir quanto tempo desperdicei encolhida num canto, chorando e tentando entender porque capturaram meu pai. Todas as histórias a respeito de Nathan envolviam filhos de gente famosa raptados, nunca outro membro da família. Dois, no meu caso.

Danny me obrigara a voltar para a “minha” sala e me deixou sozinha para lutar contra meus pensamentos obscuros.

Não é novidade para ninguém que sempre desejei um pai sóbrio e companheiro. Em uma das

crises, cheguei a pensar que para ter um pai assim, era melhor não ter. Hoje eu me arrependia amargamente por ter me permitido pensar daquela forma.

Ele era impiedoso com os filhos e a esposa, e admito ter lhe desejado mal um dia, mas vê-lo estatelado no chão, coberto por sangue e ferido... Meu Deus, paizinho, onde foi que nós nos metemos?

Fiz uma promessa silenciosa de buscar ajuda para meu pai quando saíssemos daquele lugar. Eu tivera um pai carinhoso e honesto, e lutaria para tê-lo de volta. Algo além da minha compreensão o transformara, e eu faria de tudo para salvá-lo, porque ele era o meu pai. O mesmo homem desacordado e violentado corredores acima. O mesmo homem que segurou a mão de Matt no hospital. Eu o salvaria.

Porque nós íamos escapar.

A luz se acendeu e a porta fora aberta.

Tanto minha cabeça quanto meus olhos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam pesados pela quantidade de lágrimas derramadas que havia desistido de segurar, e meu coração bateu descompassado, temendo o que fariam comigo.

Um homem de estatura alta entrou, balançando uma garrafa pela tampa. Ele usava roupas largas que ficavam folgadas em seu corpo magro, e carregava a mesma tatuagem que Daniel no braço musculoso. Seu cabelo negro era liso e espetado num topete, e seus olhos eram da mesma proporção escura. Sua fisionomia era tão jovem quanto de Danny, possivelmente sendo até mais novo que ele. Era como estar diante de um mero adolescente que aprontava para chamar atenção.

- Ouvi rumores sobre existir uma garota desobediente por aqui. Conhece? – perguntou, rodando a tampa entre os dedos e sorrindo. Evidentemente ele estava se divertindo com meu pavor. – Espera... Não me diga que é você.

Ele apontou pra mim, inclinando a cabeça para o lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Permaneci quieta, apenas acompanhando seus passos desiguais e torcendo para que ele desse meia volta e fosse embora.

O homem repentinamente jogou a garrafa cheia no ar e arregalei os olhos, prevendo o estrago que causaria quando caísse. Num movimento ágil, ele agarrou a garrafa com a outra mão, prosseguindo sua risada satisfatória. Curvando a cabeça para trás, ele abriu a tampa e levou a garrafa à boca, dando grandes goles.

Estremeci, sabendo que aquilo não ia acabar bem.

- Talvez eu tenha me enganado – disse ele, derrapando as costas da mão pela boca para limpá-la.

Caminhou despreocupadamente e se posicionou encostado ao meu lado, me examinando.

Desviei o olhar, evitando lhe dar motivos para me atormentar e escorreguei sorrateiramente para o lado oposto.

PERIGOSAS ACHERON

- Você não parece tão valente assim.

- Onde Daniel está? – perguntei, incerta.

Com Danny, eu me sentia corajosa em desafiá-lo, mas aquele homem emitia tamanha maldade que me sufocava pela urgência de ficar longe dele.

- Isso não é do meu interesse, e muito menos do seu. O que importa é que estou aqui para executar o meu trabalho. – ele deslizou pela parede, agachando e piscando para mim.

- Trabalho? – arqueei a sobrancelha.

Ele assentiu, fechando os olhos e dando mais um gole, como se aquilo lhe proporcionasse um prazer inigualável.

- Eu sou o responsável por domar as feras selvagens, entende? Portanto, o cargo e a escolha do castigo cabema mim. – ele piscou novamente, sorrindo maliciosamente.

Eu tinha experiência suficiente para reconhecer um homem bêbado e, infelizmente, aquele diante a

PERIGOSAS ACHERON

mim estava puramente sóbrio. Minha boca estava seca sob o pavor e aparentemente minha voz havia sumido, pois por mais que eu tentasse, minhas cordas vocais não produziam nenhum som.

- A propósito, eu me chamo Jonathan. Mas se preferir, pode me chamar de *papai*.

Antes que eu pudesse processar o que ele havia dito, Jonathan arremessou violentamente a garrafa contra o chão. O vidro explodiu em diversos pedaços para diferentes direções, junto do líquido que inundou a sala, deixando-a escorregadia. Horrorizada e abalada, eu gritei com o estrondo do encontro do vidro com o chão, protegendo o rosto com as mãos instintivamente.

- Vou te contar um segredo – em torno de segundos ele estava ao alcance do meu ouvido, sussurrando misteriosamente. – Eu odeio gritos, porque eles me despertam uma vontade insana e incontrollável de estraçalhar a pessoa que estiver provocando esse desejo.

Fitei os pedaços de vidro espalhados a fim de

avaliar minhas chances de acertá-lo com um deles. Porém, na realidade, a única imagem que dominava minha mente era angustiante e sustentava o temor instigado por aquele homem problemático.

- Por isso, eu vou te fazer gritar como você nunca gritou antes.

Ele reuniu o resto de vidro que sobrara em suas mãos e atirou no chão ao meu lado. Intencionalmente ou não, um pedaço fincou em minha perna descoberta e não tive como prender o grito, gemendo pela dor alucinante. Por sorte, o pedaço era pequeno e consegui arrancá-lo, não sem soltar mais um grito. Minha perna pulsava e um rastro quente de sangue escorria pela abertura do corte.

Jonathan me encarava fulminantemente.

Arquejei, prestes a me distanciar quando me dei conta de que o espaço ao nosso redor estava repleto de vidro despedaçado e eu descalça.

- Vá, espertinha – ele indicou o caminho com a sobrancelha. – Vá e me dê mais gosto em te
PERIGOSAS ACHERON

torturar.

Tremendo, me ergui vagarosamente numa posição agachada e procurei com a mão por uma lasca de vidro, sem retirar os olhos de Jonathan, caso ele se aproveitasse da oportunidade.

- Você vai jogar em mim, é isso? – seus ombros balançaram numa risada azeda. – Não tenho culpa se toda essa cena te lembra o seu querido pai.

- Te garanto que o que acontece entre mim e meu pai também não é assunto seu. – falei.

Embora a corda me atrapalhasse, consegui agarrar um pedaço de vidro e ajeitei-os entre os dedos, pronta para atacar. Com a adrenalina percorrendo minhas veias, nem a dor se manifestava tão lacerável.

- Jogue, então – disse ele, se ajoelhando e batendo a mão fechada contra o peito. Em seguida, Jonathan abriu os braços e acenou com a cabeça. – Mas saiba que se não acertar, eu vou te bater mais do que seu pai te bateu um dia.

Aquilo não me invocou raiva ou medo, e sim nojo. Ele falava como se meu pai tivesse nos maltratado durante minha vida inteira, mas não tinha noção de como um dia ele fora o melhor pai que poderia pedir.

Levantei as mãos junto do vidro e atirei-o num ímpeto, sem prudência alguma. Jonathan se esquivou habilidosamente e o vidro voou raspando pelos fios de seu cabelo.

- Na verdade... – disse, avançando na minha direção.

Fui para trás, apavorada, e parei bruscamente ao chutar outro pedaço de vidro.

Jonathan entrelaçou os dedos em meu cabelo e puxou-opara trás, me obrigando a arquear a cabeça junto.

- Eu tenho outros planos para você. Não há nada melhor do que sentir *na pele* o mesmo que fez para outra pessoa.

- Irônico você dizer isso – comentei em um tom

PERIGOSAS ACHERON

sarcástico.

Ele me encaminhou de joelhos para a mesa próxima a mim, me coagindo a gritar ao repuxar constantemente meus fios de cabelo.

Eu sentia minha garganta prestes a rasgar e meus músculos tensionados.

- Espero que tenha aprendido a lição, espertinha. – disse Jonathan antes de depositar força contra minha nuca e bater minha cabeça na ponta da mesa.

A primeira coisa que percebi quando acordei é que minha cabeça parecia chumbo. A dor ganhava maiores proporções de acordo com o movimento. Levantar os olhos era um castigo.

A segunda é que Daniel estava comigo, atento a algo em cima da mesa.

Apoiei o cotovelo no chão e travei uma batalha contra a dor aguda, percorrendo o olhar pela sala.

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia havia amanhecido. Uma leve claridade invadia a sala pelo friso entreaberto da janela no alto da parede. A brisa promovia uma sensação refrescante, mas eu não estava no meu melhor momento para apreciá-la.

Procurei vestígios de vidro que me indicassem que aquelas memórias não haviam sido apenas terríveis pesadelos, mas o chão estava perfeitamente limpo, sem uma única lasca perdida.

Resmungando pelas pontadas na cabeça, ergui o corpo e sentei encostada à parede.

Danny vestia roupas semelhantes às que usava na última vez em que o vi, e me perguntei há quantos dias eu estava presa naquele inferno. Eu apostaria em menos de uma semana, apesar de parecerem meses. Uma mísera semana interminável.

Danny me encarou vagamente, como se seu corpo estivesse ali, mas seus pensamentos muito distantes. Ele estreitou os olhos ao me analisar melhor e suspirei, deslizando a mão pelo rosto e

PERIGOSAS ACHERON

sentindo o inchaço na testa.

Aquela era nova. Já recebera cintadas e palmadas em diversas regiões do corpo, mas nunca uma... Mesada? Eu ficaria com um belo galo. Isso se eu ainda tivesse os órgãos intactos para me preocupar com o galo.

- Como Nathan está? – questionei, na intenção de tirar sua atenção de mim.

Funcionou, pois ele bufou e voltou a se concentrar no que estava fazendo.

- Não ouse perguntar dele. – despejou, mal humorado.

Assenti, esgotada de encontrar motivos para discutir. Minhas energias para provocá-lo estavam zeradas.

Fitando distraidamente o espaço ao meu redor, descobri que havia um prato com comida fresca no chão.

- É pra mim?

- Pra mim que não é. – Daniel revirou os olhos.

Me estiquei, tomando cuidado para não esbarrar o corte da perna no chão e peguei o prato, trazendo-o para perto. O período que gastava acordada era sempre tão repleto de pavor que a fome nem tinha chance de se manifestar. Meu estômago despertou imediatamente, roncando e me instigando a devorar a comida. Alonguei os dedos a fim de distanciá-los para segurar melhor o garfo, mas parecia uma tarefa complexa.

- Daniel... Tem um problema...

- Você tem uma ótima mira pra arremessar coisas mesmo com as mãos acorrentadas, então segurar um garfo nem chega a ser considerado um problema. – respondeu ele sem nem ao menos olhar para mim.

Retornei às minhas tentativas falhas, segurando o garfo de mau jeito e observando os grãos de arroz escapulirem. Eu sabia que se me esforçasse um pouco mais, provavelmente conseguiria. Mas a questão é que não suportava mais o aperto daquelas

cordas e mal era capaz de sentir o sangue circulando pelas mãos.

- Inacreditável. – bufou.

Fechei os olhos apressadamente, com medo que ele surtasse e chutasse o prato pra longe. Esperei, aflita, desde essa suposição até a pior e senti algo balançando freneticamente a corda.

Abri os olhos e fiquei estupefata ao vê-lo cortando a corda com o canivete. Observei aquele Danny carrancudo e vazio, relembrando daquele animado e gozador.

Danny retirou a corda envolta dos meus punhos e não retomou ao seu serviço, nem eu à comida, a qual meu estômago esperava tão ansiosamente. Ao invés disso, ele permaneceu agachado, me encarando, mas não da mesma maneira que Nathan, que parecia tentar ler meus pensamentos, e sim como se duelando comigo.

Ergui o braço e ele não me impediu, sem desviar aquela profundidade azul dos meus olhos. Encorajada, tirei seu boné, assim deixando seus

PERIGOSAS ACHERON

cachos castanhos a mostra.

- Não combina com seu estilo caipira. —
expliquei, pousando o boné no chão.

Danny parecia atônito e indisposto a recuperar seu boné.

Mordendo os lábios, encostei carinhosamente a ponta das unhas ao redor de seu queixo, apelando para o lado sentimental. Talvez eu conseguisse convencê-lo do erro que estava cometendo e aquilo me proporcionava esperanças para lutar. Lá no fundo, por mais que eu negasse, eu sabia que minha luta não era relacionada somente a mim. Eu estava lutando para recuperar aquele Daniel que um dia tive o prazer em conhecer, preencher o vazio que havia o consumido e restaurar o brilho de seu olhar.

- Você não é como eles... — sussurrei.

- Você não me conhece para dizer como eu sou.
— disse ele com os músculos tensos.

Danny se afastou rudemente do meu toque, como se tivesse despertado de seu devaneio, e
PERIGOSAS ACHERON

regressou para a mesa.

- Eu passei tempo suficiente com você para tirar minhas próprias conclusões. Sei que você é um tremendo idiota, cheio de si, egoísta e ignorante. – falei, levantando depressa.

O movimento rápido fez a dor aumentar e a visão escurecer durante alguns segundos. Tive a impressão de que ia desmaiar e pressionei o dedo contra a têmpora, o que fez os diversos pontos negros irem se restabelecendo até formar a imagem completa da sala, sem falhas.

Daniel estava de costas para mim e não pude avaliar sua reação, mas pelo seu silêncio, resolvi prosseguir.

- Mas sei também que por trás dessa máscara existe um homem de boa índole.

- Já passou por essa sua cabecinha que pode ser justamente o contrário? – perguntou, sem deixar que eu concluísse. Danny se virou para mim, encostado à mesa e com os braços cruzados. – Todo esse fingimento e ilusão para não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconfiarem da real personalidade?

- Você não é um ator para esconder seus sentimentos o tempo inteiro, Daniel.

- Posso não ser um ator, mas olha onde minha performance te trouxe. – piscou, erguendo os lábios num sorriso satisfatório, sem mostrar os dentes.

- E você acha bom ser assim? Mentir, enganar e trair a confiança que as pessoas depositam em você?

- Não é o que todos fazem? – deu de ombros, como se o assunto não fosse referente a ele. – Traem para evitar se expor e sair machucado, mentem para atingir os próprios objetivos sem empecilhos.

- É por isso que você sequestra inocentes, então? A única forma deturpada e egoísta que encontrou de tratar dos próprios interesses.

Ele franziu a testa.

- Não sou um psicopata.

PERIGOSAS ACHERON

- Não. Não estou falando de dinheiro ou prazer. Estou falando da sua liberdade.

- Você bateu a cabeça forte mesmo – riu. – Nathan é meu pai. Seu sangue é o meu sangue, e o seu trabalho é o meu trabalho.

Foi a minha vez de rir, captando a incoerência em suas palavras.

As sardas na bochecha de Danny enrubesceram, mas não por vergonha. Temendo que ele suspeitasse que eu estava rindo dele, apressei a me esclarecer.

- O único que pode realmente te machucar é aquele que mais te conhece, e esse é o seu medo. Medo de largar toda essa bagunça onde ele te colocou por saber que as consequências seriam piores do que as que você tem de suportar obedecer. Afinal, nós não somos tão diferentes nesse quesito. – disse.

Ele impulsionou o quadril para frente, dando passos largos e endurecendo a expressão. Engoli a seco dando um passo para trás, mas estava PERIGOSAS ACHERON

encurralada.

Eu sabia que devia ter parado de falar e tratado de comer.

- Olha aqui, garota – Danny lançou as mãos contra a parede em ambos os lados do meu corpo. Saltei em espanto com o estrondo que o baque ocasionou e imaginei quantas colisões semelhantes seus ossos já haviam sofrido. – Não venha bancar de experiente como se ser obrigada a modelar vestidos fosse a coisa mais cruel que existe. Esse *único* a quem você se refere é literalmente o *único* que me incentivou e ensinou a lutar. Você não conhece nem um terço do meu mundo.

- Nem queria, mas você não me deu opção.

- Acha que estou de bom grado aqui, perdendo o meu tempo com uma garotinha mimada e desobediente?

- Eu não sou mimada! – reclamei. Se era para jogar baixo, então eu tinha a jogada perfeita. – Você aprenderia a respeitar as mulheres se tivesse uma *mãe*.

Daniel repentinamente prensou os dedos ao redor da minha mandíbula, me erguendo e colando os nossos corpos.

- Abro a mão de um segredinho e você já vai achando que sabe tudo sobre mim, não é? Acha... – ele aproximou o rosto, seus olhos fundos faiscando. – que só porque dei o doce pra criança, agora tem o *direito* de tocar no assunto.

Ele reduziu a firmeza nos dedos, investindo na força de seu corpo contra o meu, assim nos mantendo na mesma altura.

- Se eu não soubesse tanto sobre você, eu não seria capaz de reconhecer seu sofrimento.

- Você apenas me compreende. Eu não tenho mãe, e você logo perderá seu pai, quem sabe até a família inteira.

- Para com isso! – exige, boquiaberta. Danny franziu a testa, intercalando a força nos dedos, indeciso em me deixar retrucar ou impedir. – Você não precisa ser como o seu pai! Use o exemplo dele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ser uma pessoa melhor e não o deixe influenciar no seu caráter.

- Tentar impedir que ele me influencie é como esforçar seu corpo a não reagir ao meu toque – disse ele, deslizando levemente os dedos da mão livre pelo meu braço desnudo. Involuntariamente, um arrepio acompanhou o caminho que ele traçava, eriçando os pelos. – Impossível. – sorriu vitorioso, me analisando com seus olhos famintos.

- Um dia você vai se arrepender pelo caminho que está seguindo. – falei, cerrando o punho.

Minha vontade era de arrancar sua máscara e estapeá-lo até que ele se tocasse de que aquela não era a melhor forma de lidar com seus problemas. Não enterrando seus sentimentos e verdadeiro jeito de ser. Mas ao mesmo tempo, de uma coisa ele tinha razão. Eu nunca teria noção do que acontece no mundo do crime e do quanto ele pode ser tão perigoso para os envolvidos quanto para as vítimas.

- Creio que não me arrependeria em matar seu pai, tampouco teria pena alguma. – ele retornou a

PERIGOSAS ACHERON

firmar os dedos em minha mandíbula, percorrendo o olhar por toda a extensão do meu rosto para provar da minha reação.

- Muito menos eu em te ver apodrecer na cadeia.

O sorriso maligno desapareceu de seus lábios carnudos quando cuspi em seu rosto.

Ele fechou os olhos automaticamente e limpou a região próxima ao nariz onde estava molhado, tremendo de nervoso. Tentei arrancar sua mão do meu pescoço, mas Danny intensificou a força, rangendo os dentes.

- Você pediu por isso – avisou.

Sua mão era tão grande e pesada que contornava por inteiro o meu pescoço fino. Danny me ergueu mais alto, apertando tanto meu pescoço a ponto do ar escapar dos meus pulmões e se recusar a retornar por mais que eu buscasse desesperadamente por ele. As imagens começaram a ficar turvas e desconexas, e a incapacidade de respirar acarretava num profundo descontrole dos

PERIGOSAS ACHERON

meus batimentos.

Após segundos que pareceram a eternidade, eu desabei em encontro ao chão, grunhindo quando meu joelho aterrisou primeiro.

Eu me sentia como um brinquedo que quando não os satisfazia ou eles enjoavam, me arremessavam para qualquer canto, sem se importar com os possíveis danos.

- Quem se intrometeu na minha vida foi você! –
revidei aos prantos, me deitando encolhida no chão e ouvindo a porta fechar bruscamente.

*O tempo é o castigo, eu sei porque me sinto
assim*

Os dias de chuva, eu sinto pena de mim

Capítulo 24

É preciso coragem pra recuperar seu instinto selvagem

E não importa quantos vão se machucar, não importa quantos vão te escutar



Minhas lágrimas haviam secado quando Daniel retornou à sala horas depois. A densa escuridão dominava o ambiente e fora necessário acender a luz para enxergar com nitidez.

Daniel se agachou à minha frente, retirou o celular do bolso da calça jeans e um pedaço de papel e discou alguns números, intercalando entre ler o que estava escrito na folha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Analisei a corrente, arquitetando um modo possível para dispensá-la do meu horror. Eu não suportava mais a sensação de estar acorrentada e presa entre quatro paredes.

- Diga a ela que você está bem, e que se deseja a sobrevivência da filha, terá que colaborar. – disse ele e esticou o aparelho para mim, mas pausou no caminho, me alertando com a voz séria e grossa. – E eu não vou tolerar mais as suas gracinhas, Rebecca, então quem mais deve colaborar aqui é *você*.

Relutante, peguei o celular e esperei a chamada ser completada.

Daniel fitou descaradamente minhas pernas desnudas e puxei a barra do vestido para baixo. Meu vestido estava completamente amarrotado, sujo e com singelos sinais de rasgos. Aparentemente, o tecido fino não ia aguentar muito mais.

- É confortável estar presa à uma mesa? – ele riu em deboche.

PERIGOSAS ACHERON

Ignorei, preferindo não responder aquele tipo de pergunta desprezível.

O toque repetitivo no celular parou.

- Mãe?

- Rebecca! Onde você se meteu? Sumiu desde o desfile, perguntei para todos os seus amigos, mas ninguém te viu! Seu pai também desapareceu, eu estou cuidando sozinha do Matt e desesperada! – berrou.

Fechei os olhos, forçando as lágrimas a se restringirem e não caírem. Eu nunca imaginaria que seria um alívio tão grande ouvir a voz da minha mãe, mesmo que preocupada.

Minha mãe podia ter suas manias e aquela pose de durona, mas os machucados noite após noite entregavam tudo. Ela *tinha* que ser forte pela família inteira. Ela era uma figura de sucesso e talento, e esconder aquele segredo da mídia devia lhe custar cada sorriso forçado. Então eu não a culpava. Talvez um dia minha mãe tenha sido uma mulher feliz e generosa. Talvez, não. Ela *fora* isso e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito mais. A foto que encontrei encaixotada em seu quarto provava isso. No fim das contas, ela e meu pai passaram pelo mesmo processo de transformação. Um tíquete só de ida. Quem eles costumavam ser se perdera no caminho e a vida não ofereceu outra opção a eles a não ser adotar permanentemente essa postura rígida. Acho que atingiram um limite onde nem mesmo se lembram do que é ser diferente do que são hoje.

Do fundo do meu coração e da minha alma, ao escutar a voz da minha mãe, eu descobri que se existe um *limite*, eu o contornaria. O desespero palpável dela me comovera. Ainda existia esperanças para a nossa família. Eu sabia disso. Eu *precisava* acreditar nisso. Precisava acreditar que voltaria para casa, o lugar de onde quis distância por tanto tempo.

Eu queria *tanto* a minha casa.

- Mãe, me desculpa! – implorei, soluçando.

Travei, sabendo que iria gaguejar se tentasse soltar uma única palavra.

PERIGOSAS ACHERON

Danny chutou a minha perna de leve, levantando a sobrancelha em sinal para continuar.

- Preciso que a senhora preste atenção, mãe. Eu estou bem, te garanto que estou – respirei fundo. – Fui sequestrada, e necessito da sua colaboração para conseguir sair daqui.

Minha mãe começou a se esgoelar, sem acreditar nos absurdos que eu estava falando, e Danny arrancou o celular da minha mão.

- O resto deixa comigo – disse ele, batendo o dedo pela tela do aparelho. Provavelmente ele estava mandando a chamada para Nathan finalizar e pedir o resgate.

Eu me sentia como uma criança, querendo que a mãe viesse logo buscá-la no colégio e a levasse para casa.

- Posso fazer uma pergunta? – abracei as pernas, apoiando o queixo nos joelhos e mirando o homem distraído à minha frente.

Focando em seu braço, franzi a testa ao

PERIGOSAS ACHERON

encontrar uma peça de xadrez contornada por formas e riscos abstratos e esfumaçados.

- Já fez – lançou.

Suspirei, revirando os olhos e resolvendo perguntar da mesma forma.

- O que sua tatuagem significa?

- Não me diga que você nunca jogou xadrez – riu, relaxando os ombros.

Daquela maneira, sentado com as pernas cruzadas e concentrado no celular, ele parecia apenas um adolescente contente com seu mais novo brinquedo.

- Já joguei, mas porque a figura do Rei? – questionei.

Daniel prosseguiu atento ao celular por mais alguns segundos e depois o colocou de volta no bolso, decidindo me explicar.

- Desde pequeno, eu assistia os comparsas do
PERIGOSAS ACHERON

meu pai jogando xadrez e sempre me indaguei o porquê de exatamente esse jogo dentre tantos outros. No dia em que resolvi finalmente perguntar, eles me deram duas opções: A explicação, assim como estou lhe contando, ou descobrir sozinho com o decorrer dos acontecimentos. Obviamente, eu escolhi a segunda e recebi essa tatuagem quando consegui fazer a ligação entre o mundo real com o jogo. Bom, eu fui *forçado* a compreender. – disse, pensativo. – Como você sabe, o único objetivo do jogo é capturar o Rei, que é a peça mais importante. Durante a partida, o Rei não pode em circunstância alguma ser ameaçado pelas peças adversárias, e caso seja atacado, deve ser imediatamente protegido. Eu pertenço a uma gangue onde devemos evitar o máximo possível que desconfiem de nós, estando assim sempre à frente de quem pretendemos atacar. – esclareceu. – Essa peça também é considerada um símbolo de liderança e estratégia, o que serve para reforçar nossa finalidade. No final, o Rei passa a desempenhar funções de defesa e captura de peças menores que interferem seu plano de jogo, se tornando um atacante melhor que um Bispo, e um defensor melhor que um Cavalo. O nosso propósito é atacar

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor que qualquer outra gangue e saber nos defender sozinhos para que ninguém seja hábil o suficiente para nos capturar.

- Então todos vocês tem essa tatuagem? – Daniel assentiu, orgulhoso pela marca que carregava no braço. – Qual o objetivo de vocês com isso? Apenas reconhecimento, ou incentivo para realmente se tornar um Rei?

- Criar um *jogo de mestre* onde todos os Reis sejam invencíveis.

Vindo de um criminoso, eu esperava alguma explicação mais horripilante, então demorei a me conformar com o verdadeiro significado. Seguindo aquela linha de raciocínio, tive a certeza de que eu não era nada além de apenas mais uma peça insignificante em seu jogo lunático e imbatível.

- Você cresceu no meio de bandidos – falei, o que soou mais como uma afirmação do que uma pergunta.

- Basicamente, sim – deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aguardei por mais informações, mas a carranca de Daniel indicava que eu já havia arrancado tudo o que podia dele naquele dia.

Com um aperto no coração pela conversa curta com minha mãe, arrisquei mais uma pergunta.

- Porque você fez aquilo com Matt? Nick, Henry, sua banda...

- Eles foram só um passo para que eu chegasse até você.

Ele pegou em meu queixo e imediatamente desferi um tapa em sua mão, virando o rosto na direção contrária. Daniel retribuiu o gesto, batendo em minha bochecha.

Eu poderia dizer exatamente em que local os dedos de Danny se fixaram, pois minha pele fervia em ardência pelo estalo.

- Não me faça perder tempo colocando a corda de volta, Rebecca – alertou.

Além do ataque inesperado, foi como se um
PERIGOSAS ACHERON

botão em meu estômago tivesse sido acionado, levando ao retorno da comida. O enjoo me invadiu sem aviso prévio e de maneira tão intensa que não consegui segurá-lo.

Vomitei toda a comida que Daniel havia me oferecido e uma grande quantidade de líquido, já que não havia mais nada em meu estômago a colocar para fora.

Diversos pontos pretos se reuniram pela vista e uma dor alucinante acima dos olhos. Eu não sabia se pressionava a mão contra a barriga, a fim de fazer a ânsia desvanecer, ou contra a testa para não desmaiar mais uma vez.

- Rebecca, o que você... — Danny começou, perturbado, mas logo se calou.

Ele me deitou próxima à parede e, após se certificar de que eu não tinha mais forças para vomitar, saiu da sala.

Eu estava destruída.

Qualquer coisa naquele lugar era suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me enlouquecer. Por mais contraditório que pareça, os momentos sozinha eram os mais frustrantes. Meus pensamentos viajavam desordenados, e a escuridão associada ao silêncio me fazia imaginar seres emergindo para acabar com o meu sofrimento. Quanto a essa parte, eu *ainda* tinha consciência de que era somente meu subconsciente pedindo socorro.

Mas as minhas dores não eram imaginárias. A força que Daniel e Jonathan usavam sobre mim era absurda. Supostamente eu devia estar acostumada por causa do meu pai, mas nem ele me atingia com tamanha violência. Eles abusavam do descontrole que a raiva exercia sobre eles e eu tinha certeza de que meus ossos não suportariam por muito mais tempo.

E apesar de todo o sufoco, o estômago embrulhado me lembrava que eu tinha coisas maiores para me preocupar além de mim mesma.

Pensando nisso, resolvi espiar o que Daniel estivera tão atento horas atrás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me esforçando para ficar de pé, encontrei quatro seringas e três potes de vidro em cima da mesa. Somente uma das seringas estava cheia, e antes que pudesse desistir da ideia, peguei a seringa e voltei a deitar no chão, escondendo-a nas costas.

Daniel retornou à sala minutos depois, carregando um rolo de papel toalha e detergente. Ele se ajoelhou próximo ao vômito, arrancando uma quantidade de papel e colocando em cima.

A ironia na cena, vendo-o limpar o estrago que ele mesmo provocou, me nauseou mais ainda.

Me rastejei sorrateiramente para perto dele, que estava de costas pra mim, e agarrei seu braço, injetando o líquido sem hesitar.

Daniel virou a cabeça em minha direção com os olhos arregalados e indignados, desabando lentamente ao chão. Ele liberou o peso do corpo e suas pálpebras se fecharam, como alguém tendo sua vida esvaída.

Permaneci estática, espantada com o quão rápido o líquido havia agido.

PERIGOSAS ACHERON

Algo estava errado, mas que escolha eu tinha?

Esperei alguns segundos para me certificar de que ele realmente havia apagado e recordei que existia uma câmera me vigiando, o que intensificou meu desespero.

Tremendo, engatinhei ao lado dele. Respirei fundo, enfiando a mão dentro do bolso da calça jeans e vasculhando pelo molho de chaves que me libertaria da mesa.

Estalos de chaves agitando-se uma contra as outras me concedeu a coragem que faltava para aprofundar a mão e agarrar o molho entre os dedos, no mesmo instante em que algo pesado caiu sobre meu braço e me lançou contra a parede.

- Você e seu atrevimento são *tão* previsíveis.

Em torno de segundos, Daniel estava ajoelhado à minha frente, entrelaçando os dedos em meu cabelo e puxando os fios para baixo.

Gritei alucinadamente, prevendo que ele ainda
PERIGOSAS ACHERON

conseguiria arrancá-los um dia.

Furiosa, impulsionei os pés acorrentados para cima, chutando seu abdômen.

Daniel se recusou a liberar um ruído sequer, pegando as cordas para amarrá-las de volta em torno dos meus punhos, dessa vez com os braços virados para trás.

- O que era aquilo? – balbuciei, conhecendo a força de Daniel e sabendo que eu não era párea para vencê-lo. Mesmo que eu me debatesse ou atirasse a mesa nele, agora Daniel estava preparado contra qualquer truque que eu planejasse.

- Placebo – confessou.

Ele retornou à mesa, pegando uma nova seringa e introduzindo-a em um dos potes de vidro. A essa altura, eu devia contar com as astúcias de Daniel e desistir de fugir das suas armadilhas. Meu corpo inteiro doía de maneiras diferentes que me conduziam ao mesmo inferno.

Daniel injetou o novo líquido em mim e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agradei mentalmente por poder escapar da minha realidade por um tempo.

- Mas como foi malcriada, vou te presentear com *mais um pouco* de sofrimento – disse, perverso.

Para a minha sincera surpresa, o que Danny me proporcionou não foi um sono pesado, assim como eu esperava.

Que doce ilusão.

A substância dentro da seringa era composta de uma torturante insanidade.

Era impossível pregar os olhos.

Eu podia literalmente sentir ligeiras correntes de choque percorrendo meus músculos, ocasionando aflição e agonia sempre que os estalos aparentavam aumentar de intensidade.

Mas isso comparado ao resto não era nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Repentinamente, a sala ganhou uma tonalidade avermelhada ofuscante, que não se prolongou muito até tornar-se amarela e intercalar com verde. Era como estar com um catálogo de cores e em dúvida de qual escolher para utilizar num vestido, com a nítida diferença de que as cores não costumavam ser nebulosas como naquele momento.

Dentre a variedade de cores, formas espessas começaram a se juntar, formando animais e paisagens. Eu me sentia de volta aos seis anos, quando me jogava no jardim de casa e admirava as nuvens, tentando definir o que cada uma formava. Contudo, certamente a diversão não seria a mesma se Matt não estivesse comigo.

Matt.

Aquela memória fez os feixes de luz traçarem contornos modificados, aglomerando-se numa esfera e explodindo em migalhas, como uma bola ardendo em fogo e liberando faíscas. Os pedaços partidos aterrissaram ao chão e se alastraram pelo piso, subindo rasteiramente pelas paredes e engolindo a mesa em chamas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu gritei, apavorada, e a imagem de Jonathan se projetou diante a mim, sorrindo prazerosamente. Sua presença foi substituída dentro de segundos por um monstro, horripilante e sagaz.

Mas não era um monstro qualquer.

Desse, eu tinha o vislumbre apenas dos olhos, imensamente azuis como o mar debaixo duma tempestade, e sua boca, repleta de dentes brilhantes e afiados como de um tubarão. Ele me rondava vagarosamente, sendo balançado ao ritmo de uma onda de chamas e zumbindo em meus ouvidos. Zumbindo, pois eu não conseguia distinguir o que ele estava falando.

Me imaginei exatamente no meio de um carrossel com aquele monstro me cercando. A voz passou a ser acompanhada por uma risada maléfica tão alta quanto as músicas nas festas e o monstro se aproximava em sua onda, abrindo a boca para me enterrar em chamas.

Quando eu estava prestes a ser devorada pelo fogo, eu gritei com todo o fôlego que meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pulmões haviam resguardado.

Eu estava louca. E provavelmente morta.

Ao reabrir os olhos, encontrei a escuridão.

Não aquela no fim do poço, onde nos conformamos por termos perdido a guerra, e sim a qual estive habituada durante os últimos dias.

A do meu *cativeiro*.

Tudo permanecia no mesmo local, sem cores flutuantes ou marcas de queimadura.

Eu respirava arfante, ainda incomodada com os leves choques que persistiam em me atormentar. Eu tinha certeza de que não estivera dormindo, e que aquilo fora efeito da droga que Daniel havia injetado em mim.

Abruptamente a porta se abriu, revelando um Jonathan impaciente.

Eu torci para que ainda estivesse delirando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Porque está gritando?

- Estou com sede – falei a primeira coisa que me veio em mente.

Mesmo que tivesse sido uma alucinação, o fogo me transmitira muito calor e minha boca estava seca.

- Sede? – indagou, largando a maçaneta e caminhando para dentro da sala. – Você arremessou todos os copos de água que te oferecemos, e agora está com *sede*?

Permaneci quieta, já que independente da minha resposta, Jonathan faria o que bem quisesse.

Sorrindo de soslaio, ele se abaixou, pegando um molho de chaves e destrancando o cadeado da corrente.

- Vem, vou te mostrar onde tem água. – disse.

Ele fincou os dedos em meu braço, me obrigando a levantar e segui-lo.

PERIGOSAS ACHERON

A poça de vômito havia sumido e me perguntei como limpavam e eu nem percebi entre meus devaneios.

Jonathan me encaminhou pelo mesmo corredor que Daniel, virando apenas algumas curvas a mais. A iluminação estava numa frequência menor e, se eu conseguisse sair daquele lugar, certamente eu me tornaria eternamente claustrofóbica.

As salas estavam em pleno silêncio, parecendo que todos haviam encontrado uma maneira de fugir e me esquecido ali com aquele maníaco. Ou então que haviam encontrado uma maneira de *acabar* com os gritos das outras garotas, mas aquela hipótese me fez estremecer, então preferi parar de pensar, principalmente porque meu pai estava numa sala próxima àquele corredor. Cogitei berrar para que ele soubesse que eu estava bem, mas aquilo significaria também descobrir da minha permanência naquele local, e existiam possibilidades de ele nem ao menos considerar essa eventualidade.

Percorremos um corredor largo e limpo, além

da clareza favorecer minhas esperanças de Jonathan não estar bolando nada polêmico. Mas para alguém que odiava *gritos* e não media forças a colocar um fim neles, o que seria exatamente algo não polêmico?

- Sabe, eu ia tomar banho quando comecei a ouvir os seus gritos. – disse ele, abrindo uma porta e me empurrando para dentro.

Por algum motivo, Jonathan me trouxe para um banheiro. Não do estilo daqueles públicos, compostos apenas por vasos sanitários e pias. Era idêntico a um residencial, incluindo chuveiro e banheira. Os azulejos eram revestidos por uma tonalidade prateada, combinando com a lâmpada clara e os objetos brancos.

Visto o estado bem cuidado do banheiro, os homens da gangue deviam *morar* naquele lugar, o que me fez pensar se ao menos eles tinham uma família para quem voltar, ou se a gangue se tornara a única família que eles possuíam. Nathan não faz o tipo solidário que tolera homens emocionais em sua gangue.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Juro que tentei ignorar, mas fora impossível – continuou Jonathan, chamando minha atenção.

Com as mãos presas para trás, minhas opções se reduziam.

Tentei me desvencilhar, aproveitar meu tamanho para passar por debaixo de seus braços, mas falhei em todas as chances.

- Na verdade, eu não ia fazer nada, até você me dar uma ideia deslumbrante.

- Jonathan, por favor... – gaguejei. – Eu só queria tomar água, mas se isso for atrapalhar o seu banho, eu posso sair do seu caminho. – implorei, procurando por uma escapatória, mas ele me encurralou contra a banheira repleta de água.

- E você vai tomar água – afirmou, deslizando a mão pela minha cintura e me virando de frente para a banheira. Me debati, fazendo força para dificultá-lo a realizar seu plano, mas ele prensou os dedos em meu cabelo, pressionando minha cabeça para baixo. – Até seus pulmões não suportarem mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabendo o que estava por vir, eu prendi a respiração o máximo que pude, torcendo para que ele desistisse. Levantei pé e chutei o ar, descobrindo que ele estava ao meu lado. Tentei novamente alcançá-lo, mas por mais que sua canela ficasse dolorida, não seria suficiente para convencê-lo de me tirar dali. Pressionei meu pescoço para cima, mas ele era muito mais forte e enterrava as duas mãos em meu corpo, me impedindo de escapar. Me concentrei em manter a respiração presa, imaginando estar nadando calmamente na piscina da minha casa. Daria certo, se Jonathan não decidisse abusar mais ainda da situação.

Ele me puxou de volta e instintivamente abri a boca, procurando pelo ar.

Nesse mesmo instante, ele voltou a afundar minha cabeça na água, e acabei engolindo uma quantidade de água. Jonathan intercalava em me trazer à superfície e enfiar minha cabeça debaixo d'água, se divertindo com a minha luta para respirar, até o momento em que ele forçou minha nuca por mais tempo. Um tempo que pareceu ser a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eternidade, e uma dor mais intensa pela força do que pela água em si.

E então, meu corpo ficou mole.

Eu desabava num imenso vazio, com uma dor palpitando em meu peito. Minha boca se entreabriu, exausta em permanecer fechada. Eu ouvia um zunido ao fundo, mas a pressão nos ouvidos não me permitia assimilar o que estava acontecendo, ou o motivo de algo estar pesando tanto na região pulmonar, como se estivesse carregando chumbo ao invés.

Perdi a noção do tempo em que estive debaixo d'água, e não fazia ideia do quanto de água havia engolido.

Era melhor desistir, ainda mais quando meu corpo não se demonstrava disposto ou preparado para continuar a se esforçar.

Já era uma batalha perdida.

PERIGOSAS ACHERON

Quando despertei, era como se ainda existisse uma barreira entre mim e o ar.

Fui virada para o lado e bateram nas minhas costas enquanto eu tossia e cuspiam toda a água que estava acumulada.

Respirei ofegante por alguns segundos até conseguir me restabelecer e regular a respiração. Ainda pasma, olhei ao redor.

Eu estava de volta à sala.

Escorado à parede ao meu lado, estava Daniel, com as mãos entrelaçadas no cabelo.

Sentei lentamente, gemendo pela dor interminável em cada parte do meu corpo.

Ele me encarou de imediato, afastando as mãos do rosto.

- Por quanto tempo fiquei debaixo d'água? – perguntei, direta.

Eu *precisava* ouvir sua voz, saber que aquilo

PERIGOSAS ACHERON

não era mais um delírio, e que de alguma forma eu tinha sobrevivido. O silêncio me trazia desespero e me fazia refletir sobre coisas que momentaneamente eu preferia esquecer.

- Uns bons minutos – disse em voz baixa.

Uma profunda escuridão contornava a sala, o que surpreendentemente me proporcionava tranquilidade.

- Danny – chamei, liberando uma lágrima e permitindo que ela rolasse livre.

Ele manteve os olhos fixos aos meus, esperando ansioso.

- Eu sei agora qual é a sensação. Você fica impossibilitado de reagir, e aquilo vai te sufocando e propiciando a ceder mais facilmente. É a urgência pelo oxigênio que te faz se desesperar, em *saber* que se não retornar à superfície, todos os seus objetivos e sonhos irão desvanecer junto do seu corpo na água. – levantei os olhos, fungando e me controlando para não vacilar. Ergui o canto dos lábios sem mostrar os dentes, completamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exausta e desmotivada. – Mas você não conhece essa sensação, pois era apenas um bebê e não se lembra, Daniel. Já *eu*, vou ter que passar o resto da vida me sentindo sufocada. Não que vá durar muito, porque de qualquer forma eu vou morrer aqui, não é?

Eu ri contra gosto, me recusando a encará-lo.

Era culpa dele.

Fui parar naquele banheiro por culpa da droga administrada por ele.

Fui parar naquela sala por culpa dele.

Fui parar naquela confusão por culpa dele.

Me apaixonei por *ele*.

Danny permaneceu paralisado por alguns instantes e depois fincou os dedos entre os fios molhados do meu cabelo.

Estremeci e me encolhi automaticamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebendo meu pavor, ele encaminhou a mão para o meu queixo, acariciando suavemente. Esperei pelo tapa ou pelo empurrão, mas ao invés disso, eu pude jurar ter visto um leve brilho em seu olhar.

Fechei os olhos, quase me deixando ser levada a acreditar na ilusão de que aquele Danny que eu conhecia havia voltado, e que todo aquele tormento poderia sim ter sido apenas um pesadelo.

Ele se curvou, alcançando minha orelha e cantando melodicamente o verso de uma música em inglês que eu identifiquei ser Get Out Alive do ThreeDays Grace.

- *Se você quer sair viva, corra pela sua vida, minha prisioneira.*

Não há tempo pra dizer adeus, ele disse

Enquanto desaparecia

Não ponha sua vida nas mãos de alguém

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elas são presas pra te roubarem

Não esconda seus erros

Porque eles irão te encontrar e te queimar

*Tantas palavras, tantos arranhões
Transformando milagres em decepções*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

*Eu não como, eu não rio, eu não sei o que é
adormecer*

*Me desculpe se eu fechar os olhos e
desaparecer*



Os pesadelos viraram constantes e irreversíveis. Eles costumavam durar pouco, já que a maioria envolvia água e eu acordava depressa, encharcada de suor e com dificuldade para respirar. Em todo sonho, sem exceção, eu idealizava uma morte diferente aprisionada naquele cativeiro, longe de todos que tentaram abrir os meus olhos.

Mas naquela noite foi diferente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu caminhava, desorientada, pelo mesmo corredor manchado de amarelo, a procura de uma saída. Ao invés disso, o que localizei foi um ruído semelhante a um grito distante. Não um estridente e aflito como das garotas que habitavam as outras salas, e sim um abafado, suplicando para que botassem um fim àquela tortura.

Ressentida em abandonar a pobre alma, percorri o trajeto estreito, seguindo o choramingo que se estendia por todo o corredor silencioso.

Arrastando os pés, alcancei uma porta arranhada, por onde ecoava o angustiante som de lamúria.

Girando a maçaneta, a porta rangeu como num filme de terror até se escancarar aberta. No centro da sala, havia uma cadeira de madeira despedaçando conforme o balanço da pessoa sentada nela. Estando de costas para mim, captei vestígios de rasgos nablusa e traços de cortes pelo pescoço que se estendiam pela pele por baixo da roupa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O barulho imediatamente se aquietou. Parecia que o homem não tinha pretensões de virar, então decidi retomar minha busca antes que aquilo se tornasse mais estranho ainda.

Quando dei um passo adiante, o grunhido retornou, alto.

Aterrorizada, voltei à posição anterior, me deparando com a cadeira virada de frente para a porta e meu pai com os olhos mareados e revirados. Ele se contorcia, entortando freneticamente a boca e as pernas, produzindo um engasgo como se algo estivesse entalado em sua garganta. No lugar das lágrimas, pedaços partidos de pedras desabavam de seus olhos numa quantidade tão grande que o conjunto delas chocando contra o piso gerava estrondos como uma tempestade caindo. Seu rosto ganhou um aspecto duro e áspero, prosseguindo pelo pescoço e em direção ao resto dos membros. Com um buraco negro no círculo dos olhos, partes do que costumava ser seu rosto começaram a tombar torrencialmente e virar poeira ao se dispersar pelo chão. O piso repentinamente estourou e a água invadia o cômodo enquanto se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agitava e alastrava a sala, transformando meu pai em uma espécie de peixe morto dentro de um aquário, ou um tesouro perdido e enferrujado no meio do oceano.

Apavorada e sabendo que não havia nada dele para ser salvo, corri pelos corredores, com mais urgência do que nunca para localizar uma escapatória. Eu abria todas as portas que surgiam, esbarrando sempre em terrores imersos que me levavam a crer não *existir* uma saída.

Até que a encontrei.

Sem monstros ou ilusões, apenas uma rua larga iluminada por uma luz clara vinda do lustre do poste. Cambaleei, atravessando a porta, incrédula por finalmente estar a um passo da felicidade. Vaguei pela rua, admirando as casas simples e as árvores ao meu redor, como se toda aquela paisagem fosse o reflexo do paraíso.

Abri os braços e rodei, inspirando profundamente o ar e sorrindo, sem conter a alegria.

PERIGOSAS ACHERON

Fui obrigada a parar ao pisar em algo molhado, numa porção tão extensa que poderia se igualar a uma poça. Olhando para baixo, a fim de investigar o líquido escuro, senti uma linha escorrer por ambas as pernas, contínua e quente. Levantando a barra do vestido, engasguei com meu próprio soluço ao constatar de onde estava vindo o sangue.

- Becky?

Disparei o olhar para a porta, onde Danny estava com uma mão estirada na parede e com os olhos esbugalhados.

- Me ajuda... – implorei, caindo de joelhos e sufocando pela dor alucinante. Deslizei os dedos pela coxa, visualizando o sangue quente ardendo em vivacidade escoando.

- Vai ficar tudo bem... – disse Danny enquanto corria na minha direção, carregando um semblante altruísta e doce no rosto.

Quanto mais ele se aproximava, mais a imagem se distorcia, até se espalhar por completo e se desfazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entorpecida, suspirei por nem nos sonhos conseguir fugir. Seria mais aceitável se Daniel me chutasse e me largasse ali, morrendo lentamente ao invés de me ajudar.

Uma chave girou na fechadura e meu coração disparou. Meu corpo não suportaria mais nem uma única crueldade. Cada parte pulsava em dor e, embora os enjoos tivessem abrandado, eu me sentia tremendamente fraca, provavelmente pela falta de alimentação.

Para meu alívio, ou ao menos parte dele, era Daniel.

Ele entrou, despreocupado, girando o molho de chaves entre os dedos.

A porta permaneceu entreaberta e a minha desconfiança cresceu quando Daniel se agachou para abrir o cadeado e desamarrar minhas mãos.

- O que está acontecendo? – perguntei, aflita.

- Está na hora de te ensinar uma lição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por favor – choraminguei, sem retirar os olhos de sua expressão serena. – Eu não aguento mais...

- Você só vai observar. Dessa vez. – piscou, me puxando pela cintura para ficar de pé.

Vendo que eu estava sem condições para me mexer sozinha, ele agarrou meus braços com firmeza, nos guiando para fora da sala.

Eu sempre achei que colocar o pé naquele corredor seria algo positivo. Significaria que minhas chances de escapar eram maiores. Seria uma vitória estar do outro lado daquelas paredes, mas visto o que acontecera todas as vezes em que estive ali, aquele corredor estreito e mofado me dava calafrios.

Meu corpo estava decorado por marcas vermelhas que ardiam pelos tapas e aperto das correntes e, a cada passo, a dor piorava, tornando insuportável até mesmo respirar.

Enquanto seguia Danny, pude reparar em três coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Primeiro, por coincidência ou simplesmente pelo fato da dor ter aparecido antes de eu dormir, eu me arrastava da mesma maneira que no sonho, embora duvidasse ter a mesma disposição para correr.

Segundo, as salas estavam silenciosas. Sem gritos ou barulhos, como se restassem somente Daniel e eu encarcerados naquele lugar.

E o terceiro e mais importante detalhe era que, no final do trajeto, Daniel abriu uma porta.

A porta que nos levava para fora do cativeiro.

Assim como nos meus sonhos.

Se a hipótese de tentar escapar e a força de vontade para correr apareceu, foi por menos de dois segundos. A resposta para a segunda questão era simples.

O cativeiro estava, mesmo, vazio.

Todos estavam reunidos ao redor de uma fogueira na parte aberta dos fundos da casa. Todos

PERIGOSAS ACHERON

os homens posicionados atrás de suas respectivas vítimas para silenciar seus choros. E eu era a última espectadora a chegar.

As garotas aparentavam ter em média entre quinze e dezoito anos, e eram fisicamente bem diferentes uma das outras. A única semelhança evidente era a expressão amedrontada e os cortes adquiridos pelos constantes maus-tratos.

Grandes pedaços amontoados de lenha estavam dispersos pelo centro da roda, expelindo faíscas de fogo.

Finalmente aspirando o ar livre, percorri o olhar pelo local, reparando na quantidade de árvores que cobriam o esconderijo.

As garotas estavam apreensivas, soluçando baixo e acompanhando Nathan se infiltrando entre nós.

- Hoje – disse Nathan, estendendo os braços e alargando o sorriso. – Vocês receberão a prova do que acontece se me contrariarem. Não sou exigente. Dou alimento e água a todas vocês. A única coisa

PERIGOSAS ACHERON

que espero em troca é obediência. Vocês se comportam, e eu mando meus homens as deixarem em paz. É um trato benéfico e simples, mas estou vendo que vou ter que mudar as regras. Começando por hoje. Eu lhes ensinarei a *temer* o poder superior a vocês e *aimplorarem* por sua liberdade

Nathan conduziu a cadeira de rodas de um lado para o outro, circundando a fogueira e me deixando tonta. Sob a penumbra, não pude investigar sua testa, mas desejei que ao menos tivesse lhe rendido uma bela dor de cabeça.

A fumaça invadiu minhas narinas e tossi, balançando a cabeça para afastar o cheiro.

Nathan estreitou as sobrancelhas, induzindo uma expressão de suspense e mistério.

- Karen. Esse é o nome da garota que dilacerou o pescoço de um dos meus homens, alguém que sempre cumpriu com seus deveres, ao contrário da sua vítima indisciplinada.

- Eu não o matei! Ele sumiu há muito tempo! — uma garota de pele clara se exaltou, tentando se

PERIGOSAS ACHERON

livrar dos braços firmes de Jonathan.

Seus traços eram delicados e desenhados como uma boneca de porcelana, frágil e sutil. Seu rosto estava encharcado por lágrimas insistentes, o cabelo desarrumado e as mechas caindo desajeitadas sobre os olhos suplicantes. Pelo seu estado deplorável e os ossos tornando-se visíveis pela magreza, supus que estivesse naquele tormento há mais tempo que eu.

As palavras de Nathan se embrulharam em meu cérebro, instigando as imagens do dia em que fui sequestrada a retornarem, por mais que eu quisesse apagá-las.

Seria o homem que Nathan citou, o mesmo que presenciei Daniel matando?

- Estão vendo? – perguntou Nathan, apontando para Karen. – Vocês acham que eu tenho todo o trabalho em planejar o sequestro para depois tolerar esse desrespeito? Odeio desperdiçar órgãos, mas não tenho outra opção. Vocês precisam aprender que são submissas, sãominhas escravas. E até cada

PERIGOSAS NACIONAIS

órgão ser arrancado desses corpos fracos e descartáveis, vocês estarão em *minhas* mãos, e vão colaborar. Daniel – chamou Nathan, acenando com o olhar. – Mostre a elas o que acontece quando me desobedecem.

Um calafrio percorreu minha pele ao senti-lo tirar as mãos pousadas em meu quadril e prosseguir em direção à Karen. Prevendo que algo tenebroso aconteceria, ansiei que aquele fosse apenas mais um pesadelo.

Daniel a pegou no colo e, enquanto se dirigia até a fogueira, descobri que ela estava com as mãos e pés amarrados por cordas.

- Jonathan! – ela suplicou.

Estranhei o fato de ela estar pedindo ajuda a alguém que era a tortura em pessoa, e que acima de tudo, odiava gritos. Mas havia algo entre eles por trás daquela fachada, algo que permitia transparecer um fio de *esperança* mergulhado em seu olhar repleto de lágrimas, algo como um sentimento *verdadeiro*.

PERIGOSAS ACHERON

- *Por favor!*— implorou.

Mas Jonathan só começou a assobiar.

E eu fiquei boquiaberta ao me dar conta do caminho que Danny percorria.

Ele *não* podia fazer aquilo!

- Não! — gritei, inutilmente.

Karen esperneava e se debatia em seu colo, berrando tão alto por ajuda quanto suas cordas vocais eram capazes de aguentar. Seu desespero era tanto que contagiou todas as outras garotas. Podia sentir claramente como se estivesse em seu lugar, a impossibilidade de se mover, a firmeza dos dedos machucando, o pavor de estar à beira da morte.

Eu estava completamente solta e deveria aproveitar a oportunidade para fugir, mas eu estava em choque.

Jonathan continuava a assobiar, com as mãos enterradas nos bolsos da calça e assistindo Daniel lançar a garota no fogo, sem remorso algum.

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem que jogou o morto do carro olhou de relance para mim sem desonra alguma, e aquilo me enfureceu.

- Seu infeliz! É desse jeito que você comanda? Matando uma pessoa inocente, enquanto quando quem cometeu o assassinato foi o seu *próprio filho*, está tudo resolvido? Eu queria ver se o raptassem, qual atitude você tomaria! – vociferei, cerrando os dentes e me aproximando de Nathan.

Algo pontudo e afiado se estabeleceu em meu pescoço e estremeci, fraquejando.

- Pode ter certeza – o tom de Nathan suavizou. As chamas reluziam em seus olhos, apagando a usual negritude. Ele se recusou a me encarar, escondendo a melancolia ao assistir a fumaça ser dissipada com o vento. – de que já passei por isso.

- Diga mais uma única palavra, e acabará como ela. – Daniel ameaçou em meu ouvido, apertando a faca contra minha garganta e virando meu rosto na direção da fogueira, obrigando-me a observar a garota desvanecer entre labaredas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma lágrima escorreu lamentando por Karen, por mim e por todas as garotas destinadas ao mesmo fim, se não piores.

Para me acalmar, cantei a música do Lifehouse chamada Simon na cabeça, tentando afastar a imagem de Karen sendo atirada no fogo.

Mas eu não conseguia.

Ela não fez nada. Era inocente. Não merecia ter acabado nas mãos de psicopatas.

Nenhuma de nós merecia.

Ainda assim, lá estávamos nós. Assistindo, sofrendo e rezando.

Recupere seu fôlego

Bata na parede

Grite bem alto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto você começa a rastejar

De volta a sua gaiola

O único lugar

Onde eles

Te deixarão sozinha

- Uma pergunta – começou Nathan, carregando um toque de humor em sua voz.

Abri a boca para questioná-lo sobre o significado do que disse anteriormente, mas desisti, ainda sem conseguir formular frases após o que testemunhei.

- Tendo a experiência de quase se afogar, o que você consideraria mais eficiente e agonizante? Morrer com os pulmões inundados de água, ou se deixar ser dominada pelas chamas até seus ossos virarem cinzas? – perguntou, curioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu devia ignorar, pelo meu próprio bem, mas não me contive.

- Por quê? Você quer usar uma delas consigo mesmo?

Ele não se ofendeu, rindo com desgosto.

Nathan se curvou, retirando uma arma do cós da calça e entregando para Daniel.

Eles se entreolharam e um arrepio imediato percorreu por meu corpo machucado e desgasto.

- Quando eu voltar, eu a quero morta – alertou.

As palavras voaram pelo ar até conseguir processá-las e paralisar.

Meus batimentos cardíacos pulsavam enlouquecidos e meu cérebro me impulsionava a tomar alguma atitude, desde a mais insana até a mais sensata. Mas eu estava travada, sem nem piscar os olhos. Mesmo porque, de que adiantaria me rebelar e avançar neles? Uma morte mais lenta e cruel?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vi o que fizeram com Karen.

Eu só não entendia o que *eu* havia feito de errado.

Porque a morte dela fora um aviso e a minha um evento particular?

Porque resolveram me matar antes de pegar os órgãos?

O que eu ia fazer?

Esse seria o meu fim?

- Eu não posso – Daniel resmungou, estendendo a arma para Nathan a fim de devolvê-la.

Nathan balançou a cabeça negativamente, me lançando um olhar impiedoso e girando a cadeira para fora da sala.

Danny fechou a porta com os pés e se posicionou à minha frente, erguendo a arma na altura da minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Balancei a cabeça da mesma forma que Nathan, implorando silenciosamente para que ele não deixasse esse Daniel insensível e bruto tomar posse.

Ele permaneceu vidrado, preso a um aspecto vazio e distante, como se a indiferença tivesse substituído seus reais sentimentos e tais circunstâncias apenas fizessem parte do seu cotidiano.

Tremendo discretamente e com os músculos rígidos e saltados, Danny prendeu a respiração, intensificando o aperto na arma e mirando.

Cerrei os olhos imediatamente, esperando pelo momento em que finalmente encontraria a paz.

Me perguntei se Karen pensou a mesma coisa em seus instantes finais. Se depois de tantas agressões, seu corpo agradeceu em rendição.

Por vários segundos, nada aconteceu.

Retornei a abrir os olhos, me deparando com um sutil brilho surgindo vagarosamente na

PERIGOSAS ACHERON

imensidão azul do olhar de Danny. A esperança que me restava de alguma parte do Daniel que conheci ser real.

- Vá em frente – ergui o queixo, prendendo intensamente nossos olhares.

Soltei um sorriso desolado, misturando-o com as lágrimas que desabavam enquanto me conformava pelos erros que cometi.

- Acabe logo comigo – pedi.

Dizem que quando estamos prestes a morrer, temos um flashback da nossa vida, dos momentos mais importantes e marcantes.

E eu tive.

Lembrei das piadas ruins e sem noção da extrovertida Ellen.

Lembrei das noites de pijama e conversas até altas horas com Gabi.

Lembrei das letras novas de Henrique piscando

PERIGOSAS NACIONAIS

na tela do meu celular todo dia.

Lembrei das tentativas de colocar Cindy para tomar sol.

Lembrei do carinho e ombro amigo de Nick.

Lembrei das tardes assistindo filmes de terror e depois morrendo de medo com Sara.

Lembrei da persistente cantoria durante o dia inteiro, das irritações propositais e das madrugadas fingindo estar dormindo, mas jogando até o sol nascer com Matt.

Lembrei da rara diversão que eu compartilhava com minha mãe quando tentávamos preparar alguma comida diferente e sujávamos a cozinha inteira.

Lembrei dos dias em que meu pai me recrutou para ajudá-lo a pintar as paredes de casa e como brincamos durante aquelas singelas, porém inesquecíveis horas.

Mas o que passei mais tempo lembrando foram
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os momentos com Daniel.

A trajetória desde sua presença inesperada num ponto de ônibus, debaixo de uma chuva torrencial, me proporcionando paz mesmo sem saber. As brincadeiras, as risadas, a característica ironia, as carícias, seu toque pesado e suave, a troca de olhares, o gosto de seus lábios, o calor de seu abraço, as danças, as músicas em sua voz hipnotizante, seu estilo único de caipira, a fuga da realidade que me causou uma realidade mil vezes pior.

Aquele era oficialmente o meu fim.

Mas antes de morrer, eu precisava contar pra ele.

Contar o motivo por eu ter lutado com garra e criado forças para seguir em frente até o momento.

- Danny... Eu estou grávida.

E o gatilho foi disparado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque os fracos

*Procurarão os mais fracos até que eles
quebrem*

Você conseguiria voltar de novo?

Seria o mesmo?

Satisfazem a falta de força deles

*Às suas custas
Deixou você sem defesa*

Eles a destruíram

E eu senti o mesmo

Como você, eu senti o mesmo

*Momentos cada vez mais frios e você acha tudo
normal*

*E agora eu nem sei, mais uma vez acaba tudo
mal*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

*Quem sabe algum dia vamos entender o que
passou*

Descobrir quem foi que errou



Trancado por dentro

O único lugar

*Onde você se sente protegido
Onde você se sente salvo*

*Você perdeu a si mesmo
Em sua busca para encontrar*

Algo a mais para se esconder atrás

PERIGOSAS NACIONAIS

*Porque o terrível sempre se alimenta da sua
confiança*

*Eles viram a consequência?
Eles te ameaçaram?*

*Os arrogantes constroem reinos feitos dos
diferentes*

Quebrando-os até que eles se tornem

Apenas outra coroa

Um estrondo alto baqueou perigosamente
próximo ao meu ouvido.

Minha cabeça latejava, como se estivesse
recebendo diversas marteladas.

Mas essa sensação eu já estava experimentando
antes, então entreabri os olhos, encontrando Danny
na mesma posição, boquiaberto.

- O... O que? – ele me fitou com os olhos

PERIGOSAS ACHERON

mareados.

Encarei o buraco ocasionado pelo tiro na parede, sentindo meu coração prestes a pular pela boca de tão disparado.

- É verdade? – indagou, implorando para que fosse uma desculpa para distraí-lo.

- Sim – confessei.

Senti a garganta arder e a voz falhar.

Levantei os olhos inchados e pesados, caindo-os sobre Danny. Estava curiosa com sua reação. Ele teria que me matar mais cedo ou mais tarde. Se ele não o fizesse, Nathan trataria de me matar da mesma forma.

- Porque você não me contou antes?

Ele jogou a arma no chão, dando um passo a frente.

Me encolhi na parede, temendo ser somente mais uma armadilha sua. Minha mente gritava,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

avisando o perigo.

Era uma armadilha.

Mais uma pegadinha de Daniel Palacci.

Só podia ser.

- Adiantaria, por acaso? – ironizei.

Eu tinha escapado da morte, e ainda não havia me conformado com o quão rápido tudo acontecera. Ainda estava fresco na minha memória a arma apontada na minha direção, o estalo do gatilho e o choque tão rente a mim. Tão fresco que a cena se repetia, e a adrenalina percorrendo minhas veias me deixava num estado alarmado, à espera do tiro.

- Você vai me matar de qualquer jeito. Fará o mesmo que sua mãe tentou fazer com você. – acusei.

- Eu nunca cometeria o mesmo erro – sussurrou ele, pousando as mãos em meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Então era esse o motivo que o fez desistir.

O desejo de ter um filho para educá-lo da forma que ele nunca foi tratado.

E eu sabia que deveria ficar aliviada, pois aquilo representava a minha salvação, mas me abati ao pensar que ele poderia usar a gravidez para me manter presa por meses até o bebê nascer e ser levado pra longe de mim. Ou então, pensar que se não estivesse grávida, minha vida já teria chegado ao fim.

- Eu te odeio! – exclamei, cerrando o punho e batendo no peitoral de Daniel.

Embora estivesse descontando toda a raiva acumulada, eu estava sem forças para causar algum dano ao menos incômodo nele. Após algumas investidas sem sucesso, ele circulou meus punhos com uma única mão, segurando-os sem firmeza. Com a outra mão, ele tocou meu queixo, me fazendo levantar a cabeça e navegar pelo oceano do seu olhar.

- Eu não ia te matar, Becky. Foi uma encenação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para te assustar. Nathan já ligou para sua mãe pedindo o resgate. Porque você acha que quis fazer de você a *minha* vítima? Eu não ia, nem vou te matar. Nós vamos fugir. – assegurou, secando com o polegar as lágrimas que caíam e se espalhavam sem que eu percebesse.

- Como posso confiar em você depois de tudo?
– murmurei, ansiando por uma resposta que me proporcionasse a coragem que faltava para arriscar em mais uma loucura.

Danny suspirou, me encarando tão profundamente que me convenceria facilmente de fazer qualquer coisa.

- Você não deve confiar. Mas que escolha melhor você tem? – seus ombros desabaram, perdendo a convicção.

Abaixei a cabeça, sabendo que ele tinha razão.

Danny deslizou a mão do meu rosto até minha cintura e fechei os olhos ao sentir seu toque suave como antigamente, diferente do agressivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vem, eu vou te levar para casa e vai ficar tudo bem.

- Eu... Preciso salvar o meu pai – afirmei, me reerguendo.

Danny mordeu o lábio inferior, soltando meus punhos e coçando a nuca.

- Isso está fora de cogitação, Rebecca.

- Por quê? Eu não vou sair daqui sem ele!

Meu pai não tinha absolutamente nada a ver com o meu sequestro, e eu não admitiria sair dali sem ele, de maneira alguma.

Daniel soltou o ar, prensando os dedos ao meu redor como se estivesse prestes a arremessar uma bomba e eu precisasse de suporte para não explodir. Uma comparação que se adaptou bem ao meu desmaio após sua revelação tão cruel quanto todo o transtorno pelo qual passei confinada naquele lugar.

- Porque ele está morto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Recuse-se a sentir

Qualquer coisa
Recuse-se a escorregar

Recuse-se a cair

Não pode ser fraco

Não pode ficar parado

Se proteja

Porque ninguém a protegerá

Despertei atordoada, sem conseguir conectar os acontecimentos.

A visão estava nebulosa, como se a droga ainda estivesse correndo em meu sangue e surtindo efeito ao me entregar à sonolência. Apesar da confusão que as imagens criavam, pude distinguir dois detalhes importantes.

PERIGOSAS ACHERON

As paredes manchadas de amarelo ainda me rondavam, e a voz de Jonathan penetrava estridente em meus ouvidos.

- Olha só quem está por aqui! Sabia que acabei de deixar o pai da mocinha dentro de um carro que em instantes estará vagando desgovernado pela estrada? – disse.

Me agitei nos braços de Danny, querendo avançar naquele homem ignorante e insuportável.

Daniel bufou, me firmando em seu aperto.

- Jonathan, saia da minha frente.

- Você não manda nesse lugar pra dizer o que devo fazer, Daniel.

- Não, mas creio que não perderá o seu tempo empacando o meu caminho. – sua voz era grossa e áspera, impaciente com o impasse de Jonathan.

- Espera... É impressão minha ou você pretende fugir com a filha da estilista? – riu debochado, desabando os ombros e cruzando os braços,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

satisfeito por achar uma oportunidade de tirar sarro de Danny. – Tem certeza que você é filho de Nathan Fonseca? Porque eu aposto mais na versão de que você foi trocado na maternidade e *por isso* sua mãe tentou te afogar, já que não era o real monstro que ela gerou.

Jonathan atçou seu ponto mais fraco, convocando o *monstro* em Danny a aparecer.

Danny me soltou lentamente até que eu caísse sentada no chão e a última coisa que ouvi antes de desmaiar novamente foi o estalo de algo quebrando e um grunhido raivoso.

Você não sabe por que eles foram tão longe

Trocaram seu valor por essas cicatrizes
Para ser sua única companhia

Não acredite nas mentiras que eles te contaram

Nenhuma palavra foi verdade

PERIGOSAS ACHERON

Você está certo

Você está bem

- Danny... – balbuciei.

Piscando para me adaptar à escuridão, temi estar de volta à sala, embora essa fosse uma escuridão menos densa, até que reconheci o porta-luvas desbotado.

Eu estava sentada no banco passageiro do carro de Daniel, com a cabeça apoiada na janela, balançando conforme a velocidade.

Contemplando a paisagem, não consegui adivinhar onde estávamos. À nossa frente, o caminho era um mistério, já que os faróis do carro de Danny estavam apagados propositalmente para não sermos localizados.

- Estou aqui – disse ele, sua voz tão rouca quanto o de costume.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua mão pousou ternamente sobre a minha, assegurando não ter me abandonado. Abaixando os olhos em direção às nossas mãos juntas, toda a violência que ele aplicou sobre mim voltou a pulsar nos determinados lugares feridos.

Retirei a mão debaixo da sua, me lembrando de quem ele realmente era.

Subi o olhar pelo braço, onde Danny havia me aquecido com seu casaco xadrez. Pelo meu tamanho ser desproporcional ao de Danny, o casaco vinha até a altura dos joelhos, cobrindo todo o vestido amarrotado. Apertei-o contra o corpo, inalando o perfume de Danny que exalava do casaco.

- O que fez com Jonathan? – questionei, virando a cabeça para encará-lo.

Daniel prestava atenção na estrada, intercalando em olhar pelo retrovisor, alerta caso alguém estivesse nos seguindo. Apesar da escuridão, pude detectar um ligeiro inchaço debaixo das pálpebras e o suor encharcando sua testa.

PERIGOSAS ACHERON

- Nada, só o atrasei... E espero que por tempo suficiente. – murmurou a última parte mais para si mesmo.

Inclinei a cabeça para trás, procurando por uma estrela no céu que representasse meu pai, mas o céu estava vazio.

- Sonhei com o meu pai – comentei, fechando os olhos.

Sua captura tinha sido totalmente por minha culpa e eu não conseguia acreditar no que Daniel havia dito.

- É mesmo? – perguntou sem demonstrar grande interesse. – E o que ele te disse?

- Para eu não me preocupar, que tudo ficará bem. – menti. Era o mesmo sonho torturante de sempre. Eu só precisava de um apoio onde me segurar para não desabar, ainda mais agora estando tão próxima da liberdade como nunca estive durante semanas.

- Ele está certo. Assim como vai dar tudo certo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o bebê. – disse ele, lançando um olhar de soslaio para a minha barriga até receber minha expressão fria e desviar o olhar. – Quando você descobriu?

- Dias antes do baile de formatura.

- Então quando te sequestrei e você acordou no meio do caminho, você ia me contar que estava grávida? – assenti, descansando as mãos na barriga e traçando formatos com os dedos.

Danny suspirou, abandonando a rigidez dos ombros em sinal de rendimento.

- Becky, me descul...

- Estou com vontade de vomitar – o interrompi, sentindo o estômago revirando apressadamente.

Daniel permaneceu em silêncio, fixando o olhar no retrovisor e firmando os dedos em volta do volante.

- Vai ter que esperar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Visto o pânico em seus olhos, concordei e respirei fundo para controlar a náusea.

- Merda – praguejou.

Danny acelerou o carro e agarrei o banco. Imitando-o e olhando pelo retrovisor, avistei dois carros vindo atrás de nós. Dentro, estavam comparsas de Nathan que eu vira horas atrás na fogueira quando Karen foi morta.

Danny enfiou o pé no acelerador, mas não haviam atalhos para despistá-los.

Um dos homens se curvou pela janela, erguendo uma arma e apontando em nossa direção.

- Se abaixa! – ordenou e obedeci, protegendo a cabeça com as mãos.

O tiro foi disparado e Danny desviou a tempo. A bala atingiu o retrovisor de raspão.

De repente, Danny freou bruscamente e fui arremessada para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel ficou paralisado com as mãos no volante e os olhos esbugalhados.

Segui seu olhar aflito e encontrei vários carros da polícia interditando a passagem. Atrás, os comparsas nos encurralavam com certa distância para não serem pegos e ao mesmo tempo não deixarem Danny escapar.

Ele estava completamente sem saída.

- Saia do carro com as mãos atrás da cabeça! – gritou um policial com a arma apontada para o carro.

Num movimento rápido, inesperado e provavelmente incalculável, Daniel apanhou um canivete do bolso da calça e me empurrou para fora do carro junto dele.

Danny estabeleceu o canivete rente ao meu pescoço, forçando-me a acompanhá-lo alguns passos à frente. Eu não suportava mais a sensação que coisas afiadas me proporcionavam, sempre prontas para me decapitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Um passo e ela morre! – ele avisou em alto tom.

Estando mais próxima, reconheci o pai de Gabi, preparado para agir caso Danny se alterasse ou colocasse em prática a promessa.

- Eu não vou te machucar, fica calma. –afirmou, sussurrando em meu ouvido.

Engoli a seco, me perguntando como eu ousaria em insistir a acreditar em alguém lunático como ele.

Ele deu passos para trás até a grama que dava acesso para a floresta.

Os comparsas de Nathan pareceram entender o intuito de Danny, dando partida na direção contrária. Alguns policiais se apressaram, ligando o carro e indo atrás deles.

- Solte a garota e se renda, Daniel Fonseca! – exigiu o policial novamente, mas Danny ignorou, encostando os lábios em minha orelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Até mais, Becky – disse ele, oscilante, antes de me largar e sair correndo floresta à dentro.

- Atrás dele! – demandou o policial para os demais, seguindo na mesma direção.

Me contive a pedir para pararem, alegando que ele não faria mal a ninguém, mas então o rosto frágil de Karen veio à minha mente. Se ele *realmente* não fizesse mal, então porque ela estava morta?

Gabi apareceu entre os carros, se apressando até mim.

- Becky! – chamou.

Olhei para ela, assustada.

Meus olhos estavam molhados, e poderia ser pela emoção de estar a salvo, mas a verdade era outra.

- Não destrua mais a sua vida, Becky – disse ela, chacoalhando a cabeça ao notar a minha indecisão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela me abraçou, me protegendo de qualquer mal.

Foi quando voltei à realidade.

Mas não a qual estive presa e sendo judiada, e sim a que eu tinha a proteção e confiança das pessoas que eu amava.

Eu estava *livre*.

Livre de Daniel, livre de Jonathan, livre de Nathan, livre dos pesadelos, livre da mesa, livre do cativeiro e, principalmente, livre das agressões e das drogas injetadas.

Mas porque eu ainda me sentia presa?

Talvez presa à culpa pela morte do meu pai e pela possível morte de Daniel. Ele não se renderia fácil, e se não fosse por mim, ele não teria cogitado fugir com uma de suas prisioneiras. Não que ele tivesse se *importado* com o meu bem-estar ou com a minha segurança, mas ele me ajudou quando todos naquele lugar desejavam a minha morte.

PERIGOSAS ACHERON

Gabi me direcionou até a ambulância que havia acabado de chegar e colocaram mais um casaco por cima dos meus ombros para me esquentar. Minha prima se limitou a me abraçar e se certificar de que eu estava bem aquecida. Ela me conhecia o bastante para saber que eu não estava pronta para desabafar, então aproveitei para deixar as lágrimas rolarem, com a cabeça apoiada num ombro amigo e confortável.

Quase uma hora depois, não havia sinal dos policiais e muito menos de Danny.

O celular de um dos policiais próximos a mim começou a tocar e ele atendeu.

- Alô? Como assim? Não conseguiram pegá-lo? Droga! – xingou.

Ele guardou o aparelho e fez sinal para os outros, o que significava que era hora de prosseguir a busca em outros locais antes que ele escapasse de vez.

Raciocinei comigo mesma, pensando em onde ele poderia ter se metido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Analizando a área ao nosso redor, identifiquei um grande espaço coberto por grama e, mais afastado, as árvores iluminadas pela luz da lua.

Flashes cercaram minha mente, disponibilizando partes soltas de uma única noite.

DJ, música, danças, bar, festa, floresta, Nick, assassinato, Daniel...

Meu Deus!

Corri em disparada, entrando na floresta.

Estávamos próximos de onde a festa foi realizada, a mesma em que a garota pela qual Nick foi acusado de assassiná-la morreu.

Ouvi policiais gritarem para que eu voltasse, mas ignorei todas as vozes.

Eu precisava encontrá-lo antes que ele cometesse uma loucura.

Corri pelo mato por alguns minutos, forçando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos a enxergar algo concreto. Eu não recordava qual era o caminho exato até o trilho, sendo guiada por nada além do instinto.

Minha vista tornou a ficar embaçada e cocei ferozmente os olhos, invocada pela incapacidade de se manterem estáveis.

Quando retornei a abri-los, lá estava o trilho e Danny estático no meio dele.

- Não! Daniel, saia daí! – gritei o mais alto que pude, forçando os pés a correrem mais rápido.

O assobio do trem se tornava mais intenso conforme se aproximava, e eu me desesperava, sabendo que não ia conseguir chegar a tempo.

Danny prendeu os dedos entre os cachos, puxando-os furiosamente.

E eu podia jurar que ele estava chorando.

Era possível ver e ouvir nitidamente o trem chegando perto, prestes a dilacerá-lo em pedaços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Danny! – berrei.

Ele ergueu a cabeça, se virando para descobrir de onde vinha o chamado.

No instante em que seus olhos encontraram os meus, eu vi claramente o mar em seus olhos, balançando no ritmo das ondas agitadas e brilhando sob a luz da lua.

E nesse mesmo instante, o trem se posicionou a poucos metros do homem que um dia foi o mundo para mim.

Sem pensar nas consequências, eu dei impulso, pulando e empurrando Daniel comigo, exatamente no momento em que o trem atravessou o trilho.

*Eu não sei o que eu tô fazendo, mas eu tenho
que fazer*

*Aquela noite que eu te conheci eu acho que
nunca vou esquecer*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

São águas passadas, escolha uma estrada

E não olhe, não olhe pra trás



De volta à escuridão consistente, eu me sentia caindo em um poço infinito, girando e desabando gradativamente sem rumo. Ao fundo, uma voz baixa e familiar cantava uma música relaxante, aparando a caída sempre que surgia. Quando a canção acabava, era substituída por ruídos repetitivos e por insistentes murmúrios.

Não sei quanto tempo permaneci presa ao negrume até criar forças para abrir as pálpebras. Era como aprender a andar, difícil no início e uma tarefa aparentemente impossível. Minha visão

estava embaçada e rodava, sem conseguir focar num ponto específico, então demorei algum tempo para me situar.

A primeira coisa com a qual me deparei foi o teto numa extensão semelhante ao da sala em que estive presa, e aquilo me apavorou.

Eu *não* podia ter lutado tanto para acabar no mesmo inferno!

Um som inusitado me alarmou e virei cuidadosamente a cabeça para o lado, encontrando uma máquina que acompanhava os meus batimentos cardíacos. Lágrimas de alívio invadiram meus olhos e meu coração passou a bater mais calmo, consolado com a realidade de que, agora, finalmente eu estava salva.

- Mãe... – gaguejei, avistando-a sentada numa poltrona próxima à maca na qual eu estava deitada.

Minha mãe estava conferindo uma revista de moda, algo que sempre servia de distração quando estava sob tensão. Ela afastou imediatamente a revista ao meu chamado, levantando da poltrona e

PERIGOSAS ACHERON

depositando um beijo estalado na minha testa.

- Me perdoa... – comecei.

- Eu que devo implorar por perdão, querida – afirmou, alisando meus fios de cabelo.

Seus olhos guardavam um brilho depressivo, se segurando para não desabar em lágrimas. A sensação de tê-la acariciando meu cabelo era tão boa que eu desejava que ela não parasse nunca mais.

- Sempre me preocupei tanto em botar ordens em você e seu irmão, achando que assim teria controle sobre vocês, sem perceber que o resultado estava sendo exatamente o contrário. – disse, chateada. – Eu deveria ter ficado ao seu lado para te defender, para defender a *nossa* família, porque você não foi a única a correr risco, filha. *Nós*, sua família e seus amigos corremos o risco de te perder. Perder esse sorriso brilhante, esse olhar radiante, esse jeito meigo e essa pessoa maravilhosa que temos a sorte de ter ao nosso lado. E a culpa foi minha, por não ter te orientado e protegido do mal

que te cercava – lamentou.

- A culpa não foi sua, mãe! – rebati. – Você fez o que estava ao seu alcance, e meu pai não cooperava. Como você perceberia algo errado quando tinha que medir suas palavras e fugir do meu pai quando ele chegava bêbado e descontrolado?

- Mas Becky, ele não tinha a intenção de...

- Eu sei que nunca foi proposital! – exclamei, nervosa por minha mãe ainda se recusar a admitir o quanto sofreu nas mãos do meu pai.

Sua mandíbula tremia e ela fungava, se controlando para não deixar mais lágrimas escaparem dos seus olhos vermelhos e cansados.

- Mas o cargo de proteger a nossa casa, a própria esposa e seus filhos era dele! E ele fez o completo oposto. Além de não proteger, ele te machucava. *Nos* machucava, fisicamente e psicologicamente. Eu não tinha coragem, muito menos vontade de contar minhas suspeitas quando tudo o que eu dizia parecia ser uma piada para meu

PERIGOSAS ACHERON

pai. Então eu simplesmente desisti e resolvi lidar com a situação sozinha.

Minha mãe suspirou, deixando o semblante culposos a dominar.

- Era muita responsabilidade para o seu pai suportar, sabe... E o acidente foi a gota d'água para ele. Tudo por causa do erro que *eu* cometi.

- Que erro? – perguntei, esperançosa.

Aquela era a chance da minha mãe revelar todos os segredos que guardava de mim e de meu irmão. Provavelmente era sobre o suposto filho, mas eu queria que *ela* mesma admitisse. Se quiséssemos um futuro melhor, teríamos que ser sinceras e honestas uma com a outra.

Minha mãe engoliu a seco e entreabriu a boca, pronta para desembuchar.

Finalmente chegara a hora de dizer a verdade.

- Quando irá parar de me visitar, senhorita Morelli?

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta se escancarou abruptamente e o médico entrou no quarto, sorrindo como se eu não tivesse acabado de escapar da morte.

- Não reclamaria se viesse à minha casa, porque do Matt e suas visitas constantes eu já cansei, mas no hospital está na hora de dar um descanso! – disse o pai de Ellen com um ar de desaprovação, estreitando as sobrancelhas em sinal de bronca. – Dessa vez o caso foi bem sério – comentou, lendo alguns papéis em sua mão que deviam relatar o ocorrido.

- Onde Daniel está? – perguntei.

Aquela pergunta estava martelando em minha mente desde que acordei. Não devia me preocupar com seu paradeiro, mas não pude evitar.

- Sabia que ele salvou a sua vida, Becky? – perguntou o médico, levantando o olhar dos papéis. *Ironicamente* salvou, pensei comigo mesma. – Com o baque, seu coração parou de bater. Se ele não tivesse realizado os procedimentos de reanimação cardiopulmonar, você não aguentaria chegar até a

PERIGOSAS ACHERON

ambulância.

- Ainda bem que esse ordinário se rendeu – disse minha mãe, raivosa. – Mas teremos que esperar o dia do julgamento para sabermos qual será o seu destino.

Eu esperaria qualquer coisa de Danny, desde ameaçar os policiais até prosseguir em sua fuga, menos se render, visto que preferia morrer a perder a batalha de forma humilhante à sua gangue.

Sua desistência significava que eu estive certa por todo aquele tempo.

Danny não era como os outros.

Parte de mim *desejava* que fosse, assim seria menos doloroso esquecê-lo.

- Como está o bebê? – perguntei ao médico, me ajeitando na maca.

Minha mãe, que pelo jeito ainda não havia sido informada da novidade, arregalou os olhos, tremendamente surpresa e incrédula.

- Você quis dizer *os bebês*.

Paralisei, estupefata.

Os casos de gêmeos na família eram muitos, e eu sempre soube que a probabilidade de engravidar de gêmeos seria grande. Sem palavras para definir como me sentia, sorri como não sorria há muito tempo.

Até o baile da formatura, eu estava me esforçando para ignorar a notícia por pelo menos alguns dias, acreditando que no decorrer da semana, eu aprenderia a lidar melhor com a surpresa e descobriria uma forma de contar aos meus pais. Mas cada vez que o enjoo retornava, eu imaginava os gritos e as discussões que a gravidez causaria, além do futuro incerto e conturbado. Aquela criança não teria um pai, e eu era jovem demais para criá-lo sozinha.

Todos os dias eu chorava, me perguntando por que tinha permitido um erro tão grave acontecer. No entanto, tive tempo de sobra no cativeiro para refletir sobre a vida que estava sendo gerada em

meu ventre. Ele, ou ela, não tinha pedido para vir ao mundo, e muito menos tinha culpa pela minha falta de prevenção. Eu não tinha o *direito* de concertar meu erro eliminando uma vida pura e inocente. Eu não podia seguir o exemplo de Nathan e descontar em alguém que não havia planejado aparecer em meu caminho.

- Eram gêmeos.

- Co... Como assim *eram*?

Ele abaixou a cabeça, depositando as folhas em cima de uma mesa.

Prevendo a bomba, as lágrimas imediatamente se aglomeraram em meus olhos e as limitei a permanecerem onde estavam.

- Você perdeu um bebê. Te injetaram muitas drogas, e como você está no início da gravidez, é mais difícil mantê-los. Associando esse fator com a falta de alimentação e o turbilhão de emoções, se você já estava fraca e exausta, imagine eles. Acredito que o baque tenha sido a reta final para um deles, pois o pai da Gabi contou que quando te

PERIGOSAS ACHERON

encontraram, você estava repleta de sangue. Daniel gritava, dizendo que queria te ajudar, e pedindo para que não se preocupasse, porque você e seu filho ficariam bem.

- Espera... Esse filho é daquele traste? – minha mãe estreitou os olhos, apontando para a minha barriga.

Assenti silenciosamente, viajando em pensamentos. Para ter sobrevivido após tanto sofrimento, uma vida tão frágil e recém formada, eu já o considerava um *herói*.

- Aquele bastardo além de te sequestrar ainda abusou de você? Rebecca, nós temos que avisar imediatamente a polícia! Você não pode ter um filho com o sangue de um criminoso! Temos que denunciá-lo. – minha mãe se exaltou, franzindo a testa, o que sempre fazia quando estava estourando de raiva. Ela aumentou o tom de voz, sem se importar com a presença do pai de Ellen na sala.

- Ele não abusou de mim, mãe! – disse, elevando minha voz à sua. Ela se aquietou,

enrijecendo a expressão e vidrando os olhos em mim. – E eu *não* vou abortar.

Ela sustentou duramente o meu olhar, decepcionada.

Lá no fundo, eu sabia que, infelizmente, ela tinha razão. Ao invés de me libertar de Daniel, eu carregaria um fardo pro resto da vida que me lembraria todo dia do terror que passei nas mãos dele e de seu pai. Eu tinha a possibilidade e *autorização* de acabar com todo esse transtorno o mais rápido possível, mas então teria que carregar um fardo maior ainda. O de ter destruído uma vida.

- Eu... Preciso de ar. – disse ela, botando a alça da bolsa no ombro e saindo da sala.

- Tem certeza que não quer abortar, Becky? – perguntou o médico, anotando alguma coisa no papel.

Puxei a coberta para cima, me cobrindo até o pescoço e tremendo de frio e nervoso.

- Você acha justo acabar com uma vida

PERIGOSAS ACHERON

inocente, doutor? – soltei um sorriso frouxo de soslaio, me sentindo como uma criança desamparada. – Ele não tem nada a ver com os erros que eu e Daniel cometemos.

- Bom, estou te perguntando isso por motivos diferentes. – explicou, sentando-se na poltrona que minha mãe estivera sentada antes. Ele apertou a minha mão, os lábios definidos numa linha reta e séria. – Independente da sua decisão, como seu médico, eu tenho a responsabilidade de te situar do estado em que seu bebê se encontra. Você terá que permanecer por um tempo em repouso e se alimentar *muito*, tanto em qualidade como em quantidade para fortalecê-lo. Não se entupir de comida, mas na medida certa que recomendarei para que ele se recupere e consiga alcançar o final da gravidez. Mas o que está me preocupando são as sequelas que virão com ele.

- Que tipos de sequelas, doutor?

- Deficiências físicas ou síndromes genéticas proveniente das drogas injetadas. Você está no começo da gravidez, portanto não tenho como

visualizar com clareza se já há algum sinal, mas teremos que acompanhar seu desenvolvimento e, dependendo da sequela, podemos tratar até mesmo durante a gravidez. – disse, com o cuidado de um pai. Tendo-o como médico por anos, eu sabia que cada palavra sua era sincera e confiável, o que me trazia mais bravura em ter o meu filho. – Para você ver, a Ellen parece uma boneca, mas apronta mais do que eu imaginava que poderia. Filhos não são brinquedos que quando cansamos, jogamos de lado até crescer e substituí-los por videogame ou computador onde você comanda como deseja que sejam, como no The Sims.

Arqueei a sobrancelha, gargalhando. Era incrível como ele conseguia encontrar formas de me fazer rir em situações tão complicadas.

- Pois é, eu fui sincero quando disse que não suporto mais o Matheus na minha casa. A cada dia ele me convence a jogar um jogo novo, e eu tenho que *trabalhar*, não me inconformar quando perco para o meu genro ou boto fogo na casa do meu personagem. Mas enfim, você acha que tem força para enfrentar os sacrifícios que a vida te trará com

esse filho?

- Doutor, não dizem que devemos aprender com nossos próprios erros? Eu tenho certeza que esse filho também pode me proporcionar tamanha felicidade e companhia que um jogo *nunca* seria capaz.

Batidas na porta me despertaram de mais um pesadelo. Apesar de estar livre, os sonhos perturbadores me seguiam e não pareciam dispostos a me largar tão depressa.

Meus amigos entraram e um sorriso imediato brotou dos meus lábios, além de uma saudade como se não os visse há anos.

- Como você está? – perguntou Ellen, se jogando na maca como se fosse minha cama de sempre. Ela me abraçou tão apertado e fraternalmente que não tive vontade mais de soltá-la.

- Sobrevivendo – brinquei, soltando uma risada

PERIGOSAS ACHERON

fraca.

- Que grande evolução você obteve – uma voz mais distante se pronunciou e avistei Nick parado na porta, com as mãos enterradas nos bolsos da calça.

- Venha dar um abraço nela, Nicholas – disse Gabi, autoritária.

- E parabenizá-la por finalmente ter realizado seu *tão* desejado sonho? – deu ênfase, se balançando junto de seu sarcasmo.

- Que sonho, Nick? – Cindy suspirou, percebendo que aquela não era a melhor hora para lições de moral.

- De ser sequestrada, oras. Não foi isso que ela esperou por todo esse tempo?

Eu só queria que ele sorrisse e me dissesse que tudo ia ficar bem ou que sempre estaria ao meu lado. Ou que só me abraçasse. Isso seria suficiente para apagar qualquer dor e remorso. Achava que nossas desavenças tivessem sido superadas com o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assalto de Matt, mas pelo visto, retrocedemos mais ainda.

- O que foi que eu fiz pra você?! – perguntei, batendo os dentes uns contra os outros enquanto minha mandíbula tremia de nervoso e se misturava com as lágrimas que desabavam pesadas pelo meu rosto exausto.

- Não, Rebecca. Você não fez nada pra mim, mas pra si mesma! – esbravejou, apontando para mim e balançando furiosamente o dedo em minha direção. – Você se demonstrou irresponsável e despreocupada com sua própria segurança! Mesmo depois de *tudo* o que Cindy e eu te contamos, você *insistiu*em ficar do lado daquele cara!

- Eu engravidei antes mesmo de saber que você tinha sido preso! E depois disso, eu me afastei dele!

- Não, Rebecca! Você não se afastou! – ele cerrou os dentes, elevando o tom de voz sem se importar com o fato de estar num hospital. – *Ele* que sumiu, se não você ainda estaria correndo atrás dele e ansiando por respostas que *nunca* foram da

PERIGOSAS ACHERON

sua conta!

- Mas o sequestro envolve assuntos muito mais sérios e além do meu rendimento a ele! Assuntos que pelo visto você não entenderia, já que insiste em jogar a culpa toda em mim.

- Lógico, Rebecca – Nicholas revirou os olhos, oferecendo um sorriso incrédulo. – Porque eu costumava ser o seu melhor amigo, porque fui *preso* por um crime que não cometi, e ainda assim não sou capaz de entender as intenções óbvias estampadas na testa de Daniel. Acho que está na hora de você rever os seus conceitos de compreensão, pois acredito que o desinformado aqui não sou eu.

Nicholas deu meia volta e bateu a porta com força quando saiu.

E eu continuei a chorar oceanos, escondendo o rosto com a mão, soluçando e tremendo de ódio e tristeza.

- Mais um pra eu colocar na lista pra providenciar uma cova? – reclamou Henry, me

PERIGOSAS ACHERON

observando ser amparada por Cindy e Ellen.

Intercalei o choro com uma risada abatida, tentando controlar as lágrimas a pararem. Eu era uma dinamite sentimental, pronta pra se desfazer em lágrimas sempre que elevassem a voz. Eu não era assim, nunca fui. Os episódios com meu pai me obrigaram a virar uma pessoa forte, mas Danny destruiu toda a minha muralha. Me esforcei tanto para não desabar no cativeiro, para continuar lutando pela vida, que agora eu estava mais sensível do que nunca. Qualquer coisa era motivo para me fazer chorar. E eu *odiava* isso.

- Qual é, prima. Larga essa vermelhidão dos olhos, já basta esse seu cabelo de fogo. Você sabe que o Nicholas está de TPM – insistiu Henrique.

- Assim como você também sabe que o Henry só diz isso por ter conhecimento na área. – disse Gabi, piscando para o irmão que em resposta lhe deu um beliscão.

- Palhaça, é Tensão Pós Morelli.

- Credo, vocês precisam parar com essas siglas.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele não pode me culpar! – exclamei, sem nem reparar nos meus primos se provocando. – Não quando ele mesmo se envolveu tanto com os assuntos de Daniel.

- Talvez seja exatamente por isso. Aquele papo de faça o que eu digo, não o que eu faço. Ele tentou te prevenir, e você não seguiu os conselhos dele.

- Além de que ele pegou pesado. Podia esperar a coitada receber alta. Achava que ele estava mais relaxado por ter sido liberado da acusação – opinou Ellen, dando de ombros e me soltando para sentar na beira da maca.

- Então ele conseguiu? – perguntei. Por mais que estivesse com raiva dele, a preocupação vinha acima de qualquer outro sentimento.

- Sim. A fisionomia que descrevi era compatível com a de Daniel, e agora com ele retido, coletaram suas digitais e elas combinaram com as da cena do crime – explicou Cindy, inclinando o corpo para conseguir enxergar todo mundo, já que estava esmagada ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acho melhor você ir procurar o Nick antes que ele destrua a máquina de comida, Gabi. Tinha uma no caminho e ele ficou de olho nela. – disse Henry, convicto de estar dando a instrução certa.

Quando todos os olhares pairaram sobre ele, Henrique mirou cada uma de nós, tentando encontrar sua falha.

- Qual foi? Você é louca por chocolate – disse, apontando para mim. – Os sintomas da TPM são iguais.

Gargalhei. Meu primo era louco.

- Eu já passei tempo suficiente com ele para deixar claro tudo o que penso a respeito da situação. Quem precisa da nossa atenção agora não é ele. – disse Gabi, cruzando os braços e mantendo um semblante sério.

- Porque ele tem o chocolate pra consolá-lo. Certo. – resmungou Henry com um toque de graça.

PERIGOSAS ACHERON

Cindy pulou da maca, correndo ao redor da mesma até alcançar o ombro do namorado.

- Está na hora de parar de pedir pra morrer, amor. – disse ela, dando uma leve mordida em sua bochecha.

- Por quê? Ela também está na TPM ou está com ciúmes pelo Nick trocar ela por chocolate? – perguntou ele, contornando a cintura de Cíntia com um braço e arqueando a sobrancelha.

- Eu não achava que seria possível ultrapassar seu nível de lerdeza, Henry, mas obrigada por me surpreender. – falei, soltando risadas cortadas e secando as lágrimas com a palma das mãos.

- Sempre a sua disposição.

- De verdade, Becky, como você está se sentindo? – perguntou Ellen, a fim de quebrar a tensão nos músculos de Gabi e a brincadeira de Henry.

- Como se ainda estivesse presa naquela sala e a qualquer momento alguém fosse entrar pela porta,
PERIGOSAS ACHERON

disparando tiros ou trazendo mais pesadelos a me oferecer. – falei, idealizando detalhadamente cada espaço naquele quarto sendo substituído por uma única mesa, e a claridade desvanecendo, tornando-se um completo breu. – E como se uma parte do meu coração tivesse ficado lá.

- O que você quer dizer com isso? – ela franziu a testa e pousou a mão sobre a minha, preocupada.

- A morte do meu pai.

- De onde você tirou essa bobeira? – Gabi arregalou os olhos.

- Espera – pediu Henry, levantando um dedo. – Eu que sou lerdo e estou demorando pra processar a mensagem, ou você que perdeu alguns parafusos?

- Becky, ele está vivo! – informou Gabi, ignorando o comentário do irmão.

Eu me apoiei na maca, me posicionando sentada e sentindo a alegria preencher meu coração.

- No dia em que você foi resgatada, receberam

PERIGOSAS ACHERON

um telefonema anônimo dizendo a localização do cativo e denunciando um assassino fugindo com sua vítima, por isso conseguiram interditar a estrada a tempo, por inclusive ser o único caminho para a cidade. Haviam comparsas de Daniel atrás do carro em que você estava, e quando eles tentaram escapar, alguns policiais foram atrás e encontraram o cativo, mas já estava vazio. O único que se salvou foi seu pai, que estava dentro de outro carro, desacordado, com as janelas fechadas e sem a chave na ignição.

- Então ele também foi resgatado e está bem? – perguntei, esperançosa.

Gabi assentiu, balançando a cabeça repetidas vezes.

Meu sorriso se alargou tanto que minhas bochechas chegaram a doer, mas não me importei.

Meu pai estava bem.

E *vivo*.

- E Matt?

- Ah, Becky... – Elena suspirou.

Ela direcionou o olhar ao chão, contemplando o piso e provavelmente pensando em uma forma de me atualizar.

- Matt esteve estranho nos primeiros dias. Ele não falava muito, e quando falava, era para perguntar se você tinha conseguido fugir das mãos dos bandidos. E o que eu poderia dizer? – ela ergueu os ombros, abrindo os braços como se não tivesse grandes escolhas. – Que você tinha sido sequestrada, quando o que ele mais precisava, era relaxar e ter certeza de que todos estavam em segurança ao invés de se preocupar? Mas eu não podia esconder a verdade. Ele está bem, logo vai finalmente receber alta, mas você realmente precisa conversar com ele.

Assenti, respirando fundo.

Daniel tinha mentido.

Sobre meu pai, sobre meu irmão ter piorado.

Cada palavra sua em relação a *tudo*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente foi uma mentira, mas eu não queria pensar naquilo.

Minha família estava segura, e era o que mais importava.

- Vocês não vão me abandonar... Vão? – perguntei numa voz manhosa.

- Porque não perguntou isso antes? Mal via a hora de me livrar de você! – Henry pulou, abriu a porta e gritou de felicidade quando chegou ao corredor.

De repente, ele disparou a correr para a direita, nos deixando boquiabertas.

- Sério, Cindy... O que você deu pra ele? – perguntou Ellen, rindo descontroladamente.

- Acho que ela aceitou a proposta de Henry e se enfiaram em alguma floresta. E detalhe: Estando sóbria. – provocou Gabi, dando cotoveladas em Cindy que nem se importou, mostrando a língua para a amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu que sou sequestrada e ele que endoidece?

- É o amor. Costuma enlouquecer as pessoas. – afirmou Cindy, sorrindo e piscando pra mim.

- Pra namorar o meu irmão, com certeza só sendo louca! – Gabriella aproveitou a oportunidade, prosseguindo a provocação.

Cindy pousou uma mão na cintura, batendo o pé no chão e forçando uma expressão brava ao estreitar os olhos para Gabi.

- Eu ouvi isso! – alertou Henry, surgindo pela porta e carregando algo em suas mãos.

Ele se jogou ao meu lado na maca e estendeu uma barra de chocolate pra mim.

- Nem que eu tivesse a escolha, eu te abandonaria, prima. E pra provar a minha palavra de honra, te trouxe chocolate.

- Para um lerdo você conseguiu ser bem rápido. – comentou Ellen, entrando no clima de Gabi para irritá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Rápido? Por favor, essa palavra nem existe no dicionário dele! – exclamou Gabi, abanando o ar.

Eu me contive a acompanhá-las, porque ele estava sendo gentil comigo, e aquela barra de chocolate parecia realmente deliciosa. Mas perturbar meu primo era algo divertido, e que eu estava morrendo de saudades de fazer.

- Vocês já podem parar de me importunar porque o foco de hoje é ela, tá bom? – ele apontou para mim e mordeu a ponta do seu dedo em discordância. Ele grunhiu, ameaçando pegar o chocolate de volta.

- Eu só quero um abraço – murmurei no mesmo tom dramático e carente.

- Só um? Pois a senhorita terá que se contentar com vários! – disse Cindy e vários braços avançaram sobre mim e minha barra de chocolate, nos abraçando apertado.

Como eu sentia falta daqueles momentos... E como eu daria qualquer coisa para que nunca fossem embora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas nada vai fazer com que eu desista

Nada é pra sempre, eu sei que sou capaz

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Tento encarar os fatos, só existe um vazio

Me preenchendo dia após dia



A baixa claridade guiou meu caminho pelas curvas dos corredores amplos. Diferente dos estreitos e borrados de amarelo que me trancavam naquele sofrimento, esses eram limpos e pacíficos, transmitindo calma, mesmo que fosse um hospital.

As alas de internação costumavam ser as mais silenciosas, a não ser nos momentos em que alguém passava mal. Meu pai e meu irmão estavam no mesmo quarto a pedidos de minha mãe para poder vigiá-los melhor e de uma única vez, já que

estavam em condições melhores do que eu, que precisava de um quarto particular. Na realidade, eu não *precisava*, mas por algum motivo, ela não aprovava que eu contasse a eles tudo o que vivi naquele lugar. Ou, talvez, só pretendia me convencer a abortar antes que eles descobrissem.

Abri a porta do quarto deles, carregando meu suporte de soro fisiológico junto. Ninguém além do meu médico, nem mesmo minha mãe, sabia daquela minha visita. Provavelmente, Matheus falou muito no ouvido do nosso médico até ele se render pelo cansaço e autorizar minha visita rápida.

O quarto possuía os mesmos aparelhos que o meu entre as duas macas, com a diferença de ser maior, e contava até com uma televisão na parede.

Logo que entrei, Matt sobressaltou, abrindo um sorriso brilhante e reconfortante. Um sorriso que, sinceramente, nunca recebi dele durante a vida inteira.

- Certas coisas nunca mudam – comentei, andando vagarosamente e apontando com o olhar

na direção de nosso pai.

Matheus estava assistindo um canal de clipes musicais, com o volume digamos que bem alto para alguém que está supostamente convalescendo na maca de um hospital, e meu pai dormia a sono solto. Meu pai costumava demorar a dormir, mas quando conseguia, o mundo podia desabar e ele não acordaria.

- E olha que ele nem está sob efeito dos remédios – riu, levantando da maca com cuidado. Parecíamos dois idosos. – Mas um fato muito importante mudou. Ele não está roncando.

- Adeus noites de profundas trilhas sonoras! – exclamei num tom comemorativo e vitorioso, erguendo a mão no ar para que Matt batesse.

Ele entrelaçou nossos dedos e me puxou pelo ombro num abraço terno e afetuosos.

- Quem é você e o que fez com meu irmão?

Aquele definitivamente não era Matt. Nossas demonstrações de amor um com o outro eram à

PERIGOSAS ACHERON

base de tapas e perturbações, mas abraços, nem em situações extremas.

- Tive medo de você não sobreviver – confessou com a voz abafada pelo meu cabelo.

- Senti exatamente o mesmo quando te encontrei transbordando em sangue – murmurei, encostando a cabeça em seu peitoral e firmando o aperto ao seu redor para segurar minhas lágrimas que sempre encontravam uma fraqueza para se aproveitar.

A lembrança dos seus gritos desesperados de dor me causou calafrios e me apertei mais ainda contra meu irmão para me certificar de que ele era real e não apenas uma ilusão.

- Afinal, você é meu irmão gêmeo. Poucas pessoas são sortudas por ter um elo como nós.

- Realmente, você é minha única versão feminina. Um pouco mais baixa, mas isso a gente releva. – brincou, e como tudo que é bom dura pouco, eu me afastei, dando um peteleco em seu braço. – Quanto ao dia que você me encontrou... Eu

PERIGOSAS ACHERON

não tive oportunidade de te agradecer. Então, obrigado.

- Pelo que? Eu não consegui te ajudar, Matt... Só te assisti agonizando, sem saber o que fazer...

- Eu não tinha mais forças pra andar. Provavelmente eu me jogaria no chão e berraria até que alguém viesse reclamar da gritaria. Mas você foi atrás de mim, e só de saber que não estava mais sozinho, minha consciência tranquilizou. Então obrigado, e desculpa por não ter feito o mesmo por você... – ele abaixou a cabeça, repleto de remorso. Seus olhos verdes estavam apagados, sem brilho e sem vida.

- Você não tem culpa, Matt. Eu, você e papai fomos vítimas desse psicopata. Aliás, eu preciso conversar com você. – avisei, querendo sua atenção voltada para mim e não para o chão.

Matheus levantou o olhar e estalou os dedos, extremamente curioso.

- Existem segredos nessa história por trás do meu sequestro que envolvem uma das pessoas mais PERIGOSAS ACHERON

próximas de nós. Eu tive tempo de sobra para montar e remontar diversas vezes esse quebra cabeça na minha mente.

- Como assim? – ele arqueou a sobrancelha, soltando uma careta. A convivência com Henrique não podia afetá-lo *justamente* naquele momento!

- É algo relacionado com a nossa mãe. Nathan citou muito uma vingança, e quando conheci Daniel, naquele dia em que você foi me buscar depois do desfile, ele tinha acabado de comentar sobre o *pior dia* da minha vida.

Matt paralisou, conectando minhas frases e procurando um sentido nelas. Eu estava desesperada e ansiosa para não ser a única a encontrar o maior significado para toda aquela loucura. E felizmente, ou mais possivelmente *infelizmente*, ele arregalou os olhos, captando minha aflição.

- O acidente.

- Filha? – virei a cabeça na direção de onde vinha a voz rouca e confusa, encontrando meu pai

PERIGOSAS ACHERON

piscando os olhos. Sua expressão suavizou e ele abriu um sorriso idêntico ao de Matheus, sem acreditar que eu realmente estava ali. – Filha!

- Pai! – exclamei, me apressando a alcançá-lo e quase me esquecendo do soro ligado à minha veia. Sentei na maca arrastando o suporte comigo e ele se curvou, me puxando para seus braços. – Fiquei tão preocupada com você!

- Meu Deus, o que fizeram com você?

Ele me afastou, estabelecendo as mãos em ambos os lados do meu rosto e me analisando. Aproveitei para avaliá-lo da mesma maneira, e meu coração foi sendo esmagado a cada machucado que eu encontrava em sua pele. Suas pálpebras estavam inchadas e as sardas numa tonalidade arroxeadas pelas feridas, além de cortes pela extensão do pescoço e dos lábios.

- Não importa, pai – balancei a cabeça, deixando uma lágrima escapar.

Eu queria abraçá-lo e não soltar nunca mais. Eu queria apagar qualquer e toda lembrança dele

PERIGOSAS ACHERON

naquela sala, encharcado de sangue. Eu queria fazer com que aquela dor e aperto no coração parassem, pois não havia sentido em continuar me sufocando quando sua morte não havia passado de uma torturante mentira. Mas eu reconhecia aquela dor. Era a mesma que senti durante anos, já que o pai carinhoso e afetuoso que tive um dia, morreu há muito tempo.

- Não importa, porque você vai me prometer que de hoje em diante será o pai que seus filhos sempre desejaram ter. Vai parar de beber, aprender a nos escutar, e ser *aquele* pai maravilhoso que costumava ser, não isso em que se transformou.

Ele deslizou a mão pelos meus braços até chegar em minhas mãos e as segurou fracamente. Meu pai engoliu o choro e o baque das palavras, virando a cabeça e encostando o queixo no ombro. Sua mandíbula tremia e seus olhos transbordavam em arrependimento, sem conseguir encontrar força ou palavras boas o suficiente para debaterem as minhas.

- Vocês sabem qual foi a primeira coisa que

pensei quando peguei os dois pela primeira vez no braço? – perguntou, intercalando o olhar entre Matt e eu. – Não foi no trabalho em dobro que começaria a ter. Foi em como eu era sortudo por receber tamanho *presente* em dobro. Além da sua mãe, eu tinha mais duas vidas para preservar, então institui uma meta a mim mesmo. Proteger vocês a qualquer custo. Mas nesse caminho, eu descobri minha fraqueza da pior forma, experimentando. A bebida se tornou um vício que eu não conseguia largar, e no dia seguinte, não me lembrava de absolutamente nada. Isso me ajudava a esquecer dos problemas e sentir paz por alguns instantes.

- E ficar *sóbrio* com a sua própria família por *horas* ao invés de instantes não seria uma opção bem mais interessante? – inquiri, num tom de acusação.

Matt quebrou o espaço que restava entre ele e a maca, lançando as mãos em meus ombros a fim de me distanciar. Eu sabia que ele devia estar temendo a reação do nosso pai e que suas atitudes pudessem persistir mesmo sem a bebida. E eu também sabia disso, mas tinha que testá-lo e não havia hora

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor. Nós estávamos naquele estado por culpa dos *noossos pais*, e eu não suportaria continuar guardando meus sentimentos após tanta injúria.

- Becky, é melhor conversarmos sobre isso outra hora. – sussurrou Matheus, tentando me fazer levantar.

- Que outra hora? Quando ele já estiver lotado de álcool no sangue? – perguntei, encarando meu irmão e apontando para meu pai. Antes que percebesse, as lágrimas corriam livremente por meu rosto em prantos. – Eu tive que enfrentar *assassinos*, Matt, e não devia ter medo de falar o que penso pro meu próprio pai! Eu não quero voltar pra casa e continuar presenciando meu pai afogando suas mágoas em diversas latas de cerveja e depois descontar na minha mãe, enquanto seus filhos são obrigados a assistir sem poder fazer nada ou se trancar no quarto e colocar música no último volume pra não ouvir os gritos de sofrimento da mãe! *Eu* não aguento mais sofrer, Matt!

- Becky...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ela está certa – disse meu pai e me virei imediatamente para mirá-lo. Algumas lágrimas escaparam por seu rosto desgasto e infeliz, desabando os ombros em rendimento. – Acabei sendo totalmente o contrário do que planejava ser. Eu errei, e não espero, nem peço que me desculpem, pois não posso recuperar o tempo perdido e muito menos voltar no tempo para consertá-lo. Não posso prometer que vou largar a bebida, porque é um vício que não se larga de um dia pro outro, mas com toda certeza, prometo tentar me esforçar ao máximo para que tudo dê certo.

- Bom, é um passo – Matheus deu de ombros e ergueu uma sobrancelha, olhando pensativo para o teto. – Provavelmente mais lento que de um bebê, mas...

- Você parece mil vezes melhor, Matt – comentei, secando as lágrimas e sorrindo. Meu pai ainda parecia abatido, como se estivesse absorvendo minhas palavras aos poucos.

- Estou pronto pra outra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Espera até chegarmos em casa e eu te detonar no Mortal Kombat – pisquei e levantei da maca, me esticando para alcançar seu cabelo e bagunçá-lo.

- Isso se a mãe de vocês não nos colocar de castigo por lhe causar tanto desespero – meu pai brincou, sorrindo levemente, embora não tão sincero.

Suspirei, pensando em algum modo de desfazer o clima pesado que criei, mas ele precisava daquele tapa de realidade.

- Sabe, pai, acho que você teria mais razão se pensasse no trabalho que daríamos. – afirmou Matheus, levando seu sorriso como um sinal do bom humor reaparecendo. Ele colocou um joelho sobre a maca do pai, abrindo os braços. – Quer nos pegar no braço de novo? Assim você pode mudar de opinião.

Antes que ele pudesse responder, Matt se jogou e meu pai grunhiu pelo peso. Rindo e tomando cuidado com a agulha, sentei nas costas de Matt, esmagando ambos. Apesar de tudo, eu estava feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Feliz por ter expressado meus sentimentos e por me divertir com minha família após tantos anos.

- De verdade, não tenho como tocar! – me queixei, tentando posicionar o violão na perna, mas a barriga grande impedia qualquer possibilidade.

Meus pais haviam decidido montar um churrasco para descontrair e chamaram meus avós, meus amigos e suas respectivas famílias. Raios de sol pairavam sobre a piscina, simultaneamente provocando um brilho resplandecente na água. O cheiro de carne intensificava na proporção em que era preparada e meu estômago resmungava, clamando pela comida aparentemente deliciosa. Os homens estavam dispersos ao redor da churrasqueira, conversando alto e gargalhando enquanto as mulheres ficaram com o encargo de aprontar o complemento. Graças a mim, eu e meus amigos estávamos de folga, incumbidos somente de se divertir.

- Está reclamando demais pro meu gosto – rosnou Matt, roubando o violão das minhas mãos e
PERIGOSAS ACHERON

ajeitando no colo.

Cíntia gritou, correndo em volta da piscina e fugindo de Henry. Ele logo a alcançou e caiu desengonçado na piscina, trazendo-a consigo. Respingos voaram e me distanciei, me escorando à parede. Eu não havia superado totalmente o ocorrido e observar a água ainda me fazia sufocar.

- Cadê a cerveja dessa casa? –perguntou o pai de Gabi vindo da cozinha, como se já tivesse procurado em cada canto. Ele rodou em torno de si mesmo, abrindo os braços e estreitando o olhar.

- Não sei nem o que é isso – meu pai retrucou, sorrindo e piscando para mim e meu irmão. Ele arremessou uma lata de refrigerante e o pai de Gabi pegou, mirando a lata, desolado.

- Olha o que acabou de sair! – exclamou Ellen, carregando duas bandejas lotadas de batata frita.

Ela depositou uma na mesa ao lado da churrasqueira, e a outra trouxe para mim e Matt. Cíntia e Henrique estavam muito entretidos na água para atrapalhá-los. Eu podia dar conta sozinha da

PERIGOSAS ACHERON

batata, e com muito prazer.

Pulei de alegria, avançando numa batata e grunhindo ao colocá-la na boca por estar pelando. Matheus enfiou uma porção na boca, mastigando com a boca aberta e produzindo sons de satisfação.

Quando fui pegar mais uma, Ellen afastou a bandeja, negando.

- Você está me devendo uma música desde que fui buscar a comida. Ou você canta, ou vai ficar sem batatas. – ameaçou, levantando a sobrancelha em desafio.

Matt assentiu, pegando mais um punhado de batatas e quase se engasgando ao tentar engolir. Vencida pela chantagem injusta, resolvi parar de prolongar pelo bem das minhas batatas fritas.

Eu vi no jornal

*Você me disse que eles estavam errados
E eu te apoiei*

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque eu acreditei que você fosse o único

Você tinha todas as chances do mundo

Pra me dizer a verdade

O que há de errado com você?

*Estou tão brava com você agora
Não consigo nem achar as palavras*

*E você está caindo
Mal posso esperar pra te ver queimar*

- Você tem visita – avisou Gabi, interrompendo a música de The Veronicas chamada Revenge is Sweeter que eu havia escolhido para cantar.

Meu coração disparou, criando ilusões de quem poderia ser, mas eu sabia que o único que eu mais desejava ver jamais estaria ali.

Caminhei até Gabriella, virando para a escada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que levava à cozinha, me deparando com a porta fechada.

- O vento? – supus, franzindo a testa.

Ela riu, dando um beliscão em meu braço.

- Não, sua boba. Na entrada da casa. – informou, me incentivando com o olhar a prosseguir.

Ela avistou a bandeja de batata e disparou em direção ao meu irmão, devorando a comida e recebendo reclamações de inconformidade de Matt, que puxou a bandeja de volta e iniciou uma corrida olímpica ao redor da piscina.

Entrei pela cozinha, passando pela sala e me encaminhando para o portão da entrada principal, onde encontrei uma pessoa de costas, com o cabelo escuro elevado num topete e de fisionomia alta e musculosa.

- Posso ajudar em algo? – perguntei com um sorriso radiante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me encostei no portão aberto, pousando as mãos na barriga e inclinando a cabeça.

- Sim... Uau! – exclamou ele ao virar, esbugalhando os olhos e sorrindo de canto.

Tirando as mãos dos bolsos da calça, Nick endireitou a postura, disfarçando a surpresa e indo adiante em sua sentença.

- Preciso que você dê dois recados à minha melhor amiga. Primeiro que sua barriga está realmente *muito* grande, e segundo que ela pode me bater o quanto quiser.

- Quanto ao primeiro recado, ela enfatizou bastante o fato de ter passado *cinco* meses. Cinco meses que você perdeu de um processo mais do que importante para ela. Quanto ao segundo, ela te mandou relaxar, pois prefere quebrar suas baquetas na sua cabeça.

- Não! – ele deu um passo a frente, escancarando a boca em estado fingido de choque. – Tudo menos as minhas baquetas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você se preocupa mais com suas baquetas do que com seus próprios neurônios? – ri, relaxando os músculos.

Ele deu de ombros, coçando a nuca. Sentia tanta falta de conversar com Nicholas daquela maneira descontraída que minha alegria chegava a transbordar por todos estarem reunidos e bem.

- Eles não são tão frágeis quanto as minhas baquetas, acredite. E você tem alguma transmissão de pensamento com minha melhor amiga? Porque estou gostando do seu serviço.

- Sou um pombo correio rápido – pisquei e mostrei a língua.

Ele riu levemente e abaixou a cabeça, chutando pedaços pequenos de pedras partidas.

- Acha que fui um tremendo idiota ou tenho chances de ser desculpado?

- Tenho certeza de que foi um tremendo idiota, mas você é meu melhor amigo e cinco meses foram mais que suficiente para perceber a falta que você
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me faz, então talvez exista uns dez por cento de chance de ser perdoado. – falei, entrelaçando os dedos e balançando meu corpo amenamente.

- Eu compro quantas coxinhas você quiser – disse com pressa, possivelmente a primeira sugestão que surgiu em sua mente.

- Você vai dever a sua vida em coxinha desse jeito – falei, empurrando-o de leve com o dedo indicador. Ele retornou a abaixar a cabeça e ergueu o olhar, repleto de serenidade e honestidade. – Nós dois erramos e admitimos isso, então estamos quites.

- Certeza? – perguntou, cauteloso, apesar de não ser possível levá-lo a sério quando o vento batia e fazia seu topete dançar.

Assenti, oferecendo um sorriso doce.

- Preciso te explicar uma coisa antes.

- Nick – suspirei. – Vamos esquecer essa história, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não vou ficar com a consciência limpa até te explicar duas coisas.

- Está bem. Desembucha – falei, impaciente.

Pensei em convidá-lo a entrar. Minhas costas estavam doloridas e conversar no conforto do sofá seria muito melhor, mas algo me dizia que ele não entraria antes de deixar tudo claro entre nós.

- Eu te julguei por confiar em Daniel, mas a verdade é que vocês todos sempre confiaram em mim, e eu nunca pude dar a única coisa que vocês pediram.

Arqueei a sobrancelha, desentendida.

- Meus pais faleceram quando completei doze anos. Meus tios consentiram em me dar um lar e sustento, mas nada além disso. Eram pessoas frias e calculistas, completamente diferente dos meus pais. Na época eu me rebelei, não compreendia porque meus pais tinham sido levados, não *queria* acreditar, então acabei dando muito trabalho pros meus tios, que resolveram me emancipar na primeira oportunidade e se livrar de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Arquejei, comovida. Era perceptível o quanto o assunto era delicado para ele, e eu reconhecia o quanto significava ele estar deixando a dor de lado pelo perdão.

- Eu cresci e aceitei que nunca os teria de volta, mas acho que é uma ferida que vai permanecer aberta por um bom tempo, então por isso não gosto de falar deles.

Antes que eu pudesse abrir a boca para falar algo, Nick continuou, apreensivo.

- Você é a minha melhor amiga, Rebecca. Eu perdi as pessoas mais importantes da minha vida e não quero perder mais ninguém. Fiquei desesperado vendo você se afundando em mentiras, e não sabia o que fazer pra abrir os seus olhos. Eu só queria te alertar e te proteger, mas só não sabia *como*, e acabei te machucando mais ainda.

- Nick... — sussurrei. — Você é a pessoa mais *humana* que eu conheço. Não é sempre que acertamos. Não é sempre que encontramos a melhor forma de lidar com as situações. Você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentou, do seu jeito, e isso é o que importa pra mim. Ninguém tentou lutar tanto por mim como você. As coisas pela qual eu passei naquele lugar... – vacilei, liberando uma lágrima solitária. Fazia cinco meses que eu não chorava. – *Elas* me machucaram. Elas deixaram marcas terríveis em meu corpo e no meu psicológico.

Nick parecia desconfortável.

- Você já contou o que aconteceu lá pra alguém?

Balancei a cabeça negativamente.

- Acho que eu estava esperando pelo ombro amigo certo – sorri.

Nick retribuiu o sorriso com os olhos tremeluzindo.

- Se eu fizer uma coisa, promete não me bater? – perguntou.

- Depende...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que eu pudesse protestar, ele contornou os braços em minha cintura e me levantou, me abraçando apertado. Ou, no caso, a barriga me prensou.

Após nem cinco segundos, Nick me largou cuidadosamente e gargalhou.

- Isso foi estranho, e você está muito pesada. Preciso me preparar para quando for a Gabi. Vamos lá, baixinha.

Sorrindo, ele enlaçou o braço pelos meus ombros e entrou na casa me arrastando junto, sem sequer precisar de um convite.

Nada pode te salvar agora que está acabado

Eu acho que você vai descobrir isso quando não for mais ninguém

Não diga que sente muito agora, porque eu simplesmente não me importo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você sequer escuta quando falo com você?

Você liga pro que estou passando?

Seus olhos estão me fitando

Você está aí, mas é como se nunca tivesse me conhecido

Você sabe como isso dói?

Vingança é mais doce do que você jamais foi

Num momento em que todos estavam distraídos, aproveitei para sair de fininho e ficar sozinha por alguns instantes.

Entrei no barco de madeira que Daniel havia construído na pracinha e me sentei num dos bancos, fechando os olhos.

Haviam passado cinco meses desde o dia em que recebi paz. Apesar dos meus pais evitarem tocar no assunto do sequestro, eles estavam em

PERIGOSAS ACHERON

perfeita harmonia. Tinham novos planos, inclusive. Meu pai estava providenciando sua transferência para outra cidade, onde ficaríamos distantes de Caxias do Sul por um longo tempo para esquecer todos os eventos que nos afetaram. Minha mãe pretendia dar maior foco para outros estilos de roupas além dos vestidos, e Elena e Cíntia foram as primeiras a aprovar a ideia. Essa decisão abria um leque de opções e, com isso, oportunidade de participar de desfiles em diversos estados, e quem sabe futuramente até em outros países. Minha mãe queria versatilidade, e depois que nossa coleção do zodíaco virou tendência, ela estava mais convicta e confiante do que nunca. Consequentemente, Matt e os garotos teriam novas propostas das gravadoras.

A cicatriz de Matheus me causava arrepios, mas ele se orgulhava, alegando ser um *charme*. Quando perguntassem o que ocorreu, ele contaria com orgulho como batalhou para sobreviver. Se tratando do meu irmão, logicamente ele enfeitou a história, parecendo mais um super-herói do que uma vítima, então tive que entortar o nariz todas as vezes em que ele veio me contar uma nova versão do que aconteceu.

Ele também combinou com mamãe que mudássemos para uma cidade de praia, para que pudesse ensinar meu filho a surfar. Incrivelmente, ele demonstrava estar mais empolgado com a gravidez do que eu mesma. De fato, eu não estava nem perto de pular de entusiasmo. Eu tinha dezoito anos. Às vezes eu pensava tanto e os pontos negativos pareciam falar tão alto que eu queria desistir, jogar tudo pro ar e ir atrás dos meus antigos sonhos. Mas eu não podia fazer isso, porque todos aqueles sonhos foram destruídos por Daniel.

No dia seguinte eu o veria novamente, depois de tantos meses. O julgamento de Danny havia sido antecipado por conta do número de assassinatos, caso contrário levaria muito mais tempo para o caso ser encerrado. Eu não sabia definir exatamente como me sentia a respeito disso. Ele tinha que pagar por todo o sofrimento que causou a mim e a tantas outras garotas inocentes, e ser submetido à mesma tortura que passamos.

Mas tudo o que eu queria era aquela tarde nebulosa. Um garoto alto, com cachos castanhos e

olhos profundamente azuis, vestindo calça jeans escura, uma blusa estampada por guitarras e um casaco xadrez. Uma garota pequena de olhos verdes, com seu cabelo ruivo solto caindo até a altura da cintura e vestindo calça jeans e moletom. Um barco de madeira e uma cerca para servir de iceberg. Potes de tinta da cor da bandeira da Itália. Um violão e uma música de imenso significado. Risadas, brincadeiras e o amor sincero refletindo nos olhos dos dois jovens apaixonados. Apaixonados e destinados a um fim tão amargo quanto a possibilidade de esse amor ser real.

Eu sinto a sua ausência

Tornando a minha vida sem sentido

Capítulo 29

Alguém, alguém um dia vai se vingar

*Vocês são vermes, pensam que são reis, não
quero ser como vocês*



DANIEL

Eu era a atração principal do espetáculo.

Inúmeros olhares me fuzilavam e arrancavam meu disfarce, me deixando sem escolha a não ser abaixar a cabeça enquanto me empurravam para sentar. Ocupei a cadeira ao lado do meu advogado,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

largando o corpo na mesma. Estiquei os braços e ergui o polegar para ele, sem demonstrar real interesse pela resposta. Porque o bem estar de qualquer um naquele tribunal me importaria quando em instantes eu estaria destinado a apodrecer numa cela?

- Não acredito na encenca em que se meteu, Daniel. Não imagina o quão difícil será te livrar. – disse meu advogado.

As rugas em sua testa se intensificaram ao franzi-la, transformando sua aparência neutra em zangada. Vestígios de uma risada sarcástica rugiram em meu peito e joguei a cabeça para trás, inclinando-a para mirá-lo.

- Até onde sei, não fui eu quem solicitou sua presença aqui. – constatei, relaxando os músculos e levando o olhar ao teto. – E já estou livre, meu caro. A cela é o mais próximo que vou conseguir chegar da liberdade.

Um lugar onde não haja regras e homicídios parecia ser o bastante pra mim.

PERIGOSAS ACHERON

Mas não o suficiente, uma vez que cada homem na prisão provavelmente arrastava consigo o prazer da tortura, a malícia descarada e a insana vontade de continuar o serviço. Não existia lugar satisfatório na Terra pra mim enquanto vivesse no mundo do crime. Um mundo a qual eu pertencia, e deveria supostamente seguir os seus princípios.

Mas como eu poderia seguir realizando as funções quando conheci um mundo onde tinha a chance de ser alguém... Diferente? Um mundo que se resumia a uma única pessoa, entre tantas que tive o azar de conhecer, e que se encontrava a poucos metros de mim naquele momento. Eu só precisava de alguns passos para alcançar esse mundo. O problema é que minha conclusão estava certa. Não existe um lugar satisfatório na Terra pra mim, porque o único a qual eu realmente pertenço, é exatamente o único que daqui em diante jamais me aceitará nele.

- Você não está compreendendo. Você responderá por *todos* os crimes em que estive envolvido, Daniel. – ele enfatizou e bateu o dedo indicador contra a mesa a cada palavra,

engrossando a voz aos poucos.

- Eu sei! – elevei o timbre de voz e impulsionei o corpo para frente, lançando as mãos sobre a mesa.

Meu descontrole chamou mais ainda a atenção de todos, que me encararam intimidados, como se eu estivesse prestes a pular no pescoço do meu advogado.

Bem que eu queria.

- E você está aqui pra me defender, não pra me botar mais pressão! – protestei.

Daquele ângulo, era possível admirar os belos olhos esverdeados de Rebecca disparados em susto pra mim. Ela estava linda, como sempre, com os cachos ruivos presos num coque e mechas pairando na altura do queixo. Seu rosto parecia reconstruído e expunha um aspecto saudável. Suas bochechas coradas me fizeram lembrar o estado devastado e maltratado que a deixei.

Havia mais um detalhe diferente do habitual. Uma perceptível saliência em sua barriga, o que

PERIGOSAS ACHERON

tornava toda a situação mais complexa e arrasadora.

Ela decidira manter o bebê, mesmo depois de saber quem eu realmente era. A descoberta devia me proporcionar mais coragem a me acorrentar na cela e deixá-la viver sua vida em paz.

Mas não foi o que aconteceu.

- Caso 1359: O Povo contra Daniel Fonseca Palacci. O réu tem vinte e um anos e assumiu ter participado de raptos e homicídios dolosos. Seu mandante era Nathan Fonseca Palacci, porém não informou seu paradeiro, tampouco divulgou os nomes de seus comparsas. Damos então início ao julgamento.

O baque do martelo colidindo contra algo resistente me despertou.

O juiz, calvo e de fisionomia branda, se atentou aos dados na folha disposta sobre a mesa e transmitiu em voz alta o que lia.

- A primeira testemunha de acusação pode

PERIGOSAS ACHERON

entrar.

Acompanhei com o olhar Cíntia se encaminhar à mesa ao lado do juiz e se posicionar em seu lugar. Ela parecia prestes a desmaiar de tanto nervoso.

Revirei os olhos e bufei, voltando a soltar o corpo na cadeira. Não estava interessado em ouvir a trajetória dos acontecimentos que eu já sabia de cor.

- Diga o seu nome e conte como conheceu o réu.

- Me chamo Cíntia Bertoli e conheci Daniel por intermédio de Rebecca, mas nos vimos poucas vezes. A princípio, ela nos deixava informada sobre o que acontecia entre eles e a alertávamos para tomar cuidado por conta da história dele com nossa amiga Sara. Na noite da festa, eu estava um pouco alterada e meu namorado me convenceu a adentrarmos na floresta, mas acabamos nos perdendo um do outro. – contou. – Depois de um tempo o procurando, ouvi passos, mas sabia que não eram dele, então me escondi atrás de uma

árvore e acompanhei uma conversa entre Daniel e seu comparsa, se referindo à garota prestes a morrer nas mãos deles. De alguma forma, seu comparsa descobriu minha presença e me pegou de surpresa, afundando um pano com clorofórmio em meu rosto, justo em tempo de ver Daniel esfaqueá-la.

Meu advogado se desvencilhou da mesa e levantou, ajeitando a gravata e caminhando até a mesa onde Cíntia estava sentada com um olhar apreensivo e suplicante para sair dali.

- De acordo com suas próprias palavras, a senhorita estava bêbada. Como poderíamos, ou melhor, *deveríamos* acreditar na sua acusação, se a justificativa não é plausível? A senhorita pode ter apenas o confundido com outra pessoa.

Me acomodei melhor na cadeira, curioso sobre como Cíntia encontraria um argumento bom suficiente para rebater. Ela olhou para os lados, parecendo meramente perdida. Entreabriu a boca, demorando a liberar sua frustração.

Eu estava começando a gostar daquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu estava alterada no sentido de *deanimada*, não que perdi a consciência do que acontecia ao meu redor.

- A senhorita acabou de se contradizer ao falar que não perdeu a consciência, pois creio que se estivesse lúcida, nem sequer chegaria perto daquela floresta. Sendo assim, unindo essa conclusão com o fato que, por ser de noite, o local estava escuro, obviamente seria um tanto quanto difícil reconhecer o rosto de um homem que a senhorita admitiu ter visto poucas vezes. Tudo o que fez foi se basear nas dúvidas que a senhorita e suas amigas tinham a respeito dele para incriminá-lo sem provas, porque a memória de uma pessoa que estava *alterada* não tem valor para ser levado em consideração.

Abaixei a cabeça e preendi o olhar nas algemas, deixando o julgamento transcorrer sem minha atenção. Meu advogado se sentou satisfeito ao meu lado e a promotora prosseguiu o interrogatório, provavelmente incentivando e usando artifícios para o depoimento de Cíntia ser útil contra mim. Provavelmente, pois eu não escutava o que ela

PERIGOSAS ACHERON

falava.

Eu estava longe, de volta à noite em questão, parado com o celular na mão, olhando para a foto da garota que devíamos sequestrar, mas tudo o que eu conseguia pensar era em como Rebecca estava linda. Sabia que tê-la convidado para a festa fora loucura, mas eu precisava vê-la, independente das consequências e das desculpas que teria de inventar.

Pretendia apenas vê-la e seguir com minhas obrigações, mas observá-la mexendo o corpo numa dança tão suave e sensual foi demais pra mim.

Eu queria *mais*, eu queria *ela*, eu queria roubá-la pra mim.

- Diga o seu nome e conte como conheceu o réu. – a voz aguda do juiz me trouxe de volta ao tribunal.

Levantei a cabeça para descobrir com quem ele estava falando.

Nicholas ocupava o lugar anteriormente

PERIGOSAS ACHERON

habitado por Cíntia, com os olhos fervendo. Ele parecia se controlar para não voar em mim e me despedaçar, e não duvido que realmente fosse fazer isso se não estivéssemos no meio do tribunal.

Eu muito menos o impediria.

- Me chamo Nicholas Goulart e conheci Daniel numa loja de instrumentos musicais quando eu e Henrique fomos ajudar Matheus a escolher um violão novo pra comprar. Daniel surgiu ao nosso lado e indicou uma marca que ele gostava. Começamos a conversar, nossos gostos musicais combinavam, e como ele estava à procura de uma banda para ingressar, resolvemos convidá-lo para participar da nossa. Desde então, nos encontrávamos para ensaiar e compor músicas, e Daniel estava sempre bem-humorado, nos tratando como se fossemos velhos amigos. Hoje sei que foi tudo fingimento para que não desconfiássemos de seus planos.

- O que o senhor quer dizer com isto? – perguntou a promotora, estabelecendo os braços alinhados em ambos os lados do corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicholas manteve o olhar preso a ela, com o maxilar endurecido feito uma criança birrenta. Um tipo de expressão que costumava receber um grande murro de Nathan. *Como você quer convencer e cativar alguém com essa cara de quem comeu e não gostou?* Ele dizia.

- Ouvi as garotas conversando a respeito do quão perigoso Daniel poderia ser e tive que intervir, achando aquele papo todo um absurdo. Daniel parecia um cara simples e descontraído, e além do mais, elas nem o conheciam direito. Mas Rebecca continuou preocupada, até chateada por eu ignorar seus temores, então prometi que se percebesse algo errado, eu avisaria.

Parou, avaliando a promotora como se esperasse que ela perguntasse algo, mas obtendo apenas o silêncio e uma avalanche de olhares sobre ele, Nicholas prosseguiu.

- Por conta disso, passei a analisar seu comportamento, na expectativa de encontrar algum sinal que tornasse essa preocupação válida, mas ele continuava agindo naturalmente, como se não

PERIGOSAS ACHERON

tivesse nada a esconder. Um dia, fui num bar e, logo que cheguei, localizei Daniel sentado à bancada, acompanhado por uma garota japonesa. Eles conversavam e ela ria de vez em quando, obviamente caindo em seu charme, até o momento em que seus olhos começaram a revirar e qualquer emoção desapareceu de seu rosto. Ela desabou e os braços dele apararam a queda, pegando-a no colo e se apressando para sair antes que notassem algo errado. Aproveitei a oportunidade e o segui a certa distância. Ele parecia o namorado dela, carregando-a cautelosamente, um cavalheiro. Mas mal sabiam todas aquelas pessoas que caminhavam tranquilamente por esse miserável, que ele carregava uma garota *morta*.

Foi como se eu estivesse revivendo a cena. Seus olhos exuberantes puxados para o lado numa linha definida que alargava o seu rosto fino. Suas bochechas rosadas disfarçando atrevimento com vergonha, e seu leve peso em torno dos meus braços que seguravam seu corpo sem vida.

- Excelência, a testemunha não pode se precipitar a delatar meu cliente de tal maneira se

nem tem provas concretas para apresentar! – meu advogado levantou e se opôs incredulamente.

- Ele disse isso! – Nicholas interveio antes que o juiz pudesse protestar.

O silêncio predominou no tribunal enquanto todos esperavam por sua declaração.

Mas eu só queria rir.

O circo estava pegando fogo e eu ainda nem tinha começado a botar lenha na fogueira.

- Um carro estacionou próximo a ele e Daniel disse ao motorista, antes de entrar, que tudo estava sob controle, pois ela estava morta.

- E mesmo após capturar evidências com seus próprios olhos que incriminam o réu e que o levam a crer nas suspeitas da minha cliente, o senhor se sentiu inclinado a continuar confiando em Daniel, na esperança da revelação de ler uma mentira? – perguntou a promotora, claramente lhe oferecendo uma chance de se posicionar como uma vítima que havia sido enganada.

Pelo semblante soturno de Nicholas, ele não se importava com as consequências que seu discurso traria. Sua única intenção era me atingir.

- Realmente... Porque um dia fui capaz de confiar em você, Daniel? Na verdade, porque se intrometeu na *nossa* vida?

Revirei os olhos, jogando a cabeça para trás.

Aquele drama era uma tortura.

Eu queria gritar e socar seu rosto até fazê-lo entender que meu dever era com Rebecca, não com ele. *Ele* que se intrometeu onde não foi chamado.

- Excelência, a testemunha não tem autorização para se dirigir diretamente ao meu cliente durante um depoimento. – meu advogado rugiu, enfurecido com a audácia de Nicholas. Eu não entendia o motivo daquela, se pra mim tudo aquilo era apenas um trecho de um filme de comédia.

- Senhor, por favor, atenha-se ao ocorrido. – pediu o juiz, sem dar muita relevância, já que devia estar acostumado com a quebra das ordens.

PERIGOSAS NACIONAIS

Também me sentia assim, mas somente pela certeza de que logo estaria numa cela. Um passo para fora daquele tribunal e minha vida estaria acabada. Mais do que já estava, quero dizer.

- Quando Daniel fez menção de entrar no carro, ele olhou ao redor e tive certeza de que me viu. Por saber onde moro, previ que o primeiro lugar onde ele me procuraria para tirar satisfação seria em minha casa, então me mantive afastado dos meus amigos, achando que se compartilhasse essa informação com eles, acabaria os colocando num risco maior ainda.

- E quanto à festa na floresta, o que houve? – a promotora ergueu o queixo em autoridade e imaginei se ela arriscaria a mesma astúcia nas mãos de Nathan.

Balancei a cabeça, afastando o pensamento e me negando a continuar com a malícia do meu pai. Ele não mandava mais em mim.

Mas então... Porque idealizá-la em *minhas* mãos me satisfazia?

PERIGOSAS ACHERON

Eu era um monstro.

Nathan me transformou num monstro.

- Eu fui à festa para me reconciliar com meus amigos, já que o lugar certamente estaria lotado e as chances de Daniel fazer algo em público eram menores.

Arqueei a sobrancelha e quase pedi para meu advogado intervir. Matei uma garota num bar repleto de gente em volta uma vez. Porque não faria de novo?

Deixando de lado o orgulho, me mantive assistindo.

- Desisti da ideia logo que os vi. Eles me encheriam de perguntas que eu ainda não estava pronto para responder, então decidi ir embora, até que ouvi um grito vindo da floresta. Segui a direção do som e me deparei com Daniel carregando *mais uma* garota, mas dessa vez ele não estava sozinho. Me escondi atrás de uma árvore e tentei ligar para a polícia, mas meu celular estava sem sinal e acabei os perdendo de vista. Quando o reencontrei, Daniel

PERIGOSAS ACHERON

estava sozinho e rasgava a garganta da garota em traços, como se estivesse desenhando nela. Eu estava tão surpreso que arrastei os pés enquanto andava e ele ouviu, tratando de correr antes que eu pudesse alcançá-lo. Cíntia estava jogada sobre a grama, próxima à cena do crime. Me certifiquei que ela estava bem e fui tentar ajudar a garota. Seu coração ainda batia, mas eu não sabia o que fazer para salvá-la. Eu só pude segurá-la, acompanhando sua vida se esvaindo como areia entre os dedos e me sentindo culpado por não ter sido capaz de concertar o dano causado por ele. Daniel não tem coração. Só alguém sem sentimentos é apto a acabar com *duas* vidas de uma vez só. Ele não é digno nem à oportunidade de se defender. Ele devia estar na cadeia há *muito* tempo.

- Bem que eu queria – sussurrei para mim mesmo.

Abaixei a cabeça e a balancei, soltando uma espécie de risada misturada com suspiro. Ninguém fazia ideia do quanto eu preferia estar na cadeia *há muito tempo* ou em qualquer lugar, menos ao lado dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ninguém fazia ideia, nem nunca faria.

*Não procure saber onde estou, meu destino não
é de ninguém*

E eu não deixo os meus passos no chão

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

*Eu quase tive algo que eu podia, de novo esse
quase, esse sempre, esse nada*

Comigo nessa longa e tortuosa estrada



- Sinceramente, nem sei por onde começar – disse Matheus, desconfortável.

Matt era um cara legal. Tanto ele quanto Henry e Nick me acolheram como se nos conhecêssemos há anos. Talvez o que me permitiu colocar o plano em prática sem grandes obstáculos foi justamente a facilidade com a qual me aproximei deles. Porque eu não estava realmente fingindo.

- Daniel costumava compor músicas comigo e

com Henrique. Fluía tão espontaneamente que às vezes conseguíamos escrever até cinco canções num único dia. Cada um montava uma parte, e o resultado final ficava simplesmente espetacular – contou, arregalando os olhos ao recordar.

Eu devia ficar orgulhoso por ter atuado tão bem, mas um sentimento estranho me invadiu, porque Matheus falava como se estivesse discorrendo sobre um amigo que já havia morrido.

- Não sei dizer em que momento tudo mudou. Quando fomos informados que a vida de Rebecca estava em suas mãos, quem sabe, mas não durante as tardes perdidas compondo ou derrotando Henrique e Nicholas nos jogos. Nem mesmo quando ele atacava a geladeira de casa. Não, em nenhum desses momentos. Mas acontece que esse Daniel nunca existiu. Convivemos com um impostor, uma fraude. Um homem que conseguiu distorcer todos os momentos bons em ódio. É só o que consigo sentir. Fiquei perplexo por um tempo depois que recobrei a memória. Achava que estavam exagerando nos medicamentos. Era a única resposta que encontrei pro rosto que via. Penei pra

PERIGOSAS NACIONAIS

aceitar a realidade, mastocar todos os dias a cicatriz que ele me deixou ajudou.

Todos os olhares caíram sobre Matheus, repletos de piedade.

Meus músculos enrijeceram, me estimulando a chutar aquela mesa pra longe e esmurrá-lo até desmaiar para verem de verdade o que ele supostamente sofreu.

Esse era o meu lado insensato prevalecendo.

Eu não estava com raiva de Matt.

Sabia como era a dor de uma faca rasgando a pele e penetrando o corpo, e isso era o que me enfurecia. Tanta compaixão com alguém que não passou pela metade do que tive de suportar. Sem remédios ou alguém do lado dando força. Apenas a vontade alucinante daquela dor ir embora.

- O que exatamente aconteceu quando o assaltaram? – perguntou a promotora num tom sério.

PERIGOSAS ACHERON

Matheus ergueu uma sobrancelha e mordeu o lábio, mirando o chão enquanto dialogava lentamente, como se decorrendo a trajetória na mente.

- Eu estava voltando pra casa depois de ter ido a um bar com Henrique e Nicholas quando um carro parou de repente do meu lado. Um homem saiu do automóvel e tentou pegar o meu violão. Eu reagi, segurando firme o violão até que mais dois homens saíram do carro. Todos estavam encapuzados e com a pouca claridade era difícil distingui-los. Arrisquei correr, mas eles me cercaram, me deixando sem opções. O que estava atrás de mim colocou a faca rente ao meu pescoço e me disse para entregar o violão, se não ele me mataria. Eu não levei a sério. Porque diabos alguém *mataria* por um violão? Então o soquei com o cotovelo na barriga, e o que estava na minha frente logo tirou uma faca de dentro da jaqueta e a aprofundou no meu abdômen. Eu caí no chão assim que o primeiro me largou, e... Nunca senti uma dor como aquela. Eu não me importava mais com eles, só com a dor que parecia me corroer. Mas não pude deixar passar despercebido quando o terceiro se agachou para

pegar minha mochila. Daniel pode disfarçar bem, mas seus olhos para seu azar o denunciavam facilmente.

O tribunal caiu num abismo silencioso, absorvendo a dor nas palavras de Matheus e transformando-as em física, como se cada um pudesse sentir exatamente o mesmo que ele descrevera. Estava visivelmente estampado na feição de cada indivíduo patético naquele lugar.

A promotora pigarreou e prosseguiu seu interrogatório.

- O senhor acha que o réu teria motivos para lhe agredir, sendo que o senhor nem sequer duvidava das suas verdadeiras intenções?

- Não. Nenhum motivo além do prazer da tortura, a não ser que estivesse com inveja do violão que comprei por sua própria recomendação. – ironizou, dando de ombros.

- O senhor bebeu algo alcoólico enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estive no bar? – inquiriu o meu advogado, apelando pro que lhe parecia mais óbvio. Não tinha mais dúvidas de que para insistir tanto nesse ponto, ele devia ficar muito louco quando bebia.

- Não. Eu estava completamente ciente do que estava acontecendo. – Matheus respondeu indiferente, captando o mesmo que eu.

Meu advogado recorreu à outra informação, pretendendo atingi-lo, sem saber que por trás daquele garoto distraído e ingênuo, existia um homem forte e atento ao que compunha suas palavras. Não era a toa que eu podia sentir inveja, não do violão, mas da sua capacidade de saber o momento certo a deixar esse lado responsável transparecer.

Mesmo após todos os anos em que me aperfeiçoei e acreditei estar pronto a botar minhas diversas personalidades em ação, eu falhei. Falhei, porque Rebecca foi capaz de *reconhecer* essa individualidade. Ela não se permitiu abater quando mentimos sobre o estado do irmão por um motivo. Ela sabia o quão forte ele era.

PERIGOSAS ACHERON

Sempre acreditei que eu era forte. Vivia no mundo da criminalidade, onde você é *obrigado* a aprender a ser forte. Mas isso não significa que não senti uma dor no peito quando a vi sendo afogada numa banheira. E significa muito menos que permaneci parado enquanto Jonathan executava sua fantasia insana.

Eu fui fraco.

Fraco por não suportar assisti-la sofrer por mais um único segundo e incentivá-la a fugir. Mais fraco ainda por mantê-la presa por tantos diassimplesmente pela consciênciade que se a soltasse, ela iria embora.

Não do cativeiro, mas da minha vida.

- O senhor mesmo disse que existia dificuldade em identificá-los pela pouca iluminação. Como pode ter tanta certeza de que um deles era o meu cliente, se nem ao menos pôde descrever os traços físicos dos outros dois?

- Eu disse que era difícil, não impossível. E eu tive certeza porque *conheço* Daniel, enquanto os
PERIGOSAS ACHERON

outros, nunca os vi na vida. Eu estava quase desmaiando de tanta dor e prestar atenção na fisionomia deles não era uma preocupação na hora. Mas existem determinadas feições que marcam e, definitivamente, se um amigo seu estivesse participando de um assalto que *te* envolvesse, certamente você o reconheceria e jamais se esqueceria.

O interrogatório de Matheus foi finalizado e chamaram pela próxima testemunha. Seu caso contaria menos, uma vez que estive envolvido, mas não o esqueci. Ainda assim, meu advogado suava frio.

Me perguntei quantas mais vítimas haviam trazido para me culpar, farto daquilo tudo. Eu não estava me sentindo ameaçado. Só queria poder esclarecer tudo de uma vez e ir pra minha cela.

Não me surpreendi ao avistar Sara caminhando, apavorada, e se sentando como se *ela* tivesse cometido um crime. Ela sempre fora amedrontada ao extremo, e se caísse nas mãos de Nathan, era mais capaz que ela enfartasse do que fosse morta

pela gangue.

Tinha que admitir que ela continuava linda. Seu cabelo preto realçava sua pele quase transparente de tão branca, e ela era tão delicada e frágil que passava a impressão de que se algo a encostasse, ela quebraria facilmente. E eu não estava errado. Ainda mais quando *tudo* o que eu encosto, quebra.

- Conheci Daniel quando foi contratado para trabalhar na empresa do meu pai. — iniciou, tomando fôlego para formular as frases sem cortá-las. Ainda me lembrava do dia em que nos conhecemos. Ela se embolando entre as palavras, e eu rindo, sempre completando o que ela pretendia dizer. — Ele era extrovertido e se adaptou rapidamente ao local e às pessoas. Começamos a namorar e tudo corria perfeitamente bem até as duas garotas serem assassinadas. Ele vinha agindo estranho desde alguns dias antes da morte, e por ser um dos que mais costumava estar com elas, se tornou um dos suspeitos. Devido às acusações, meu pai o demitiu e o obrigou a se afastar de mim, mas ele continuou me procurando e pedindo para que fugisse com ele. Insistiu tanto que quando percebeu

PERIGOSAS NACIONAIS

que não me convenceria, ele me levou a força até seu carro e me jogou para fora no meio da estrada, alegando ter sido pelo meu próprio bem. – Sara concluiu entre pausas, evitando ao máximo me encarar.

Quando eu entrava no seu caminho de visão de soslaio, ela piscava furtivamente e voltava a se apegar a qualquer coisa, menos o que estivesse em minha direção. Aquilo seria hilário, senão deprimente.

- A senhorita acredita que ele tenha lhe ferido intencionalmente, ou simplesmente mudara de ideia no caminho?

- Para quem parecia tão convicto de sua decisão, não acredito que ele tenha me levado pra passear e enjoado de mim no meio do caminho, e então decidido me dispensar do carro. – disse ela entre dentes, um gesto semelhante à fúria que liberou no cemitério. Aquilo não me amedrontara, mas para Sara, era um grande avanço resolver me enfrentar.

PERIGOSAS ACHERON

- Qual era o grau de proximidade que tanto a senhorita quanto o réu tinham com as garotas assassinadas? – questionou a promotora num tom cético.

- Éramos apenas colegas, mas um funcionário relatou ter visto Daniel no dia da morte, perambulando pelos arredores da fábrica, fora de seu expediente, e carregando consigo uma arma no cós da calça. Isso foi suficiente para levá-lo a se tornar um dos suspeitos.

- De acordo com as experiências que obtive convivendo com o réu, inclusive durante o namoro, na opinião da senhorita, o réu realmente esteve envolvido no homicídio?

Meu advogado se inclinou para frente, prestes a intervir, mas Sara foi mais rápida, o que de certa forma me espantou, mesmo que não devesse. Ela estava protegida. É lógico que criaria coragem para desabafar sem temer minhas ameaças.

- Com certeza. – disse com firmeza.

Seu olhar aflito vagou pela platéia até se fixar

PERIGOSAS ACHERON

em mim, e então ela vacilou.

Aquela era a Sara que eu conhecia. A constantemente paparicada pelo pai e tão acostumada com a mordomia que, ao se encontrar diante de problemas, não conseguia resolvê-los sozinha, sempre recorrendo ao seu protetor.

Aquilo estava errado.

Não era dessa maneira que eu tinha sido ensinado. As pessoas precisam lidar sozinhas com seus dilemas, sem depender de ninguém para prontamente socorrê-las. Mas quando Sara se punha de frente a indecisões, ela fraquejava.

Por isso ela contou ao pai quando me viu com uma arma perto da fábrica.

Por isso ela pediu para que ele me demitisse.

Por isso ela espalhou o boato e fez com que todos acreditassem que eu era o assassino.

Por isso eu deixei o sangue da família Palacciimperar e tive vontade de estraçalhá-la.

Por isso ela fugiu da cidade, caso eu resolvesse voltar e procurá-la.

Por isso, ao prender seu olhar ao meu, eu soube que ela não teria coragem de admitir sua parcela de culpa em me acusar ao invés de investigar se o próprio namorado era realmente alguém de má índole.

Mesmo que, no final, ela estivesse certa.

- Um dia, eu estava na casa de Rebecca, quando ele apareceu e quis conversar comigo. Daniel não havia me procurado, nem mesmo depois de descobrir sobre minha amizade com Rebecca, mas sabia que alguma hora ele viria. Ele disse que fui muito atrevida em contar o que houve entre nós para Rebecca, e que eu devia parar de me intrometer no seu caminho, pelo meu *próprio bem*. E ainda complementou, dizendo que se eu não seguisse o seu aviso, ele não se responsabilizaria pelas consequências, pois tentou me avisar. Então me afastei e passei alguns dias pensando. E se ele realmente tivesse matado aquelas garotas? E se ele tivesse os mesmos planos para Rebecca? Ahipótese

me fez tomar uma decisão. Eu precisava dar um basta naquilo antes que fosse tarde demais, e fui à delegacia para denunciá-lo... Mas não tive coragem. Meia hora depois, encontraram meu pai, assassinado – relatou.

- Quando a senhorita saiu da delegacia, se lembra de ter visto alguém suspeito a observando ou espionando seus passos? – perguntou a promotora. Por coincidência ou não, os olhos de Sara se encheram de lágrimas. Mesmo àquela distância, eu pude acompanhá-los ganhando uma tonalidade clara de vermelho, realçando sua brancura.

- Não – fungou e esfregou os dedos nos olhos. A promotora começou a fazer a próxima pergunta, mas Sara ignorou, retomando sua resposta. – Mas posso confirmar que foi Daniel, pois no dia do enterro, ele estava lá. Ele, entre tantas pessoas que eu desejava ter me apoiando, ele estava lá para me afundar mais ainda em meu luto. E antes de ir embora, ele me puxou para um local afastado e sussurrou em meu ouvido exatamente essas palavras: *Se a morte do seu pai não for o bastante,*

saiba que também posso destruir a fábrica em um estalar de dedos. É isso o que você quer?

- Em algum momento a senhorita o viu em ação? E quando digo em ação, me refiro à agressão. Não vê-lo carregando uma arma e *deduzir* que ele poderia atirar em alguém. Até porque, de acordo com os laudos médicos, foi comprovado que as vítimas foram assassinadas a facadas, não com balas dentro de seus respectivos corpos. – meu advogado gesticulou formalmente, e a cada contestação, os olhos de Sara se esbugalhavam mais.

Me inclinei pra frente e joguei o cotovelo sobre a mesa, apoiando o queixo na mão.

Aquilo estava ficando interessante, até que me lembrei de um detalhe.

Se eu virasse a cabeça para o lado, eu teria o vislumbre do que desejei poder ver durante cinco angustiantes meses. Mas ao girar a cabeça naquela determinada direção pela segunda vez, foi mais do que desejar. Olhá-la e admirá-la não era mais

suficiente. Eu precisava *tê-la* pra mim.

- Ter me jogado de um carro em alta velocidade no meio da estrada não conta?

- Não, pois ele pode ter agido de tal maneira por sua própria defesa. O réu tentou adverti-la de que algo ruim ocorreria se o desobedecesse. A senhorita já parou para pensar na possibilidade de existir alguém o comandando, e tê-la jogado do carro foi somente para protegê-la do seu provável fim?

Meus músculos endureceram.

Ele estava perdendo as estribeiras.

Para quem assistia, seu discurso havia tomado caminhos diferentes do premeditado.

Existiam duas chances. A de não terem compreendido o que ele quis dizer, embora para mim seja bem claro e evidente, e a de desconfiarem do meu advogado ter envolvimento com a minha gangue, o que não seria totalmente uma mentira.

Chamaram pela próxima testemunha e afundei
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na cadeira, desejando poder tampar os ouvidos até que chegasse minha vez.

Mas o que me alarmou foi ouvir a palavra *defesa* ao invés de acusação.

Eu tinha uma testemunha de defesa e nem sabia?

- Diga o seu nome e como conheceu o réu.

Balancei a cabeça, vendo minhas veias saltadas em nervoso nas mãos.

Ele não podia fazer isso.

Ele não *devia* estar aqui.

- Meu nome é André Ramos e conheci Daniel quando o contratei para trabalhar em minha loja de automóveis há uns sete anos. Ele era jovem e sempre chegava atrasado ou estressado ao trabalho. Mas ao contrário do que muitos fariam, eu não o despedi ou reclamei. Na verdade, eu o acolhi, e creio que isso tenha o motivado a desabafar comigo. – contou.

PERIGOSAS ACHERON

Ele enrugou a testa e coçou o queixo barbudo, uma mania que sempre denunciava sua preocupação.

- Sobre o que exatamente o réu desabafava com o senhor? –inquiriu a promotora, notando sua dúvida quanto ao que fazer.

André tinha por volta dos cinquenta anos e sempre fora muito humilde, então para ele era fácil dar conselhos sem precisar vivenciar o mesmo que eu.

- Na maior parte, sobre como se sentia infeliz. Ele contava que seu pai estava o ensinando novos métodos de tortura, e que aquilo realmente era uma tortura, mas para *ele*. Ele não suportava assistir o sofrimento das garotas que sequestrava sem poder interferir. – pausou e estreitou os olhos ao mirar o teto, pensando. – Na verdade, acho que Daniel não suportava o fardo de ser filho de Nathan Fonseca, então a loja virou o seu refúgio dessa realidade.

- E o senhor não tinha medo que o réu o atacasse também? – elevando o tom de voz, a

promotora questionou, um tanto quanto descrente.

André apenas riu descontraído, e pude visualizá-lo com o corpo largado em sua cadeira giratória da loja, rindo de algum sarcasmo mal humorado meu.

- Aos meus olhos, ele era apenas uma criança. Tudo o que fui capaz de sentir por ele, além de admiração por conseguir lidar com aquela tempestade com tamanha garra, foi pena, por não possuir livre arbítrio e ser impelido a fazer coisas ruins todos os dias de sua vida.

- E porque o senhor não aproveitou e denunciou Nathan?

Com aquela arrogância, era a segunda vez que eu cogitava deixá-la nas mãos de Nathan por alguns meses. E eu estava falando sério.

- Eu preferi ter a confiança de Daniel a metê-lo em mais confusão.

Meu advogado se levantou e se dirigiu a André com um comportamento sereno, mas eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

certeza que ele estava o fuzilando com o olhar.

Retornei a encarar minhas veias, controlando a vontade de socar aquela mesa até despedaçá-la. Porque eu tinha me permitido contar a ele tudo o que acontecia?

Por quê?

Agora sua vida estava acabada, e por minha causa.

Somente *minha*!

- Então quer dizer que o réu não as maltratava por espontânea vontade?

- Longe disso! – André arregalou os olhos, espantado, e balançou a cabeça negativamente. – Desde o início, sempre foi obrigado pelo pai. Com o passar dos anos, Daniel foi amadurecendo, e as queixas diminuíram. Mas a princípio, ele deliberadamente declarava o quão mal se sentia toda vez que tinha que machucar alguém. Reclamava por aquilo ser injusto, e às vezes delirava, idealizando em voz alta como seria bom

PERIGOSAS ACHERON

viajar pelo mundo sem compromisso.

- O senhor acredita que ele tenha agido intencionalmente alguma vez, mesmo que depois tenha se arrependido?

- Jamais! – repetiu o gesto e liberou o peso na cadeira, da maneira folgada de sempre.

Apoiei os cotovelos na mesa e levei as mãos acorrentadas ao cabelo, prendendo os dedos entre os fios e cerrando os olhos fechados.

Reprimi um grito de raiva, me sentindo a pior pessoa do mundo, embora aquela sensação não fosse uma novidade pra mim.

Eu só podia lamentar por ter conhecido uma pessoa tão boa que, definitivamente, não devia ter sido generosa comigo. Ele devia ter me despedido na primeira oportunidade que encontrou. Mas agora era tarde demais.

- Confesso que Daniel tem um temperamento muito difícil de lidar, mas é questão de tempo para se adaptar com seu jeito de ser. Sempre existem

PERIGOSAS ACHERON

motivos pelo que fazemos, e por mais que seja basicamente impossível acreditar, ele também é apenas mais uma vítima nessa história. Ele nunca teve a intenção de prejudicar alguém. Se ele errou, não foi por escolha própria, e infelizmente, todos os envolvidos nesse caso tiveram que descobrir isso da pior maneira possível – finalizou.

Meu advogado retornou ao seu assento, tanto satisfeito quanto apreensivo.

André tinha contado detalhes que provavelmente não era o acordo entre eles.

Mas mal sabia ele que eu revelaria muitos mais segredos.

- Não conte para Nathan. É a única coisa que te peço. – falei entre dentes, endurecendo o tom de VOZ.

- Já estou tentando livrar a sua barra. Não é o suficiente? – ele riu contra gosto, encostando desleixado na cadeira e cruzando os braços.

Sua risada entrou por meus ouvidos e se

PERIGOSAS ACHERON

transformou em ira.

Eu o puxei violentamente pela gravata e logo dois seguranças se aproximaram para me afastar, mas eu já havia dito o que precisava.

- Eu já estou preso, e você sabe disso mais do que qualquer um. Então, sim, é a única coisa que te peço.

*Sempre tem alguma coisa errada, às vezes o
que nos sobra é o que nos falta*

*Algo que não vemos, não sentimos, tudo que
não temos, mas nos fingimos*

Capítulo 31

Não estou invadindo o seu espaço

*Apenas reconquistando tudo aquilo que eu
perdi*



Estar na cadeira ao lado da mesa do juiz era uma sensação diferente.

Naquela direção, era possível visualizar a expressão do público e dos jurados com mais clareza. Era possível também detectar o tamanho do desprezo que sentiam por mim. Não que fosse algo inesperado, mas aquela repulsão toda devia ser destinada a Nathan, não a *mim*.

Vários cochichos explodiram no tribunal.

O juiz pediu silêncio.

Ele deu início ao julgamento, falando algo que não me importei em prestar atenção. Minha mente vagou, recolhendo lembranças da minha infância e de como eu havia parado ali. Fiz exatamente o contrário do que Nathan ordenou e, de certa forma, me sentia orgulhoso por isso, porque significava que nem mesmo Nathan Fonseca seria capaz de me deter. Ao menos não enquanto eu estivesse preso, ou livre, contanto que ele não tivesse conhecimento do meu paradeiro.

Ainda me lembro das suas palavras no meu aniversário de dez anos quando me dera um canivete de presente.

- De agora em diante, você colocará em prática todas as táticas que ensinei. Hoje, você se torna um membro da nossa gangue, e suas missões terão que ser realizadas com sucesso – dissera ele, com aquele olhar sacana repleto de impiedade. – Caso contrário, se você falhar, Daniel... Se acabar numa

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa de tribunal, eu não irei te resgatar, porque se esse dia chegar, eu não terei mais filho algum.

E finalmente, após fazer uma criança se desesperar com a ideia de ser abandonado pela única pessoa que possuía da família, e ser dominado pela sensação de estar perdido e sozinho no mundo, ele disse: *Não me decepcione.*

Espero que Nathan esteja satisfeito com o trabalho que fez, pois foi graças ao seu exemplo que aprendi exatamente o que não quero ser. Um animal, como ele.

- Daniel Fonseca Palacci – recitou a promotora num tom formal que quase me convenceu a deixar o rancor por ela de lado. – Como explica a morte das garotas da fábrica?

- E isso é da sua conta? – ergui a sobrancelha forçando a expressão misteriosa, mas certamente deixei a gozação transparecer por meus lábios entreabertos em divertimento. Aquilo já estava sendo chato demais. Um pouco de graça não faria mal. – Ou você quer que eu demonstre consigo

PERIGOSAS ACHERON

mesma como ocorreram as mortes?

- O senhor quer que acrescentemos à sua ficha “*Desacato a Autoridade*”? – inquiriu o juiz com ar de superioridade.

Que diferença faria se no final eu acabaria numa cela de qualquer jeito?

- Você sabe que o seu martelo é uma piada perto das armas do meu pai, não sabe? – perguntei ao observar o juiz erguer levemente o martelo.

Sua fisionomia exausta daquela rotina tomou um caminho diferente, endurecendo ao se enraivecer. Aquilo me trouxe motivação. Meu objetivo estava sendo alcançado. Eu não seria Daniel Palacci se desperdiçasse a chance de tirar sarro até mesmo do juiz antes de ser preso.

- Senhor...

- Não, de verdade! Qual o propósito dessa perda de tempo se daqui a, no máximo, dez anos, eu vou estar solto? E digo mais: Enquanto vocês se preocupam em me interrogar, Nathan já está PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

raptando sua próxima vítima.

Algumas pessoas bufaram, outras arregalaram os olhos em choque, outras ofegaram e, inclusive, algumas chegaram a balançar a cabeça em concordância.

Apesar das reações diversas, todos sabiam que eu tinha razão.

- Senhor Palacci! Eu não direi outra vez antes de pedir para que te levem daquie o senhor seja acusado sem poder se defender. – bradou o juiz, ecoando sua frustração por toda a sala.

- Está tudo bem, Excelência. – disse a promotora, e eu logo percebi que ela devolveria na mesma moeda.

Ela se aproximou e fixou o olhar no meu, pronta para o duelo.

- E quem garante que se prendêssemos Nathan Fonseca, e te soltássemos, o senhor não prosseguiria com o trabalho dele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pra começar, eu não disse que deviam me soltar – ergui o canto dos lábios em um sorriso debochado. – E o simples fato de não querer *participar* dos seus planos já garante o bastante.

- E como acreditaríamos nisso, quando o sangue de um *assassino* corre em suas veias? – ela rangeu os dentes, parecendo uma leoa faminta por sua caça.

Eu quis rir.

Ela pretendia me colocar contra a parede e me instigar até que todas as informações estivessem na palma de suas mãos, mas para a sua infelicidade, eu já estava saciado de disputas.

- Isso não significa que eu tenha a mesma ganância pela morte que ele. Se tivesse, garanto que estaria me vangloriando por tê-las matado.

- Então o senhor teve envolvimento no homicídio? – perguntou a promotora, me persuadindo a confessar sem precisar que ela lançasse a questão direta.

PERIGOSAS ACHERON

No entanto, *eu* queria lançar a resposta direta.

- Eu matei as duas.

O tribunal desabou num silêncio tão profundo que me incomodou.

De repente, todos aqueles olhares atentos e aterrorizados me fizeram suspirar e abaixar a cabeça para evitá-los.

- Meu pai me viu com elas quando saíamos do trabalho e me mandou sequestrá-las.

Diversas partes despedaçadas daquele dia se reuniram em minha mente, tão vívidas que eu me senti de volta àquele anoitecer nebuloso.

Pequenos flocos de neve caiam sobre mim, deixando o rastro em minha roupa pesada. Arrastei ambos os corpos para fora do carro, acomodando-os sobre a neve macia.

Retirei o celular do bolso com as mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

enluvadas, tremendo, ao mesmo tempo em que procurava qualquer mínima evidência que condenasse o crime. O sangue escorrendo pela testa da loira minutos atrás tinha estabilizado.

Soltei palavrões, tentando silenciar o subconsciente que me mandava repetidamente largar aquela loucura e sair correndo para me livrar da encrenca. Mas era meu dever, minha obrigação. Tinha que obedecer as regras, por mais duras que fossem.

Encarei as garotas, desejando poder encontrar uma solução, mas era tarde demais. Elas eram autênticas e encantadoras. Poderíamos ter sido amigos se eu fosse uma pessoa normal. Elas poderiam ter uma longa vida pela frente se não fosse pelo erro que cometi em me permitir me aproximar tanto delas.

- Alô? – atendeu Nathan, grosso, do outro lado da linha após várias chamadas perdidas.

Bufei, ávido a me safar logo da sujeira em que me colocaram.

PERIGOSAS ACHERON

- Pronto, elas estão no lugar combinado. Porque a demora?

Pousei a mão na bochecha da loira e seu frio era tão intenso que atravessou a luva, me favorecendo a sentir sua pele quase congelando.

- Sua primeira missão – arqueei a sobrancelha, soltando uma fumaça gelada junto da minha respiração ofegante e descompassada. – Será impossível chegar aí em tempo. Estou tentando despistar um segurança, mas ele continua na minha cola.

Eu ri, querendo me socar.

É lógico que ele ia aprontar alguma coisa.

Se não fosse o bastante ter que sequestrar duas colegas do trabalho, Nathan ia me fazer matá-las.

- Muito obrigado, *pai* – dei ênfase com desgosto na última palavra e guardei o celular, estourando de raiva.

Procurei pelo carro por algo pontudo que me
PERIGOSAS ACHERON

possibilitasse fazer um corte minucioso e certo, mas estava tudo vazio.

Levantei a barra do casaco e retirei meu canivete do bolso da calça.

Aquilo serviria.

Me atirei ajoelhado na neve, com a mandíbula tremendo a cada respiração arfante. Eu lutava contra aquele sentimento inusitado, sabendo que não existia razão em me sentir assim. Presenciei meu pai sacrificando pessoas durante minha vida inteira. Sempre tive pesadelos com aquelas imagens, e agora eu estava prestes a fazer o mesmo que ele.

As raptei quando saíamos do trabalho, na hora em que ofereci carona. Droguei-as num beco próximo onde o carro estava localizado, e levei-as até uma parte vazia da estrada, onde seria difícil nos encontrar.

- Desculpa – sussurrei.

Sem mais delonga, tratei de colocar em prática
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que meu pai havia me ensinado.

Não era fácil encontrar a direção exata da artéria carótida no pescoço de alguém, mas após muito treino, consegui mirar e acertá-la em cheio, deixando o grande fluxo sanguíneo respingar em meu rosto. Por mais que fosse doloroso assistir uma pessoa tão boa que tive a oportunidade de conhecer, falecendo, eu apreciava a forma como o sangue jorrava de sua artéria e coloria o branco da neve em um tom escuro e forte. O canivete estava impregnado de vermelho e o cheiro tão habitual de ferrugem que exalava me deixou hipnotizado.

Balancei a cabeça, afastando aquele repentino prazer.

Eu *não* poderia me igualar a Nathan.

Nunca!

- O... O que...

Virei a cabeça rapidamente e fitei a garota morena que tinha acabado de acordar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ia gritar.

Iam escutar.

Ia dar tudo errado, e eu estaria ferrado logo na minha primeira missão.

Ela abriu a boca pra soltar um berro e me apressei, tampando sua boca com uma mão e cravando o canivete com a outra em seu pulmão.

Ela caiu sobre meus ombros enquanto eu aprofundava o canivete em seu corpo frágil.

Soltei-a num ímpeto, já sem vida.

Aqueles dois corpos repletos de sangue me provocaram pavor.

Eu havia tirado a vida delas.

Eu estava virando um *assassino*.

Andei pra trás e me escorei ao carro, me culpando por ter exterminado a vida de duas pessoas totalmente inocentes e que entregaram sua

PERIGOSAS ACHERON

confiança nas mãos erradas.

Ouvi o motor de uma moto se aproximando e entrei rapidamente no carro, sem tempo para finalizar o trabalho.

Eu estava fervendo em fúria.

Não pelo meu pai ou pela vida que tinha de enfrentar.

De mim, pois o único verdadeiro culpado naquela história era ninguém além de mim mesmo.

Eu contribuí para o sangue delas se esvair, ao invés de tentar alertá-las do risco que estavam correndo.

Eu as matei, não meu pai ou qualquer outra pessoa.

Eu realmente me transformara num monstro. Contra a vontade ou não, não importava. Eu matei e nenhuma punição seria suficiente. *Eu*

mesmo nunca me perdoaria.

Além disso, eu era um mentiroso. Menti para todos que um dia me permiti amar, com exceção de André, e naquele momento, eu sabia o quanto seria preferível tê-lo incluído nas mentiras do que arriscá-lo com a verdade. Mas novamente, era tarde demais. Meu advogado jamais manteria a boca fechada, tendo consciência de que alguém fora da gangue ganhara tantas informações sobre nós de mão beijada. Eles temeriam que André soubesse mais do que devia e contasse todos os futuros planos ou o paradeiro da gangue para os detetives. Mas eu desabafava superficialmente, sem entrar em grandes detalhes, como nomes ou localização. Ele tinha conhecimento apenas da base do que constituía o meu sofrimento, mas meu advogado nunca acreditaria na minha palavra. Não quando eu também não passava de um grande mentiroso.

A partir do dia em que se cria uma mentira, várias outras são inventadas automaticamente. Quando enxergamos com clareza a quantidade de coisas supérfluas que inventamos, é tarde demais para voltar atrás. Ninguém confiará e acreditará em

PERIGOSAS NACIONAIS

você novamente.

- Alguns interrogados afirmam tê-lo visto na hora da morte no teatro. Como o senhor pode confirmar isso? – perguntou a promotora, interessada.

Afastei o olhar das mãos e o fixei nela, tentando esquecer os respingos de sangue borrifados sobre a neve.

- Os laudos deram uma hora aproximada, não a exata da morte. Logo que saí da cena do crime, limpei o rosto no casaco, que já estava em partes com sangue, tirei ele e as luvas, deixei-os no carro e fui me refugiar no teatro, um lugar que costumava me acalmar.

- Mas porque exatamente as matou? – questionou, incompreensiva. – Vender os órgãos não fazia parte do esquema característico de Nathan?

- Nem sempre faz – falei. – Depende do caso. E nesse, acabou sendo apenas um treinamento.

PERIGOSAS ACHERON

- Portanto após isso você acidentou Sara?

- Não.

O tique taque do relógio e o teclado sendo digitado tudo o que eu dizia no computador começaram a me dar nos nervos.

A imagem de uma festa veio à minha mente, me distraíndo rapidamente da perturbação.

Eu a arrastava pelo braço até a saída de emergência, torcendo para que não nos localizassem. Estava atento aos vigias e seguranças nas portas principais, já que nem era permitido que eu estivesse ali. Não que eu me importasse ou que tivesse sido complicado entrar, logicamente. Tinha habilidade em passar despercebido.

- Danny, por favor, me escuta! – implorou, liberando algumas lágrimas e manchando a maquiagem.

Eu odiava vê-la chorar. Não por pena, mas por

PERIGOSAS ACHERON

isso denunciar o quão dependente e frágil ela era, e isso definitivamente não era bom pra ninguém, muito menos para a filha do dono de uma fábrica famosa.

- Não posso deixar o meu pai. Sem condições! Seria perigoso.

- Ou seria perigoso fugir com um assassino? – ironizei, encostando-a numa parede próxima à escada.

- Que droga, Danny, se coloca no meu lugar! Você abandonaria a sua família de uma hora para outra?

Seu cabelo se alinhou ao rosto, lhe dando um aspecto tanto delicado quanto emburrado. Os momentos em que ela parecia uma criança mimada me tiravam do sério, o que dificultava minha decisão.

- Abandonaria – respondi de imediato.

Ela nem duvidava de como a minha vontade de fazer isso era absurda, e muito menos dos meus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motivos infinitos para abandonar sem pensar duas vezes.

- Você não dá a mínima pro que eu conto —ela revirou os olhos e cruzou os braços à altura do peito, virando a cabeça para o lado.

- Quer que eu acredite na sua ilusão de estar sendo perseguida? — gesticulei e presei os dedos ao redor do seu queixo, obrigando-a a me encarar.

Os olhos de Sara eram compostos por tamanho terror que *realmente* me fazia me sentir um monstro, sem nem precisar dizer nada.

- Eu passava a maior parte do tempo com você, talvez agora se sinta desamparada, sozinha, é só isso.

- Vá em frente. Diga que estou paranoica e que preciso me internar. — balbuciou, repetindo o que eu já havia dito a ela, embora brincando.

- Eu prefiro gastar esse tempo fazendo algo bem melhor e que te convença a vir comigo. — falei e coleí nossos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Pela primeira vez, Sara tentou se desvencilhar dos meus lábios, mas em torno de poucos segundos ela desistiu e tratou de me corresponder.

Eu não a amava o suficiente para salvá-la, mas pensar em matá-la como fiz com as outras garotas era insuportável. Eu a amava o suficiente para ter a plena consciência do que aconteceria, e estava decidido a fazer o correto, mesmo que isso custasse a *minha* vida.

- Eu protesto! – gritou Sara de sua cadeira e levantou, apontando em minha direção. – Esqueceu que você também chamou meu pai de ordinário, e que era melhor eu o largar o quanto antes, pois haveria uma tragédia futuramente? Sendo profeta ou não, você acertou, seu desgraçado. Meu pai está morto! – todas as lágrimas que ela se restringiu a deixar escapar durante seu depoimento escorreram pelo rosto agora rosado, repleto de tristeza. – E tudo por sua causa.

- Protesto? Excelência, por favor! Ela é uma testemunha que não está nem mesmo depondo no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, como ela pode sequer protestar? – meu advogado reclamou ironicamente e gesticulou como se ela não tivesse o menor conhecimento de como se portar num tribunal.

O juiz estava prestes a dizer alguma coisa, quando a promotora se pôs a frente.

- Excelência, eu poderia me aproximar? – disse ela como se tomasse cuidado com as palavras.

O juiz, meio cansado daquilo, fez um sinal com a mão para que a promotora e o meu advogado se aproximassem dele.

- Excelência, eu sei que minha testemunha está errada por interromper assim, mas o que ela disse... É importante. O senhor poderia considerar?

- Oras! Ela não está testemunhando mais, Excelência! – meu advogado passou do divertimento para a descrença.

Eles estavam falando baixo, mas como eu estava perto, conseguia ouvir claramente o que diziam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por favor, Excelência, a senhorita Sara não sabia que estava errada, mas o que ela falou pode ser importante para o júri – disse a promotora de um modo sutil que até eu quase concordei.

- Tudo bem – o juiz suspirou, rendido. – Mas mantenha suas testemunhas na linha, senhora. – ordenou, dando um olhar duro à promotora. Os dois voltaram então aos seus respectivos lugares, e eu continuei preso às recordações. – Mantido! Mas por favor, senhorita, se contenha, pois não está em um lugar qualquer.

- É verdade o que a senhorita Sara disse, senhor Palacci? – questionou a promotora.

Olhei para o meu advogado que se preparava a intervir novamente, mas não havia necessidade disso. Eu me comprometi comigo mesmo a dizer a verdade, e não havia sentido em continuar escondendo aquilo.

- Sim, é verdade. Mas antes de chegar à morte do pai de Sara, quero esclarecer o motivo de tê-la jogado do carro em alta velocidade. – falei,

PERIGOSAS ACHERON

prendendo meu olhar em Sara.

Seu rosto estava encoberto pelas mãos que aparavam seus soluços, mas eu sabia que ela estava prestando atenção. A promotora pareceu estupefata pela minha escolha em confessar sem precisar ser interrogado.

- Nathan sabia sobre Sara. No momento em que quis as duas garotas em suas mãos, começou a rondar a fábrica a procura de um alvo para arrancar o pai dela da liderança. Logicamente, ele descobriu que o pote de ouro estava exatamente em *minhas* mãos. Então ele me fez convencê-la a fugir comigo, e se isso não funcionasse, a sequestrasse. Nesse período, tomei consciência do boato que Sara espalhou sobre mim, e cheguei a pensar em realmente matá-la, porque ela merecia. Merecia, por ser minha namorada, e ainda assim não confiar em minha palavra. Mas no fundo, eu sabia que ela não podia botar muito crédito em mim, e eu estaria agindo conforme meu pai esperava. Então o que eu fiz foi jogá-la no meio da estrada e dizer à Nathan que ela tinha escapado. Haviam homens da gangue por perto quando a coloquei no carro para

garantirem que eu não falharia novamente, mas sob ordens de Nathan, não me seguiram, e essa foi minha chance de libertá-la. Para Nathan, eu disse que devíamos deixá-la de lado e seguir para outra cidade, pois se continuássemos ali, poderiam encontrar provas a meu respeito que me incriminassem e não teríamos como acobertar. E mesmo furioso e me castigando por dias, ele atendeu ao meu pedido.

- Então você a salvou, mas Nathan ainda tem interesse nela e na fábrica?

- De verdade, eu não sei. — falei e suspirei pesadamente.

O julgamento estava sendo mais torturante do que eu imaginava. As lembranças me corroíam e me condenavam a coisas que eu preferia fingir que não foram realidade.

- E quanto à garota japonesa que o senhor Nicholas citou?

- Ela era uma garota de programa que estava precisando urgentemente de dinheiro e não estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguindo angariar o que necessitava com o trabalho, então fiz uma proposta a ela. Conteí que eu trabalhava com venda clandestina, e que se ela aceitasse, poderia retirar alguns órgãos do seu corpo e vendê-los. Ainda ofereci a ela oitenta por cento do dinheiro que recebêssemos com a compra. Ela comentou sobre seu medo em ter filhos por conta do emprego constante e arriscado, então sugeri a retirada de seu útero. Ela não entendia muito bem a respeito do assunto, e quando falei que ela precisava tomar um líquido para se preparar pra cirurgia, ela aceitou sem pestanejar, o que logo levou à sua morte.

No meu cotidiano, aquele caso não era uma surpresa, mas para as expressões incrédulas diante de mim, certamente não acreditavam ser possível ainda existir pessoas que se submetem a tais sacrifícios.

- Na gangue de Nathan não existe meio termo. Ou a pessoa morre, ou, nas raras vezes, consegue fugir com a ajuda de alguém infiltrado. – expliquei.

A promotora pegou alguns papéis e deu uma

PERIGOSAS ACHERON

passada geral com o olhar, o que me permitiu abaixar a cabeça e pensar se aquilo era realmente o certo a fazer. Admitir todos os crimes e saber que dali não teria mais volta.

- Como ficou sabendo do desfile de Natasha Morelli?

Minha mente estava tão distante que demorei a ligar o sobrenome da mãe com o da filha.

- Todos da cidade sabiam. O espetáculo do dia era aquele desfile, tanto que as ruas estavam lotadas de cartazes e panfletos. Meu pai ficou sabendo por meio destes sobre o evento, e disse que eu teria uma nova missão para substituir as falhas. Suas normas foram bem rígidas, especificamente, cruéis. Ele queria muito mais do que o sequestro de Rebecca.

Fiz uma pausa para raciocinar, e ao vê-la abrir a boca para fazer questionamentos, prossegui impedindo-a.

- Aproveitei a chance de conversar com a Rebecca quando ela sentou num banco de ponto de

PERIGOSAS ACHERON

ônibus após o término do evento. Foi uma conversa simples, como qualquer outra que se tem com desconhecidos.

Não comentei sobre o acidente e torci para que ela não me interrompesse. A hora apropriada para entrar no assunto chegaria logo.

- Levei meu pai no dia seguinte para o shopping porque queria comprar uma coisa, e foi quando conheci o Matheus e o Nicholas numa loja de instrumentos.

- Como o senhor e a senhorita Rebecca viraram amigos?

- Passamos a nos encontrar eventualmente, por pura coincidência, e conversávamos mais. Fui ganhando sua confiança aos poucos, até o dia em que reencontrei Sara. Quando voltei a ver a Rebecca, ela estava agindo mais receosa, e certamente fora por conta do que Sara havia provavelmente contado. Então... Eu tive que tomar uma decisão e ter uma conversa séria com Sara.

- Sobre o que vocês conversaram?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu dei o meu jeito. – um sorriso cínico brotou dos meus lábios, ignorando a pergunta, e um calor percorreu pelo meu corpo, me lembrando da conversa.

- Sabia que fofocar é coisa de garota mimada? – arqueei a sobrancelha e inclinei a cabeça para o lado.

Aquela frase era típica de algo que Jonathan falaria antes de fazer a garota gritar até a fúria tomar conta de seu corpo e acabar *definitivamente* com qualquer som que suas cordas vocais pudessem produzir.

Sara fez uma cara de desentendida, procurando qualquer escapatória e implorando silenciosamente para que Rebecca retornasse.

- Sorte não ser o meu caso – ela murmurou, evitando me encarar.

- Você se atreveu a contar tudo para Rebecca.

PERIGOSAS ACHERON

Não é difícil perceber isso. O que acha que ela pensará de mim quando você persuadi-la a acreditar na sua versão, assim como fez com todos da fábrica?

Cruzei os braços e ergui o queixo em autoridade, embora não fosse necessário muito para assustá-la.

- Ela terá a oportunidade que eu não tive de fugir. – disse.

Rolei os olhos e balancei os ombros numa risada incrédula.

Fugir.

Se ela não tivesse tido a oportunidade, nós nem estaríamos tendo essa conversa.

- Pare de se intrometer no meu caminho, Sara. Pelo seu próprio bem.

Foi a vez dela de rolar os olhos. Ela abraçou os próprios braços e pude constatar o tremor em suas mãos, certamente não por frio.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já ouvi essa história antes.

- Eu não vou me responsabilizar pelas consequências se não seguir o meu aviso, Sara. E te garanto que você *não* vai gostar de descobrir o que te espera.

- Não, Daniel. – balbuciou, prendendo o olhar ao meu pela primeira vez no dia. Apesar de perseverante, sua voz continha uma tonalidade fraca, quase se quebrando antes de concluir a frase. – Eu não deixarei a minha amiga sofrer em suas mãos. Seu joguinho acabou.

- Estou te avisando, Sara – ergui o canto dos lábios num sorriso satisfatório, me divertindo com a situação.

Avancei, apertando seu punho entre meus dedos e me abaixando para sussurrar perversamente em seu ouvido. Sara estava gelada e petrificada, sem um pinga de ousadia para me desafiar. Ela sempre estaria em minhas mãos, na hora que eu bem quisesse, e não dava pra negar o quanto aquilo me agradava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Meu *joguinho* está apenas começando.

*Talvez eu sempre faça a coisa errada
Um furacão pra mim é quase nada*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

*Você tem ódio nos seus olhos e arrogância em
todas palavras*

*Eu não pretendo julgar você, eu não me sinto
no direito*



Admitir minhas falhas conseguia ser pior do que reconhecer meus acertos. Aquelas pessoas podiam chegar a admirar minha resistência, visto de quem sou filho, mas eu me encontrava em um dilema entre o certo e o errado. Durante anos, eu sequestrei garotas para que meu pai finalizasse o trabalho, e aquilo se tornara tão normal e rotineiro que parecia ser o certo. Aquele era o meu dever e eu simplesmente devia cumpri-lo, não era?

Mas matar parecia totalmente errado. A troca do que eu acabaria com a vida de alguém que eu nem mesmo conhecia? Dinheiro já não servia mais como resposta, pois Nathan havia obtido de sobra com resgates anteriores. O problema é que quando a pessoa é *fraca*, ela se apoia em algo que a faça se sentir bem, revigorada e realizada, e essa era a droga do meu pai. Se satisfazer a custa do sofrimento dos outros.

Tudo fez mais sentido pra mim quando matei um dos comparsas a base de socos. Meu pai queria apenas que eu treinasse meus golpes e minha força, mas eu estava transbordando em fúria por ter visto aquele homem ameaçando sequestrar uma criança. Aquele não era o acordo, e ele não tinha o direito de tirar a infância dela como meu pai fez comigo.

Foi aí que eu enxerguei a contradição no que fazia. E por acaso existia uma idade na qual tivéssemos o direito de tirar sua *vida*, de qualquer jeito?

- Então somente o senhor ficou encarregado pelo sequestro da senhorita Rebecca?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não exatamente. Meu pai mandou alguns comparsas vigiarem a casa dela para verificarem qual seria a melhor hora e modo para a raptarmos, e estipular o preço que pediriam pelo resgate de acordo com o que observaram. No caso de Rebecca, foi uma grana bem alta, já que também seria um risco grande pela fama da mãe dela. Eu participava às vezes das vigias para ter certeza de que ela não estava desconfiando de nada além do que Sara havia contado, e quando encontrei uma boa oportunidade para pegá-la, adivinhem o que aconteceu? – sorri fracamente e ergui a sobrancelha, como se fosse algo óbvio. E vindo de mim, realmente era. – Eu falhei, por duas vezes. Rebecca devia estar nas mãos de Nathan muito antes de quando consegui.

- E porque demoraram tanto?

Meu olhar vagou por todo o tribunal, de pessoa em pessoa, até parar em Rebecca.

Ela estava completamente linda. Eu queria enrolar seus cachos soltos pelo coque entre meus dedos, beijar ternamente seu pescoço, subir pela

PERIGOSAS ACHERON

mandíbula até alcançar sua boca macia e invadi-la com avidez sem hesitar.

Ela me encarou atentamente, curiosa pela resposta.

Palavras não seriam capazes de definir o quanto eu a desejava, então simplifiquei, encarando profundamente os seus olhos verdes e mareados.

- Porque eu a amo. Eu me recusei a perdê-la e tentei salvá-la.

- Engraçado que... — a promotora se pôs à minha frente, me impedindo de olhar Rebecca. Meus músculos se enrijeceram em nervoso e me esforcei a manter a calma. Eu sabia que essa ia ser a última vez que a veria, então só queria aproveitar esse tempo o máximo possível. — O senhor disse o mesmo sobre Sara. O senhor a amava, então a jogou do carro para salvar sua vida. Então porque não conseguiu fazer o mesmo com Rebecca?

- Foi diferente — balancei a cabeça e sorri de canto. Talvez aos olhos daquelas pessoas não fosse perceptível, mas no meu coração, a diferença era

PERIGOSAS ACHERON

clara só em olhar de uma para a outra. – Sara foi apenas uma garota que conheci, fiz amizade e Nathan se aproveitou disso, então dei um jeito de ela escapar. Já Rebecca... Eu me aproximei dela com um intuito e nos apaixonamos por acidente. O que houve entre nós não foi premeditado.

A imagem de Rebecca no dia em que nos conhecemos se alastrou pela minha mente, proporcionando uma repentina calma. Seu cabelo moldava o contorno dos ombros e poucos fios se acomodavam grudados ao pescoço. A luz do clube onde fora o evento era clara e de forte intensidade, mas tudo o que iluminava aquela noite ao meu ver era o vermelho suave dos seus cachos e o verde resplandecente de seu olhar curioso. Isso quando ela me permitia admirar seu belo rosto e parava de evitar o meu olhar.

Becky parecia ter um escudo que a protegia de descobrirem seus segredos, ou mais especificamente, suas decepções. Eu considerei aquilo como um convite, que serviu para me instigar a derrubar a barreira que existia entre nós e incentivá-la a confiar em mim. Eu tinha a intenção

PERIGOSAS NACIONAIS

de encontrar seu ponto fraco e usá-lo como uma ameaça. Eu queria conquistá-la sem pressa e envolvê-la em meus braços até tê-la nas palmas das minhas mãos.

Mas mal sabia eu que o jogo viraria e ela tomaria posse de todos os meus propósitos.

Mal sabia eu que ela entraria em meu mundo com um valor tão grandioso que me conquistaria sem mesmo pretender, e que me faria *desejar* tê-la em meus braços.

- Sabe o que me atraiu nela? – perguntei, fixando o olhar num ponto qualquer e viajando em minha mente. – Becky não era como as outras. Ela não se esnobava por ter uma casa chique ou por poder gastar com o que bem quisesse. Pelo contrário, ela me motivou a construir um barco de madeira e pegar alguns brinquedos doados por um colégio para colocar na praça ao lado de sua casa, onde as crianças teriam onde brincar. Não estou dizendo que pessoas ricas não são solidárias ou que todas são esnobes, mas todas se igualam resumidamente a uma única coisa. Dinheiro. E

PERIGOSAS ACHERON

Becky nunca foi assim. Ela se contentava com coisas singelas como poder dançar por horas ou ser reconhecida pelo seu trabalho. Eu costumava ter que me modificar de acordo com a pessoa na qual me aproximava pra sequestrar, mas com a Becky... Eu não precisei fazer absolutamente nada. Eu agi naturalmente, sem precisar fingir, e ela me aceitou do jeito que sou. Nossa relação fluiu, e quando fui me dar conta do que o sentimento estava se tornando, já era tarde demais. Eu estava apaixonado pela minha vítima.

A promotora se movimentou para o lado e pude admirar Rebecca sem empecilhos.

Ela derramava poucas lágrimas que escorriam por sua bochecha corada.

Pelo que exatamente ela estaria chorando?

Não existia possibilidade de o sentimento ser recíproco. Não depois de tudo o que a fiz passar.

Becky deslizou a mão pela barriga e a acariciou, como se consolando o filho. E ao observar aquela cena, o fraquejo deu lugar ao

PERIGOSAS ACHERON

rancor por reconhecer minha sorte e desperdiçá-la.

- E quando ocorreram as tentativas? — perguntou a promotora, chamando minha atenção.

Meu advogado se remexia na cadeira, impaciente e angustiado.

- Na primeira vez, eu estava ensaiando na casa de Henrique quando recebi uma mensagem de um dos comparsas dizendo estar à espreita de Sara, e que ela aparentava estar planejando aprontar algo. Eu estava prestes a ir averiguar quando Becky chegou com seus amigos. Tive que enrolar e pedir para que outro comparsa viesse garantir que ninguém me seguisse. Ao chegar próximo ao local onde avistaram Sara pela última vez, pude constatar duas coisas. A primeira, que Sara estava na delegacia, pronta para me denunciar, e a segunda, que Becky estava a caminho, e o comparsa sugeriu aproveitar aquela chance para sequestrá-la. E eu topei. Liguei para o primeiro comparsa, pedindo para que acompanhasse disfarçadamente o trajeto de Becky com o carro para a colocarem dentro quando a capturassem, e depois liguei para um

comparsa que havia permanecido na cidade anterior, ordenando que matasse o pai de Sara.

O tribunal foi preenchido com o choro de Sara e todos a miraram, lamentando por tamanha tragédia. A questão é que eu acreditei que ela permaneceria em silêncio após saber o que eu era capaz de fazer. Mas ela não me deu ouvidos e preferiu seguir seus instintos. Não era minha culpa. Para tudo existe um preço a ser pago.

- Eu avisei que algo ruim poderia acontecer! – exclamei, como se estivesse dirigindo minha frustração diretamente a ela.

Respirei fundo, percorri freneticamente a mão pelo cabelo e prossegui.

- Meu papel ali estava feito e podia ir embora, mas assistir o desespero de Rebecca *me* desesperou. Comecei a imaginá-la sendo torturada e tal pensamento me enfraqueceu até não resistir mais, puxá-la contra mim na virada de uma esquina e sinalizar para que eles fossem embora.

- Para Nathan mantê-lo no processo, suponho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele não tenha o punido pela falha drástica. – presumiu a promotora, mantendo a expressão pacífica.

Achava que o julgamento, comparado a tudo que já passei, não seria nada. Mas tudo naquele lugar estava me deixando irado. Até mesmo sua paciência, enquanto eu estava prestes a pedir que me prendessem sem ter que me explicar.

- Acha que por ser filho dele sou menos castigado? – estreitei o olhar a ela com desgosto. – Nathan sabia como ela estava envolvida comigo e não podia perder a isca. Ele *precisava* de mim.

- E o senhor não tentou fugir?

- O que eu deveria fazer? – me curvei pra frente e cerrei os dentes, como uma fera se preparando para o ataque. – Nathan fez seus comparsas me drogarem, me amarrarem e me espancarem por um longo tempo. Ele sabia que só assim eu não teria forças pra me soltar e derrotar todos. Então, não venha falar como se fugir fosse a coisa mais fácil e óbvia que alguém faria no meu lugar, pois aposto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que você *nunca* esteve em uma situação parecida.

- O senhor podia chamar a polícia. – continuou, sem se afetar com a minha raiva.

- Cavar minha cova e pedir para me enterrarem vivo, você quer dizer. – respondi automaticamente, grosseiro.

A junção das lembranças de meu pai com a dor de ter Rebecca tão perto de mim, mas ao mesmo tempo tão longe, era como ter fogo espalhado pelo coração. Ardia e esquentava gradativamente, como as labaredas das chamas.

- E como ele conseguiu tantos comparsas para fazer o trabalho por ele?

Meu advogado abriu a boca para protestar, mas eu gargalhei, fazendo todos me encararem como se eu fosse maluco.

- Espera... Eu vim pro julgamento errado? Vocês estão aqui pra *me* interrogar ou pra descobrir os segredos de Nathan?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E quanto à segunda tentativa? – ela retomou ao ocorrido, percebendo que havia ido além do proposto.

Revirei os olhos, perdendo totalmente a vontade de esclarecer qualquer coisa.

- Foi no enterro do pai de Sara. Dei carona pra ela, já que sua mãe tinha ido embora sem ela, e na metade do caminho avistei um carro nos seguindo. Lá, estavam três dos meus comparsas. Novamente, o plano era parar e levá-la para aquele carro, onde seguiríamos para o esconderijo. E o que eu fiz? – perguntei, como se estivesse contando uma piada ao público.

Eu adorava o modo como Rebecca teimava com minhas ordens e me desafiava. Eu adorava sua voz cantando num tom suave uma música que era estridente. Eu adorava demais o jeito como ela me fazia me sentir ao seu lado para largar mão disso.

- Eu parei o carro, mandei-a se agachar, saí, atirei em um deles, consegui fugir e um caminhão os atingiu em cheio. E quer saber? Eu não me

PERIGOSAS ACHERON

arrependo.

Eu ainda estava em choque.

Passei muitas vezes por situações parecidas, mas nunca daquele modo. Eu havia provocado aquele acidente, e com pessoas que conviveram comigo desde a infância. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. A única coisa que sabia é que ao lado de Rebecca nada mais me importava.

Para provar como ela mexia comigo, todas as cenas, desde o enterro até o acidente, desapareceram quando Rebecca tocou meus lábios com a ponta dos dedos. Todas as mentiras que havia acabado de contar desvaneceram, como se não fizesse a mínima diferença. Meu único interesse era agarrá-la e prendê-la firmemente contra meu corpo, ao mesmo tempo em que ansiava somente tocar em sua pele e sentir seu calor.

Com Becky, minha única apreensão era que nos encontrassem, pois de resto, era como estar em uma

PERIGOSAS ACHERON

nova cidade. Você fica encantado com os costumes dela e aproveita cada dia, sabendo que o último da viagem logo chegará. Eu me sentia relaxado e me divertia com ela, sem precisar me esforçar para que desse certo. E a cada dia que passava, a cada dia que me via sendo provocado por aquele sentimento angustiante, eu tinha a certeza de que o fim daqueles dias logo chegaria.

Eu fechei os olhos vagorosamente, apreciando seu toque delicado, como se tomasse cuidado para não me quebrar mais do que já estava. De repente, seus dedos foram substituídos por seus lábios macios e um pouco gelados pelo temor. Eles tremiam levemente, incertos em prosseguir ou recuar. Sua boca pressionada contra a minha era tudo o que eu precisava para esquecer meus tormentos. Tudo o que eu pensava era nela. E tudo o que eu necessitava urgentemente, estava exatamente ao meu alcance.

Invadi gentilmente sua boca e aprofundei o beijo, guardando comigo cada momento. Ela entrelaçou os dedos em meu cabelo e me puxou contra ela, quebrando qualquer distância que

existisse entre nós. Pousou a outra mão sobre a minha e a encaminhou até seu corpo, o que pra mim representou um sinal aberto para avançar e explorar suas curvas. Percorri a mão do seu pescoço até sua cintura e a apertei contra mim, desejando não largá-la nunca mais. A frieza em seus lábios logo se tornou fervura de tão quentes e me perguntei como teria coragem de largá-la desse jeito.

Ou melhor, se um dia eu *conseguiria* largá-la.

- Senhor Palacci? – chamou o juiz pela milésima vez, me fazendo sair do transe.

Seu olhar era voraz, achando que eu estava prolongando de propósito.

Soltei um sorriso leve, mas não um sorriso irônico. Apenas um sorriso reconfortante por me lembrar dos bons momentos que Becky me proporcionara.

- A promotora lhe fez uma pergunta – avisou.

- Desculpe. Poderia repetir? – pedi.

Ela se assustou com minha repentina educação e pigarreou, formulando novamente a questão.

- O que aconteceu depoisdisso?

- Ah, bom... – meu sorriso desvaneceu rapidamente ao lembrar das consequências envolvendo meu pai, mas preferi não citar, sabendo que acarretaria em mais questões a respeito dele, e eu já estava farto de responder coisas que não eram exatamente da minha conta. – Teve a festa na floresta, onde Nathan me mandou com um comparsa para sequestrar uma garota. Fiquei um tempo com Becky e seus amigos, e quando chegou a hora, dei uma desculpa e me encontrei com meu comparsa, que já tinha conseguido pegar ela. O problema é que ela estava grávida e Nathan dizia que garotas grávidas só traziam maiores complicações, então tivemos de matá-la, já que ela tinha visto o rosto de meu parceiro. Eu disse que ela não se lembraria por conta da droga, mas ele é radical e não quis saber. A levamos pra dentro da floresta, meu comparsa localizou Cíntia nos

vigiando e foi atrás dela para drogá-la.

- Mas então porque o seu comparsa matou a garota grávida e deixou a senhorita Cíntia sobreviver?

- Porque eu o convenci. Disse que ali estava muito escuro e ela jamais teria nos reconhecido. Ele não teve muito tempo pra discutir porque logo ouvimos mais passos e ele foi verificar. Pouco tempo depois, Nicholas apareceu e eu saí correndo.

- E depois disso o senhor sumiu, correto? – perguntou, provavelmente se atendo à ordem dos acontecimentos que Becky devia ter contado.

- Antes de sumir, eu visitei a Rebecca, no dia seguinte ao da festa na floresta. Inclusive, foi nesse dia em que a engravidei. – falei, apontando com a cabeça na direção de Rebecca. E complementei algo que fez todos arregalarem os olhos. – Propositalmente.

- Mas a senhorita Rebecca nos disse que o senhor não a obrigou a se render... – a promotora rebateu e Rebecca soltou uma careta que me fez PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querer rir.

- Não, não obriguei, mas planejei que ela engravidasse.

Algumas pessoas arquejaram, chocadas.

Becky manteve a postura, mas seus olhos murcharam, sem acreditar que eu realmente tinha planejado isso sabendo que haviam chances de ela, e ainda mais o bebê, falecerem.

- Ela não estava muito atenta, e coloquei uma camisinha que estava propensa a furar. Achei que se Nathan soubesse que ela estava grávida, ele desistiria, assim como foi com a garota da floresta... Mas ele a queria de qualquer jeito.

Uma risada se agitou em meu peito e me controlei para não liberá-la.

Todos estavam surpresos, e eu ainda nem tinha chegado à parte principal.

- E durante o seu sumiço, foi quando esfaqueou o senhor Matheus?

PERIGOSAS ACHERON

- Sim – falei, suspirando.

Não tinha sido uma noite fácil, e eu nem me orgulhava por aquele assalto.

- Usamos o Matheus para tirar a atenção dos pais de Rebecca, já que tinham a colocado de castigo, então precisou ser algo profundo para que desviássemos a preocupação deles e ficássemos com o caminho livre.

A promotora balançou a cabeça para que eu prosseguisse, e obedeci, a fim de acabar com aquele mistério.

Mas do meu jeito.

- No dia da formatura de Rebecca, voltei e a sequestrei. Os comparsas encontraram o pai dela sozinho e bêbado numa rua próxima e acharam que levá-lo junto renderia bastante, pois meu pai sempre alimentou um grande ódio pelos pais de Rebecca. Aliás, foi por isso que fui mandado para sequestrar Rebecca. Por um tipo de... Vingança. – adquirindo um toque de terror, murmurei a última palavra no propósito de agravar a ânsia daquelas

PERIGOSAS ACHERON

pessoas pela revelação.

- Senhor Palacci... Vingança do que?

- O que eu estou prestes a contar é o motivo de Nathan Fonseca Palacci desejar sequestrar Rebecca Morellia qualquer custo.

O tribunal se afundou num profundo silêncio e ergui o canto dos lábios num sorriso sacana.

- Numa noite fria e encoberta por nuvens carregadas de chuva, meu pai estava dirigindo despreocupadamente pela estrada. Eu estava com ele, ouvindo música e rindo de alguma bobeira junto dele, o que costuma ser algo bem raro de acontecer, até que ele olhou apreensivo para o retrovisor. Seguindo o seu olhar, encontrei um carro nos seguindo. Eles estavam tão próximos que consegui visualizar um homem enfurecido, fervendo de raiva, uma mulher gritando ao seu lado, visivelmente desesperada, e duas crianças no banco de trás, chorando assustadas com a discussão dos pais. Nathan acelerou o carro e perguntei o que estava acontecendo, porque ele estava acelerando o

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, mas ele não respondeu. O carro atrás do nosso acelerou no mesmo instante e bateu com força contra o nosso. Duas, três, quatro vezes. Na quinta, meu pai perdeu a direção e desabou com o carro da estrada. O carro rolou mata a baixo. O mundo girou por um bom tempo. Parecia que nunca ia parar. Quando o carro se estabilizou, estávamos de cabeça para baixo e eu conseguia me mexer com muita dificuldade. Tinha apenas oito anos e por sorte ganhei só alguns ferimentos pelo corpo. Já meu pai ficou em coma por dois meses e perdeu a locomoção das pernas. Depois que acordou, ele se tornou pior do que já era. Ele se sentia impotente por estar numa cadeira de rodas, e descontava sua frustração no desejo de provocar o sofrimento nas garotas que sequestrava, reprimindo sua depressão em vê-las agonizando. Mas ele nunca estaria satisfeito o bastante até torturar Rebecca Morelli, pois o homem que estava no carro que nos empurrou mata abaixo e deixou meu pai paraplégico é o pai da Rebecca. – revelei.

Mantive meu olhar fixo em Rebecca, atento à sua reação.

PERIGOSAS ACHERON

Ela empalideceu e balançou a cabeça negativamente, sem se permitir acreditar na história. As lágrimas que ela havia segurado tão fortemente escaparam dos olhos, e eu quis dizer a ela o que havia guardado por todo esse tempo.

É por isso que eu sabia o que havia acontecido naquele acidente, minha pequena... Porque eu estava nele.

- Mas... Eu tenho certeza que não é só isso. Existe um motivo maior para tanta obsessão.

- M... Meu filho?

A mãe de Rebecca se levantou repentinamente, boquiaberta e gaguejando.

- É claro! Como eu não pensei nisso antes? Você é o único filho que Nathan Fonseca tem... Você é o meu filho, Daniel!

Mas que droga era aquela?

A filha que é sequestrada e a mãe que enlouquece?

PERIGOSAS NACIONAIS

Só podiam estar de sacanagem com a minha cara, então nem me incomodei, porque não dá pra retrucar com gente louca.

- Senhora, por favor, volte ao seu lugar. – pediu o juiz, tanto espantado quanto confuso.

Pra ser realista, eu estava me divertindo com a cena toda.

- Não, não, me escutem! – ela movimentou os braços freneticamente, andando em minha direção.

- Natasha, para, agora não é a melhor hora. – disse o seu marido, puxando-a pelo braço.

Será que depois da minha confissão não poderiam prendê-lo também?

- Era óbvio demais! – ela levou o punho à testa, balançando a cabeça alvoroçadamente em descrença.

Cruzei os braços e relaxei o corpo na cadeira, curioso em ouvir o resto da piada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nathan retornou de repente depois de tantos anos, dizendo coisas desconexas e me subornando a lhe entregar uma parcela grande de dinheiro, mas era uma quantia tão alta que eu nem ao menos tinha. Disse que se eu continuasse a recusar, ele seria obrigado a apresentar o nosso filho à minha família, e principalmente à imprensa. Aquela não me pareceu exatamente uma ameaça, pois embora minha reputação fosse ser criticada, eu ia ter a oportunidade de conhecer o *meu* filho. Mas Nathan incrementou o aviso, dizendo que Rebecca estava mais próxima do nosso filho do que eu podia imaginar. – ela estendeu a boca aberta, incrédula.

Continuei sem expressão, imaginando se eu poderia simplesmente pedir que me prendessem e parasse de aturar aquele teatro.

- Agora tudo faz sentido! – exclamou.

- Ah é? – me inclinei pra frente e joguei brutalmente as mãos sobre a cadeira, produzindo um estrondo e fazendo com que todos me encarassem.

PERIGOSAS ACHERON

E era exatamente o que eu queria.

Que todos vissem minha tremenda repugnância por aquela mulher.

- E porque você tentou me afogar, *mamãe*?

- Eu era muito jovem e Nathan foi minha primeira verdadeira paixão. Quando descobri que ele era um assassino... Eu desisti instantaneamente de dar luz ao bebê. Ele teria os mesmos instintos que o pai, e eu nunca mais conseguiria me livrar de Nathan. Então ele disse que se eu abortasse, ele me mataria. Prometeu que cuidaria de você e não tive como recusar, sabendo que ele estava falando sério. – ela dizia com os olhos tão encharcados e uma expressão tão abatida e arrependida que me fez querer estapeá-la até fazê-la chorar de verdade.

Ela *não* tinha o direito de falar sobre a mulher que infelizmente me pariu.

Ninguém tinha.

- Eu tentei te afogar, sim. Eu estava tomando remédios fortíssimos, e não tinha mais plena
PERIGOSAS ACHERON

consciência do que fazia. Eu queria... Salvar a sua vida, porque sabia que você seria a isca de Nathan e porque durante a gravidez ele contou sobre os mil planos que tinha em mente para treiná-lo para ser mais cruel que ele quando crescesse. E hoje eu vejo... Que ele realmente fez isso. Eu lamento tanto, filho... Se eu pudesse voltar ao tempo...

- Se você pudesse voltar ao tempo faria o que? – elevei o tom de voz, alcançando o equivalente a um grito, e a engrossei, distribuindo um eco pelo tribunal.

Cerrei os dentes, pronto pra disparar em sua direção e forçá-la a engolir de volta todas aquelas palavras.

- Ia conseguir me afogar? É *isso* o que você ia fazer?

- Ordem no tribunal! Parem com essa discussão imediatamente! – a voz do juiz sobressaiu à minha e ele ergueu o martelo, querendo manter a organização.

Ele que mantivesse a ordem na casa dele, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não naquele tribunal, principalmente quando aquela mulher continuava falando asneiras e me fazendo perder o controle.

- Dane-se o seu martelo! Eu faço questão de te visitar um dia só pra mostrar todas as armas de Nathan pra você ver o que realmente bota a ordem em qualquer lugar. Porque só a morte faria todo mundo calar a boca! – surtei, gritando para o juiz, sem pudor.

Eu não era um monstro como Nathan, mas também não ficava na retaguarda se me desafiassem.

Era simplesmente ridículo e sem sentido algum tudo o que a mãe de Rebecca havia dito.

Ela *não* era minha mãe.

Nathan não faria isso comigo.

Não faria.

Ele *não* podia ter feito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você está condenado à Desacato a Autoridade também. – incluiu o juiz, tão desesperado quanto eu para que toda aquela confusão acabasse logo. – Advogado, promotora, mais alguma pergunta?

A promotora negou e meu advogado pareceu mais interessado em assistir o espetáculo do que me interrogar.

Eu quis roubar o martelo do juiz e quebrá-lo na cabeça do meu advogado até destruir todos os seus neurônios, porque os meus estavam prestes a romper em ódio.

Na realidade, eu queria explodir todo aquele lugar.

- Esta sessão está encerrada. – determinou o juiz.

- E só mais uma coisa, *mamãe* – bradei, me desvencilhando da cadeira e caminhando à frente.

Ergui o dedo indicador em direção à mãe de Rebecca, tremendo de nervoso e sentindo o suor escorrendo pela testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alguns seguranças avançaram em mim e eu não me importaria em acertá-los, mas não havia necessidade.

Eu já tinha dito tudo o que precisava que ela e todos naquele maldito lugar soubessem.

- Você deveria realmente ter me afogado.

Achei tudo tão difícil, o início já é meio e fim

*Corri o risco que eu sentia, mas a sorte não
sorriu pra mim*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

De todos os desastres que eu podia

Eu escolhi você



Dois dias depois, eu estava de volta ao tribunal.

Desta vez, presumi que definiram que o julgamento seria fechado. O público era menor e Rebecca estava sozinha. Sem seus pais para me enlouquecerem com alucinações ou seus amigos para colocarem ideias na sua cabeça.

Nos dias decorrentes ao julgamento, passei um bom tempo pensando.

Meu advogado havia me aconselhado a jogar a

PERIGOSAS NACIONAIS

culpa em Nathan, contanto que eu não entregasse informações sigilosas e o incriminasse mais do que as pessoas por fora do nosso cotidiano tinham conhecimento. Eu já pretendia fazer isso, independente de isso me ajudar a reduzir a quantidade de anos condenado ou não. Mas eu descartei fatos a respeito do sequestro de Rebecca que, com toda certeza, reduziria consideravelmente a contagem, já que meu advogado poderia arcar em cima disto como defesa.

E esse era exatamente o ponto.

Eu não queria que levassem minha confissão como uma demonstração de fraqueza, ou como se o que fiz foi proveniente da bondade que existe em mim por trás da maldade que Nathan sempre pregou em mim. Não queria, pois sabia que dentro de mim existia também uma parte negativa. Caso contrário, eu não sentiria prazer e conforto ao ter o sangue de uma vítima escorrendo em minhas mãos. Nada do que fiz foi por bondade. Foi simplesmente por achar que era o correto a se fazer no momento.

No dia da fuga, eu agi totalmente por impulso,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem premeditar nossa saída ou pensar em como lidaria com toda a situação depois de deixá-la em segurança. Tudo o que me importava era tirá-la daquele lugar, e eu sabia que logo que descobrissem sobre a fuga, eles fariam exatamente o que fizeram. Viriam atrás de mim, enquanto Nathan ligaria anonimamente pra polícia pra que me capturassem, e o resto dos comparsas colocaria as garotas nos carros e seguiriam para outro esconderijo. Por isso, eu não me preocupei em resgatar o pai dela. Sabia a localização do próximo esconderijo e, já que eu estaria preso de qualquer forma, não veria problema em contar.

Mas encontrei Jonathan no meio do caminho e ele me deu de graça exatamente o que eu precisava, que era a futura morte do pai de Rebecca. Meu pai sempre ansiou tanto pelo sofrimento daquele homem, que jamais se compararia ao que ele passou, então porque eu tentaria impedi-lo, quando já tinha contado sobre a morte do pai para a Rebecca?

Jonathan logo captou o que eu pretendia fazer e perdi o controle quando ele começou a me tirar do

PERIGOSAS ACHERON

sério. Eu não tinha tempo para aquilo, então optei pelo que sabia fazer de melhor naquela quadrilha e o soquei até que desmaiasse.

O lado externo estava vazio com exceção de um carro com a chave ligada na ignição. O pai de Rebecca estava jogado desajeitado no banco do motorista e o cinto era a única coisa que permitia seu corpo permanecer naquela posição sentada, sem desabar por completo. Eu coloquei Rebecca rapidamente no meu carro e o chutei em nervoso por cogitar desligar o motor do carro em que o pai dela estava. Porque eu faria aquilo? Porque, quando *aquele* homem foi o causador de toda a tragédia com o meu pai... Apesar de que meu pai também causava mais do que meros danos em todas as garotas que sequestrava e sua punição nunca foi a morte, como o caso do pai de Rebecca estava destinado a ser.

Eu fui criado por um monstro, não por um pai. E meu filho, aquele que sempre sonhei em ter para educar e tratar como meu pai nunca fez, simplesmente não ia ter um pai um dia, porque eu sabia que meu fim seria exatamente onde estava no

momento, prestes a ser condenado a viver trancado numa cela. Rebecca tinha um pai, e mesmo que não fosse o melhor, ao menos não era um monstro. Não era justo tirar dela justamente o que eu já não tinha. Eu sabia, mais que qualquer um, o que era não ter um pai presente. Então porque eu tiraria a chance dele de se redimir com ela quando tudo terminasse? A chance de tê-la por perto, cuidá-la e protegê-la da forma que eu nunca poderia ter.

Então antes de partir eu desliguei o motor, retirei a chave da ignição e a levei comigo.

Eu não considerava aquele um ato de bondade, apenas de consideração pela mulher que amava. Era o mínimo que eu podia fazer por ela depois de tudo.

O meu advogado fez o seu discurso final, apontando que fui obrigado a cometer todos os crimes, e que se eu não tivesse consciência do quão cruel e errado fora todos os homicídios, eu não evitaria que Rebecca tivesse o mesmo fim.

Quanto à promotora, ela justificou meu

PERIGOSAS NACIONAIS

descontrole tanto verbal quanto físico uma ameaça, pois demonstrava que apesar do arrependimento que eu estava sentindo, isso não mudaria o fato de que diversas garotas estavam mortas por minha culpa. E o detalhe que ela realçou como mais importante: Eu era filho de Nathan Fonseca. Nenhum filho de assassino consegue sair isento da violência, ainda mais por eu estar habituado com a vida no mundo criminal. Alegou também que as minhas palavras de hoje podem não ser as mesmas de amanhã. Hoje, posso estar farto de presenciar torturas e praticar homicídios, mas amanhã, por estar tão acostumado a tal rotina, posso perceber o quanto me faz falta e me tornar novamente uma ameaça.

Se ela tinha aquela opinião, muito foi por culpa minha.

Se soubesse que esperei pelo trem, no meio do trilho, para acabar de uma vez por todas com a bosta de vida que levo, ela não diria isso. Não quando só eu sabia o que estava por vir se a minha vida não acabasse naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

- O júri tomou sua decisão.

Despertei do transe ao ouvir o juiz falar.

Percorri o olhar pela plateia, parando em Rebecca.

Seu cabelo ruivo caía cacheado pelos ombros, semelhante ao dia em que a conheci. A lembrança dos seus olhos esverdeados me observando curiosamente me fez soltar um sorriso, mesmo que o juiz estivesse prestes a dar o veredicto final.

Eu não me importava com a sentença. Eu só queria poder alcançá-la e acariciar seu rosto uma última vez. E, principalmente, dizer o quanto eu desejava que nada daquilo tivesse acontecido. Me lembrei do dia em que ela confessou estar grávida e do quanto me senti realizado com aquela notícia.

Meu sorriso se alargou, e eu não me importei com os olhares confusos caindo sobre mim.

Seria mentira se eu dissesse que nunca veria Becky novamente, pois ela sempre estará presente vividamente em minha memória, e porque eu

PERIGOSAS ACHERON

nunca a tirarei do meu coração.

- O júri decidiu que o réu, Daniel Fonseca Palacci, é culpado e condenado a vinte e cinco anos e nove meses de prisão com regime fechado.

Eu não sabia definir o que era pior, se a minha suposta casa ou a prisão.

Todos aqueles homens me tiravam do sério de tal forma que cheguei a arrumar muitas brigas em apenas dois meses. A cada dia que passava, achava que eu já tinha suportado de tudo, mas sempre conseguia me surpreender. Tudo naquela cadeia estava me enlouquecendo mais do que conviver com a quadrilha, e se eu não desse logo um jeito de escapar, eu trataria de acabar com todos eles.

- Você tem visita – falou um homem por trás das grades que me confinavam naquele caos.

Ele tirou um molho de chaves do bolso e levantei apressadamente da cama, mesmo sabendo que devia ser apenas o meu advogado. Qualquer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpa para me livrar daquele cheiro de bolor e suor era válida.

Fui levado a uma sala extensa onde haviam cabines juntas de telefone e um vidro grosso que separava o detento da visita.

No meu caso, de Rebecca.

Quando a avistei, eu paralisei.

Ela não podia estar ali.

Simplesmente não havia *sentido* em estar.

Becky ficou tão surpresa quanto eu ao me ver. Ela vestia um moletom xadrez pesado que intercalava nas cores preto e rosa. Com a saliência na barriga mais acentuada, a roupa lhe proporcionava um bom caimento, como se tivesse sido modelada especialmente para ela. E *lógico* que tinha sido. Eu já tinha até me esquecido que Rebecca era a filha da estilista mais famosa da cidade, porque pra mim, ela sempre será apenas a pequena garota que me conquistou pelo seu potencial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Becky pegou o telefone e o colocou contra a orelha, esperando receosamente que eu fizesse o mesmo.

Em outra circunstância, eu a ignoraria e voltaria à minha cela antes de arranjar mais problemas, mas seus olhos eram suplicantes.

- O que está fazendo aqui? – perguntei com rispidez.

Ela entreabriu a boca, claramente dividida sobre o que fazer.

- Queria saber como você está... – murmurou quase que pra si mesma.

- Eu realmente devo responder isso? – desabei os ombros e relaxei a expressão na intenção de provocar repulsa nela.

O que mais eu teria que fazer para afastá-la do perigo? Ou melhor, de mim?

- Danny, eu sinto muito – disse ela após bufar.
– Eu ainda não consegui entender porque minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe disse aquelas coisas absurdas no julgamento. Toda vez que a pressiono pra me contar ela foge ou se irrita comigo, então...

- Eu não acredito nisso – ri, incrédulo.

Me debrucei sobre a bancada, agarrando o telefone com agressividade.

- Porque você está se desculpando com alguém que só te fez mal? Por ela? Sua mãe é louca, Rebecca. Se fossemos irmãos, fora a quantidade de drogas que injetei em você, esse bebê nem teria chances de sobreviver durante a gravidez!

- Exatamente o que o médico disse. – ela suspirou e abaixou o olhar, ficando em silêncio.

Eu não ia tomar a iniciativa, mas algo a incomodava profundamente, e aquela não era a mesma Rebecca valente que eu conhecia.

- Becky... – chamei num tom carinhoso, a fim de ganhar sua atenção. – O que está fazendo aqui?

- Preciso que você prometa uma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos vidrados aos meus me impediram de fazer qualquer piada, então acenei com a cabeça, pedindo que prosseguisse.

- Prometa que nunca virá atrás de mim ou do meu filho.

- Olhe onde estou! Como um dia iria atrás de vocês? – ri com desgosto, decepcionado por tal pedido.

- Eu te conheço, Daniel – revidou calmamente, como se já esperasse por aquela resposta. – Eu sei que uma hora você irá enganar e despistar todos, como sempre faz, até conseguir estar do lado de fora desta prisão.

- E se eu fosse atrás, o que você faria? Se esconderia atrás dos seus vestidos?

- Eu te denunciaria novamente.

Sua expressão endureceu gradativamente, como se a coragem estivesse retornando aos poucos à dona.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Particularmente, eu adorava vê-la retrucando tão duramente o que eu falava, e isso me instigava a argumentar mais.

- Rebecca, eu sou o pai dessa criança, e se você teve o direito de escolher entre abortar e mantê-lo, eu também tenho o meu direito de visitá-lo.

- Eu tive o direito de escolher entre ser vítima de um sequestro ou não, por acaso? – disse ela num tom rude e franziu a testa em nervoso.

- Você não pode tirar de mim a oportunidade de ser um pai decente pra ele, Rebecca. Se não...

- Se não o que? Você vai roubar o meu filho de mim, assim como o seu pai fez? – ela me interrompeu, vociferando e gesticulando veloz e ferozmente.

Aquilo me atingiu como uma flecha.

Eu *nunca* seria um pai decente, por mais que desejasse ser.

E eu sabia disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava a desafiando só por me recusar a perder mais uma batalha.

Não existiam perspectivas pra mim. Se conseguisse escapar, a não ser que adotasse uma nova identidade em um novo lugar, eu não teria chance. E ainda assim, uma hora a gangue me encontraria. Eles sempre encontravam.

O melhor para Rebecca era me ter fora de sua vida. Mas eu não estava pronto pra sair dela.

- Para de agir assim, Daniel! Você está por conta própria agora, sem Nathan para te forçar, então pare de agir desumanamente. Seu pai é um covarde, mas isso não significa que você também seja! Eu sei que você tem um bom coração, mas de que adianta se você mesmo não dá valor pra isso?

- Que diferença faria, Rebecca? — me impulsionei contra o balcão e cerrei os dentes, ocultando a tristeza por trás da raiva. — Que diferença faria se eu estou aqui, algemado, sem poder te tocar, enquanto você vai seguir sua vida adiante no momento em que colocar o pé pra fora

PERIGOSAS ACHERON

desse lugar?

- Isso não se resume a mim, Danny... – balbuciou, com os olhos repentinamente mareados.

- É totalmente a você. Foi você quem me apresentou um mundo completamente diferente do que eu estava acostumado. Foi você quem me mostrou o que posso ser fora do domínio de Nathan. Foi você quem me convenceu a criar força para desafiar o meu próprio pai. Foi você quem me proporcionou momentos tão maravilhosos e únicos que me fez esquecer por instantes de quem eu realmente sou. Foi você, minha pequena, que me ensinou que quando gostamos de alguém, nós fazemos de tudo por aquela pessoa. E hoje eu sei que é você a razão de eu continuar lutando, porque eu te amo, Becky.

Becky entreabriu a boca e permaneceu por um minuto inteiro em silêncio, me deixando sob angústia.

Eu não esperava uma resposta recíproca, só queria que ela tivesse conhecimento do que eu

sentia.

Eu queria destruir aquele vidro entre nós para alcançá-la e limpar as lágrimas que escorriam por suas bochechas coradas, mas eu sabia que aquelas lágrimas significavam somente uma coisa.

Significavam que eu tinha a perdido.

Se foi um erro, eu quero errar sempre assim

Se teve começo, que tenha fim

Capítulo 34

*Sombras e pensamentos de um sonho só
esperança*

Nas paredes ecoavam o silêncio e a lembrança



REBECCA

Rodopiei segurando a barra do vestido azul claro, me sentindo jovem e livre.

Meu cabelo estava preso num coque frouxo, batom rosa claro nos lábios, blush avermelhado nas bochechas pálidas, brincos em formato de coração em conjunto com colar, o anel indispensável da

PERIGOSAS ACHERON

formatura e salto alto preto.

Eu estava pronta e preparada para continuar seguindo em frente.

- Mamãe, vamos logo!

Nunca imaginei ser chamada de *mãe* tão cedo.

Agora, eu provava como era magnífica aquela sensação única.

- Tenha calma, querido, nós já vamos!

Peguei o meu pequeno filho de apenas dois anos no colo e me sentei na poltrona junto dele.

- O que você vai dar para a tia Cindy e o tio Henry?

Ele tirou um pedaço de papel guardado dentro do paletó, o desdobrando e esticando.

No desenho estavam Henrique e Cíntia, que iam se casar em poucas horas, Elena, Matheus, Gabriella e Nicholas. Eu estava de mãos dadas com

PERIGOSAS NACIONAIS

meu filho, e ao lado dele, um homem cuja aparência me recordou uma pessoa em especial.

Arqueei a sobrancelha, totalmente surpresa.

- Você o conhece? – perguntei, apontando.

Minhas mãos tremeram levemente, o suficiente para que não fosse perceptível e ele não percebesse. Eu gritava por dentro por uma resposta negativa, torcendo por tudo o que é mais sagrado.

- Conheci no parquinho. Disse que somos muito parecidos e que gostou muito de mim, mas ele logo foi embora.

O soltei devagar, colocando o papel de volta em seu paletó e dando uma ajeitada em seu cabelo já despenteado, tentando disfarçar o nervosismo. Me perguntei porque meu filho desenhava exatamente aquele homem. Com tantos amigos pela praça, porque não desenhá-los também?

- Ele disse que vai voltar para brincar de novo comigo – disse com um ar alegre.

PERIGOSAS ACHERON

- Jura, filho? – liberei um sorriso forçado. – Espere aqui.

O endireitei na poltrona e fui em direção à cozinha, pegando os doces que eu havia ajudado a preparar para a festa após o casamento. Olhei de relance para o jornal guardado há tempos na prateleira semiaberta, trazendo a notícia sobre a fuga de um prisioneiro.

Daniel Palacci fugiu da prisão no mesmo dia em que nosso filho nasceu.

Eu realmente não me importava, tampouco temia. Acho que todo o sufoco e sofrimento que Danny me fez passar foi o bastante para aprender uma lição, e passei a enxergar as pessoas com um olhar de desconfiança e receio.

- Mamãe, será que o meu tio vai me deixar tocar? – perguntou.

Ri sozinha com o comentário.

Meu filho era apaixonado por música, mesmo não tendo tocado jamais um instrumento musical.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu sonho era tocar na banda de Matt, Nick e Henry, e preencher a vaga.

- Claro que vai! Você vai ser o destaque da noite!

Meus pais haviam me presenteado com um apartamento pequeno e simples num prédio recentemente construído no quarteirão da pracinha. Achavam que agora, sendo mãe, eu deveria criar mais responsabilidade e morar sozinha com meu filho seria uma ótima experiência.

Vindo deles, o presente foi mais do que surpreendente. Durante mais de um mês eu liguei para casa, perguntando se a febre havia passado e se eles desejavam a devolução do presente. Mas apesar da crise emocional, minha mãe ainda era casca grossa, principalmente ao que se relacionava ao neto, então parei de insistir na brincadeira. Pelo menos o apartamento ainda estava de pé. Queimei um microondas e estourei uma panela de pressão, mas faz parte. Todos estavam vivos, apesar do meu pequeno implorar pra almoçar e jantar na casa dos avós. Ele já tinha noção do perigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Matt também sofrera uma lavagem cerebral. Do garoto que só ligava para a própria diversão, ele era o mais preocupado com a minha saúde e a do sobrinho. Por várias vezes ele tentou me convencer a voltar para casa por segurança, afinal de contas, Daniel estava à solta.

Mas com Daniel Palacci eu sabia me virar. Agora mais do que nunca.

- Me faz um aviãozinho? – ele bateu os bracinhos fazendo bico.

Senti um vazio no peito.

Meu filho se chamava Dan em homenagem ao pai.

Ninguém aceitou bem a minha escolha.

Acontece que Dan era a cara do pai.

Os cachos castanhos, as sardas distribuídas pelo rosto, a mescla perfeita em seus olhos azuis esverdeados.

PERIGOSAS ACHERON

O nome se tornava irrelevante quando seus traços eram idênticos. Danny desejava um filho, e embora uma gestação não estivesse nos *meus* planos, resolvi dar ao menos isso a ele. O seu nome. Porque era tudo o que Dan saberia sobre o pai. O seu nome.

Olhei para Dan, desolada.

Avião.

Voar.

Dan nasceu com hipotonia congênita benigna.

O distúrbio foi diagnosticado logo ao nascimento quando Dan não esperneou nem flexionou os joelhos. A hipotonia se manifesta por flacidez extrema, de forma que o bebê se apresenta incapaz de produzir força muscular. Pode ser generalizada, mas no caso de Dan, se concentrava nas pernas. Ele não conseguia se manter ereto sem um apoio, não conseguia engatinhar ou rastejar. Inicialmente, os médicos suspeitaram que o atraso motor fosse proveniente de algum dano cerebral, mas o pai de Ellen me acalmou, afirmando que era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas um efeito dos ansiolíticos administrados durante o sequestro.

Ele me avisou que haveriam sequelas, e eu era grata por ao menos não terem sido graves. A hipotonia é uma condição permanente e desafiadora, mas que com tratamento e fisioterapia propiciaria uma vida normal.

Quando crescesse, Danteria uma recuperação ao menos parcial e conseguiria andar. Eu confiava plenamente nessa hipótese e rezava todas as noites por um milagre.

Ainda assim, o pai de Ellen me alertou que eventualmente outros problemas poderiam aparecer. Dan já demonstrava uma discreta dificuldade respiratória e frequente irritabilidade. Os calmantes são potenciais teratogênicos e foram injetadas altas doses no cativeiro para que eu dormisse. Não sabemos se chegaram a me aplicar outros tipos de droga, então os efeitos poderiam ser revelados aos poucos com o decorrer do tempo, incluindo distúrbios de humor. A inquietação e os tiques nervosos de Dan levavam a psiquiatra a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

supor que ele poderia estar manifestando traços de esquizofrenia.

Admito que me controlei para não pular no pescoço dela. Como ela teria captado isso a partir de uma criança de dois anos? Era exatamente o que ele era, apenas uma criança.

Pouco tempo depois, guardei os últimos retoques na bolsa e percebi que Dan acabara dormindo enquanto me esperava.

A campainha tocou e previ que fossem meus pais para nos buscar.

Abri a porta, e me assustei ao ver um buquê de flores.

- Rebecca Morelli? –questionou o entregador, encarando o bilhete que se encontrava dentro do imenso buquê de flores que ele carregava.

Assenti, desconfiada, me condenando mentalmente por aquele fio de esperança reaparecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O jovem estendeu a entrega e agradeceu, tentando endireitar as flores nos braços e sentindo o cheiro doce que exalavam no ar.

Apanhei o bilhete, curiosa para descobrir quem tinha enviado.

Daniel.

Típico de Palacci.

Eu não iria tolerar que ele voltasse a nos rondar depois de anos.

Com dó de jogar as flores no lixo, avancei pelo corredor onde o entregador esperava, impaciente, o elevador chegar.

- Desculpe, mas não as aceitarei. Pode devolver à loja, ainda estão em perfeito estado. – falei.

- Mas senhora, é a minha obrigação...

Fechei a porta antes que ele proferisse mais uma única palavra e eu desistisse.

PERIGOSAS ACHERON

Trêmula, encarei o bilhete em minhas mãos, engolindo a seco.

Eu me conhecia o suficiente para saber que não resistiria à tentação, e era melhor lê-lo enquanto Dan estivesse dormindo.

Em letra caprichada, estava escrito: *Assista, por favor.*

Dan não se moveu, entregue por completo ao sono.

Meu corpo inteiro estremeceu ao ver que dentro havia apenas um CD.

Mordi o lábio, indecisa e aflita ao sentir o coração disparado a cada passo em que me aproximava de assistir. Eu estaria fazendo a escolha certa em ressuscitar algo que já havia sido enterrado no passado, ou era melhor fingir que aquela entrega não acontecera, pelo meu próprio bem e do meu filho? Já haviam passado dois anos, afinal de contas. Eu me recuperara da melhor forma possível, e do nada ele resolve retornar? Com que intuito? De destruir mais ainda a minha vida? Acho

PERIGOSAS ACHERON

que já estragou além do possível.

As borboletas revirando meu estômago falaram mais alto, me apressando a colocar o CD que estava coberto por um pequeno pacote no DVD.

Apertei play.

Minha primeira reação ao estar diante daquele olhar penetrante na câmera foi prender a respiração.

Eu não estava preparada para revê-lo.

- *Olá, Becky.*

Ele soltou seu sorriso singular e comprometedor.

Cerrei os olhos, me impedindo de cair em seus encantos.

- *Parece que faz séculos desde que nos vimos, não? Eu conheci esses dias uma criança esplêndida. É ótimo saber que apesar de todas as improbabilidades, acabou dando tudo certo. Tenho plena consciência de que suas deficiências são*

PERIGOSAS NACIONAIS

todas por minha causa. Sei disso, e jamais pediria por perdão. Não sou digno disso.

Ele abaixou a cabeça, aparentando estar arrependido.

Ri baixo sarcasticamente.

Alguém que ama de verdade nunca faria qualquer mal à pessoa amada.

Daniel ao menos era realista.

Suas desculpas não curariam o filho, muito menos lhe dariam o prazer de correr.

- Mandeí também uma carta para o nosso filho. Está junto do buquê, bem escondido. Por favor, Rebecca, mostre a ele. Talvez não agora, mas quando ele tiver idade para compreender. Ele precisa saber que tem um pai. Um que não tem permissão de participar de sua vida, mas que pensa nele o tempo todo. Ele precisa saber que não estive presente por opção. Tive que fazer isso para não colocá-los em risco maior do que já coloquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele alargou o sorriso, balançando a perna nervosamente.

Seus olhos brilharam, e cheguei a confundi-los com lágrimas prestes a cair.

Mas eu estava enganada.

Os olhos que instantaneamente ficaram encharcados foram os meus.

Provavelmente, eram os meus que estavam embaçados o bastante para criarem a ilusão de que Daniel estaria se segurando para não demonstrar emoção.

- Eu mal acreditei quando descobri que era um menino. Um menino que eu poderia levar para shows de rock, apresentar os melhores jogos de videogame, fazer escutar todas as bandas dos anos 80 que discutimos uma vez, além de mostrar as canções do pai para ter em quem se espelhar. Um menino que eu poderia ensinar as manhas sobre como assustar garotas pequenas e indefesas que costumam estar sempre distraídas, pensando em como preferiam estar dançando ao invés de
PERIGOSAS ACHERON

modelando roupas pra mãe.

A esse ponto, eu estava tão mergulhada em lágrimas que mal reparei que ele estava no mesmo estado que eu, misturado com risadas.

- Já parou pra pensar em tudo o que poderíamos conquistar juntos? O amor, a felicidade, as realizações que compartilharíamos. Mas eu sei, Becky... Eu sei que você só me relaciona com infelicidade, sofrimento, dor e uma vida de péssimos exemplos e companhias. Você não está totalmente errada, e eu me condeno por isso a cada segundo. Tudo o que eu mais queria era ter em meus braços, te apertar forte e sussurrar em seu ouvido que tudo ficará bem, que eu a protegerei independente do que aconteça. Mas às vezes eu só queria voltar no tempo e nunca ter te conhecido.

Danny parou, apoiando o cotovelo no joelho, entrelaçando as mãos e pousando-as na cabeça, enquanto abaixava a mesma.

Ele ficou em silêncio por quase um minuto, fungando de vez em quando.

Eu estava fora de mim novamente, tentando controlar meus soluços, mas era praticamente impossível.

Eu entendia o que ele havia dito.

Se não nos conhecêssemos, nenhum de nós dois estaria nessa situação.

Por outro lado, quando Daniel finalmente se daria conta do erro gigantesco que estava cometendo? Quando teria coragem de enfrentar seu pai definitivamente e se livrar da vida do crime de uma vez por todas?

Talvez nunca.

Talvez *não exista* uma forma de se livrar.

- *Olha só o monstro que você criou, Rebecca. Transformou um animal sarcástico em um tolo sentimental – riu consigo mesmo. - Nem tudo é como desejamos, não é? Mas escute, minha pequena... Nem tudo está perdido. Eu ainda tenho uma forma de encontrá-la, um jeito que nada será capaz de me deter. Nos meus sonhos. Você é a fuga*

de todos os meus pesadelos, até mesmo os reais. E mesmo você obviamente me detestando, espero que guarde essa última lembrança a fim de apagar todas as ruins. Dedico a você uma canção chamada No MatterWhat do Papa Roach. Estou começando a me dedicar nas minhas própriasletras, e sabia sempre que penso em você, novas ideias surgem? Você é a minha inspiração, Becky.

Ele riu novamente e eu me derreti.

Não foi um riso irônico característico do Daniel que eu conhecia.

Era um sorriso sincero e cheio de ternura, quase inocente.

Ele respirou fundo, encarando intensamente a câmera com o imenso oceano vagando em seu olhar uma última vez antes de começar a dedilhar a música no violão e cantar.

Eu preciso de você aqui, ao meu lado

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque você é tudo o que eu não sou na minha vida

Nós somos indestrutíveis, nós somos intocáveis

Nada pode nos derrubar nessa noite

Você é tão bonita, deveria ser um crime

Que você pode ser minha

E nós vamos conseguir sair vivos

Eu prometo que esse amor nunca vai morrer

Não importa o que aconteça, eu te protejo

Levarei um tiro por você se for preciso

Juro por Deus

Nós vamos ficar bem

- Não se esqueça de uma coisa, Becky.

PERIGOSAS ACHERON

Ele colocou o violão de lado e se aproximou da câmera, claramente me desafiando com o olhar divertido.

- Nunca é tarde demais. Esse é só o começo.

A gravação acabou e tudo ficou escuro.

Não só na televisão, como também na minha mente.

Desabei no sofá, em choque, processando o que tinha acabado de ver. Se era somente fruto da minha imaginação carente, pedindo por um sinal de que ele ainda me amava, ou se era somente a realidade, o que, de fato, seria muito pior.

Sua frase final não foi uma suposição, mas uma promessa.

Olhei na direção de Dan, que cochilava tranquilamente.

Me aproximei dele, acariciando seu cabelo castanho. Meus sentimentos eram uma montanha russa. Era completamente contraditório que o

PERIGOSAS ACHERON

homem que me submetera a incontáveis horrores seja o mesmo que me trouxera paz e momentos fascinantes. Mas aquela era a verdade. E Daniel também sabia disso, o que me enfureceu.

Mais do que qualquer pessoa, Daniel conhecia os meus pontos fracos e sabia que aquele vídeo plantaria uma centelha de dúvida em mim. Suas palavras doces faziam a saudade ressurgir e ele aproveitaria a vulnerabilidade para se aproximar.

Daniel me testou antes e obteve êxito em seus planos, mas não tinha a menor noção da astúcia que isso despertou em mim.

Depositei um beijo carinhoso no topo da cabeça de Dan, e me assustei ao ouvir a campainha.

Meu filho acordou, coçando os olhinhos e bocejando como se não dormisse há anos. Peguei-o no colo delicadamente e abri a porta, entregando-o para minha mãe que possuía um sorriso modesto no rosto.

- Vá descendo com ele, estou só finalizando a maquiagem – avisei, embora a minha cara de choro

PERIGOSAS ACHERON

a tenha feito me encarar com um olhar descrente.

Felizmente, ela deu as costas sem questionar e fechei a porta, suspirando.

Por sorte, eu não havia carregado a maquiagem nos olhos, então ainda estava intacta, sem borrar.

Tirei o CD e me concentrei nas imagens mais impactantes que vivenciei com Daniel onde ele me injetou drogas e me feriu sem piedade.

Cerrei os dentes, sentindo o corpo ferver de ódio.

Coloquei-o de volta no envelope e o guardei na bolsa, determinada.

Caminhei até a cozinha, pegando o embrulho dos doces e rasgando o jornal que noticiava a fuga.

Eu acabaria, pela segurança de Dan, com todas as memórias possíveis de Daniel.

- Becky, só falta você! Quem sabe não é a sortuda a pegar o buquê e arranjar um garanhão em breve? – brincou Gabi com um semblante meigo, me puxando de leve pelo braço.

Me retraí, me libertando vagarosamente das suas mãos, sem ter a intenção de magoá-la, e forcei uma careta desconfortável.

- Eu não estou muito bem, desculpa. Não quero estragar a festa de vocês, vá se divertir por mim. – fingi, embora contasse com um pouco de verdade.

Relaxe os ombros. A tensão se instalara há algumas horas, e eu estava claramente impaciente. Chegaram a dizer que eu estava pior que a noiva em quesito de nervosismo, e concordei ligeiramente. Eu parecia alguém sob efeito de anfetamina.

- Não é a *nossa* festa, é a festa da Cindy. Você sabe como ela quer todas nós do lado dela nós num momento especial como esse. – insistiu, tentando me animar.

Olhei por cima dos ombros de Gabi e reparei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em Ellen vindo na nossa direção.

Eu precisava despistá-las.

Precisava fazer aquilo sozinha.

A mesma decisão me rendera tortura e conturbação na nossa amizade antes, mas eu havia amadurecido e não poderia carregá-los comigo pra sempre.

Eu sabia o que eu pretendia fazer. E faria por conta própria.

- Juro que daqui a pouco me junto a vocês. Só preciso de ar. Agora, se você não quer ver uma mãe em fúria, acho bom dar meia-volta e sair correndo pra pegar aquele buquê. – falei.

Ela riu descontraída e, respeitando a minha vontade, entrelaçou o braço no de Ellen no caminho de volta e se apressou para onde Cindy estava prestes a jogar o buquê, reclamando pela demora.

Mal casou e já virou uma velha reclamona.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Direcionei o olhar para Dan, que estava no colo de Nick, com Henry e Matt rindo da confusão das garotas pulando e disputando pelo buquê. Meu coração se apertou ao observar a cena. Dan podia não ter um pai, mas ele contava com o amor incondicional de todos os tios.

Botei a bolsa de volta no ombro e saí sorrateiramente do salão, torcendo para que ninguém me seguisse.

Parando para me localizar, raciocinei em que direção poderia ir, e que de preferência fosse algum lugar estratégico, próximo e pouco movimentado.

Caminhei pela quadra, parando na esquina para esperar o semáforo fechar e poder atravessar.

E então a sensação retornou.

Aquela que senti por muito tempo.

Um arrepio subiu pela minha nuca.

Olhei para trás, assustada.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo estava num completo vazio e silêncio, exceto a música alta vinda da festa.

Chacoalhei a cabeça, afastando os pensamentos sombrios. Eu estava livre. Não existia ninguém ao meu alcance. Livre. Livre.

Continuei meu trajeto até a próxima quadra, aonde virei na esquina e encontrei um latão de lixo.

Perambular pelas ruas àquela hora da noite não era um costume regular na cidade, portanto a rua estava deserta, iluminada com a luz de um único poste.

Tirei o bilhete e o CD da bolsa e também uma caixinha de fósforo que furtara do salão de festas.

Olhei para os lados, com a sensação de passos estarem se aproximando.

Definitivamente, eu não estava sozinha.

Mas eu não podia desistir.

Estava tirando um fósforo da caixinha,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apreensiva, quando a sombra surgiu na curvada quadra.

Eu devia ter imaginado.

Era impossível confundir aqueles olhos azuis reluzentes.

Daniel estava com as mãos dentro dos bolsos da calça jeans e o cabelo despenteado.

Ele me encarava com espanto e, diga-se de passagem, incrédulo.

Senti a saliva raspando em minha garganta enquanto eu jogava o CD e o bilhete no lixo, riscando o fósforo e mergulhando-o junto do objeto.

O fogo se acendeu instantaneamente, e eu pude ver Danny com mais clareza.

- Você não arruinará mais a minha vida, Daniel. Nunca mais. – murmurei mais para mim mesma do que para ele, sem ter a exata intenção que ele ouvisse.

PERIGOSAS ACHERON

Não foi necessário palavras para descrever o que sentíamos.

Seus olhos escureceram, e eu tinha certeza que não era pelas chamas que seu corpo parecia estar pegando fogo. Seu rosto endureceu, e eu o notei cerrando o punho. O canto dos lábios de Danny se ergueu num sorriso irônico antes de se virar e sumir na escuridão.

Aquele era o antigo e verdadeiro Daniel que eu conhecia.

Assisti o bilhete dissolvendo em chamas e desejei poder fazer o mesmo com todas as recordações que me atormentariam pra sempre. Criei força, me focando no fogo para não derrubar as lágrimas presas nos olhos. Minha garganta doía apertada, mas eu não podia admitir chorar mais por alguém que não merecia nem uma única lágrima.

É incrível ao que as pessoas são capazes de se submeter somente para provar o gosto do poder da vingança.

Eu esperava que Daniel nos deixasse em paz.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas tudo em seu semblante intenso e implacável me dizia o contrário.

*Agora, pra sempre, foi embora, mas eu nunca
disse adeus*

PERIGOSAS ACHERON